

O QUE VEM DEPOIS DO “FELIZES PARA SEMPRE”?

DELICIOSA *redenção*

SÉRIE EXECUTIVOS INDECENTES | LIVRO BÔNUS

VALENTINA K. MICHAEL



DELICIOSA *redenção*

EXECUTIVOS INDECENTES | LIVRO BÔNUS



VALENTINA
K. MICHAEL

Copyright © 2018 Valentina K. Michael

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Fabiano Jucá

Capa: Debora Melo

Diagramação Digital: **Valentina**

Título – Deliciosa Redenção – Romance

Série Executivos Indecentes

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido pela lei nº. 9.610./98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Sumário

[NOTA DA AUTORA](#)

[PRÓLOGO](#)

[| 01|](#)

[|02|](#)

[|03|](#)

[|04|](#)

[|05|](#)

[|06|](#)

[|07|](#)

[|08|](#)

[|09|](#)

[|10|](#)

[|11|](#)

[|12|](#)

[|13|](#)

[|14|](#)

[|15|](#)

[|16|](#)

[|17|](#)

[|18|](#)

[|19|](#)

[|20|](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[|21|](#)

[|22|](#)

[|23|](#)

[ENZO](#)

[|24|](#)

[|25|](#)

[|26|](#)

[|27|](#)

[|28|](#)

[|29|](#)

[|30|](#)

[|31|](#)

[|32|](#)

[|33|](#)

[|34|](#)

[HERDEIROS INDECENTES](#)

[EPÍLOGO 01](#)

[EPÍLOGO 02](#)

[EPÍLOGO 03](#)

[PROXIMOS LANÇAMENTOS](#)

PERIGOSAS ACHERON

NOTA DA AUTORA

Este livro foi escrito a três anos atrás, é uma continuação do romance de Maria Luiza e Enzo (Deliciosa Obsessão)

Durante muito tempo mantive essa obra guardada após ter sido postada no Wattpad e não ter sido amplamente aprovada. Agora, sinto necessidade de voltar com esse livro uma vez que ele retrata o que acontece em muitos relacionamentos. O “felizes para sempre” pode não durar para sempre; talvez não haja desgaste mas já pararam para pensar como outra pessoa pode interferir diretamente na vida de um casal?

Um relacionamento deve, antes de tudo, ser forte, construído com uma base firme, para que quando tempestades vierem, ele possa durar inabalável, ou se abalar, possa ser reconstruído.

Encare esse livro como uma obra de
PERIGOSAS ACHERON

reconstrução e não de encerramento.

Desejo que tenham uma ótima leitura.

Valentina K. Michael

PERIGOSAS NACIONAIS

#MALENZO É ETERNO

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

Eu olhei para a frente e vi que todos os meus sonhos de 18 anos estavam se cumprindo. Nada do que aconteceu, sobre o casamento de Enzo e Lilian, sobre como ele me humilhou, e os seis anos afastados, nada disso existe mais. Ele está à minha frente, me esperando em um belo terno cinza escuro, um sorriso charmoso nos lábios e os cabelos meio despenteados, mostrando que ele ficou nervoso e bagunçou o penteado.

Sinto um aperto muito gostoso, meu estômago meio leve, todo meu corpo flutua. Estou em um vestido leve e simples para casamento ao ar livre, mas perfeito e quase utópico. É o melhor de tudo, é o que esse momento simboliza: o início da minha própria família. Dentro de mim há uma vida em formação, mas ainda não está visível.

Nunca esperaria que Enzo pudesse dar um chique para que eu me casasse com ele, por estar grávida. Eu tentei arrumar picuinha, chamando ele

de machista, mas eu queria também e decidi aceitar. Eu falei que me casaria o mais rápido possível, pois queria parecer fina e elegante nas fotos.

E agora, aqui estamos.

Uma orquestra de cordas toca a marcha nupcial. Não sabia que eu iria me sentir assim, ouvindo essa música para mim. É bem melhor do que imaginava quando era aquela louca de dezoito anos que o perseguia.

Do lado esquerdo de Enzo, quatro homens de ternos pretos, belos e deslumbrantes. Um deles pisca para mim e sorrio feito boba para Max; os outros são Davi, Matheus e Vinicius, meu cunhado.

Do lado direito de Enzo, estão quatro mulheres. Minha turma, minhas madrinhas. Todas de vestidos iguais em um tom de vermelho claro: Julia, Rebeca, Dani e Camila, minha irmã, cada uma segurando um buquê de lírios — que é uma miniatura do meu.

Andando à minha frente está Gabriele, a filhinha de Camila, indo como noivinha ao lado de Beni, filho de Davi.

Enzo dá dois passos para me receber, papai solta meu braço e aperta a mão de Enzo.

— Filho, confio minha maior riqueza em suas mãos. Faça essa garota feliz.

— Eu prometo, Jonas. — Enzo fala e, assim que meu pai se afasta, ele se aproxima, segura em minha mão e olha nos meus olhos.

— Te adoro — sussurra, me dá um beijo na testa e me conduz à frente do senhor alto, de cabelos grisalhos, juiz de paz.

Estamos casando no mesmo lugar onde ele se casou com Lilian. Eu quis, fiz questão. Para poder anular aquela lembrança. Quero que esse lugar fique para sempre como o lugar onde eu me casei com Enzo.

Eu o aceitei com todas as suas manias, defeitos e qualidades. O amor que sinto por Enzo parece triplicar cada vez mais, foi algo que demorei para conquistar e darei valor a essa conquista todos os dias da minha vida. Eu o farei desejar estar comigo, eu o farei feliz e nos manteremos intactos.

Eu sei que ele fará o mesmo, pois ele também passou tempos difíceis conquistando

minha confiança. Ele lutou para que eu o perdoasse e sei que não foi uma luta em vão; faremos valer nossos votos.

Não deixarei o mal entrar no meu lar, como minha mãe permitiu. Ela não deu valor ao que tínhamos, ela não soube amar meu pai como ele merecia e, hoje, ela veio me ver.

Foi antes de eu e Enzo entrarmos no táxi para irmos ao aeroporto. Ele estava colocando as malas no carro e uma mulher me puxou. Olhei para ela sem saber o que estava acontecendo e quando vi os cabelos vermelhos como os meus, os olhos verdes que não tinham mais brilho, as rugas preenchendo a pele que um dia foi tão bela... Apesar de tudo, estava bem vestida e tinha um carro de valor estacionado a esperando. Fiquei apenas paralisada, sem nenhuma reação.

Todas aquelas palavras que eu tinha decorado para jogar na cara da minha mãe me fugiram. Eu apenas a olhei sem piscar. E por um instante, senti uma saudade tão grande do tempo que ela era a maravilhosa mãe de família, que precisei controlar o impulso de abraçá-la.

— Filha, me perdoe por tudo. — Ela
PERIGOSAS ACHERON

segurou forte minha mão e colocou algo dentro. — Seja tudo o que eu não fui para seu pai, você e seu marido são um só agora, cuide dele e de sua casa como cuida de sua vida. Sempre estarei por perto, querida, vigiando vocês. E esse dia especial não poderia ser diferente.

— Mmnn... — Tentei falar, mas nada saiu.

Ela toca no meu rosto, os dedos frios, a mão um pouco enrugada.

— Jamais vou me perdoar por tudo que fiz. — Ela diz e sai rápido, embrulhada em um casaco preto, entrando no carro.

— Quem era? — Enzo vem para perto de mim.

— Não sei — gaguejo.

Entramos no táxi e só depois de bons minutos tive coragem de abrir a mão.

Lá estava o anel de noivado que ela ganhou do meu pai e que Camila rudemente jogou na cara da minha mãe quando ela apareceu antes do casamento para dar o anel.

Apertei-o com força e tive um pouco de

PERIGOSAS NACIONAIS

medo. Essa cena foi algo como um presságio. Tive medo do temor que vi nos olhos dela. Como se aquela antiga mãe que cuidava de mim tivesse vindo me dar um aviso.

PERIGOSAS ACHERON

| 01 |

MARIA LUIZA

Anos depois...

Cinco anos de casada. Parece muito tempo, parece tempo demais. Todavia, eu que vivi esses cinco anos com Enzo sei que não foram o bastante. Ainda nem estou perto de me saciar dele. Nunca achei que uma vida a dois pudesse ser tão maravilhosa. Temos nossas desavenças, claro, como todo casal, mas nunca chegou a ser nada sério, nunca deixamos nossa cama por briga, forçando um dos dois a ir dormir no sofá.

Temos uma política que é a seguinte: sempre que brigamos, fazemos as pazes antes de dormir, porque não sabemos o que acontecerá no início do próximo dia. Isso já se transformou em um costume, nem eu e nem ele conseguimos dormir se estivermos de mal.

PERIGOSAS ACHERON

A última briga que tivemos foi por causa de Jorge, que está de volta à cidade e Enzo me viu em uma lanchonete com ele; eu fiquei chocada em reencontrá-lo depois de cinco anos. Está mais velho e muito mais bonito.

Foi numa tarde. Gritamos muito um com o outro, ele me acusou, tentei explicar, Enzo estava transtornado e me deixou transtornada também. Depois ele saiu batendo a porta, como sempre faz quando brigamos. A mãe dele me mandou uma mensagem discreta dizendo que ele estava lá.

Fiquei um pouco mais tranquila, entretanto não consegui dormir. Já passava de uma da manhã quando ouvi a porta abrindo. Estava deitada. Mas ele não entrou no quarto. Esperei muito e então saí e ele estava no sofá de cabeça baixa, sentado apenas.

— Venha para cama, Enzo. — Eu disse.

— Não está com ódio de mim? — Ele sussurrou.

— Não estou mais. Eu agiria do mesmo modo se te visse com uma de suas ex. — Ele olhou para mim.

— Fui um idiota, não é?

— Apesar de você não ter confiado em mim, você só provou mais ainda que me ama. Afinal ficou com ódio de alguém possivelmente estar tocando no que é seu.

Ele sorriu com minhas palavras, se mostrando aliviado.

— Me perdoe, eu confio em você. E foi isso que senti. — Fui até ele e sentei ao seu lado, abraçando-o.

— Eu te amo muito, Malu. E me mata pensar em alguém ao menos encostar em você.

— Digo o mesmo, Enzo. Jamais vou deixar de te amar.

Ele afastou minimamente do abraço e segurou meu rosto entre as mãos. Vi a paixão brilhar nos seus olhos, como sempre vejo.

— Te amarei até o meu fim — confessou.

— E eu te amarei até depois do meu fim. — Eu disse, beijando-o em seguida.

Fomos para o quarto. Fizemos amor tão carinhoso e apaixonante que parecia nossa primeira

noite juntos. Mais uma noite dormimos agarrados sem estar brigados.

Não estamos mais na cobertura dele. Ainda é nossa propriedade, mas agora moramos em uma casa de verdade, com piscina e jardim.

Se ainda estamos na AMB? Sim, lógico. Somos eternos executivos. Uma dupla perfeita. Depois de estar com Enzo, eu tomei gosto pela coisa e hoje gosto mesmo dos números, não sei se trocaria pelo balé.

Davi e Max também são homens casados. Os genes de Max e Julia resultaram em crianças encapetadas; são lindos, mas pestes. Minha amiga está ficando cada dia mais louca. E Rebeca e Davi com dois meninos que são o orgulho dele. Beni com oito anos e Heitor com cinco.

É meio irônico o filho caçula deles se chamar Heitor, afinal foi o nome que Davi usou para enganar Rebeca. Mas eles disseram que por causa daquela armação toda eles estão juntos. Enfim, uma homenagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lógico que eu e Enzo não ficamos para trás. Olhando meus filhos, eu me sinto tão importante. Ser mãe é a melhor coisa que já me aconteceu, melhor que tudo: melhor que Enzo, melhor que meu casamento, melhor que minha própria vida. Eles são minha vida.

Desde quando peguei Geovanna nos braços pela primeira vez, Enzo estava ao meu lado sorrindo como um tolo, suando bicas e com olhos lacrimejantes; quando vi os fios avermelhados na pequena cabeça dela, pensei como era a coisa mais linda que já tinha visto. Depois veio o Jonathan. Não é ruivo. Tem os cabelos escuros do pai, mas os olhos são meus. Será um arraso quando for adulto. Um moreno de olhos verdes, destruindo corações femininos.

Rebeca fala em tentar uma segunda gravidez para ter uma menina. Julia já tem três e Dani pensa também em ter um trio. Mas eu me aposentei apenas com dois.

Nas últimas semanas eu venho passando por rios de problemas. A começar pela minha saúde. Comecei a sentir dores fortes, como uma cólica menstrual, porém durava quase o mês todo.

PERIGOSAS ACHERON

Enzo dizia compreender minha indisposição, mas eu via nos olhos dele como ficava chateado cada vez que eu negava sexo, ou estava mau humorada, indisposta para sair, ou qualquer outra coisa. Nem banho tomávamos juntos mais.

Para piorar, a babá das crianças foi embora e desde então não contratei mais ninguém. Estou me virando, dando meus pulos. Não porque me recuso a ter alguém cuidando deles, mas por não ter ninguém de confiança para deixá-los.

Enzo vem reclamando sobre isso nas últimas semanas. Além de indisposta, eu estou sobrecarregada com a empresa e as crianças e, quando chega a noite, estou acabada. Ele fica em segundo plano. Mas casamento é isso, tem fases difíceis.

Ainda não brigamos por isso, mas vejo que ele está cada dia mais injuriado com a situação. Fui ao médico e precisarei passar por uma cirurgia. Estou com dois miomas no útero e perderei minhas chances de engravidar novamente.

Mais um problema: primeiro veio a frustração e depois o estado depressivo. O resultado dos exames me deixou apavorada, foi um baque na

PERIGOSAS ACHERON

minha vida. Tenho apenas 29 anos e já perderei meu útero, e esse é o motivo pelo qual não poderei mais ter filhos. Enzo ficou todo momento ao meu lado, me confortou, dizendo que nós já temos dois filhos maravilhosos. Ele apontou as vantagens, como por exemplo, eu não sentir mais dor, não menstruar mais, não precisar mais de anticoncepcional. Fomos juntos ao consultório e marquei o procedimento.

Por sorte, agora estou indo para a casa de Rebeca. Como um milagre, uma conhecida dela ligou pedindo lugar para trabalhar, disse que ficou sabendo que minha babá tinha pedido demissão e queria a vaga.

Vou conversar com ela. Parece que foi babá de Bernardo lá em Angra. Chama-se Emily, tem 26 anos e é técnica em enfermagem. Não poderia ser melhor.

Se isso der certo, eu vou planejar uma noite com Enzo. Sairemos, nos hospedaremos em um hotel e faremos a farra.

Paro o carro em frente à casa de Ângela;

PERIGOSAS NACIONAIS

Davi e Rebeca ainda moram aqui. Atravesso o jardim enorme, bato na porta e Ângela vem me receber.

— Oi, querida. — Ela me cumprimenta com um sorriso amplo.

— Oi, Ângela. Vim conhecer a babá que Rebeca está preparando.

— Ah! Ela já chegou. Entre. — Eu passo, ela fecha a porta e segura no meu braço. — Tem certeza que precisa de babá? Eu posso ajudar com as crianças.

Claro que ela se ofereceria, como toda avó.

— Não, Ângela. Você já passa sufoco com os dois pestinhas de Davi. Vai dar tudo certo — conforto-a.

— Eu vou torcer para que dê tudo certo. — Ela assente, suspira um pouco insegura e caminha, me levando para a enorme sala de estar. Rebeca está sentada, conversando com uma mulher.

Assim que elas me veem, levantam-se imediatamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Malu! — Rebeca fala, sorridente como sempre. — Que bom que veio.

Caminho até Rebeca, cumprimento-a e olho para a mulher. Veste-se comportadamente, é loira e os cabelos estão amarrados em um penteado apertado.

— É claro que viria, Beca.

— Essa é Emily. Foi babá de Beni lá em Angra, é de família conhecida. Davi a conheceu.

— Ah, que ótimo! — exclamo e estendo a mão para ela. — Olá, sou Maria Luiza. É um prazer conhecê-la.

Conversamos e acertamos tudo. Amanhã ela já vai começar. Como ainda está ajeitando lugar para ficar, eu aceitei o pedido dela de morar com a gente. É até melhor, diminui mais ainda meu trabalho com as crianças.

Rebeca, Ângela e eu insistimos, mas ela não quis ficar para o almoço. Rebeca ainda disse que Davi poderia gostar de revê-la, porém ela não aceitou.

Eu também fui embora mais tarde, morta de ansiedade de contar a novidade para Enzo. Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

podemos comemorar como eu gostaria, ainda estou sentindo dores. Mas ele ficou feliz e disse:

— Tudo bem, eu espero. Daqui a alguns dias estaremos quebrando umas camas e acordando com hematomas.

— Credo! Vamos lutar?

— Vamos foder forte pra caralho. Sua boceta nunca viu nada igual.

Tampo a boca dele imediatamente e olhei para os lados. Estamos na sala, eu sentada no colo dele.

— Ficou louco? As crianças podem ouvir essas putarias.

— Ah! Que merda! Estou com saudade de falar uns palavrões. — Ele me abraça forte e enfia o nariz no meu decote.

— À noite, sozinhos no quarto. — Olho para os lados, encosto a boca na orelha dele e murmuro: — Gostoso, quero arrancar suas bolas de tanto foder esse pauzão.

Enzo gargalha e me puxa para um beijo de língua, me deixando em chamas por dentro.

PERIGOSAS ACHERON

Corremos para o nosso quarto, as crianças estão na outra sala brincando. Nos trancamos no banheiro e eu arranco as calças de Enzo, quase rasgando-as. Eu o chupo loucamente.

Ele recostado na pia, mordendo as costas da mão para não gemer alto, enquanto eu, ajoelhada, faço a festa no pau enorme, duro, me deixando louca. Depois que ele goza, me senta na pia, abre minhas pernas e me chupa loucamente, lambendo, mordendo, chupando meu clitóris, que estava prestes a explodir. Foi um orgasmo tão delicioso que quase desmaio.

— Mamãe. — Geovanna começa a me chamar, batendo na porta. Ainda bem que já tínhamos terminado. Me visto rápido, espero Enzo colocar a calça e abro a porta. Os dois nos olham sem entender.

Enzo abaixa e pega Johnny no colo.

— Olá, filhão!

— Vocês estavam beijando na boca? — Geovanna me pergunta. Olho para Enzo e ele fala:

— Eu e sua mãe estávamos conversando. E, claro, demos uns beijinhos.

— Eca! — Ela resmunga e sai correndo.

— Lanche da tarde para todo mundo? —
grito e os dois berram de volta em aprovação.

Com certeza a chegada da babá vai
facilitar a minha vida, cem por cento.

Um mês se passou desde a chegada da babá. Agora já estou me recuperando da cirurgia. Emily é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Está com a gente há um mês e já conquistou as crianças. Ela é divertida, alegre e bem empenhada.

Já faz uma semana que fui operada e estou contando os dias para me recuperar totalmente e ter minha noite tranquila de sexo com meu marido e, claro, voltar à minha rotina de trabalho.

Não sei se é preocupação ou muito serviço acumulado. Enzo se distanciou um pouco, está mais afastado em intimidade, tem um cuidado excessivo comigo, mas apenas isso, quase como um

irmão. E isso me deixa puta de ódio. Sei que eu não posso ainda fazer nada, estou recém-operada, mas queria que ele demonstrasse que está subindo pelas paredes.

— Oi amor. — Enzo fala assim que chega. Traz consigo vasilhas plásticas com a comida que ele pega no restaurante. Estou na sala lendo e ele se curva para me dar um beijo nos lábios.

— Nossa, já em casa? — Me ajeito no sofá, fecho o livro e olho para ele, que arranca a gravata. — Como está a empresa?

— Tudo bem. Tenho a tarde de folga hoje. — Ele anuncia.

— Sério? — exclamo deslumbrada. Ele coloca as sacolas na mesinha e me deixa abraçá-lo. — As crianças vão adorar.

— E você? — Ele indaga com o rosto no meu ombro. — Vai gostar?

— Já estou adorando.

— Quer ficar aqui e assistir um filme em família ou quer dar uma volta? Você não sai de casa há uma semana, já estou sentindo cheiro de PERIGOSAS ACHERON

mofo.

— Ridículo. — Dou um beliscão carinhoso nele e encosto meus lábios, buscando um beijo. Começamos a nos beijar, deito no sofá e puxo Enzo para cima de mim. Rapidamente começo a apalpá-lo, sentindo o seu cheiro, o calor que tanto me excita, os braços fortes, músculos firmes. Começo a arrancar sua camisa, mas ele me para.

— Malu, não. — Se levanta rápido.

— Enzo! — protesto.

— Você está operada. Tenha calma, logo vamos fazer umas coisas bem loucas. Te prometo.

Respiro fundo e sorrio.

— Tem razão. Não quero fazer nada comedido. Se prepara que quando eu te pegar vou te dar uma canseira, vamos nos acabar de tanto foder.

Enzo ri e se ajeita ao meu lado, sentado no sofá. Me abraça meio de lado e me beija.

— Sem gracinhas. — Ele avisa e eu fico apenas com o beijo, até que ouço gritinhos.

— Mamãe! Papai! — Johnny e Geovanna vêm correndo em nossa direção. Vendo-os já tão crescidos, eu fico com um orgulho tão enorme que me faz quase levitar. Emily vem atrás e fica parada com um sorrisinho, vendo as crianças pulando em cima do sofá para abraçar eu e Enzo. Ele alerta, lembrando-os que eu estou dodói.

Olho para Emily.

— Emily, pode levar o almoço para a cozinha? Antes que esses dois derramem tudo.

— Claro, Malu. — Ela assente, passa por nós e vai para a cozinha.

— Como foi na escola? — pergunto para Geovanna, que está com cinco anos e no primeiro ano pré-escolar.

— Eu aprendi a escrever o seu nome, o do papai e o do Johnny em letra de fôrma e cursiva. — Ela fala agitada, tira os cabelos vermelhos da testa e eu a ajudo a prendê-los novamente.

— Essa é minha garota. — Enzo puxa a menina e a coloca sentada em sua perna. Johnny ocupa a outra perna.

— Papai, o que é carrinho de *rolemãe*? —

Johnny pergunta e eu e Enzo gargalhamos.

— Não é rolemãe, é carrinho de rolimã. —
Enzo corrige.

— É porque o Beni contou que o tio Davi fez um carrinho para ele. — Geovanna explica. — E ele não vai deixar eu e Johnny brincar.

— Bernardo está apenas espelhando a infância gananciosa e calculista do meu irmão. — Enzo comenta comigo cinicamente. — Pode deixar, vou convidar Max para montarmos carrinhos de rolimã para todo mundo. — Ele promete e os dois gritam.

— Eu quero o meu rosa! — Geovanna berra ansiosa. — Vou falar com Liz. — Ela pula do colo de Enzo e corre para pegar o telefone.

Melissa ou Liz é a filha de Julia e Max. Ela é um ano mais velha que Geovanna e são superamigas. Eu acho isso ótimo, já que eu e Julia somos melhores amigas.

— Prestem atenção! — Eu grito. — Papai tem uma surpresa.

Johnny, que já tinha se levantado, para e fica olhando para nós dois. Geovanna larga o
PERIGOSAS ACHERON

telefone e se aproxima. Os cabelos estão soltos novamente e ela os tira do olho.

— Adivinha quem não vai trabalhar à tarde? — Enzo exclama e os dois automaticamente colocam a mão na boca. — Eu estou pensando em todo mundo assistir a um filme juntos e depois irmos a uma sorveteria.

— Sorvete não, amor — grito desesperada. — Até ontem Johnny ainda estava tossindo.

— Relaxa, Malu. — Enzo desconsidera meu pedido e recebe os dois, que pulam e berram felizes.

— Eu escolho o filme! — Geovanna anuncia.

— Eu *quelo Vingadoles*! — Johnny exclama mais alto.

— Isso só se todos almoçarem e limparem os pratos. Senão eu vou voltar para a empresa. — Enzo chantageia.

— Não! Prometemos comer tudo.

— Então vão lavar as mãos. Sem bagunça, pelo amor de Cristo. — Eu digo e, assim

PERIGOSAS NACIONAIS

que eles saem se atropelando, olho para Enzo.

— Uma mini eu e um mini você —
comento.

— São minha vida. — Ele fala e torna a
me abraçar, descansando a cabeça no meu ombro.

Eu nunca imaginei o que sentiria se descobrisse uma traição. Eu na verdade nunca pensei sobre isso. Aliás, eu já senti algo parecido. Duas vezes e foi a coisa mais terrível que já senti. A primeira vez foi quando Enzo escolheu Lilian. E a segunda foi quando ele estava com planinhos e arrumou uma garota de programa para se passar por sua namorada.

Já tinham se passado 15 dias da minha cirurgia, minha ginecologista liberou sexo e eu estava radiante. Antes de avisar a Enzo, Julia me deu ideia de preparar uma surpresa para ele e para isso eu precisei da ajuda de Emily. Conteí para ela o que pretendia e ela se prontificou a ajudar. Na noite seguinte, de sábado para domingo, eu e Enzo iríamos tirar o atraso.

PERIGOSAS ACHERON

Foi então que tudo aconteceu. Meu mundo perfeito desabou, assisti minha vida começar a ruir e desejei com todas as forças estar morta para não ver isso.

Recebi um e-mail anônimo e li 50 vezes para ver se tinha entendido. E então, depois, abri uma foto que veio anexada. Não chorei, não me senti chocada, apenas fiquei lá parada, olhando.

Já eram quatro da tarde. Só deu tempo de ligar para Ângela vir ficar com as crianças. Ela chegou e eu dei a desculpa que precisava ir rápido à empresa. Peguei minha bolsa e saí cega com um sentimento que não reconheci.

“Abra os olhos, Maria Luiza. Seu marido está te traindo. Por que acha que ele nem liga mais se tem ou não sexo com você? Ele tem um caso. E o ponto de encontro é no antigo apartamento dele. E o melhor: ele está comendo a babá.

Aí está uma foto da safada deixando o local. A propósito, esse é o horário que eles se encontram, se você correr, ainda vai conseguir pegá-los.”

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

|02|

MARIA LUIZA

Enquanto dirijo, repenso tudo que foi minha existência desde o dia que vi Enzo no jantar em minha casa. O maldito jantar. Toda menina fica atraída por caras bonitos, mas ele não era apenas um cara bonito, ele era o máximo de sedução, beleza e virilidade e, mesmo depois, sendo duplamente humilhada, indo embora com o coração aos cacos, eu me reergui e voltei. Não foi para me vingar como achei que tinha sido, eu voltei porque ainda o queria muito.

Uma sonsa sem amor próprio? Sim. Com certeza era isso que eu tinha sido. Uma burra tola apaixonada por um cara que não dava a mínima. E quando eu o revi, lá na empresa, quando nosso caso começou, foi muito mais do que eu sonhei. E eu tenho certeza, por esse céu que nos cobre, por aquele dia que ele se declarou na chuva para mim, pelos filhos que me deu; eu quero ter certeza que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

isso é só um mal-entendido.

Uma única lágrima deixa meu olho. Apenas uma; limpo-a de imediato e solto o ar pausadamente.

Todas aquelas coisas:

“Prometo ser fiel...”

“Prometo te respeitar...”

“Prometo te amar...”

Tudo isso que ele disse no nosso casamento, essas promessas, me mantém firme e confiante.

Ele não iria destruir nossa família, ele não iria jogar nossos filhos num inferno de separação judicial.

Paro meu carro em frente ao prédio e fico dentro por alguns instantes. Esperando não sei o quê. Um sinal divino, talvez. Uma força do além. Mas nada acontece. Penso em ligar para Julia, para ela vir até aqui, mas desisto. Penso em ligar para Enzo, para de uma forma covarde avisar a ele que estou aqui e se ele estiver mesmo aprontando, não deixar que eu veja nada disso. Mas também desisto

PERIGOSAS ACHERON

de ligar para ele.

Pego minha bolsa, o choro já entalado na garganta. Minhas mãos estão geladas e eu desço do carro. Caminho firmemente, sem ver nada, apenas por onde tenho que ir. Entro no elevador, lugar onde tantas vezes demos amassos, meu caminho de casa pelos dois longos anos em que moramos aqui nesse prédio.

Pego a chave na bolsa e fico parada na porta. Apenas tomando fôlego. Já fiz tanto pedido a Deus, que não deixasse isso ser verdade, que fosse apenas um e-mail maldoso. Se eu encontrar Enzo apenas trabalhando, eu irei ficar mais do que radiante. E então eu abro. Vou entrando devagar, sem respirar, com o coração na mão.

Vejo duas taças de vinho na mesinha da sala; do outro lado há sapatos femininos e uma calça jeans; com a mão na boca, caminho bem rápido, adentrando a casa, já com lágrimas nos olhos. Meu coração nem bate mais. Entro no quarto, há uma blusa feminina no chão e, quando chego à porta do banheiro, não grito, não falo e não choro. Não há como eu esboçar nada. Nem mexer um dedo. Enzo está sem camisa, apenas de calça

PERIGOSAS NACIONAIS

jeans, e Emily nua se esfregando nele, o agarrando descaradamente.

— Desgraçado! — É a única coisa que sai da minha boca e ele se vira tão bruscamente que penso que vai quebrar o pescoço.

— Malu! — Enzo empurra Emily, que me olha assustada tampando o sutiã.

— Ai meu Deus! — Ela exclama, mas a única coisa que vejo são os olhos dele. Tão saltados, a boca entreaberta, branco feito papel. Pego no flagra. Viro-me e começo a chorar.

— Malu, calma. Eu vou explicar. — Enzo vem correndo para fora do banheiro e eu desisto de fugir, volto-me para os dois. Como se só então a visse ali no canto, meus olhos pousam em Emily. Jogo minha bolsa no chão e entro no banheiro. Estou cega de ódio. Puxo a vagabunda pelos cabelos e jogo-a pra fora do banheiro. Ela se desequilibra para trás e sem trégua eu vou para cima.

— Vadia! — Acerto um tapa na cara dela. Mal se recupera e acerto outro com as costas da mão. Emily cai na cama e eu voo em cima dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desgraçada! Eu confiei em você! Eu te coloquei na minha casa. Piranha! — Agora um soco na boca. E outro tapa. Estou usando as duas mãos, socos e tapas sem parar, sem dar a ela oportunidade de defesa; Emily apenas mexe os braços desesperada. Uso toda força que tenho em cada golpe. E então Enzo vem por trás e me puxa.

— Maria Luiza! Pare. — Me viro com brusquidão e acerto um tapa tão forte no rosto dele, que o anel que uso dilacera a carne perto do olho e o sangue escorre. Não me dou por satisfeita e acerto outro tapa na cara dele, bem forte, usando toda minha força e raiva.

Gritando desvairada, com muito ódio e chorando desesperadamente, eu caio para trás quando ele me empurra.

— Para com isso! — Enzo grita. — Ficou louca?

— Por que está fazendo isso, Enzo? Maldito!

— Eu não fiz...

— Fez sim! Você acabou com minha vida, você acabou com nossa família. Eu te odeio

PERIGOSAS ACHERON

tanto.

— Malu, apenas me escute... — pede com a mão no rosto, mas não se aproxima.

Olho para Emily e só então noto o que fiz na cara dela. Vejo sangue, arranhões e hematomas. Isso porque estou usando o anel que minha mãe me deu, e ele tem uma pedrinha que fez estrago nas caras dos dois.

Emily chora sentada no chão, e isso só aumenta mais minha raiva.

— Quanto tempo? — Meu grito é tão alto que acho que o povo escutou. — Quanto tempo está me traindo com essa cadela?

Nem espero ele responder, vou para cima dela para bater mais e Enzo me segura. Ele me puxa bem forte e me joga para fora do quarto e fecha a porta, deixando Emily lá dentro.

— Louca! Será que já não foi demais?

— Foi demais, Enzo. — Limpo minhas lágrimas com ódio. — Sim, foi demais. — Passo por ele, entro no quarto e olho para Emily sentada na cama.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Considere-se demitida. — Pego minha bolsa. Enzo vem para o quarto achando que eu vou bater nela. Passo por ele e imediatamente sou seguida por seus passos rápidos.

— Malu, por favor, eu vou explicar. — Ele segura meu braço e eu piro.

— Não me toque! Eu estou com nojo de você. Eu não acredito que eu estava dormindo com um homem que... — Não consigo terminar de falar. Mais lágrimas saem. — Que droga, Enzo, minha vida sempre se resumiu em te amar. Será que tudo que fiz por você não foi o suficiente? Por que me pediu em casamento se agora iria fazer isso?

— Malu...

Não espero ele falar, abro a porta e saio correndo.

Ao sair, paro, volto e vou até o porteiro.

— Oi, o senhor sabe me informar se Emily, uma mulher loira, mais ou menos do meu tamanho, minha babá, ela vem sempre aqui?

— Olha, dona Malu, eu não posso dizer...

— Não se preocupe. Já fiz o flagra.

PERIGOSAS ACHERON

Apenas conte.

Ele olha para os lados e vejo cumplicidade em seu olhar.

— Sim. Ela sempre vem quando seu marido está aqui. E depois os dois vão embora juntos.

Quase nem consigo falar obrigada, o choro vem rápido e preciso correr.

Dentro do carro, eu não sei para onde vou. Não vou aparecer em casa nesse estado. Apenas ligo o carro e saio a toda velocidade. Tenho vontade de ir para casa, mas as crianças não podem me ver nesse estado. Tenho vontade de ver Dani ou Julia, mas elas estão em casa com os filhos e não vou chegar lá fazendo escândalo. Então eu decido ir para o lugar onde ninguém vai me perturbar. O sítio. O lugar para onde Enzo me levou quando estava fazendo seus planos idiotas. Sei que vou chorar horrores estando lá, mas tomo a estrada assim mesmo, em direção ao local onde tudo começou.

No caminho, ligo para Julia.

— Oi Malu! — Ela atende alegre. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava agora mesmo falando de você. Nem vou dizer o que Max disse. — Ela ri e eu abro a boca em um choro compulsivo.

— Julia... — É a única coisa que consigo falar. E ainda dirigindo.

— Malu? O que houve? — A preocupação é evidente assim que nota que estou chorando.

— Enzo... Eu acabo de pegar ele... com a vadia da Emily. — Apesar do soluço, falo rápido, sem interrupção.

— Que merda, Malu. Meu Deus! Sério isso? Onde você está?

— Eu não sei, amiga, estou sem rumo, estou indo pra Angra, aquele sítio que Enzo tem...

— Malu, pare o carro, me conte o que houve. — Ela pede, nervosa. Ouço a voz de Max ao fundo e Julia fala: “espera, Max”.

— Eu os flagrei juntos, no apartamento de Enzo. Acho que estão tendo um caso. Estou destruída, amiga.

— Jesus! Enzo é um canalha! Malu, venha aqui para casa, vamos conversar. Você o ouviu?

PERIGOSAS ACHERON

— Espera um minutinho aí, Julia. Tem uma blitz policial ali na frente. Vou desligar, daqui a pouco te ligo.

— Tá. Estou esperando.

|03|

ENZO

Eu nunca fiquei tanto tempo sem sexo. Nem mesmo quando Malu estava grávida. Nós dois sempre dávamos um jeito e acabávamos transando. Eu achava que nunca iria conseguir transar com uma grávida, achava isso a coisa mais bizarra do mundo. Mas depois que vi Malu com aquela barriga grande e eu sabia que aquilo era fruto do meu sangue, que aquela não era qualquer grávida, era a minha esposa que eu amava cada dia mais, então o desejo veio. Malu era a grávida mais linda que já existiu.

E no tempo que antecedeu e sucedeu a cirurgia recente, eu fiquei totalmente na punheta apenas. Sim, recorri a isso. Malu estava sem cabeça para safadezas, nervosa demais por causa da cirurgia que logo iria se realizar, meio depressiva por perder o útero e eu tinha que ficar ao lado dela. Depois que tudo passou, que ela já estava se

PERIGOSAS ACHERON

recuperando em casa, eu a respeitei. Sabia que a recompensa mais tarde seria muito boa. Nós dois nunca passamos a noite toda em claro, mas eu tinha certeza que quando fôssemos transar de novo, passaríamos a noite em claro, só fodendo.

No total foram em torno de trinta a trinta e cinco dias sem sexo. E foi nesse período que tudo começou, em relação a Emily.

Vou adiantando, não temos um caso e nunca comi ela. É bonita e tal, mas simplesmente não dava. Tudo que envolve Malu e eu não é apenas amor e atração mútua. Eu a respeito, eu a amo e jamais faria algo para machucar ela e meus filhos.

Eu sempre usei meu apartamento para trabalhar em paz, em casa nunca consigo ficar dois segundos no escritório, também venho para descansar quando não posso ir em casa almoçar, já que aqui é próximo ao Banco. Às vezes eu e Malu o usamos para dar uma trepada rápida longe das crianças.

E eu não sei como diabos Emily chegou até lá. Foi uma certa tarde, eu estava trabalhando no escritório, fui atender a porta e era ela.

— Emily, aconteceu alguma coisa? — A presença dela só me fazia supor que algo tinha acontecido e Malu pedira a ela para vir me chamar.

— Não. Eu só estava aqui por perto e não estou muito bem. Pensei que eu poderia subir.

Fiquei calmo, todavia, não totalmente tranquilo.

— Claro. Entre. Fique à vontade. — Afastei para ela passar. Não estava como babá. Vestia uma calça apertada que realçava as pernas e a bunda e uma camiseta com a gola caída em um dos ombros. Os cabelos loiros soltos.

— Eu só preciso usar o banheiro. — Ela disse. Eu mostrei onde era e logo depois ela chegou à sala.

— Bem grande o apartamento. — Emily disse olhando em volta. Ela nunca veio aqui, não precisava, aliás, eu e ela nunca trocamos mais que duas palavras lá em casa.

Assenti apenas. Davi tinha comentado comigo que ela dera em cima dele anos atrás em Angra e ele não gosta muito dela, me alertou e eu o despreocuei dizendo que Emily mal olhava para

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. Eu fico com pena dela, porque quando Davi não gosta de uma pessoa, ele não se detém quando tem que foder com a vida do desafeto. Fez com Bernardo, fez com Renato e com Sophia.

Esse foi o primeiro dia que ela apareceu por lá. Conversamos, ela me falou da vida dela, e depois me deu uns conselhos porque ela sabia que Malu não estava bem.

Na segunda vez que ela apareceu, trouxe café para mim. Conversamos de novo. Eu estava apenas sendo gentil e não via problema. Ela era legal, agradável e fiquei cada vez mais próximo a ela.

E ela veio mais vezes e cada vez a gente ficava mais íntimo, mas em um grau de amizade apenas, pelo menos da minha parte. Sei que eu deveria ter comentado com Malu sobre isso, mas ela sempre dizia que Malu pedia ela para trazer café para mim. Daí em diante não consegui mais ver Emily como uma mulher e sim como uma boa amiga, como vejo Rebeca, Julia e Dani.

E nem mesmo Emily nunca teve qualquer atitude suspeita. Até hoje.

PERIGOSAS ACHERON

Ela já foi embora, voltei para casa e Malu não estava lá. Fui ao banheiro olhar o arranhão no meu rosto. Não foi profundo. Coloquei um band-aid. Fiquei me olhando no espelho, ainda tentando entender.

Assim que Malu saiu, Emily se vestiu e foi para o banheiro limpar o rosto. Não foram graves os ferimentos dela, assim como os meus. Superficiais apenas.

— Enzo, me desculpa. Eu agi por impulso, não deveria ter feito aquilo. — Ela falou quando me encontrou na sala.

— Sim, Emily, não deveria mesmo. Depois você pode ir lá em casa pegar suas coisas. Não precisa mais voltar.

— Enzo! — Ela se aproximou de mim. O olhar em um tom de desespero. — Eu... apesar de tudo, eu acabei me apaixonando por você — confessou assim de cara, me pegando de surpresa. Eu me retesei e me afastei. Fiquei sem saber o que dizer e ela me olhando na expectativa.

— Sinto muito, Emily, amo minha esposa e farei tudo para contornar essa situação.

— Sim, eu sei. Só quero dizer isso para que fique ciente. Eu gosto de conversar com você, gosto da sua companhia e acho que se tentássemos alguma coisa, se fôssemos mais além...

Balanço a cabeça rápido, negando e a interrompo:

— Não vamos a lugar algum, Emily. Não existe eu e você.

— E me dói muito ouvir isso. — Uma lágrima rolou dos olhos dela. — Eu fiquei fora de mim porque queria muito te beijar e estar com você. — Ela limpa a lágrima. — Se um dia, talvez... você... eu te espero o tempo que for.

— Emily, eu sou casado, e não pretendo me separar tão cedo. — Minha voz áspera saiu mais alto, firme.

— Não parece que Malu pense do mesmo jeito. — Ironizou.

— Amanhã eu conversarei com ela. Foi tudo um mal-entendido.

Ela veio para cima de mim, agarrou minha camisa e eu segurei firme nos pulsos dela, impedindo que me beijasse.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Emily, por favor. — Soei bruto e desejei que isso a afastasse de uma vez por todas.

— Enzo, eu nunca fui tão feliz. E eu notei como te fiz bem, você estava nervoso e, quando começou a conversar comigo, foi ficando cada vez mais leve. Eu te fiz bem.

— Está enganada. Fiquei mais tranquilo depois que Malu não estava mais em perigo. — Empurrei-a e me afasto.

— Eu não vou dizer que te desejo sorte porque estaria mentindo. Quando uma mulher está apaixonada ela é capaz de tudo e no momento eu só torço para que um dia você me enxergue como mulher, uma mulher que pode te fazer feliz.

Eu ia dizer que não tem como ninguém me fazer mais feliz do que já sou. Com minha ruiva e meus filhos. Mas aí ela saiu e me deixou intrigado no meio da sala.

Ainda bem que ela foi embora, não tenho saco para aguentar uma perseguição desse nível. . Na época de Malu, foi uma deliciosa obsessão, mas Emily não seria correspondida.

Em casa, eu saio do banheiro e minha

PERIGOSAS ACHERON

mãe me encara desconfiada.

— Cadê a Malu? — Ela pergunta intimidadora. Minha mãe sempre gostou muito de Malu e é uma advogada confessa da minha mulher.

— Não sei. Achei que já tivesse chegado.
— Olho para meus sapatos.

— Não chegou. — Seus olhos estão semicerrados e braços cruzados, o mesmo olhar que me dava quando eu era criança e aprontava e ela queria minha confissão.

— Onde estão as crianças? — pergunto, tentando mudar de assunto.

— Brincando lá em cima. Venha aqui. — Ela me puxa e me arrasta para a sala. — Conte — ordena.

— Contar o quê?

— O que você aprontou? Que cara é essa?

— Não tô com cara nenhuma, mãe.

— Tá sim. Cara de que tirou nota vermelha e escondeu o boletim. Me conte, Enzo.

Esfrego a mão no rosto e fito-a. Ela ainda está na minha frente esperando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que ferrei com tudo, mãe. —
Lamento, desistindo de esconder.

— Deus! O que você fez? — Minha mãe
junta as mãos sabendo que lá vem bomba.

— Juro que não fiz nada. Eu estava
trabalhando no apartamento, como sempre faço. Aí
Emily apareceu do nada...

— Sabia! — Minha mãe berra e dá um
giro, revoltada. — Eu sabia que aquela carinha de
santa era encenação. Desde o dia que Rebeca
trouxe aquela garota eu queria avisar Malu. O que
você fez?

— Nada, mãe! Ela apareceu e trouxe um
vinho para mim, e aí do nada derramou na minha
roupa.

— Nossa, que truque mais velho. —
Minha mãe exclama.

— Tirei a blusa e fui ao quarto pegar
outra. Estava na pia me lavando quando ela chegou
já pelada me abraçando, me beijando, fiquei sem
reação e aí Malu chegou e viu tudo.

— Como assim Malu chegou?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei. Malu sempre vai ao apartamento porque sabe que estou por lá. E aí ela apareceu. Quando eu dei por mim, Emily estava segurando minha calça e estava parecendo que a gente estava...

— E onde está Malu? — Minha mãe grita sem querer ouvir o resto.

— Não sei. Ela saiu enlouquecida, me bateu...

— Bateu na vadia?

— Sim. Ela bateu muito em Emily.

— Ainda bem. — Ainda bufando revoltada, ela exala aliviada.

— Eu estou me sentindo muito culpado — sento de cabeça baixa no sofá — pois não contei a Malu que eu e Emily tínhamos nos tornados bons amigos, e quando ela estava batendo em Emily eu a tirei e Malu caiu no chão. — Tampo o rosto com as mãos. — Eu estou muito mal por tê-la derrubado.

Minha mãe trouxe água para mim. contei a ela tudo que tinha acontecido, desde quando Emily resolveu começar a me visitar.

PERIGOSAS ACHERON

O tempo passa e nada de Malu aparecer ou atender ao telefone. Então Julia me liga. Já são onze da noite e ela não tinha chegado. Eu estava acreditando que ela estava refugiada na casa de uma das amigas, ou na casa do pai.

— Enzo, Malu já está em casa?

— Não. Ela te ligou?

— Sim, me ligou. Eu estou com tanto ódio de você que Max teve que trancar as portas para eu não ir te matar. Seu filho da puta.

— Julia, esse não é o momento. Malu te disse pra onde ia?

— Sim, ela disse e você não precisa saber. A deixe em paz para pensar por enquanto. Seu desgraçado, eu quero arrancar sua...

— Oi Enzo. — É a voz de Max. Julia grita ao fundo: “me devolva o telefone, Max!”.

— Não acredito que você cagou tudo desse jeito, cara. Depois a gente se fala. Tchau.

Ele desliga e eu volto a cair sentado no sofá. Minha mãe não foi embora, ficou para preparar o jantar das crianças. Eu fui ainda há

pouco no quarto colocá-los na cama e dar boa noite.

— Onde está a mamãe? — Geovanna perguntou acostumada a ter a mãe sempre a noite.

— Mamãe fez uma rápida viagem. Logo ela estará em casa. Agora durma que amanhã cedinho ela estará aqui.

Dou um beijo no rosto dela e ela me devolve outro.

— Sem notícias ainda? — Minha mãe pergunta, me trazendo uma xícara de chá. Ela senta com outra à minha frente.

— Não. Mas Julia sabe onde ela está. Estou mais tranquilo.

— De qualquer forma eu vou dormir aqui.
— Ela anuncia. — Já está tarde, liguei para Davi, avisando.

— Sim. Claro.

Estávamos sentados calados quando meu celular tocou. Número desconhecido.

— Oi.

— Senhor Enzo Brant?

— Sim. Sou eu.

A partir daquele momento eu não vi mais nada, nem consegui dar explicações para minha mãe. Não sei se meu celular caiu, e como eu cheguei no meu carro. Só sei que dirigi o mais rápido que pude. Muito rápido, mais do que meus pensamentos, como se eu pudesse impedir alguma coisa. Eu nunca achei que o coração pudesse doer tanto, mas a dor era dilacerante, por causa do medo feroz que estava me destruindo. Fiz todo tipo de oração e promessa que fui capaz.

A estrada está impedida, há várias pessoas, luzes de ambulâncias piscando, bombeiros e policiais. Saio do carro sem nem fechar a porta e corro muito. Corro o mais rápido que consigo. Há muita fumaça e os bombeiros jogando água, e eu só consigo ouvir o nome de Malu. Quando eu vou chegando mais perto, noto que o nome sai bem alto da minha boca.

Os policiais me param. Há uma fita de proteção e eu vejo os bombeiros trazendo lá de baixo algo branco, como um caixão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou Enzo Brant — gaguejo já sem forças.

— Senhor, precisa manter a calma. Precisa ser forte nesse momento. — Um policial diz, colocando a mão no meu braço. Eu o empurro com força e saio desesperado, correndo em direção ao carro capotado e todo queimado. À frente, um caminhão parado com a frente destruída.

— Por favor, Deus! Não! — Com as mãos na cabeça, gritando sem parar, a visão aquosa por causa das muitas lágrimas, eu me aproximo cada vez mais.

Não chego perto, sou derrubado por policiais e eles me seguram enquanto eu apenas grito desesperado.

— Malu, me perdoa! Malu!

E ela não pode mais me ouvir.

PERIGOSAS ACHERON

|04|

ENZO

Este é mais um dia triste.

Eu levanto cedo, nem dormi pra ser sincero, mais uma noite em claro. Aquele vazio na cama não era somente porque tinha brigado com minha esposa.

Dessa vez ela não voltaria a sentar ao meu lado para ficarmos ali em silêncio; eu sentindo as mãos finas e delicadas acariciarem de leve meu cabelo. Ela tinha o poder de me consolar, de me colocar nos eixos.

Dessa vez ela não vai me culpar por alguma bobagem e depois se desculpar com olhos lacrimajantes... Ah! Os olhos. Aqueles olhos a redimiam de tudo.

Dessa vez eu não perdi o sono por ódio de Jorge colar em minha garota.

Dessa vez não haveria uma nova chance de remissão. Maria Luiza, minha esposa, não vai mais voltar.

Há exatos seis meses, a notícia me pegou de surpresa e me jogou no mais profundo abismo. Foi no mesmo dia que Malu brigou comigo.

Fiquei sem controle no asfalto, vendo o carro destruído, e então os paramédicos me deram um sossega-leão.

Mais tarde, Davi e Max foram me buscar, eu era apenas um boneco. Apático, sem fala e sem ação. Eles não me perguntaram nada, ambos estavam pálidos e com os olhos vermelhos; já eram quase quatro da manhã. Entrei no carro de Max, e Davi ficou para resolver problemas burocráticos.

Só quando cheguei em casa e vi minha mãe desesperada, chorando na sala, é que eu caí de joelhos. Ela veio e me abraçou, ficando também de joelhos no chão. Eu buscava por algo a que me agarrar, uma saída, acordar e tudo não passar de um

pesadelo. Mas senti minhas próprias lágrimas e o choro baixinho de minha mãe e soube que era real.

— Mãe, está doendo demais, eu não posso viver sem ela. Deus! Malu não pode ir tão cedo. — A blusa da minha mãe já estava ensopada com minhas lágrimas. — Temos tantos planos... E os sonhos dela? Não é justo, mãe!

— Calma, meu filho. — Ela balbuciou contra meus cabelos, me abraçando tão forte que parecia que queria tomar minha dor para ela.

— Ela partiu com ódio de mim. — Solucei com a aflição me engolfando — Como eu vou lidar com isso? Eu a prometi que jamais a faria sofrer, eu preciso dizer a ela que nunca a traí.

— Filho, de alguma forma ela sabia...

— Eu deveria tê-la amado mais, deveria ter ficado mais ao lado dela.

— Enzo, tome aqui. — Era a voz chorosa de Max. Com a ajuda da minha mãe, ele colocou um comprimido na minha boca e eu engoli.

— O que será da Anna e do Johnny? — Minhas palavras ficavam mais altas e abafadas contra o ombro da minha mãe. — Meu Deus! Ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não podia ter ido desse jeito — lamentei em um choro profundo. — Malu nunca fez nada de mal a ninguém, mesmo quando eu a machuquei ela ainda me amou e me perdoou. Ela não merece... ir assim...!

Os dois me ajudaram a levantar e me levaram para o quarto. Eu não queria entrar lá, ainda tinha o cheiro dela, tudo exatamente como ela havia deixado. Um livro na cabeceira da cama, ainda com um marcador onde ela havia parado.

Me ajoelhei ao lado da cama e chorei com a cara no colchão. Como serão minhas noites, meus dias de manhã, como eu vou encarar cada manhã sem ela correndo doida de um lado para outro se arrumando, calada e concentrada? Choro mais ainda ao lembrar como ela ficava sentada à mesa do escritório, olhando alguma planilha e mexendo no brinco, o lábio entre os dentes. O cenho franzia ou os olhos saltavam brevemente quando ela encontrava um caminho ou descobria uma falha.

Minhas pernas fraquejam e a dor dilacerante aumenta.

Me deitei agarrado ao travesseiro dela e chorei até dormir.

PERIGOSAS ACHERON

Dormi o resto da noite e o dia quase todo. Quando acordei já eram três da tarde. Davi e Rebeca estavam em casa e eles queriam que eu comesse algo. Eu só queria saber de Malu. Tinha uma esperança tremenda de que alguém iria chegar e dizer que era mentira. Ou que ela entrasse chutando a porta e querendo me matar, ainda com ódio. Eu ajoelharia aos pés dela e os beijaria.

Mas tudo estava mesmo acontecendo.

Davi me contou com cuidado sobre como aconteceu. O carro bateu em um caminhão, capotou várias vezes e ainda pegou fogo. Camila reconheceu o corpo por causa do anel que era da mãe delas.

Tomei um banho. Sem lágrimas e como um morto-vivo, sentei na cama e minha mãe me ajudou a colocar uma roupa. Davi e Rebeca me levaram ao lugar onde estava sendo velado o corpo. Eu não queria ir, relutei até o ultimo momento, mas acabei vencido.

As crianças ficaram com minha mãe, ainda sem saber ao certo o que estava acontecendo. Sei

que Geovanna pressentia que era algo ruim, mas ninguém confirmou nada a ela. Jonas precisou ser internado às pressas quando soube.

Havia bastante gente quando eu cheguei. Vi Mariza rodeada por algumas pessoas, o marido dela a abraçando e ela entregue, aos prantos. Vi Jackson e mais alguns funcionários do banco. Entrei escoltado por Davi, meio tonto, cambaleante; as pessoas iam me vendo e cochichando, falando que eu era o marido. E dizendo coisas como:

“Coitado! Tão novo e já viúvo.”

Quando passei pela porta já comecei a chorar. O clima era de velório, mas não era qualquer velório. Era o dela. O da minha garota, a que eu sempre irei amar. Não vi ninguém, apenas o caixão enorme, com várias coroas de flores ao redor. Uma foto grande de Malu sorrindo colocada perto do caixão, que estava fechado.

Eu desmoronei.

Debrucei em cima e chorei alto. Acho que aos gritos.

— Não me deixe, Malu! — Eu gritava

desconsolado. — Meu amor, estávamos começando nossa vida, não me abandone dessa forma. — Fiquei por minutos ali abaixado contra a madeira, apenas falando coisas desconexas, até que...

— Maldito! — Ouvi o grito e olhei por entre as lágrimas. Julia veio correndo, enlouquecida na minha direção. Estava um trapo. Os cabelos assanhados, os olhos muito inchados e vermelhos, parecendo um fantasma. Max a segurou a tempo. Jamais esquecerei essa cena.

— Desgraçado! — Continuou gritando — É tudo culpa sua! Você a matou! Malu não precisa das suas lágrimas! — Estava meio indecifrável o que ela dizia aos prantos. Dani do outro lado, de olhos arregalados, ficou sem reação, só chorando.

— Julia, pelo amor de Deus! — Max gritou tentando contornar a situação, olhei em volta e as pessoas estavam atentas, se juntando para ver a confusão.

Eu fui para cima dela para dizer umas coisas, mas nada saía, somente lágrimas. Davi me puxou.

— Enzo, não acho bom você ficar aqui.

— Eu não vou sair daqui, não vou sair de perto dela! — berrei também sendo arrastado.

— Malu viveu por você! Ela te venerou, você que devia estar aí dentro, não ela!

Julia gritava enquanto Max e Rebeca a arrastavam para o outro cômodo. E então essa realidade bateu em mim. Sim, de alguma forma eu era o culpado.

Olhei em volta e só então me dei conta da presença de algumas pessoas. Só então eu percebi que ao lado do caixão havia um homem. Ele me olhava com um ódio brutal, os olhos vermelhos e inchados. Os lábios em uma fina linha de tensão.

Jorge.

Pelo olhar eu soube que ele já sabia sobre a hipotética traição. Ficamos nos encarando um bom tempo até eu dar meia-volta e sair dali correndo, Davi atrás de mim. Entrei no carro dele, dei a partida e saí cantando pneus.

Eu queria sumir, queria que tudo se fodesse, queria que nada disso fosse verdade.

Fui para casa, onde eu sabia que não tinha ninguém. Chegando lá, praticamente destruí toda a

PERIGOSAS ACHERON

sala. Gritando ferozmente, fora de mim, como um animal.

— Por que não me levou? — gritei para Deus, olhando para o teto. — Eu sempre fui o vilão para todo mundo, eu estraguei a vida dela desde o início. Por que ela? — Não tive resposta e quebrei mais coisas. — Por que eu não a deixei com Jorge? — perguntei a mim mesmo. — Hoje Malu não estaria morta.

O ódio e a tristeza se misturaram. Ele que parecia o viúvo ao lado do caixão. Eu parecia apenas um alucinado, o vilão que matou a mocinha. Derrubei a TV, chutei a mesinha e quebrei tudo que vi pela frente. Depois caí sentado no meio da bagunça e fiquei lá, implorando que Malu aparecesse para mim ao menos uma vez. Eu nunca acreditei nessas coisas, de reencarnações ou aparições de almas. Mas naquele momento era a única coisa que eu pedia. Uma garrafa de uísque estava caída ao lado; peguei-a e comecei a beber.

Não pensei em nada. Só bebi, olhando fixamente para um porta-retratos caído, trincado, comigo e Malu no hospital. Ela deitada na cama, segurando Geovanna nos braços.

Tinha acabado para a gente. Tinha acabado nosso perfeito paraíso.

Nesse instante a porta se abriu. Nem olhei. Imaginei que deveria ser Max ou Davi.

— Enzo. — A voz feminina e baixa me chamou.

Caralho. Mais essa não.

— Vai embora, Emily. Me deixe em paz — vociferei. Estava com raiva dela. Foi como se ela tivesse desejado isso, desejado que Malu saísse de seu caminho. Só para conseguir a droga de um homem.

Davi me alertara sobre ela, ele me disse para tomar cuidado e eu não consegui ver as reais intenções dela. Não sei se Emily teve culpa quanto ao flagra, mas eu devia ter contado a Malu, nós contávamos tudo um para o outro, não tínhamos segredos. Emily me dizia toda vez que me encontrava: “Malu mandou te trazer café.” Então eu ficava sossegado achando que minha esposa sabia.

Ouvi ela caminhar e se abaixar à minha frente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer que eu prepare algo para você comer?

— Saia... daqui — rosnei sem encará-la.

— Poxa, Enzo. — Ela fungou. — Eu também estou sofrendo. — Agora ela chorava. — Me sinto culpada, me sinto horrível por isso, Malu era minha amiga... Eu não tenho culpa pelo que senti por você...

— Saia daqui! — gritei cheio de amargura. — Quero ficar sozinho, porra! — Levantei os olhos para ela. Ela se levantou e assentiu.

— Se você ao menos deixasse o afeto das outras pessoas te consolar. Por favor, não vai fazer nenhuma besteira, lembre-se que seus filhos precisam de você, a vida continua para você, Enzo. — Ela falou e saiu batendo a porta.

Soltei o ar do pulmão e limpei as lágrimas. Nisso ela tinha razão. Meus filhos precisavam de mim mais do que nunca. E foi atrás deles que eu saí naquele momento. Malu iria querer isso, iria querer que eles ficassem protegidos e sem medo. Eu precisava estar forte ao lado deles.

PERIGOSAS ACHERON

Não fui ao enterro. Era demais para mim. Fiquei com Anna e Johnny na casa da minha mãe. Pedi a alguém que limpasse a bagunça da sala para que, quando voltássemos para lá, eles não estranhassem. Eu preferi ficar isolado de notícias. Pedi isso a Davi e ele disse que ninguém iria me perturbar.

Durante todo o tempo eu fiquei com nossos filhos. Dando atenção total. Por dentro eu estava morrendo, pois sabia que Malu estava sendo enterrada naquele momento. Mas me mantive forte, sem pensar nisso. Apenas por eles.

Mais tarde jantamos, ninguém mencionou o assunto. Rebeca e Davi estavam sérios, minha mãe limpando lágrimas a todo momento e eu tentando de alguma forma não surtar na frente das crianças.

Johnny tinha três anos, não entendia muito. Mas Geovanna soube que algo havia acontecido.

Já tinha colocado os dois na cama, e fui para meu antigo quarto. Deitei na cama e chorei

contra o travesseiro. Nossas brigas, nosso amor, nossos planos, tudo estava sepultado com ela. A dor me consumia tão brutal que me fazia perder o ar.

A porta se abriu devagar e limpei as lágrimas rápido.

— Papai... — Geovanna chamou. — Eu preciso ver a mamãe. — Ela me pediu com uma voz baixinha. Olhei e a vi espiando da fresta da porta. Me levantei num salto e a peguei.

— Venha cá. Durma com o papai.

— Você estava chorando? — Ela olhou para meu rosto quando acendi o abajur.

— Não, querida. Lógico que não. O papai é grande e não chora. Estou com alergia nos olhos. A coloquei confortável e a cobri com um edredom.

— Quando a mamãe vai voltar?

Eu decidi então esclarecer logo. Não era justo alimentar esperanças. Me sentei, Geovanna sentou-se também, com as pernas cruzadas.

— Anna, você já é uma mocinha, vai entender o que eu vou dizer. Às vezes existem

peessoas tão boas, que Deus as quer ao lado dele, como anjos da guarda. Ele convida essas pessoas boas para se juntar ao exército de anjos dele. — Limpei uma lágrima, senti um bolo entalando na minha garganta. — Ele convidou a mamãe. Ela agora está lá com ele, no céu. Sendo um anjo para nos proteger.

Duas lágrimas seguidas saíram dos olhinhos brilhantes dela.

— Com tantos anjos que ele tem, Deus poderia deixar a mamãe com a gente.

— Mas ela sempre estará com a gente no nosso coração. Ela é seu anjo da guarda agora.

— Não quero, papai. — Ela começou a chorar. Eu a abracei rápido. Os braços pequenos me apertaram com muita força. — Mamãe é minha amiga, ela falou que somos as ruivas mais lindas e que formamos uma dupla.

— Vocês duas sempre serão as ruivas mais lindas.

— Ela vai voltar para me dar tchau?

Não respondi. Fiquei com ela nos meus braços enquanto gritava destruído por dentro.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

|05|

ENZO

Seis meses depois...

— Enzo, só você pode decidir isso. —
Davi fala. Olho para Max e ele dá de ombros. —
Julia e Dani só vão querer te matar. — Ele avisa em
seguida.

— Não faz diferença. Ela quer me matar
há tempos — pondero indiferente.

Estamos na minha sala, na AMB.
Acabamos de voltar do almoço e decidi chamar
eles aqui para me ajudar a clarear a mente. Olho ao
redor, passando a mão no queixo, pensativo.

Minha sala está a mesma coisa, não mudei
PERIGOSAS ACHERON

nada de lugar, está do mesmo jeito de quando Maria Luiza trabalhava aqui comigo. Na verdade, está tudo intocável ainda. As roupas dela na outra parte do closet, cada mínimo detalhe no mesmo lugar, as revistas dela na sala, a parte da estante no escritório de casa, que ela guardava a coleção de romances, a cozinha, tudo do mesmo jeito. Rego todos os dias a pequena horta caseira que ela cultivava e que fica do lado de fora, ao alcance da janela da cozinha.

Algumas pessoas decidem mudar tudo para não lembrar mais da pessoa querida. Eu fiz o contrário, pois é como se eu a sentisse em cada coisa ainda em seu lugar. Não há mais choro compulsivo e nem uma terrível depressão. É apenas saudade e tristeza.

— Você quer mesmo ficar com ela? — Max me pergunta, curvado pra frente, descansando os cotovelos nas pernas. A testa franzida em uma expressão de curiosidade.

Faço um gesto de desdém.

— Não. Não tenho vontade de ficar com ninguém — penso um pouco e adiciono em seguida: — Nem pensei ainda em sexo, e não me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vejo fazendo isso. Sei lá, é como se eu traísse Malu.

— Tá se garantindo como? Na mão? — Max pergunta, interessado em como eu estou me aliviando. Um homem ficar sem sexo e sem gozar por seis meses? É impossível para a mente dele. Pois eu fiquei.

— Isso é o que menos me preocupa no momento, Max.

Ele anui me olhando com uma cara estranha, acho que tentando me decifrar.

— Lembre-se que ninguém gosta da Emily. É arriscado. — Davi me lembra.

— Eu acho melhor você descartar essa garota de vez, até sua mãe vai ficar com raiva. — Max concorda.

— Pois é, eu pensei nisso. — Coço a cabeça tentando montar um tribunal interior de pequenas causas e pesar as consequências dos meus atos.

O assunto discutido é sobre Emily e sua marcação cerrada em cima de mim. Ela voltou um mês depois do acidente.

PERIGOSAS ACHERON

Até hoje ainda não me conformei com a tragédia, sofro muito com a falta de Malu e acho que nem em dez anos conseguirei viver em paz. Mas estou forte, indo um dia de cada vez, como um dependente que tenta se libertar, só pelas crianças. Eu preciso trabalhar, comer, dormir, para mostrar a eles que estou bem e que tudo vai ficar bem. Ambos sentem muita falta da mãe, Johnny até adoeceu; e Geovanna ainda acha que Deus vai mandar Malu de volta. Ela disse que é o presente de Natal dela.

No dia que Emily reapareceu eu estava almoçando em um restaurante, sozinho. Davi e Max tinham ido embora, liguei para Rebeca pedindo que ela pegasse Geovanna na escola. Johnny já estava lá com minha mãe. Faço isso às vezes, quando a tristeza é demais e quero ficar apenas comigo mesmo.

Eu estava terminando e então alguém sentou à minha frente. Levantei os olhos e era ela. Emily.

— Oi — cumprimentou com um sorriso simpático.

— Oi, Emily. — Eu disse, já tenso. Tomei
PERIGOSAS ACHERON

um gole de cerveja, olhei para os lados e pigarreei.

— Eu ia passando e o vi aqui dentro. Sei que ainda é cedo para conversar com você... — Começou a gesticular, incerta do que iria dizer.

— Cedo por quê? — Limpei os lábios e empurrei o prato. — Eu estou conversando normal com todo mundo.

Ela colocou cabelos atrás da orelha e passou a língua nos lábios.

— Sim, eu sei. Mas eu... você sabe... eu sou diferente.

Assenti e recostei na cadeira, encarando-a. Sabia o que ela queria dizer com “ser diferente”, isso porque ela já confessara o que queria comigo. Passei os olhos pelo rosto dela. Não era linda, maravilhosa. Bonita comum. Cabelos loiros um pouco mais curtos que da última vez que a vira. Os olhos azuis brilhavam, me olhando. E eu não senti nada. A saudade que sentia de Malu não dá espaço para outros sentimentos. Fazia apenas um mês.

— Quer beber alguma coisa? — ofereci. Ela olhou para meu copo de cerveja.

— Não, obrigada.

Ficamos calados nos olhando. O clima pesou e eu decidi desenvolver uma conversa.

— E então? Trabalhando como babá? — perguntei.

— Não. Me fixei naquele emprego no hospital, de auxiliar de enfermagem.

— Hum... legal.

— E como estão as crianças? — O sorriso largo que Emily esboçou deu a entender que ela ficou feliz por tocar no assunto dos meus filhos.

— Bem. Johnny voltou a ficar com minha mãe e quando Anna chega da escola, fica lá também. Às cinco da tarde eu os pego e os levo para casa.

— Ah, que bom. É uma companhia para dona Ângela. Mas não está sendo pesado para você cuidar deles depois que chega cansado do escritório?

— Não. É um alívio chegar e ficar com eles. Nada me dá mais prazer. — Olhei no relógio de pulso e voltei a encará-la. — Tenho que voltar à empresa. — Antes de qualquer movimento meu, ela segurou rápido na minha mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enzo.

Meus olhos grampearam-se nos dela.

— Por favor, converse comigo.

— Eu acabei de conversar com você, Emily. — Puxei minha mão bem sutilmente.

— Eu... sei que é cedo ainda... mas estive pensando... — Ela começou a falar.

— Ainda bem que você desconfiou que é cedo. Tenha um bom dia. — Me levantei, paguei e fui embora. Não a vi por mais um tempo.

No mês seguinte ela apareceu de novo. Foi à minha casa. Eram seis da tarde, eu tinha acabado de ajudar Johnny a tomar banho. Anna toma sozinha, ela não quer que eu a veja pelada. Birra de criança. Me sentei no sofá, com ela de pé entre minhas pernas, de costas para mim. Comecei a pentear os cabelos dela, quando a campainha tocou. Fui atender e era Emily.

— Oi, vim fazer uma visitinha, ver como estão as crianças. — Olhei perplexo quando ela levantou um vinho. — Vi em uma loja e achei sua cara.

PERIGOSAS ACHERON

Sorri meio sem graça e recebi das mãos dela.

— Acho que não me conhece muito. Sou louco por cerveja e não por vinho.

— Convenhamos que você precisa refinar seus gostos. — Ela respondeu sorridente, com uma pitada de ironia, e olhou para dentro de casa. — Ah! Está tentando arrumar os cabelos da Anna? Quer ajuda?

Educadamente a deixei entrar. As crianças adoraram a visita dela. Emily não ficou para o jantar; eu vi que ela queria, mas não a convidei e ela foi embora.

E daí em diante ela foi aparecendo, e agora, seis meses depois, ela não larga mais do meu pé. Fica na porta da empresa, na porta da minha casa, da escola das crianças. E vem me deixando doido. E então aceitei me encontrar com ela. De tanto ela insistir, acabei me acostumando com Emily.

Almoçamos juntos e ela ficou se lamentando, dizendo que emagreceu e se sente culpada e não para de pensar em mim. Disse que eu

sei da história dela e de como ela sofreu quando o namorado a abandonou e que ela nunca tinha sentido com outro cara o mesmo que sente por mim. Implorou quase de joelhos para eu dar uma chance a ela.

E aí resolvi pedir conselho a Max e Davi. Eles ficaram retesados, mas eu adiantei que eram eles ou o padre. Como o padre não iria me dar conselho, só mandar eu rezar, então teria que ser eles.

— Cara, eu nunca te disse isso, porque você estava sofrendo uma perda e tal. — Davi começa com seu tom clínico. — Mas você tá ligado que aquilo foi armação, não é?

Semicerro os olhos para ele.

— O flagra que Malu deu. — Davi responde, meio comedido. — Enzo, eu planejo, esquematizo, reconheço armações de outras pessoas a quilômetros de distância.

— Você acha que Emily...

— Das duas uma, ou ela avisou Malu que iria estar lá com você, ou ela é muito sem sorte. A primeira vez que resolve arrancar a roupa e dar em

cima do patrão, a mulher chega e acaba com a festinha dela.

— Eu pensei sobre isso, Davi. E fui atrás — respondo me lembrando das minhas suspeitas.

— Descobriu algo?

— Sim. Emily não teve nada a ver. Ela foi sem sorte mesmo. Quem avisou Malu foi o porteiro. Ele confessou para mim.

— Faz sentido. — Davi diz pensativo e não retruca. Acho que ele ainda tem outras hipóteses, mas prefere ficar calado.

— O que diabos vocês dois faziam lá, Enzo? — Max pergunta de sobrancelha levantada.

— Nada de mais. Eu desabafava com ela. Eu não ia contar problemas para vocês, ou me dariam um tiro. Tinha apenas minha mãe e, quando Emily começou a me dar conselhos, dicas e ouvir meus problemas, eu comecei a gostar da companhia dela.

— Esposa não serve para isso? Ouvir os problemas que o cara não conta pros amigos? — Davi ironiza aproveitando para me dar um tapa simbólico na cara. — Eu despejo tudo em Rebeca.

E aí de mim se esconder problemas dela.

— Eu e Malu também éramos assim. Nunca escondi nada dela. Mas eu não podia compartilhar meus temores quando eles eram sobre a própria Malu.

— Então, já que Emily te fez bem naquela época, talvez seja uma boa saída. — Max elabora, pensativo.

— Para mim ela é como qualquer outra mulher, não queria ninguém em minha vida, não nos próximos cinco anos. Mas não vou ficar sem sexo eternamente. — Faço uma pausa. Eles ficam calados, me olhando. — Talvez ela seja a válvula de escape que eu preciso.

— É. Talvez seja. — Max concorda e fala em seguida: — Cara, acho que ninguém pode te julgar ou culpar se você decidir ficar com quem quer que seja. Depois do que você passou, é mais que necessário ter alguém que te ajude.

— Entretanto, com Emily soa meio estranho. — Davi intervém. — Afinal Malu te pegou com ela no apartamento. — Ele fala com cuidado, pensativo. — Se você começar a sair com

Emily, vai só confirmar tudo.

— Davi tem razão. — Max concorda.

— Mas eu não traí Malu. — Me defendo rapidamente elevando o tom de voz.

Eu decidi que seria melhor limpar aquele dia da minha mente e várias coisas eu apenas desconsidero. Como o flagra e o acidente. Está dando certo, quase não lembro desses eventos. As lembranças são dos momentos bons com ela.

— Acreditamos em você. Mas e as outras pessoas que sabem do flagra, como Julia, Dani e Rebeca? — Max questiona.

— E mamãe. — Davi adiciona. — Sorte que Jonas e Camila não sabem — completa em seguida.

Ficamos calados por algum instante; eu não queria mesmo ficar procurando uma brecha nisso tudo para poder comer Emily.

— Você pode sair com ela na surdina. Experimente, sem que ninguém saiba. Davi se manifesta. — Ou fazer como eu faria: deixar as coisas acontecerem. Eu jamais provocaria uma situação dessa, se Deus me livre, fosse com minha

PERIGOSAS ACHERON

mulher. Então, sua mente é seu mestre, Enzo.

Max só faz uma careta mostrando que concorda.

Os dias se passaram e ela continuou agindo como se já fosse minha namorada. Até me dava selinhos quando me encontrava. Certa noite, sugeriu que poderíamos jantar e eu aceitei. Me arrumei e fui busca-la em seu apartamento.

Assim que chego, noto que há algo estranho. Emily está com um vestido colado ao corpo, mostrando as pernas. O decote deixa os seios saltados. No rosto, uma maquiagem bem-feita. Um sorriso enorme nos lábios vermelhos. Ela vem na minha direção e eu coloco a mão para ela parar.

— Emily, sente-se, quero conversar com você.

Ela assente e se senta na cama de pernas cruzadas, me olhando atenciosa. Tento não olhar para as coxas dela, isso tudo começou de algum modo mexer com minha libido. Retiro o terno e a

PERIGOSAS ACHERON

gravata e me sento em uma poltrona.

— O caso é o seguinte. Eu não quero que ninguém saiba que vou começar a sair com outra pessoa.

— Ninguém vai saber. — Ela antecipa.

— Ainda é cedo, sem falar que é com você. Vamos inicialmente apenas conversar, bater um papo legal e se for para dar certo, acontecerá naturalmente.

— Claro, eu entendo. Podemos nos encontrar em lugares diferentes para ninguém perceber. Eu sabia que você me daria uma chance, Enzo. Vou fazer de tudo para não se arrepender.

— Ok.

Me levanto e pego o terno. Ela se levanta depressa, vem para cima de mim e me beija. Não revido. Fico paralisado apenas com os lábios dela sobre os meus. Depois eu abro minha boca e acabo retribuindo o beijo, Emily me empurra para o sofá e eu deixo acontecer.

Eu não queria pensar pensando no que Malu acharia sobre isso. Tenho certeza que ela iria querer que eu seguisse em frente, continuasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vivendo. Sou novo ainda, preciso de uma companhia. Mas Emily? Será que é mesmo um romance filho da puta?

Depois de ter feito um sexo mais ou menos com Emily e me sentido meio estranho, voltei para casa, tomei um banho de banheira e fiquei pensando em tudo. De alguma forma me sentindo aliviado, mas culpado.

Minha mãe está lá embaixo com as crianças. Ela nem sonha do meu caso com Emily e nem sei se vou contar por agora. Acho que vou fazer uma reunião aqui em casa e contar apenas para os rapazes e suas esposas. Isso se Julia quiser pisar aqui em casa.

Emily queria repetir, disse que eu fiquei retesado o tempo todo e ela queria algo devastador, como ela disse que ouvia lá em casa, quando eu transava com Malu. Eu fiquei furioso por ela ter trazido o nome de Malu para aquele ambiente. O quarto dela onde eu estava nu com outra mulher. Ela me pediu desculpas. Eu disse que precisava pensar e vim para cá.

PERIGOSAS ACHERON

Na estrada, à noite, eu dirigia de olhos fixos na direção. Um perfume muito conhecido invadiu todo o carro e eu suspirei. No som do carro tocava *We are Young*.

— Lembra dessa música? — A voz feminina vem doce junto com o perfume.

— Nossa viagem ao sítio — respondo e sorrio, me recordando daquele dia. Fiz uma pausa e falei: — Não entendo o que estou sentindo nesse momento, não sei se é arrependimento, raiva ou medo.

— Você sempre demorou bastante para entender as coisas, não é, Enzo?

— Sim, Malu. — Olhei para meu lado e ela estava sentada, no banco do carona, me olhando com seus olhos verdes e brilhantes. Sorriu. Os lábios vermelhos, leves e macios. Como sempre me lembrarei. Enrolou uma mecha de cabelo nos dedos e cantou uma estrofe inteira da música.

— E você sempre me coloca em grandes desafios, não é? — indaguei.

— A vida é assim, meu amor. Muitos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desafios. — Malu se virou completamente para mim. — Eu estou de dedinhos cruzados esperando que você enxergue um palmo em frente ao seu nariz. — Olhei e vi ela cruzando os dedos.

— Cadê sua aliança?

Ela olhou para a mão.

— Hum... sabe que eu esqueci? Estou meio esquecida ultimamente. — Riu, se desculpando. — Pare ali na frente. — Malu apontou para um acostamento na estrada.

Eu parei o carro e ela abriu a porta. Antes de descer, olhou sorrindo para mim.

— Você acha mesmo que eu te amo?

— Sim, Malu, eu sei que você me ama.

— Ufa! Que alívio. Obrigada pela confiança.

— E você? Me odeia? — indaguei, mas ela virou as costas. — Onde você vai? — perguntei quando ela andou para o outro lado. Ela não me respondeu. Desapareceu e eu corri atrás, dando de cara com um carro capotado em chamas. Era o carro de Malu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordei me debatendo e me afogando na banheira. Me sentei com os olhos arregalados e muito ofegante.

Puta que pariu. Sonhei com Malu. E foi tão real. Como se eu ouvisse de verdade a voz dela.

Levantei, me enxuguei às pressas e peguei meu celular. A música não saía da minha mente. Achei, coloquei para tocar e descobri o refrão que Malu cantou no meu sonho.

Sentando na cama, eu apenas refleti sobre o sonho.

*“...Eu sei que eu te dei isso meses atrás
Eu sei que você está tentando esquecer
Mas entre os drinques e coisas sutis
Os buracos em minhas desculpas, você sabe
Eu estou tentando mesmo ter isso de volta...”*

YOU ARE YOUNG – FUN

PERIGOSAS ACHERON

|06|

ENZO

Durante a briga com Malu, ela não arrancou a aliança e jogou em mim. Então essa coisa de eu ter sonhado com Malu sem aliança está me deixando intrigado. Só foi encontrado o anel no dedo dela, mas onde está a aliança? O mais sensato seria ter me devolvido. Será que ela teve tempo de tirar a aliança antes de pegar estrada para o sítio? Afinal estava com ódio de mim e pode ter descartado indicando que era fim de casamento. Só em pensar nisso tenho calafrios.

Pego meu celular e ligo para Camila. Ela está morando aqui no Rio agora, com o marido e os filhos. Está cuidando de Jonas, que ficou bastante baqueado depois da morte de Malu. Eu os visito com frequência. Levo as crianças para ele ver. É de

cortar o coração. Jonas abraça os dois e quando os solta, há lágrimas em seus olhos. Daí eu também fico mal, pois a dor bate com força, eu venho embora, me tranco no escritório, ouvindo uma música ou olhando para o nada, lacrimejando e pensando que tenho apenas que sobreviver.

E agora, além da dor que estou sentindo por sonhar com Malu, vem a vergonha e a raiva misturadas.

Cara, eu durei seis meses, tranquilo, sem pensar em mulher e sexo. Nenhuma punheta sequer. E do nada eu cedi às tentações de Emily porque achei que ela poderia me ajudar. Não foi. Nunca tive um desempenho sexual tão ruim. Brochei uma vez e quase não gozei. Precisei fechar os olhos e sentir apenas as manipulações para gozar.

Ela é bonita, tem um corpo bacana, gosta de mim e dos meus filhos, mas há algo que não bate. Sou homem e não entendo onde está o desejo físico que não aparece quando vejo Emily. Seria natural ter, já que ela é bonita e está se oferecendo.

Agora não consigo me olhar no espelho. Se eu olhar é o mesmo que ver Maria Luiza me

PERIGOSAS ACHERON

acusando. Eu não a traí tecnicamente, pois em algum momento eu terei que encontrar uma mulher, mas não agora e não com Emily.

Camila atende o celular.

— Oi Enzo. Qual a nova?

— Oi Camila, como está? — Me sento na cama.

— Tudo bem. E as crianças?

— Estão ótimas. — Faço uma pausa para tomar coragem e impulso. — Camila, quero perguntar algo para você, é meio delicado...

— Pode perguntar, Enzo. É sobre a Malu?
— Ela já se adianta. Acho que percebeu meu tom de voz.

— Sim, sobre o dia que você foi reconhecer o corpo...

— Ah! — Camila diz apenas e posso ouvir seu suspiro. Faz uma pausa e eu espero ela se recompor. Foi muito duro para ela ter que reconhecer o corpo da irmã. Até hoje Camila ainda passa por acompanhamento psicológico.

— O que você quer saber? — Ela indaga

depois.

— A aliança. Não te entregaram a aliança de Malu?

— Não. Não estava com o corpo. Foi achado apenas o anel.

— E os brincos? — pergunto imediatamente, porque me lembro exatamente como Malu estava no dia do acidente. Com aqueles pequeninos brincos que ela tinha costume de usar e ficar mexendo com os dedos.

— Nada de brincos também.

— Tudo bem. Eu vou dar uma passada depois no IML para saber sobre isso.

— Claro, mas você está intrigado com alguma coisa?

— Não. Eu só lembrei desse fato. Nada demais.

— Tudo bem então.

Eu me despeço de Camila e desligo. Visto uma roupa e pego o celular de novo. Ligo para Emily. Acho melhor acabar de vez com minha consciência pesada. Antes que minha mãe fique

sabendo.

Ela não atende o celular. Saio do quarto, desço e minha mãe está na sala com as crianças. Há no tapete vários livros de colorir, canetinhas, lápis de cor e giz de cera. Os dois colorindo e ela no sofá, recostada, lendo alguma coisa.

— Oi filho, vai sair? — Minha mãe tira os olhos do livro e dá uma olhada na minha roupa assim que entro na sala.

— Não. — Olho minha própria roupa. Na verdade eu ia sim sair, me encontrar com Emily e ter uma conversa séria com ela. Mas não direi isso à minha mãe. — Pensei em dar uma chegada na casa do Max, mas acho que vou ficar com essa galera aqui. — Aponto para os dois no tapete. Apenas Geovanna está de joelhos olhando para mim, prestando atenção na conversa.

— Quero ir também, papai. — Geovanna se levanta e pula eufórica. — Quero dormir na casa da Liz.

— Não vamos mais, minha princesa. — Faço um cafuné nos cabelos vermelhos dela. Bem penteados, presos com delicadeza em um bem feito

rabo-de-cavalo. — O papai vai ficar com vocês aqui, a vovó precisa ir embora descansar.

— Vou ficar. — Minha mãe adianta. — Estou dando um tempo de Bernardo e Heitor. Eles brigam em cima de mim e Davi fica rindo.

— Mamãe, a senhora precisa bater naqueles moleques. E estou incluindo Davi. — Eu digo, ela ri e a campainha toca. Me prontifico a atender e quando abro a porta e nem tenho tempo de desviar dos braços de Emily, que se joga em cima de mim e me dá um beijo na boca. Arregalo os olhos assustado enquanto ela me beija. Dá trabalho afastá-la. Segurando-a pelos ombros, a mantenho longe de mim.

— Emily — sussurro em tom de censura. Ela sorri para mim e faz uma cara de falso espanto, olhando e vendo Geovanna de pé no meio da sala, de olhos arregalados, e minha mãe do mesmo modo, só que sentada. Sem explicação, minha filha olha de mim para Emily e sai correndo sem falar nada, apenas sobe as escadas e some no andar de cima. Minha mãe também não diz nada, se levanta, tira os óculos de leitura e se abaixa com um pouco de dificuldade perto de Johnny, que nem percebeu

nada.

— Ei, meu amor, venha um minutinho aqui com a vovó. — Com Johnny no colo, ela olha para Emily e eu.

— Oi dona Ângela. — Emily cumprimenta como se fossem melhores amigas e não tivesse causado um climão. Estou puto de raiva, pois a proibira de vir à minha casa. Não queria que meus filhos me vissem com outra mulher. Minha mãe não responde ao cumprimento. Emily dá alguns passos, se aproxima e pega nas bochechas de Johnny.

— Mas que menino lindo. — Nem termina de dizer, minha mãe vira-se e leva Johnny dali. Sei que estou ferrado. Mamãe é educada demais para fazer barracos. Mas eu posso preparar os ouvidos para daqui a pouco.

— Que porra está fazendo aqui na minha casa? — rosno assim que fico sozinho com ela.

— Oi. Sentiu minha falta? — Emily vira-se para mim como se nada que aconteceu importasse.

— Emily, eu queria mesmo conversar com

você.

— Eu acabei de ver uma chamada sua. Desculpe, querido. Estava estacionando o carro. — Ela vem para me abraçar, eu me afasto e mantenho-a longe.

— Emily, não está dando certo. Eu tentei e...

— Para com isso, Enzo, pelo amor de Deus. Não quero ouvir. — Não consegue se fazer de sonsa por muito tempo e mantém uma expressão carregada.

— Já deu, tá? — digo em tom mais alto. — Não temos nada, nunca tivemos. Eu tentei te avisar e, mesmo sem sentir atração por você, eu tentei. Não vou continuar. Não me procure mais. — Seguro a porta para ela sair. Eu não consigo pensar em uma maneira mais educada de dar um fora. Planejei enrolar, mas depois que ela armou essa ceninha na frente da minha mãe e da minha filha, estou possesso de raiva.

— O que deu em você? — Ela grita e os olhos começam a lacrimejar.

Ai meu saco! Mais essa não. — Praguejo em

pensamento.

— Hoje tivemos nossa primeira vez e foi maravilhosa. — Ela voa para cima de mim. — Eu estou apaixonada, Enzo.

— Não foi nada maravilhoso. — Afasto-a. — Estou com a consciência pesada e não quero...

— Então é por causa dela, não é? — Emily afasta e, de punhos cerrados, olhos vibrantes de ódio, me encara.

— Dela? — pergunto achando que Emily está se referindo à minha mãe.

— Sim, da vaca! Malu! — Ela grita transtornada. — Será que não se deu conta ainda que ela morreu? Ouviu? Morreu! Eu estou aqui, viva, implorando para te dar amor, para cuidar dos seus filhos e ser sua companheira. Acabou para Malu! — Ela grita histericamente e um ódio terrível me toma. Tenho medo de acabar preso por bater em mulher.

— E acabou para você também. Eu te avisei que se colocasse a Malu nisso a coisa ia ficar feia. Saia! — Ainda falando sem gritar, eu a empurro em direção à porta.

— Enzo, me desculpe. — Emily se volta de olhos chorosos e me agarra me aflição. Com certeza essa mulher é uma psicopata. — Eu só estou nervosa, você sempre foi tudo que eu quis, eu via como você tratava a Malu, como vocês sorriam e como ela ficava quando você estava perto. — Emily limpa as lágrimas. — Eu só queria um pouco disso para mim. Você pode me dar isso, podemos ser felizes.

— Emily, chega! — Não queria ter gritado dessa forma — É sobre Malu sim, não vou engatar um novo relacionamento agora e não sei quando será isso, e quando for não será com você.

— Por quê? Por que está fazendo isso?

— Porque Malu morreu por nossa culpa! — grito para ela o que eu quis negar a mim mesmo todo esse tempo. Davi tentou me avisar que o flagra levou Malu à morte, o psicólogo tentou me fazer esquecer o episódio, eu pensei que foi o querer de Deus ou apenas que chegou a hora dela. Mas no fundo eu sabia, o que Julia tinha jogado na minha cara no velório. Eu sou o culpado pela morte de Malu. Suprimindo a vontade de chorar, eu torno a salientar para Emily. — Foi minha culpa. Ela nos

viu juntos, mesmo que não estivesse acontecendo nada. É uma afronta à memória dela. Já estou me sentindo imundo por ter transado com você. Não dá.

Ela voa para cima de mim e segura forte na minha camiseta, tentando me beijar. Ainda bem que sou mais alto e mais forte.

— Não fala isso. Foi maravilhoso. Foi lindo, somos bons juntos, eu posso te fazer feliz.

— Será que não ouviu o que ele disse? — Ouço a voz da minha mãe. Puta merda. Ela está com aquela voz que usava comigo e Davi quando éramos crianças e aprontávamos na rua: “quando chegar em casa vocês me pagam”.

— Ou você prefere que eu perca o pingo de civilidade que me resta e acabe o que Malu começou? — Minha mãe, sempre tão pacífica e bondosa, está ameaçando alguém pela primeira vez.

Emily olha para ela, olha para mim, a narina infla de raiva e ela afirma com um dedo em riste.

— Não acabou, Enzo. Eu te amo, isso não é justo. Farei você perceber isso.

Ela sai e eu solto o ar dos pulmões. Viro para minha mãe e quando abro a boca, ela faz sinal para eu parar.

— Vá acalmar sua filha. Depois volta que estarei te esperando aqui. — Eu assinto e não discuto, corro escada acima. Geovanna está no quarto dela, brincando com a Barbie de cabelos vermelhos. Entro no quarto e sento na ponta da cama. Ela não olha para mim, mas acho que percebe que sou eu.

— Anna. — Eu chamo e ela me olha. Fico sem saber o que falar e então ela pergunta:

— Papai, Emily será a nova mamãe? — Antes de eu responder ela olha para a boneca e fala: — Não quero outra mamãe. — Acaricia os cabelos da boneca várias vezes, sem parar.

— Claro que não, querida. Ninguém ficará no lugar da mamãe. O papai promete.

— Porque... é... se... — Geovanna começa a gaguejar, mexe nos próprios cabelos e olha para mim; noto como está nervosa. — No Natal, no meu aniversário ou no de Johnny, se mamãe vier nos ver, ela vai ficar triste.

Seguro uma lágrima e sorriso forçado.

— Mamãe não vai ficar mais triste. Você está vendo? O papai não deixou ninguém mexer em nada dela, está tudo do mesmo jeito.

— Para quando ela voltar? — Se anima, sorrindo.

Mordo os lábios. Lembro o que a psicóloga das crianças me disse: nunca alimentar falsas esperanças.

— Porque a mamãe está nos vendo. E com as coisas dela tudo em ordem, ela vai ficar sempre feliz.

— Vou contar para o Johnny.

— Sim, minha princesa. Vai lá.

Ela sai correndo e eu levanto e desço para encarar a fera.

Passo direto, pego uma dose de uísque e me sento em uma poltrona em frente à minha mãe. Ela me olha.

Sem ela me perguntar nada, eu conto tudo. Ela fica calada e eu vou contando. Desde o primeiro momento com Emily. Até chegar hoje, às

dez da noite. contei até o sonho com Malu.

— Eu não vou te dar um sermão.

— Não? — indago surpreso.

— Não. Eu daria se você ainda estivesse cego, mas mesmo não estando entre nós, a Malu arranjou um jeito de abrir seus olhos. — Balanço a cabeça fazendo que sim. E ela continua. — Seria acabar com o respeito que algumas pessoas têm por você. Sua cunhada, a Julia, Jonas, se ficasse sabendo, e Camila. Não estou falando que você vai ter que ficar sozinho para sempre, mas com ela seria seu pior erro.

— Me sinto tão mal por ter dormido com ela — falo, refletindo, e bebo todo o uísque.

— E isso é bom, meu querido. Você está arrependido. Quem é que não erra? É melhor enxergar o erro a tempo do que persistir nele. — Ela estende os braços para mim e eu me levanto. Quem sou eu ou Davi para negar quando minha mãe estende os braços? Me sento ao lado dela e ela me abraça. — Emily representa uma tragédia. Ela está mesmo fora?

— Sim, mãe. Está.

— Então tudo vai ficar bem.

Abraçado pela minha mãe, eu lembro das palavras recentes de Malu em meu sonho:

“Você sempre demorou bastante para entender as coisas, não é, Enzo?”

|07|

JORGE

Eu sempre gostei de Malu. Não a amei loucamente, mas foi sempre um sentimento bom em relação a ela. Nos conhecemos desde sempre por causa do nosso parentesco e quando ela propôs o namoro, só aumentou mais ainda o que eu sentia. Não deu tempo nem de nos reaproximarmos e me apaixonar. Malu voltou para o Brasil, me pegou desprevenido e já estávamos juntos.

Sinceramente, eu não fiquei com ódio dela quando fui trocado por Enzo. Eu tive ódio dele, mesmo sabendo, bem no fundo, que eu nunca passei de um joguinho entre os dois; eu tive muita raiva de Enzo.

Nós dois já não nos topávamos. Tínhamos diferenças antes mesmo de Malu aparecer. Ele e os outros dois sempre foram egocêntricos,

presunçosos e cínicos. Agiam e ainda agem como se o mundo girasse em torno deles. Seus desejos eram uma ordem, e não conheciam limites; eu via o pessoal da AMB correr e se desdobrar para conseguir atendê-los, para cumprir as ordens dos três executivos cuzões. E dos três, Enzo era o pior, era o chefe, o líder da alcateia; e ainda é.

Fiquei sabendo depois, por Jackson, que os três armaram contra as mulheres, hoje esposas, na maior cara de pau. Enzo fez um truque asqueroso, levando Malu para um sítio onde fingiu estarem perdidos. Isso triplicou meu ódio.

Enquanto eu corria doido, preocupado, eles transavam no local porque Enzo conseguiu encurralar Malu em um planinho machista. Aquela tola sempre foi fraca quando o assunto era Enzo. Eu via Malu de dentes trincados, prometendo acabar com a raça dele, mas quando chegava o momento, ele sempre virava o jogo e a tinha fácil em seu poder.

Davi enganou uma das gêmeas até o último momento. Ele queria o filho de volta e passou por cima de tudo que estava em seu caminho; no fim ele conseguiu colocar uma corja

de bandidos na cadeia e se tornou o herói. A outra tola, Rebeca, deve ter quase gozado de emoção.

Também tem o imaturo Maximiliano que, paralelamente com Enzo, enganou Julia, amiga de Malu. Não sei muito sobre o que ele fez enganando-a. Mas fiquei de boca aberta quando Jackson me contou que Matheus disse a ele que Max engravidou Julia seguindo um plano indecente de Davi. Sim, isso mesmo. O pilantra fez um truque para conseguir engravidar a mulher sem que ela soubesse e assim manter uma ligação duradoura com ela.

Davi, com aquela cara de santo, não passa de um trambiqueiro maquiavélico, ele armou para Enzo tirar Malu de mim. No fim, os três não passam de indecentes inescrupulosos.

Agora, cinco anos depois, minha raiva de Enzo atingiu proporções incalculáveis. Seis meses se passaram, seis meses de que tudo aconteceu e da última vez que o vi. Eu quis bater muito nele, eu quis vê-lo sofrer de algum modo, feri-lo. Mas a culpa que eu vi nos olhos dele no dia do velório foi o suficiente, a dor que ele demonstrava estar sentindo lavou minha alma e tenho certeza que a

paz dele não vai durar muito.

Alguns dias atrás eu o flagrei sem querer. Estava parado em um semáforo e o vi saindo de um restaurante com a tal babá. Soube por Jackson que Enzo teve um envolvimento com a babá e por isso brigou com Malu. Pouca gente sabe disso. Segundo Jackson, Camila e Jonas nem sonham sobre uma possível traição.

E por pura coincidência eu os vi juntos. Eles se beijaram e ela entrou em um táxi. Passei a seguir Enzo quando ele saía do trabalho e lá estavam os dois juntos. Se beijando, entrando no carro juntos, saindo de restaurantes e eles sempre escolhiam os mais discretos. Ele não esperou nem um ano para colocar outra no lugar de Malu. O mesmo cara que estava se acabando em cima do caixão da esposa. Quem viu aquela cena achou que ele cometeria suicídio, que entraria em depressão, mas o desgraçado não esperou nem mesmo sete meses para começar a farrear. Eu não fiquei furioso, a vida é dele e ele faz o que quiser, sem falar que há algo que vai deixá-lo de joelhos. E eu vou adorar dar esse golpe de misericórdia nele.

Alguns dias após eu ter certeza que eles

PERIGOSAS NACIONAIS

tinham um caso, acabei descobrindo algo que quase me derrubou. Ainda estou perplexo em como eu soube segurar firme e não pirar.

Era sábado à noite, estava em Niterói, pois tinha um cliente lá e tínhamos uma audiência na segunda-feira. Estava andando pelas ruas sem rumo. Já morei dois anos por lá e conheço um pouco a cidade. Entrei em uma rua e apenas andei, passando o tempo na noite quente.

Entreí em um bar que era chamativo, e estava visivelmente movimentado. Não era um bar qualquer, era uma boate bem organizada. Palácio Escarlata, o letreiro bonito atraía clientes.

Na porta havia dois seguranças. Pediram meu convite e eu disse que não tinha. Um dos caras perguntou o que eu fazia, eu disse que era advogado e ele só me deixou passar quando eu exibi minha carteirinha da OAB. Sem falar que fui revistado para ver se não tinha nenhuma arma.

O lugar era imenso, as paredes em tom carmim, com lustres de cristal em forma de cachos de uva e um impecável e enorme bar com banquetas de estofados vermelhos e três *barmen* agitando garrafas e coqueteleiras.

PERIGOSAS ACHERON

Havia mesas redondas cobertas por toalhas brancas, espalhadas pelo salão; as cadeiras de cada mesa todas de frente para o grande palco onde uma mulher negra, vestida com algo em tom de lilás, cantava uma música lenta. A voz rouca e agradável tomava o ambiente.

Havia bastante gente no local. Todas de um nível social indubitavelmente elevado. Fiquei parado na entrada observando o movimento, decidindo se entrava ou não. Estava com a boca seca e resolvi pedir uma cerveja. Me sentei em uma mesa afastada e uma loira veio me atender. Percebi que garçons e garçonetes eram bem apresentáveis. Todos de uniformes idênticos. Elas de saia curta preta, bota que ia quase ao joelho e camisa branca de botão. Os homens de camisa branca e calça preta. Tudo muito luxuoso, parecendo cenário de um filme.

— Boa noite. Sinta-se em casa. Se quiser chegar mais à frente para assistir ao show, pode ficar à vontade. — Olhei para a mulher ainda cantando e me volvei para ela.

— Estou bem aqui. Só quero escutar.

Ela assente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um chope, por favor. — Eu pedi, ela anotou e saiu.

Olhei em volta, um homem tirou o terno na entrada e uma atendente recebeu. Ele seguiu outros quatro homens bem vestidos e se acomodaram em uma mesa. Um deles falou alguma coisa, exibiu a aliança e todos os outros riram. Do outro lado um grupo de belas garotas, esbanjando sensualidade e luxo, fez um brinde com taças de Martini. No bar, rapazes bem vestidos riam enquanto entornavam garrafinhas de Heineken e eram observados por três jovens que acabaram de se acomodar também no bar.

Meu chope chegou, bebi e pedi outro. O tempo se arrastava, mais pessoas iam chegando. Só gente bem vestida. Homens de roupa social e mulheres de vestidos colados e com o corpo cheio de joias. Entrou um grupo de rapazes bem vestidos, escolheram uma mesa e notei que eram um grupo gay.

Continuei bebendo e me dei conta de que nem estava mais me lembrando de meus problemas. Pensei em comprar mais flores para levar amanhã para Malu. Ocasionalmente faço isso. Há sempre

PERIGOSAS ACHERON

outras flores no túmulo, sei que Julia sempre vai, pois encontrei com ela certa vez. Também tem Camila e Mariza. Me pergunto se o desgraçado do marido tem ao menos a dignidade de mandar alguém comprar flores e mandar para o túmulo.

Quando eu vou, apenas coloco as flores e fico lá de pé por um longo tempo. Não digo nada, não há o que falar. Porque ficamos sem nos ver, sem intimidade durante cinco anos. E quando eu voltei, Malu estava passando por momentos difíceis. Estava com problemas no útero e começamos a conversar, nos encontrávamos sempre quando ela ia buscar as crianças na escola. Ela desabafava, eu apenas a ouvia. Certo dia Enzo nos flagrou e armou o maior espetáculo. Bem a cara dele.

Não nos encontramos mais porque Maria Luiza fazia tudo para agrada-lo.

Terminei meu terceiro chope e me preparei para ir embora, quando alguém entrou e eu estremeci quando a vi. Ela não olhava ao redor, apenas entrou de cabeça erguida, escoltada por dois homens altos, de terno.

Estava diferente, mas eu a reconheceria

PERIGOSAS ACHERON

em qualquer lugar. Os cabelos vermelhos estavam mais curtos e ela usava brincos longos e provavelmente caros. Vestia uma roupa preta, saltos e um casaco longo por cima. Ela conversava com um homem na porta, que usava um fone no ouvido. Eu me levantei de olhos fixos nela.

Clarisse. Mãe de Malu.

Ela caminhou escoltada, eu comecei a andar rápido passando entre as mesas e as pessoas, mas ela andava bem rápido e sumiu em uma porta. Um dos homens que a escoltavam ficou na porta e o outro entrou com ela.

Fiquei parado no meio do salão olhando para a porta por onde ela entrou. Nem sei por que eu me levantei, o que eu iria falar?

“Oi, Clarisse. Lembra de mim? Que bom te rever.” — Abanei a cabeça descartando essa hipótese e me preparei para voltar ao meu lugar para pedir a conta, quando as luzes se apagaram e luzes vermelhas começaram a piscar. Isso aconteceu quando o homem com o fone de ouvido fez um sinal para alguém que não vi. O povo aplaudia, grita e assoviava. Uma voz vinda do nada disse:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhoras e senhores. Mais uma vez nossos garçons vão servir vocês. Quartos individuais só depois do show, qualquer tipo de negociação fica a critério de cada um.

Droga! Era um bar de *strippers*. Andei rápido para sair, mas dois homens me pararam.

— Senhor, não pode deixar o ambiente agora.

— Sinto muito, mas tenho que ir.

— Não é possível, senhor, as portas se travam automaticamente quando o show começa.

Praguejei em um arfar e me voltei para o salão. O povo alvoroçado, uns já se levantando das mesas.

E a música começou. Era dançante. Os garçons arrancavam as roupas e eram ovacionados. As pessoas que se levantaram ficaram de pé ao redor do grande palco onde os garçons subiram. Os homens seminus dançavam sob as luzes vermelhas piscantes. As mulheres na plateia iam à loucura, os caras desceram, foram às mesas dançando e recebendo dinheiro nas cuecas. Eu, recostado no bar, apenas assisti entediado.

PERIGOSAS ACHERON

Depois uma voz feminina cantou e as garçonetes subiram lateralmente no palco. Uma morena cantou uma música de Rihanna. Os homens seminus se reuniram e ficaram apenas parados em cima do placo, enquanto elas seguiam dançando com a morena que cantava.

Elas arrancaram as roupas de garçoneiro e os homens na plateia foram ao delírio. Todas com uma espécie de maiô preto decotado e botas pretas. Elas dançavam, elaborando passos sensuais e sincronizados no meio do palco. Nas laterais os homens ainda estavam parados.

Estava hipnotizado pelo show. Não conseguia nem piscar. Dei um passo à frente, estava bem atrás, com muita gente na frente, várias mesas com homens acomodados, alguns deles gritando e balançando cédulas de 100 reais e até dólares no ar. Caminhei furando entre a multidão que batia palmas e gritava; a morena estava cantando novamente e três garotas dançavam perfeitamente no pole dance, fazendo acrobacias perfeitas, de deixar qualquer marmanjo de pau duro. E eu cheguei bem ao pé do palco. Com o pescoço levantado, sem pau duro, apenas vidrado,

totalmente inerte, sem batimentos e respiração.

Havia seis garotas e seis homens no palco, mas meus olhos se fixaram apenas em uma, de olhos verdes e cabelos vermelhos. Senti minhas pernas fraquejarem e meus lábios esboçarem automaticamente em um sussurro:

— Malu!

|08|

JORGE

Fiquei pasmo por um momento até me dar conta que, de algum modo surreal, estava mesmo acontecendo. Eu não pensei em hipóteses, segredos ou como tudo pode ter acontecido, eu apenas comecei a agir. Saí rápido de perto do palco, voltei pelo meio do povo e cheguei perto do cara que tinha anunciado a apresentação.

— Quero a ruiva.

— Sinto muito, senhor, ela é a única que não vai aos quartos individuais.

— Como assim? Ela não é uma *stripper*?

— Ela é muito mais que uma simples *stripper*. O senhor pode escolher uma das vinte meninas do nosso catálogo.

Olhei de volta para o palco, a

apresentação estava acabando. Os homens desciam do palco e iam às mesas das pessoas que os solicitavam. Outros, que não dançavam, apareceram também se encaminhando às mesas.

As clientes levantaram e começaram a entrar em uma porta lateral com os vários homens seminus. Depois foi a vez das mulheres. O show no palco havia acabado, agradeceram as palmas e desceram do palco indo em direção aos clientes, outras vieram de uma porta e foram também atender. Meu foco estava apenas na ruiva que voltou por uma porta atrás do palco.

Tentei não perde-la de vista, mas as pessoas no salão tampavam minha visão e acabei sem rumo. Todavia, eu não podia simplesmente virar as costas e sair de lá. Muito irritado, corri em direção à porta por onde Clarisse entrou; tentei passar, mas o segurança me deteve. Na verdade, essa era minha intenção. E após conseguir atenção deles, comecei a gritar bem alto:

— Clarisse! Clarisse! Sei que está aí. Apareça! Eu te vi! — O homem usou força para me arrastar, , outro veio correndo e eu reagi dando um soco nele. Consegui me livrar, entretanto, também

PERIGOSAS NACIONAIS

recebi um soco antes de me segurarem. Sem parar de gritar chamando por Clarisse, iniciei uma luta, dei mais um soco em um, corri para a porta novamente e gritei mais, bem mais alto. Até ela aparecer. Quando ela me viu e me reconheceu, arregalou os olhos, ficou pálida e boquiaberta.

— Converse comigo ou conto pra todo mundo. — Eu joguei a isca e ela pegou. Vi os olhos brilhando com algo parecendo medo quando veio rápido em minha direção.

— Deixe-o! — Gritou para os seguranças. — Tragam-no até aqui.

Os dois homens me seguraram firme, me arrastaram por um corredor e entramos em uma sala ampla. Havia sofás grandes, cortinas de pano e tapete felpudo. Clarisse estava a ponto de surtar, tremendo de raiva, andando de um lado para o outro. Os homens me jogaram com toda força, caí em um dos sofás e Clarisse fez um sinal para os homens, que saíram fechando a porta atrás de si.

— Porra, Jorge! — Gritou com ódio palpável e chutou uma cadeira. Ficou de costas com a mão nos olhos obviamente, tentando se recompor.

PERIGOSAS ACHERON

— O que está acontecendo, Clarisse? Que porra é essa?

— De todos os bares, você tinha que entrar justo nesse? — Ela gritou quando se virou para mim.

— Nunca se deu conta de que isso um dia poderia ocorrer? O que está acontecendo? — Me levantei e a encarei de frente

— O que quer?

— Explicações. O que eu vi ali? É real?

Eu estava lá parado, tentando não surtar. Sou um homem adulto, porra, tinha que tentar encarar isso com racionalidade, mas no fundo estava fora de mim, quase pirado com o que acabei de presenciar.

— Eu acho melhor você dar meia-volta e se mandar daqui, antes que eu mande alguém te dar uma surra. — Ela ameaçou em um resmungo medonho.

— Você quer mesmo isso? — indaguei mostrando que não tinha medo das ameaças dela, meu intento em descobrir o que acontecia, era maior que medo. — E me fazer voltar aqui com PERIGOSAS ACHERON

Jonas e Enzo? Eles podem não ser tão compassivos como eu.

Mantive minha pose de pé com mãos na cintura encarando-a, pressionando na verdade. Duelamos com olhares, não desviei um segundo, prendendo-a, mantendo-a contra a parede.

— O que está acontecendo com Malu? O que aconteceu com ela?

Ela cedeu aparentemente e não era mais a durona dona de boate que eu vi entrar. Por um instante ela perdeu a pose e sentou no sofá. Passou as mãos no rosto, sobe e alisa os cabelos com as palmas das mãos. Eu me acomodei no outro sofá.

— Ninguém pode saber, Jorge. Muito menos Enzo.

— Ele não está na lista de pessoas que eu desejaria contar — Tranquilei-a — Mas Malu tem pai e filhos. O que aconteceu?

— Isso tudo aqui não passa de uma fortaleza para protegê-la. Por isso não aceitamos qualquer um, por isso temos que garantir que só pessoas de classe entrem aqui e mesmo assim precisam ser revistados. Eu estou fazendo isso tudo

para manter minha filha a salvo. — Clarisse argumentou, quase clamando, de sobrancelhas baixas e testa franzida, mostrando medo.

— Como assim? Não estou entendendo. Malu morreu naquele acidente. Ela foi velada, choramos a morte dela, as crianças estão destruídas. Eu preciso saber como agora ela está aqui em Niterói, viva, dançando.

— Eu sei. — Se mostrando sofrida, colocou a mão no peito. — Mas de algum modo ela não morreu naquele dia. Ainda não sei o que houve e quem foi enterrada no lugar dela...

— Como assim, Clarisse?

— Tentaram matar Malu quando ela estava em coma, como indigente no hospital.

— Em coma? — repeti sem conseguir acompanhar o raciocínio. Pensei um pouco sem encontrar uma linha plausível nessa história. — Mas como assim em coma? Se ela não estava no local do acidente quando o socorro chegou, ela deve ter saído de lá andando ou alguém a resgatou antes do carro pegar fogo.

— Sim, pelo que parece, segundo o que

disse o médico que a atendeu, ela chegou consciente, mas com perda total de memória no hospital. Eu não sei como ela se safou do acidente. Mas ela estava acordada e não falava coisa com coisa, tudo sem nexos.

— Amnésia — refleti. — Eu supus isso mesmo. Malu só ficaria longe dos filhos se não se lembrasse deles, ou estivesse mesmo morta. Encontrou com os médicos que cuidaram dela? — questionei incrédulo.

— Acredita em acaso, Jorge? Em coincidência ou obra do destino?

— Sim, acredito. Afinal foi o acaso que me colocou aqui essa noite.

— Eu estava no hospital acompanhando uma das minhas meninas com intoxicação alimentar e então eu vi Malu chegar, sendo socorrida, e a reconheci. Foi Deus que me fez estar aquele dia no hospital. Depois que ela se recuperou, eu a trouxe para cá.

Olhei para ela ainda curioso.

— Por que a trouxe pra cá? Escondeu de todos? Jonas e Enzo são ricos e poderiam ajudá-la,

ela teria o melhor tratamento e nós não tínhamos sofrido tanto.

— Não é tão simples, Jorge.

— É simples sim, droga! — Gritei muito puto de raiva. — Malu sabe o que você aprontou anos atrás? Você não é a mãe perfeita.

— Isso não tem a ver comigo. — Ela escondeu os olhos, quase envergonhada.

— Mas tem a ver com muita gente, Clarisse. Eu odeio o marido dela, mas os filhos dela, o pai, os amigos, a irmã, não têm culpa, eles precisam desse conforto.

— Há uma pessoa que sabe que Malu está viva e a quis matar! — Ela gritou, me parando. — Por isso eu tive que escondê-la.

— Matar? Quem faria isso?

— Eu não a conheço, era uma auxiliar de enfermagem que propôs a um enfermeiro para aplicar álcool na veia de Malu. Isso porque ele tinha acesso à UTI e ela não. Ela ofereceu dez mil ao enfermeiro, mas só pagaria quando a mulher estivesse morta.

— E então...

— Parece que a humanidade dele falou mais alto e ele me contou, afinal me via ali, plantada dia e noite, velando pela minha filha. Ele só queria manter o emprego dele.

— E aí? O que você fez? — perguntei na expectativa, como se estivesse assistindo a um filme.

— Sim, Jorge, eu não sou a mãe perfeita, mas sou mãe dela. Me apresentei como mãe para a direção do hospital, mostrei provas e pedi transferência para um hospital de São Paulo, alegando que eu morava lá. Eles aceitaram e fiz um acordo para o enfermeiro dizer à mandante que ele havia matado a paciente. Ela foi depressa constatar e fiquei sabendo que ficou radiante quando não viu Malu na UTI e achou que tinha mesmo morrido.

— Quem é essa mulher?

— Não sei. E não sei por que ela quis matar Malu. Não sei nada do que ficou pra trás no Rio. Eu levei minha filha para São Paulo e ela ficou em coma ainda, se recuperando da cirurgia por quase um mês. Quando acordou, não se lembrava

de nada.

— Poxa... nada mesmo?

— As lembranças estão voltando aos poucos. Mas eu não contei nada, ela fica nervosa, querendo saber mais coisas, entretanto eu evito contar para ela não ir atrás do que ficou no Rio. Tenho medo do que possam fazer, não sei quem quer fazer mal a ela e por quê. Tenho medo do marido estar envolvido.

— Não está. — Eu digo bruscamente. — Aquele imbecil pode ser tudo, mas ele jamais faria uma coisa dessas. Pode ter certeza.

— Então quem? — Nervosa, ela bateu as mãos nas pernas. — Eu não posso confiar, eu preciso mantê-la aqui comigo protegida. Até ela se lembrar completamente.

— Como você conseguiu esse lugar?

— Esse lugar é do meu atual marido. Ele toma conta de outras boates em outras cidades e me deu essa para eu administrar.

— Por que faz Malu dançar com as outras? Você está expondo-a, alguém pode reconhecê-la como eu reconheci.

Clarisse dá um sorriso modesto.

— Não tem jeito. Eu já tentei de tudo, mas Malu ama dançar. Você sabe como ela era louca por dança, queria fazer balé, queria ser bailarina profissional, eu consegui fazê-la desistir de ser garçonete, mas não de ser dançarina.

— Preciso falar com ela — falei acalorado me levantando

— Não. — Clarisse negou com veemência e também ficou de pé. — De jeito nenhum.

— Por quê?

— Porque ela não sabe nada do passado, eu não posso permitir que...

— Clarisse, não acha que ela precisa ter alguma coisa para se segurar? Ela pode enlouquecer, ficar confusa, você não fazia parte da vida dela, não tem as mesmas respostas que eu e Enzo temos, e como ele não saberá sobre isso, tem que confiar em mim.

— Jorge...

— Por favor, me deixe vê-la — implorei fazendo voz e cara de aflição. — Eu chorei a morte

dela, ainda estava arrasado até ter entrado aqui, precisa me deixar vê-la.

— Jorge, é sério, Malu já escapou da morte duas vezes, eu não...

— Quero vê-la, Clarisse — insisti em um tom de voz mais alto. — Eu não represento perigo. Sem falar que eu posso me encontrar sempre com ela e ser a ponte que ela precisa para o passado, para que ela volte a se lembrar. Eu prometo ir com cuidado.

Após ser convencida, ela assentiu, inalou e exalou profundamente. Levantou, foi até a porta, conversou com um homem e saiu os dois. Eu fiquei sozinho na sala, de pé, bem tenso, o coração batendo acelerado, senti meu peito arder de expectativa. Aquilo era surreal, Malu viva?

Malu... estava viva. Fiquei pensando o que todo mundo faria, pensando na cara de Enzo se soubesse. Eu queria ver a cara dele se soubesse. Mas ele não merece. Mesmo que as crianças estejam sofrendo, ele não merece saber. Pensei também em Jonas, como está acabado, em Camila e nas amigas de Malu. Julia e Dani parece que nunca vão superar. Seria mais que um presente para todos.

Naquele instante ouvi a porta se abrir, dei uma respirada longa e me virei quando Clarisse entrou na sala com Malu ao seu lado.

Sim, era ela! Meu Deus! E estava maravilhosamente bem. Estava muito bem. Linda como sempre, os cabelos vermelhos compridos, sem maquiagem e vestindo jeans e uma blusa curta. Ela ficou parada olhando para mim. Não falei nada, tinha esperanças que ela se lembrasse do meu rosto, mas nada aconteceu. Malu olha interrogativamente para Clarisse.

— Quem é ele? Alguém que eu conheça?

— Oi, Malu — Falei tentando manter a calma e não assustá-la. Caminhei rápido até ela e a abracei bem apertado. — Você está aqui, meu Deus! É real... — Ela continuou inerte, sem devolver meu abraço; me afastei e a encarei. — Sou Jorge. — Olhei para Clarisse e falei em seguida: — Seu namorado.

Clarisse não me corrigiu e eu respirei aliviado. Por que eu disse isso? Porque estava cavando minha segunda chance. Eu a reencontrei e não Enzo. O destino estava do lado de quem? Eu farei Malu me ver como homem sem aquele merda

PERIGOSAS ACHERON

por perto para intrometer.

Malu arregalou os olhos, ficou olhando fixamente para mim. Depois fechou os olhos, massageou as pálpebras e balança a cabeça.

— Jorge...? Eu não lembro, desculpa. Eu tenho tido vários flashes ultimamente, mas nada com você.

— Tudo bem. Eu entendo. Sua mãe me contou tudo. Estarei aqui agora para te ajudar.

Ela cruzou os braços, mordeu os lábios e olhou para Clarisse.

— Não é alguém que você contratou apenas para me acalmar, não é?

— Não, filha. Claro que não.

— Então prove. — Malu falou de repente se virando para mim. — Responda minhas perguntas e saberei se é ou não alguém que me conhece.

— Filha... — Clarisse começa a advertir.

— Mãe, eu posso ficar a sós com ele? Já que é meu namorado, eu quero conversar sozinha.

A angustia de Clarisse era palpável, mas eu
PERIGOSAS ACHERON

fiz um gesto para ela, pedindo que confiasse em mim.

— Tudo bem. — Ela concordou. — Qualquer coisa estarei aqui na outra sala. — Clarisse falou, deu uma olhada de aviso para mim e saiu.

Eu fiquei querendo abraçar Malu de novo, gritar e dizer como estava feliz, mas apenas me senti quando ela se sentou no sofá.

— Jorge. — Ela pronunciou meu nome como se testasse. — O que você faz, Jorge?

— Sou advogado. Isso já é uma das perguntas?

— Sim. Como chegou até aqui? Como me encontrou?

— Por acaso. — Dei de ombros. — Entrei e a vi dançando.

Malu balançou a cabeça anuindo.

— Então, como está sendo? Não se lembra mesmo? De nada?

— Está voltando aos poucos, ainda é confuso, não sei discernir. — A insegurança dela se

tornou visível, mexeu nos cabelos e me fitou em alerta. — O médico disse que é questão de semanas eu relembrar tudo. No início ele achou que seria uma amnésia crônica, mas assim que comecei a me lembrar de nomes, lugares e cenas, ele me deu esperanças.

— Lembrou-se de nomes? — A tensão me abraçou.

Ela balançou a cabeça que sim. Respirou pausadamente e disse:

— Entretanto não consigo ligar o nome a ninguém. Minha mãe ainda não me esclareceu nada e quero que você faça isso, já que diz ser meu namorado.

— O que você tem lembrado? De cenas?

— Não sei bem... — Os olhos de Malu param no nada. — Um grito bem ao meu lado, em seguida faróis altos na minha frente. Me lembro também de meus pés sangrando, era noite, eu estava descalça e andava sem rumo. Isso sempre me vem como sonho.

— O que mais?

Em uma mudança brusca, começou a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorrir.

— Risos de crianças. Foi minha primeira lembrança. Sempre vejo relance de crianças correndo, há uma de cabelos vermelhos, mas as crianças têm rostos desfocados. Entre outras coisas confusas que não consigo discernir.

— Eu posso te ajudar, Malu. Eu posso...

— Eu quero que responda minhas perguntas. Isso está me matando. — Implorou demonstrando o grau de aflição,

— Tudo bem, pode dizer.

Ela se prepara, esfrega as mãos no jeans e morde os lábios.

— Quem são Anna e Johnny? Por que esses nomes não saem da minha cabeça? São meus filhos?

— Filhos...? Por que acha que tem filhos?

— Jorge, eu posso ter perdido a memória, mas não fiquei burra. Tenho uma cicatriz, perguntei ao médico e ele disse que eu tive o útero extraído, mas posso ter feito uma cesárea. Eu tenho um filho em algum lugar. Por acaso seriam Anna e Johnny?

PERIGOSAS ACHERON

Sem poder negar, balancei a cabeça.

— Sim. São seus filhos. Eles estão bem.

Ela ficou deslumbrada. A mão tampando a boca, me olhando de olhos fixos, sem piscar, meio saltados. Depois os lábios se curvaram e ela começa a sorrir.

— Meu Deus! Eles são nossos filhos? Ou são filhos de... — Ela para, fica me olhando, noto que engoliu seco.

— O que foi?

— Eu sou casada, não é?

— Você é minha namorada e não, eu não sou pai dos seus filhos.

— Então são filhos de... Enzo?

Meus olhos saltaram. Até senti um calafrio e meus nervos se manifestam ao ouvir esse nome.

— Enzo? Não sei quem é Enzo. — Fiz uma cara de indiferença. — Esse nome lhe veio à mente?

— Rapaz, eu já disse que não sou burra. Eu não lembrei do nome Enzo, mas acordei com PERIGOSAS ACHERON

isso aqui. — Ela puxa uma correntinha de dentro da blusa e me mostra uma aliança presa como pingente.

— “Eternamente de Enzo”. — Ela lê e impõe em seguida: — Esclareça isso, Jorge. Ele é meu marido, mas estou com você? E meus filhos? Estão com ele?

Merda! Isso tinha que acontecer? Suspirei interiormente, me vendo sem chances de mentir. Tinha que abrir o jogo. Mas talvez eu possa dar uma maquiada para manter aquele sujeitinho afastado.

— Sim, Malu. Seus filhos estão com ele. Vocês estavam brigados, morando separados, nem se falavam mais, estavam em processo de divórcio quando o acidente aconteceu.

Ela ficou aparentemente abalada. Seu olhar entristeceu pousado fixamente na aliança. É como se tivesse quebrado os sonhos dela.

— Olho essa aliança toda noite, tentando me lembrar. Vi fagulhas de lembranças. Vi uma mão masculina a colocando em meu dedo, vi um casamento que era o meu, mesmo não me

PERIGOSAS NACIONAIS

lembrando de muita coisa, tive certeza disso... e agora... não é nada? — Ela termina de falar como se para si própria e guarda a aliança de novo dentro da blusa. — Eu estava me separando e namorando com outro cara? Então por que ainda usava a aliança?

— Bom...

Fiquei sem fala, acuado. Ela semicerrou os olhos.

— Você está tentando me enganar, Jorge. — Se levantou bruscamente. — Por que está tentando distorcer tudo? O que de verdade aconteceu?

— Você morreu para todo mundo, Malu... depois do acidente. — Eu digo e ela ergue os ombros.

— Eu meio que já imaginava algo assim. Então... eu fui dada como morta?

— Sim.

Ela se virou de costas, ficou pensativa, e quando se voltou-se para mim, estava serena, o olhar pacato, mas investigador.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu preciso te mostrar uma coisa. Espere um minuto. — Malu pediu e saiu rápido por uma porta. Demorou alguns minutos e voltou com uma pasta preta daquelas com divisórias plásticas.

Sentou ao meu lado.

— Quero que me responda com honestidade. — Ela tira um desenho e me mostra. Depois vai tirando vários outros desenhos e me entregando.

— Eu não sou boa com desenho, mas acho que consegui expressar. — Ela me dá um desenho bem nítido, como um autorretrato, bem desenhado e pintado.

— Se eu estou brigada com meu marido, namorando você, quem é esse homem que não sai dos meus pensamentos? — Olho para ela e Malu gesticula afobada. — Eu sonho com esse rosto, e os sonhos estão ficando cada vez mais frequentes... e toda vez que tento me lembrar... que sonho ou que passo tempo desenhando-o... eu sinto algo tão bom...

Abismado, eu olho os vários desenhos que ela fez. Alguns, meio amadores, outros mais

PERIGOSAS NACIONAIS

nítidos. Entretanto todos têm um único rosto e ele é visível. Enzo.

Putá merda. Malu se esqueceu de tudo.
Menos do filho da puta.

PERIGOSAS ACHERON

|09|

ENZO

— O que está acontecendo, amor? Está estranho hoje. — Malu fala e eu me viro, olhando para ela sentada ao meu lado na cama.

— Estou com saudades, Malu — sussurro.

— Você precisa seguir em frente, Enzo, precisa viver. — Ela diz e toca minha mão. Eu olho para baixo e entrelaço meus dedos nos dela. — Precisa viver pelas crianças.

— É o que estou fazendo, mas a cada dia parece se tornar mais difícil. — Ela não responde e eu engato outra pergunta: — O que acha do meu breve relacionamento com Emily?

— Você acharia certo um possível

PERIGOSAS NACIONAIS

relacionamento meu com Jorge? — Ela retruca depressa, me dando uma pergunta como resposta. Fui pego de surpresa. Ergo os ombros pensando sobre isso. Meus dedos continuam acariciando os dela.

— Lógico que não. Eu mataria o desgraçado.

— Então, você mesmo deu a resposta para sua pergunta.

Sorrio apenas com o canto da boca para ela. Ela me devolve um sorriso igual. Puxo a mão delicada e beijo-lhe os dedos.

— Você está com a aliança. — Observo.

— Eu sempre estive com ela, Enzo. — Ela diz, levanta a mão e acaricia meu rosto. Fecho os olhos sentindo os dedos leves passando pelo meu queixo, maxilar e subindo para meus cabelos. Sinto que ela se aproxima e ouço o sussurro quente no meu ouvido:

— Viva, Enzo, apenas viva. — E quando abri os olhos Malu tinha sumido e eu me sentei na cama, acordando do sonho no quarto ainda meio escuro.

PERIGOSAS ACHERON

Passo as mãos no rosto, olho de lado e vejo que são seis e vinte da manhã. Caio de novo contra os travesseiros, inflamado de tristeza. Odeio sonhar com Malu. Porque sempre é esse mal-estar quando acordo. Tudo me vem novamente como um baque e tenho vontade de chorar tudo de novo. É uma sensação horrível de perda.

Sem conseguir ficar na cama, me levanto, arranco a calça do pijama e, de cueca, vou para o banheiro.

Acho melhor ir trabalhar mais cedo para tentar me distrair.

Penso nas crianças. Cada vez que a tristeza me assola eu me distancio deles. Eu não quero passar fraqueza para os dois, mostrar que estou devastado; eu sou o que eles precisam para se agarrar e ver que, apesar de tudo estar diferente, as coisas vão ficar bem.

Eu sei que tinha que ficar mais tempo com eles, mas não dá. Volta e meia eles perguntam sobre a mãe e isso, como pai, me deixa sem chão; porque eu não tenho o que responder a eles, não posso dar nenhuma garantia e nem acabar com o sofrimento deles. Johnny já esqueceu um pouco

PERIGOSAS ACHERON

mais, entretanto Geovanna ainda mantém a fé inabalável que Malu vai voltar.

Em frente ao espelho do banheiro, me olho e ouço as palavras como se fossem ditas agora: “Viva Enzo, apenas viva”.

Isso pode ser apenas um sonho normal e não um aviso. Não vou sair por aí colocando anúncio de “Procura-se namorada”. Primeiro que não preciso disso, basta eu estalar os dedos e terei mulheres à minha escolha; e segundo que não estou tão desesperado. Ter transado com Emily me aliviou e agora fico me perguntando se perdi meu tesão ou é só uma fase, ou foi só com ela?

Enquanto tomo banho, me lembro dela. Já faz mais ou menos uma semana que não vejo Emily. Pensando em tudo que aconteceu, eu pondero que pode ter sido um erro o meu envolvimento com ela, mas tenho que concordar que ela tinha as melhores coisas para me falar e sempre me deixava bem. Sinto falta de alguém para apenas ficar me escutando enquanto desabafo. Há coisas que simplesmente não se conta para a mãe, e Emily era esse ombro que eu podia me encostar e em seguida receber um bom conselho; pena que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

não queria me dar apenas conselho. Confundi as coisas. Por isso, desde que Malu se foi, eu e as crianças fazemos acompanhamento com terapeutas.

Conversei ontem com meu terapeuta e ele não achou problema em ter transado com Emily. Ele sabe sobre o flagra de Malu, mas acha errado eu me culpar e não querer me relacionar mais por causa da fatalidade. Segundo ele, eu preciso nesse momento fazer algo que me traga tranquilidade, nada forçado, e ele me aconselhou assim: se eu achar que Emily de alguma forma é culpada, então um relacionamento com ela irá me causar desconforto e não o contrário. Decidi acatar os conselhos dele, ainda mais agora que eu sei que Emily é pirada.

Há uma cliente da AMB que herdou a empresa do pai e eu a estou ajudando a manter as coisas nos trilhos. Ela é bonita, elegante e solteira. Fico pensando no sonho que Malu me mandou viver. Eu poderia chamar Cléo para sair.

Termino o banho e vou me vestir. Minha rotina vai começar. A parte da manhã é a mais corrida, depois fica calmo até o fim do dia, quando volto para a casa com as crianças.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo está ficando cada vez mais difícil, está sendo trabalhoso para eu cuidar deles e mesmo assim não abro mão do meu momento com eles, mesmo cansado ou cheio de serviço da empresa. Os dois precisam muito de mim nesse momento, principalmente Geovanna que, aos cinco anos, sente uma falta tremenda da mãe.

A psicóloga dela conversou comigo e disse que deixasse Anna passar mais tempo com figuras femininas, para que de algum modo ela comece a substituir a falta que Malu lhe faz. Tem minha mãe, ela fica a parte do dia com as crianças. Coloquei Johnny em uma escolinha de ensino fundamental na parte da manhã para mamãe ter descanso pelo menos nesse período.

Também tem Julia, mas notei que Anna voltou meio triste e emburrada da casa de Max ontem, quando ficou o dia todo lá. Não quis me contar o que aconteceu e eu liguei para Max e ele disse que aparentemente estava tudo bem.

Agora na cozinha, preciso fazer café, preparar o leite dos dois, ajudá-los a se vestir para sair às sete comigo. Coloco a água na cafeteira e o leite no micro-ondas. Ligo a sanduicheira e saio

depressa.

— Oi, minha princesa. — Me sento na ponta da cama de Geovanna e tiro os cabelos do rosto dela. — Hora de acordar. — Ela se espreguiça, faz uma cara franzida e me olha com os olhinhos pequenos. Ela tem o sono leve e acorda depressa. — Sua roupa está ali, vista-se que eu vou arrumar seus cabelos. — Dou um beijo no alto da sua cabeça e saio do quarto dela. Entro no de Jonathan. Ele está estirado de um modo folgado e engraçado na cama.

— Quem é o garotão preguiçoso do papai? — Dou uma sacudida de leve na barriga dele. Nada. — Johnny. — Balanço o braço e ele se mexe. Vira de costas para mim. — Ei, pequeno. Hora de acordar. — Dou dois tapinhas no rosto dele e Johnny faz birra.

— Nada de birra, safado. Hora de acordar.

— Não quero! — Ele grita e bate as pernas no colchão.

Pego a roupa dele, trago para a cama e, com ele ainda deitado fingindo estar dormindo, começo a despi-lo e vestir o uniforme da escolinha

maternal. Faço isso tudo com ele todo mole e de olhos fechados. Quando termino, pego-o no colo e Johnny começa a fazer escândalo. Bate os braços e pernas, descontrolado.

— Jonathan! Não me faça perder a paciência — alerto-o após receber um tapa no olho. Ele me olha com cara de bravo, querendo me enfrentar.

— Feioso! — grita me xingando. Deixo-o no chão do banheiro, puxo o banquinho de plástico para perto da pia e, antes de sair, ordeno: — Faça xixi e escove os dentes.

Corro para a cozinha, o micro-ondas já está desligado, coloco pó de café na cafeteira e distribuo o leite em dois copos. Na sanduicheira coloco dois sanduíches com pão de forma, manteiga, presunto e muçarela e, enquanto esquento, preparo o café. Pego os potes de biscoitos que minha mãe sempre compra e os coloco no balcão. Anna não gosta de misto quente; diferente de mim e do guloso Johnny que aos três anos come quase como um filhote de mamute e não engorda.

Espero e nada dos dois chegarem na cozinha. Volto e vou ver Johnny, que está

PERIGOSAS ACHERON

brincando com a água no banheiro. Aproveito que ele está perto da pia, passo o pente nos cabelos dele e o levo para calçar os sapatos.

— Eu não gosto da escolinha, papai. — Ele reclama, emburrado.

— É só por enquanto — respondo amarrando os cadarços do tênis.

— Eu quero ficar com a vovó. — Ele bate os pés ainda fazendo birra. Tô pressentindo que esse será um futuro Enzo Brant da vida. Fico com vontade de rir. Um mini eu, como Malu dizia.

— A vovó tem coisas para fazer. À tarde você e Anna vão para lá. — Me levanto e faço ele se levantar da cama. Vou ao quarto de Geovanna, ela já está pronta. Me sento na cama para pentear os cabelos dela; ela vai me dizendo como tem que fazer.

Já peguei o costume. No início era mais difícil; mesmo assim, a única coisa que sei fazer é rabo-de-cavalo. Termino e ela olha no espelho. Não fica tão bom como quando minha mãe faz, mas dá pro gasto.

— Vá escovar os dentes e desça para

tomar café — falo com ela, busco Johnny no quarto e desço com ele; ele senta no banquinho, coloco o copo de leite à sua frente, divido o sanduíche e ele espera esfriar. Coloco café em uma caneca para mim.

Passam-se muitos minutos e nada de Geovanna. Droga. Ela sempre é a primeira a descer. Olho no relógio. Cadê essa menina?

— Cuidado aí, Johnny — aviso e saio para buscá-la. Chego na porta, mas não entro. Sem que ela me veja, fico observando ela na frente do espelho, olhando os cabelos. Depois ela senta na cama olhando para o nada com expressão de dúvida e, como se tomasse uma decisão, ela se ajoelha ao pé da cama, junta as mãozinhas e fecha os olhos.

— Papai do céu, eu tenho um segredo. Meu pai acha que eu acredito no Papai Noel, mas eu sei que é ele e a mamãe que colocam os presentes meu e de Johnny debaixo da árvore. Eu não vou pedir para o Papai Noel mandar a mamãe voltar para casa. Eu queria escrever uma carta para você poder entregar para ela, mas eu não sei escrever muito bem ainda, então fale com a mamãe que ela já foi anjo da guarda de muitas crianças e

agora ela precisa vir visitar eu e Johnny. — Eu estou entalado, acho que perdi as batidas cardíacas; ela faz uma pausa e continua: — A Liz foi ao salão com a tia Ju e elas ficaram lindas e compraram roupas e uma pulseira maravilhosa. E mamãe podia vir para ir também comigo, porque o papai e o Johnny têm cabelos curtos e eles não gostam muito de ir no salão. Tchau, papai do céu.

Saio rápido da porta e volto para a cozinha. Sinto uma dor muito intensa, vontade de gritar, de chutar os móveis, de ter algum modo de acabar com esse sofrimento. Me sinto impotente. Às vezes me dá vontade de contar para Geovanna que a mãe dela não vai mais voltar. Seria como arrancar a casca de uma ferida. Rápido, doloroso, mas depois cicatrizaria.

Ela chega à cozinha sem demonstrar qualquer tristeza. Isso porque ela acredita em algo, na volta da mãe, e essa ilusão não deixa espaço para a dor.

Mesmo sentindo cada batida dolorosa no peito, eu não deixo transparecer. Rio e converso com os dois, fazendo-os se sentirem em um dia normal. O quarto banquinho do balcão sempre

estará vazio, mas eu sou mais que obrigado a tentar preencher esse espaço com minha constante presença e atenção para com eles.

Depois do café, faço os dois escovarem os dentes, pego as mochilas e arrumo os dois no banco de trás do carro. Deixo cada um deles em suas respectivas escolas. Não dirijo para a empresa, mudo o caminho e vou para outro lugar. Passo em uma floricultura, compro flores e chego ao cemitério.

Desde que Malu morreu eu não vim mais ao cemitério. Simplesmente não dá. Eu não podia suportar olhar para um túmulo com o nome e a foto dela. Seria a comprovação definitiva de tudo. Queria ter a lembrança dela viva, ao meu lado, feliz ou triste, brigando ou trabalhando. Mas hoje cheguei ao limite, tive que vir.

Como eu não sei em que lugar ela está, pergunto para o cara da administração, que faz a busca e me dá a localização correta.

Por enquanto eu apenas ando, com o buquê nas mãos trêmulas e os olhos já encharcados. Eu não queria pensar para onde eu estava indo, eu só ando, limpo rápido os olhos, sigo um corredor

PERIGOSAS ACHERON

entre os túmulos, viro em outro e chego na ala que Malu...

Paro a poucos metros de distância. Já posso vê-lo. Grande, branco, de mármore, com muitas flores em cima. Engulo minha dor, o buquê baixo nas minhas mãos enquanto eu me aproximo mais e mais.

E pronto, ainda bem que não tem ninguém por perto. Eu já estou soluçando pelo choro compulsivo. Tudo caindo de uma vez na minha cabeça: o sonho com Malu, a oração secreta de Anna e agora a primeira vez que vejo o túmulo. Nem percebi como cheguei perto, só sei que estou de joelhos com a cabeça apoiada no mármore frio e meu choro é bem alto, o mais que eu consigo.

— Meu amor... estou com tantas saudades. Cada dia é pior que o outro. — Paro de falar porque o pranto me engasga, preciso suspirar e soluçar para voltar a falar: — Eu não estou tendo forças, Malu — balbucio de forma quase indecifrável. — Eu daria tudo para estar no seu lugar. Eu que teria que ter partido, eu deveria estar no maldito acidente. Você estaria bem, você saberia lidar com eles. — Limpo meu rosto molhado de

baba e lágrimas e continuo falando: — Não suporto vê-los sofrer, me dói tanto não poder aliviar o sofrimento da nossa filha. — Limpo as lágrimas, me ergo e olho a foto. Choro mais ao ver o sorriso radiante dela.

Maria Luiza era o sinônimo de vigor. Sempre radiante, espalhando alegria por onde passava. Eu me achava sortudo por tê-la para mim, e hoje, não a tenho mais ao meu lado.

Fico ali até me acalmar e depois me levanto, coloco com cuidado as flores junto às outras, pego um lenço no bolso do terno, limpo as lágrimas e guardo; dou uma última olhada e quando viro para sair, dou de cara com a última pessoa que eu esperava encontrar até meus últimos dias. Jorge.

Ele me olha e faz o que eu jamais esperaria. Sorri.

Sim, ele sorri e o sorriso vai aumentando, de lábios fechados; é um sorriso de ironia. Mordo as bochechas por dentro, caminho para passar dele. Não quero papo, não quero brigar, quero apenas sair logo daqui. Mas ele dá um passo de lado para

eu não sair.

— Hoje é o quê? Dia de finados? — pergunta com um olhar mordaz. — Aniversário de Malu ou tem uma câmera escondida aqui para você fazer o papel de viúvo triste?

Mesmo não entendendo a indireta dele, eu não respondo. Sou outro homem, agora sou pai de família e não vou ficar arrumando confusão com esse merdinha. Muito menos nos pés do túmulo de Malu.

Faço menção de passar, mas ele me impede de novo.

— Frouxo. Você é um frouxo otário, Enzo. — Ele me insulta e eu fico quieto, apenas deixando a raiva me tomar. Jorge olha para minha mão e dá uma risada de deboche.

— Ainda usa a aliança? Mesmo saindo com outra mulher? O que você acha que Malu diria se soubesse que você está de casinho com a babá? — Ele indaga e eu fico cego. Vou pra cima dele, mas paro no ato com o punho erguido no ar. Ele tem razão. O que Malu diria? Eu já me perguntei isso centenas de vezes e, mesmo tendo sonhado

com uma possível resposta dela, eu ainda tenho essa pergunta em minha mente. O que Malu diria sobre meu caso com Emily?

— Às vezes se torna tão doloroso e impossível me manter de pé, Jorge, que nada do que eu possa ter feito pode ser pior que isso. — Aponto para trás, mostrando o túmulo.

Ele fica surpreso com minha resposta.

Passo por ele, que não volta a me impedir, mas fala:

— E acha que todo esse papinho pode me convencer?

— Não preciso te convencer de nada seu bosta, a única pessoa que eu teria que convencer de alguma coisa não está mais entre nós. — Assim que falo, uma lágrima começa a escorrer e a limpo depressa. Nunca que vou chorar na frente desse Mané.

— Tem razão. E mesmo se ela estivesse aqui, ela não te esqueceria, e isso me deixa com muita raiva.

— Eu tenho certeza disso. — Viro as costas e vou embora, nem quero olhar para trás, não

PERIGOSAS ACHERON

quero me encontrar mais com esse sujeito. Da próxima vez deixarei meu punho responder por mim, com aliança e tudo.

Vou para a empresa, trabalho até meio-dia, ligo para minha mãe dizendo que não vou almoçar e peço para ela pedir à Rebeca que busque as crianças. Dispenso a companhia de Max, Davi ou Matheus para o almoço e vou para o restaurante sozinho.

É um daqueles dias que preciso ter apenas a solidão me envolvendo. Preciso juntar toda energia necessária para, no fim do dia, eu ir buscar as crianças e demonstrar para eles que estou bem, que tudo está bem.

E como um *déjà-vu*, mais uma vez a mesma cena acontece, só que dessa vez foi meio diferente. Emily de novo, como uma vez que ela me abordou aqui, nesse mesmo restaurante. Ela entra com outras duas mulheres, as três rindo e conversando, e eu fico tenso. Sinto meus músculos

enrijecerem e ela parece pressentir e olha para mim, perdendo o sorriso no mesmo instante.

Emily trava os olhos em mim e eu não consigo desviar os meus ou fingir desinteresse. Ela diz algo para as amigas, aponta para minha mesa com o queixo e vem andando até mim. Solto o ar em um fôlego e massagueio minhas pálpebras. Ela para diante de mim e eu a observo.

— Oi Enzo.

— Oi Emily.

— Sozinho de novo? — Ela olha em volta e eu olho para ela. Está com um desses vestidos floridos, de pano leve e longo. Óculos escuros no alto da cabeça, e uma bolsa branca de lado. Está mais bonita, os cabelos mais dourados.

— Pois é. Às vezes eu preciso.

Ela puxa a cadeira e senta. Nem perguntou se podia.

Haja paciência.

— Enzo, antes de tudo eu quero te pedir desculpas. Eu agi como uma psicopata oferecida, não sou desse jeito. Você sabe que não sou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei de nada, Emily, a gente não se conhece muito bem.

— Você sabe sim. Eu fiquei dois meses morando na sua casa, gostando de você, mas sem dar nenhuma pinta. Porque eu respeitava sua esposa. Passei a ir ao seu apartamento porque queria ficar perto de você, nem que fosse amizade...

— E aí justamente no dia que você pretende dar em cima de mim Malu aparece. Uma puta falta de sorte, não é, Emily?

— O que está insinuando? — Ela semicerra os olhos e se mostra ofendida.

— Não insinuei nada. Disse que foi uma falta de sorte para você.

Ela se irrita no mesmo instante.

— Esse é o seu problema, Enzo. Você não vê as coisas como realmente são. Malu me contou como foi para vocês ficarem juntos, você simplesmente ignorou todos os sinais dela e decidiu agir de outra forma, o mesmo que está fazendo comigo agora.

Desconfortável com a situação, tomo uma grande quantidade de ar.

PERIGOSAS ACHERON

— Emily, o que eu tive com Malu foi único e verdadeiro. E com você eu tentei, mas foi algo unilateral, apenas para você. Eu não estou pronto para um novo relacionamento.

— Eu sei. — Ela segura firme na minha mão. — E vou respeitar sua vontade, mas estarei aqui para quando você estiver pronto. — Tento tirar minha mão, mas ela segura meus dedos. — Eu estou apaixonada, Enzo, e uma mulher apaixonada é capaz de tudo. Já te disse isso.

— Emily, eu estou... — Começo a falar, mas paro quando as amigas de Emily se aproximam.

— Emy, esse é o viúvo gatão esnobe que você se apaixonou? — Uma delas indaga. Emily olha para elas e dá um leve sorriso.

— Enzo, essas são Patrícia e Christina, minhas amigas. Meninas, esse é Enzo.

— Olá — cumprimento-as educadamente.

— Só pode ser brincadeira, né, cara? — Uma delas fala em pose de briga. — Essa garota é uma em um milhão, ela é a mulher ideal para qualquer homem, algo que você jamais vai

encontrar em qualquer outra mulher e você a esnoba? O que tem na cabeça?

— Patty, por favor... — Emily pede.

Abro a boca para falar, mas a outra fala imediatamente:

— Emily está apaixonada por você, custa você ouvi-la? O que acha que é para pisar no coração das pessoas, de se achar o tal? Ela é superamorosa, está carente, é talentosa e carismática. Você apenas se aproveitou dela, a rebaixou como nada mais que uma vadia que você pudesse aliviar o jejum de sexo.

Me sentindo acuado e ofendido, olho para os lados, depois para Emily, e levanto os olhos para as duas. Agora estou sério, perto de perder o controle e fazer um espetáculo. Já não basta Jorge... Abro a boca para responder algo coerente e educado, afinal eu sou homem, não vou ficar batendo boca como uma menina. Antes de eu falar, a tal da Patrícia intervém de novo.

— O que tem na cabeça, diga! — Ela grita.

— O que tenho na cabeça? — Minha voz

PERIGOSAS NACIONAIS

sai rouca e rude. — Se chama Maria Luiza. Eu amo minha esposa, que é melhor que qualquer outra.

— Sua esposa cadáver? — Uma ironiza. Ela deve estar esperando que eu berre e grite e agrida uma mulher. Pelo contrário, meus lábios curvam e eu sorrio.

— Para você ver. Mesmo sua amiga sendo isso tudo, ela ainda perde para uma cadáver.

Me levanto e Emily corre atrás de mim.

— Enzo, por favor. Me desculpe por elas.
— Puxo meu braço gentilmente e meus olhos a fitam com indignação.

— Emily, eu preciso mesmo ir. — As outras duas já estão próximas novamente. Meu olhar fuzila as duas, e em seguida Emily.

— Por favor, me escute... — Ela pede e eu abano a cabeça.

— Pegue suas qualidades e suas amigas e procure um homem que aprecie. Sei que vai encontrar — digo, aceno para as três e saio rápido. Ouço as duas falarem coisas como:

“Idiota!”

PERIGOSAS ACHERON

“Babaca!”

“Tomara que morra também.”

Saio de lá; apesar de ter sido ofendido, estou de alma limpa. Se eu fosse o Enzo de cinco anos atrás elas ficariam rosas de vergonha, pois eu acabaria com a moral de cada uma. Mas acho que minha resposta foi melhor que um soco.

E ao invés de ir para a empresa, dirijo para o IML. Tenho que desvendar essa história da aliança; descarto roubo por parte de policiais ou paramédicos, já que o anel era muito mais caro e foi devolvido.

Me apresento assim que chego e sou encaminhado a uma sala onde minutos depois um homem de branco vem falar comigo. Com um sorriso nos lábios, ele aperta minha mão.

— Dr. Geraldo. — Apresenta-se. — Em que posso ajudá-lo? — Ele fala e ocupa a cadeira atrás da mesa, à minha frente.

— Sou Enzo Brant. Minha esposa faleceu meses atrás em um acidente e foi encaminhada para este hospital.

Ele assente, liga o computador em cima da mesa e digita rápido. Me pergunta alguns dados de Malu e eu digo a ele.

— Sim. Eu mesmo e minha equipe fizemos a autópsia do corpo. Na verdade, me desculpe falar isso, mas estava bem decomposto por ter sido carbonizado, iríamos fazer uma identificação da arcada dentária, mas não havia dúvidas de que se tratava mesmo da sua esposa, afinal, segundo relatos o carro era dela e não havia acompanhantes. Eu sinto muito.

Balanço a cabeça, concordando.

— Já estou ciente disso.

— Qual a dúvida do senhor?

— Sobre a aliança dela. Ela usava aliança no momento do acidente. Só me foi devolvido o anel que a minha cunhada reconheceu. — Tiro minha aliança e empurro para ele. — É como essa, só que menor, claro.

Ele pega, olha e me devolve.

— Um momento, por favor. — Digita mais alguma coisa. Fica algum tempo olhando a tela e sai da sala. Coloco minha aliança no dedo

PERIGOSAS ACHERON

novamente e, quando ele volta, está com um papel na mão.

— Acabei de me certificar. A polícia ficou com alguns objetos da vítima. — Ele me entrega o papel. — O responsável pelo caso foi o tenente Fabio, está tudo aí no papel.

Levanto, ele se levanta também.

— Obrigado, doutor. — Aperto a mão dele.

— Às ordens.

No papel que ele me deu há os dados de Malu, o dia do acidente, o nome do médico e dos policiais que atenderam o caso. Me dirijo imediatamente para a delegacia e, após explicar o caso em um balcão, eu sou encaminhado para uma sala. O policial da recepção me disse que os pertences dela devem estar no arquivo morto como caso encerrado. Me lembro de *Cold Case*, a série que Malu adorava; engulo a vontade de gritar e apenas fico de cabeça baixa até um outro policial entrar.

— Enzo Brant?

— Sou eu. — Me levanto e aperto a mão

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele estende para mim.

— Fiquei a par do seu caso. E me lembro do acidente. Sente-se. — Ele indica a cadeira, volto a me sentar e ele também se senta. — Fomos os primeiros a chegar ao local. Naquela noite eu estava trabalhando em uma blitz. Ainda me lembro da sua esposa, quando o carro parou.

— Ela parou antes do acidente? — indago curioso. Não sabia desse fato.

— Sim. Me recordo do fato porque ela me pediu desculpas por estar nervosa e chorando. Eu falei para ela se acalmar e depois seguir viagem.

Com a respiração presa e sentindo o sangue gelado percorrer meu corpo, eu tento formar um raciocínio.

— Mas então o acidente não foi por ela estar correndo demais e nervosa?

— O senhor veio por causa das investigações?

— Que investigações? — Sinto uma palpitação.

Ele me olha incrédulo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Do cabo de freio arrebitado. Sua esposa não se acidentou por causa de nervosismo ou alta velocidade. O cabo de freio arrebitou em uma ladeira e ela não conseguiu frear na frente de um caminhão.

Me levanto bruscamente. A cadeira quase cai. Aterrorizado e aliviado. Então Malu não morreu porque estava nervosa demais, isso me alivia. Mas me deixa em tensão total em saber que o acidente foi... uma fatalidade?

— Não pode ter sido o freio. Lógico que não — nego veementemente de pé, com as mãos na cintura, já respirando com dificuldade. — Nossos carros passam por revisões sempre. Temos filhos e nunca ficamos mais de três meses sem revisar. Sem falar que era um modelo novo.

— As investigações ainda continuam. Não descartamos nenhuma opção, desde fatalidade a criminoso.

— O quê?

— O motorista do caminhão afirmou que o carro de sua esposa veio desgovernado para cima dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Isso não...! — exclamo quase sem ouvir o que ele fala. Ando na sala, levo as mãos à cabeça e, pasmo e provavelmente pálido, viro-me para ele.

— Quem está com o laudo? E eu preciso saber sobre a aliança que ela usava.

O policial assente e pede para eu esperar um pouco. Não consigo nem sentar de tanta aflição. Hoje sem dúvida é o dia de eu passar sufoco. Raiva, tristeza e agora aflição.

O policial volta e me entrega um envelope pardo pequeno.

— O laudo foi entregue a Davi Brant. E essa é a única outra coisa que foi encontrada no corpo. Nada de aliança. Desculpe se não entregamos antes.

Abro rápido o envelope achando que vou encontrar os brincos de Malu, mas fico estático quando vejo uma tornozeleira com o nome “Lucas”.

— Desculpe. Isso não é da minha esposa.
— Devolvo a ele.

Ele pega, olha o envelope, lê e olha para

PERIGOSAS ACHERON

mim sem entender.

— Então houve um erro no IML, senhor. Isso estava grudado no tênis da vítima, só foi encontrado mais tarde.

— Tênis? — exclamo boquiaberto. Com certeza houve um erro. Malu não estava de tênis. O policial volta a me entregar o envelope mais uma vez.

— Esse objeto pertencia mesmo à vítima. Aí tem o número de série que o IML registrou. Liguei para eles e eles me mandaram essa lista por e-mail.

Pego a lista e lá estava tudo que foi encontrado com o corpo. Tênis, tornozeleira, resíduos de um moletom, e o anel. Disso tudo apenas o anel é de Malu.

Agradeço, saio e fico dentro do carro apenas parado, olhando o movimento do dia na rua, mas com o pensamento bem longe.

“Eu sempre estive com ela, Enzo”. Essa é a voz de Malu no meu sonho, respondendo quando eu disse que ela estava com a aliança.

Porra! O que está acontecendo?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

|10|

JORGE

Já faz uma semana que encontrei Malu. Desde então fui visitá-la todos os dias. Ontem voltei ao Rio e acabei encontrando com Enzo. Não foi coincidência, eu o vi e decidi segui-lo. Não sei se era a intenção, acho que algo dentro de mim queria contar as boas novas, mas quando eu o vi lamentando no túmulo, desisti.

Primeiro que eu fiquei com muita raiva. Ele não tem o direito de chorar por Malu e ela... devia ter esquecido dele. Eu não quero ser o vilão, mas acabei falando coisa que não devia, achei que Enzo partiria para cima, mas foi diferente do que eu esperava. Por um momento eu até achei que ele estava mesmo sofrendo.

PERIGOSAS ACHERON

Agora estou chegando novamente na boate. Malu e Clarisse moram na parte de cima. Estou procurando uma maneira de levá-la daqui, mas antes preciso convencer a mãe de que Malu estará segura comigo.

Eu sei que não é certo eu esconder isso de Jonas e de Camila. Mas quando Malu recobrar a memória ela decide o que fazer. Remendei um pouco a história, disse que o cara que ela desenha é sim Enzo e que ela não o esqueceu por causa das brigas constantes deles. Claro que inventei isso, nem sei como era o relacionamento deles.

Malu ficou meio triste e para acalmá-la, ou atíça-la, eu disse que Enzo está com outra mulher. Ela ficou chocada e eu menti dizendo que faz pouco tempo que eles estão juntos. Malu perdeu a fala, respirou fundo e fingiu não se importar. Foi um fingimento bem tosco, pois eu percebi.

Agora acabo de entrar pela porta lateral e já subo para o segundo piso. Clarisse vem abrir a porta.

— Oi Jorge. — Ela me deixa entrar, fecha a porta e questiona amedrontada: — Está tendo cuidado?

— Sim. Lógico. E Malu?

— Está na outra sala. Venha, fique à vontade. Suas visitas têm feito muito bem a ela.

— Sêrio?

— Sim. Ela está se lembrando de mais coisas.

Engulo seco. Afinal ela está se recordando rápido demais e logo volta a ser a Malu antiga e descobre que eu estou mentindo. Será que eu vou estar muito ferrado? Ou será que vou conseguir fazer Enzo se ferrar, mesmo ela tendo a memória de volta? Dou de ombros e entro na sala. Farei o que for possível por enquanto, depois veremos o que acontece. Ela já tinha me deixado há cinco anos, o que vier é lucro.

Sabe, eu não sou louco por Malu, apaixonado e tal, gosto dela como sempre gostei, mas é só. Toda essa questão é mais por posse e acerto de contas, é meu modo de me vingar de Enzo.

Malu está sentada no sofá, uma pasta nas mãos. Concentrada desenhando. Assim que ela me vê, fecha rapidamente e me olha com cara de

culpada.

— Jorge!

— Oi Malu. — Me aproximo, dou um beijo em seus lábios e ocupo o lugar ao lado dela. Olho para a pasta, ela acompanha meu olhar. Sabe que eu sei que ela estava desenhando.

— Sonhou de novo com ele? — indago. Tiro uma mecha de cabelo da testa dela.

Os olhos de Malu se anuviam e ela meneia a cabeça de lado.

— Está ficando cada vez mais frequente, Jorge. — Em um tom cúmplice, ela confessa. — Tive mais lembranças.

Estremeço ao ouvir isso.

— Que lembranças?

Malu ajeita mechas de cabelos atrás da orelha, passa a língua rápido no lábio de baixo e, meio comedida, começa a falar.

— A primeira começa como um borrão. — Noto felicidade no tom e nos olhos dela. — Há duas crianças no chão e elas brincam. — Malu faz uma pausa. — Adoro ouvir as risadas deles —

completa abobalhada. — Consigo agora discernir que a menina, a Geovanna, como você me disse, ela é ruiva como eu.

— Sim — confirmo sorrindo. — Você está se lembrando. O que mais lembrou?

Malu se mexe inquieta, morde os lábios e fica de olhos baixos. Acho que envergonhada. Com o dedo ela faz um desenho imaginário no sofá.

— Pode contar, Malu.

Ela dá um breve sorriso.

— Eu não sei se foi com você ou com meu marido...

— Ex-marido — corrijo.

— Sim, ex-marido. — Ela concorda. Respira pesadamente e me olha. — É noite, e estou em uma piscina... com um homem. Essa lembrança durou mais, me lembro de estar mergulhando e depois... — ela ergue os ombros —, bom, depois a gente se abraça e beija enquanto mergulha.

Lógico que foi com Enzo — penso irritado. Malu fez pouquíssima coisa quando estava comigo. Quase nem nos divertimos, afinal eu fui

usado como uma peça do jogo dela.

Ela está me olhando atentamente. Depois assente mostrando que percebeu minha resposta sem nem mesmo eu ter falado nada.

— Entendi. Foi com ele. — Malu fala.

— Eu não ligo, Malu. É natural você se lembrar. Ele era seu namorado e depois marido. É pai dos seus filhos. — Por isso Malu já confia em mim em apenas uma semana que a encontrei. Eu sei falar as coisas no momento certo. Mesmo querendo que ela esqueça aquele idiota, eu não demonstro isso.

— Eu preciso vê-los. Meus filhos. — Ela fala de imediato e, além de susto, eu sinto um calafrio tomar cada veia e vaso sanguíneo.

— Como assim? Quer ver seus filhos?

— Lógico, Jorge. — Malu gesticula mexendo as mãos, nervosamente. — De alguma forma eu preciso vê-los, eles têm que saber que eu estou bem. — Ela torce a blusa nos dedos e quando olha para mim o cenho está franzido, os olhos em alerta. — Eu preciso ver de perto, talvez assim eu consiga me lembrar mais rápido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Malu. — Me levanto. — Isso é loucura. Não vou permitir... e Clarisse também não.

Ela se levanta também e joga a pasta de desenhos no outro sofá.

— Mas que droga, Jorge! Estou enlouquecendo presa aqui. Eu já sei que tenho um pai, uma irmã, um marido... — ela sacode a cabeça com raiva —, droga, ex-marido. Mas eles são adultos, eles conseguem entender e continuar achando que estou morta. Mas e as crianças?

— Eles não entendem sobre o que está acontecendo — respondo.

— Mas eu entendo! — Ela grita. — E de alguma forma, mesmo não me lembrando, eu preciso vê-los. Eu quero saber mais sobre eles, quero ouvir a voz deles e ver o rosto, pois nas minhas lembranças não consigo. — Ela vira de costas, as mãos afundadas nos cabelos. Ainda de costas ela fala com a voz embargada. — Merda! Eu choro, eu sinto dores na cabeça, eu fico aflita tentando encontrar uma única pista, e forço minha mente, mas nada vem. Preciso de algo concreto.

— Tá, escuta. — Caminho para perto dela

PERIGOSAS ACHERON

e seguro as mãos nas minhas. — Você precisa ficar calma, pelo bem da sua saúde precisa deixar sua mente voltar naturalmente. Eles estão estruturados, Enzo está com outra pessoa e você não pode chegar de repente.

Ela assente. Deu um passo para trás se afastando de mim. Está agora de braços cruzados e com cara de choro.

— Como ela é? Me conte.

— Ela quem?

— A nova namorada de Enzo.

— Pra que você quer saber? Isso só piora...

— Apenas me conte, Jorge — pede em um murmúrio decidido. — Meus sonhos com ele estão ficando muito frequentes e estou confusa e descontrolada. Por que eu fico sonhando com um cara que tecnicamente eu odiava? Ele está com outra, e eu ainda fico usando essa merda no pescoço. — Ela apalpa por cima da blusa o lugar onde está a aliança.

— Malu... você se esqueceu. Como pode ficar tensa por saber que ele está com outra?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei, tá? É inexplicável, mas me sinto estranha, desde que você me contou isso eu fico estranha. É como as crianças. Eu não lembro deles, mas sei que gosto muito, me sinto muito bem e tranquila quando as lembranças vêm sem avisar. Quando eu me lembro das risadas e deles correndo... — Ela se senta desolada no sofá, com a cabeça nas mãos. — É como se eu não tivesse me esquecido do amor que sinto por eles... mas aí vem a questão do Enzo. — Ela me olha lacrimejando. — Se eu o odiava, por que sinto conforto quando sonho ou quando lembro dele? E por que sinto ciúmes quando penso nele com outra? Tecnicamente é um estranho para mim.

— É o seu inconsciente, Malu. — Me sento ao lado dela. — Sua mente se apegou ao fato de Enzo ter se casado com você e ser pai dos seus filhos. Daí sua memória te faz achar que é como se ele fosse seu. Mas você vai saber que isso não é verdade. Ele é mesquinho, arrogante e é um canalha junto com os outros dois.

— Que outros dois? — Ela se vira bruscamente. Merda. Eu não tinha falado deles ainda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os caras que trabalham com Enzo. Um é irmão e outro, amigo. Davi e Max.

— O quê? — Ela quase grita. — Fala de novo. — Ela pede.

— Davi e Max...? Se lembra de algo?

— Não... — Sacode a cabeça, assustada. — Mas... oh Deus! Isso é... tão estranho... os nomes me são muito familiares. Davi e Max. — Ela fala me olhando de olhos bem abertos. — Me fale mais, Jorge. Me fale mais nomes.

— Malu...

— Me diga mais. — Ela sorri, faz uma pausa e torna a dizer. — Max e Davi... meu Deus! É como se estivesse quase vindo à minha mente.

Nesse momento Clarisse volta à sala e Malu dá um pulo do sofá.

— Mãe, cansei. Quero sair, vou ver meus filhos.

— Filha, é perigoso...

— Nem mais nem menos. Ou vocês me levam ou terei que sair sozinha, escondida. Acho que ninguém aqui quer uma mulher sem memória

PERIGOSAS ACHERON

andando por aí, não é?

— Não pode sair daqui. — Eu digo, enfrentando-a.

— Mas não pode me obrigar a continuar sendo sua namorada, como diz que sou. — Ela me encara petulante e decidida, como a Malu que sempre foi. — Já disse que fiquei sem memória e não burra. E então, Jorge? Se sua resposta for “não”, nem precisa voltar.

Eu e Clarisse trocamos olhares.

— Eu tenho uma ideia — digo para as duas. — Malu, você precisa ter paciência. Vou preparar terreno para você poder ver seus filhos.

— O que vai fazer?

— Preciso de aliados.

— Aliados? — Clarisse pergunta, já com medo.

— Sim, estou pensando nas duas melhores amigas de Malu. Elas podem ajudar sem que Enzo saiba. — Viro-me para Maria Luiza e seguro-a pelos ombros. — Vou contar para elas com calma e, assim que elas estiverem prontas, trarei aqui para

você vê-las.

— Quem são? Me diga os nomes. —
Malu pede animada.

— Não. Para você não ficar forçando,
querendo lembrar. Te deixarei a par de tudo.

Almocei com elas e fui embora com a promessa de voltar com uma novidade. Fui colocado contra a parede, vou ter que arriscar e contar para Julia. Vou antes contar uma história para que ela não saia correndo e bata com a língua nos dentes. Lembrando que o marido dela é um dos babacas.

Quando chego ao Rio é a primeira coisa que faço. Meu plano é contar antes para Danielle, que eu acho que é mais centrada. Julia é meio pirada e pode colocar tudo a perder assim de cara.

— Oi, Dani, aqui é o Jorge, lembra-se de mim? — digo assim que ela atende o celular.

— Jorge...? Jorge, ex da Malu? — Ela indaga, cética.

— Sim. Isso mesmo. Queria conversar com você.

— Comigo?

— Sim. Eu queria saber uma coisa sobre Maria Luiza e acho que você pode me responder. Podemos nos encontrar?

Ela fica muda e depois diz, meio intrigada.

— Tá. Estou livre agora, onde podemos nos ver?

Passo para ela o endereço de uma lanchonete. Desligo e vou depressa para lá esperá-la. Tenho aqui comigo um vídeo de Malu dançando na boate e uma foto que tirei hoje, dela e de Clarisse almoçando. Usarei como prova para mostrar que ela está viva.

Algum tempo depois, olhando para os lados, meio temerosa, Dani entra e eu aceno para ela. Caminha rápido até minha mesa, torna a olhar para os lados e se senta.

— Oi Dani. Quer beber algo?

— Não, Jorge...! Vim mais por curiosidade. O que de tão importante precisa saber?

Olho em volta, me inclino um pouco para

frente e falo baixo.

— Bom, nós nunca fomos muito próximos, nem mesmo quando eu estava com Malu.

— Por isso estou intrigada com sua ligação. Por que está falando assim? E o que quer saber sobre Malu? Você é parente dela, não podia perguntar para Jonas ou Camila?

Danielle é mais instável do que eu pensava. Nem respirou entre uma pergunta e outra.

— Dani, não quero saber nada sobre Malu. Eu preciso te contar algo sobre Malu.

Ela volta a se recostar na cadeira, um pouco mais relaxada.

— Olha, Jorge, Malu já se foi e não estou com cabeça de ouvir fofocas da minha amiga falecida.

— Será que pode apenas escutar? — vocifero e Dani me fita, incrédula, e balança a cabeça que sim.

— Eu poderia ir falar com Camila ou Jonas, como você disse. — Faço uma pausa, coço a

cabeça e continuo. — Pensei também em Julia, mas ela pode não ser tão estável e talvez deixe escapar alguma coisa para Max. E eu digo desde já que quero Enzo bem distante disso.

— Jorge, está me deixando nervosa. O que Enzo e Max não podem saber?

— Dani, eu estou precisando de ajuda, e isso não é brincadeira de mau gosto, é uma feliz coincidência, como um milagre.

— O que... — Ela começa a falar, confusa, o cenho franzido.

— Eu encontrei por acaso, em um lugar bem escondido, uma pessoa. Uma pessoa que nós conhecemos muito bem. Ela estava em uma boate e era uma das dançarinas.

— Jorge, você está me assustando. Não estou entendendo onde quer chegar.

— Quando eu vi, fiquei desorientado, mas tudo se explicou e eu espero que você também entenda.

— Jorge, pelo amor de Deus! O que isso tem a ver com a ... — Ela começa a berrar de olhos arregalados, mas para quando eu empurro o celular

PERIGOSAS ACHERON

para ela. Não é o vídeo, é a foto de Malu e Clarisse.
— Essa foto, eu tirei hoje.

Tremendo, ela segura o celular e em seguida o deixa cair na mesa, os olhos saltados e as duas mãos na boca, me observando com terror.

— Malu não morreu no acidente. — Eu termino de dizer.

— Oh Meu Deus! — Ela grita, já com as primeiras lágrimas, a palidez se acentuando ; se levanta com brusquidão, a cadeira cai e eu me levanto depressa e a seguro pelo braço. Dani está em choque olhando para meu rosto.

— Calma. Mantenha a calma, Dani.

— Meu Deus! Meu Deus! — Ela começa a repetir só isso, com as mãos agora na cabeça, chorando e começando a surtar.

— Dani, preciso que mantenha a calma.
— Seguro no braço dela.

— Não...! Isso não é verdade! — Ela grita brava e bate em mim. — Seu imbecil! Isso é mentira! — As pessoas começam a olhar e o que era para ser calmo está virando um escândalo. Acho que eu deveria ter comunicado a Julia.

— Dani! — grito sacudindo-a de modo bruto. Ela para, gelada e estática. E depois cai chorando no meu ombro.

— Malu jamais faria isso, Malu ama os filhos e o Enzo. Ela jamais faria isso. — Dani balbucia enquanto chora.

— Calma, preste atenção. — Faço Dani se sentar novamente e empurro meu copo de suco para ela. Ela bebe quase tudo e me olha, ainda transtornada. — Não sei quem foi enterrada no lugar dela, de alguma forma Malu se salvou e ficou com sequelas.

Dani limpa os olhos, ainda está ofegante e trêmula.

— Sequelas? Ai Senhor!

— Ela perdeu a memória. Já está voltando aos poucos, está vindo tudo de uma vez e está deixando-a louca.

— Malu... está viva? — Ela indaga para si mesma, choramingando, e depois olha para mim. — E não se lembra?

— Infelizmente não. Ela está em Niterói com Clarisse, a mãe dela. Clarisse a encontrou por

PERIGOSAS ACHERON

acaso e tem uma boate em Niterói. É onde Malu está residindo e dança em algumas noites na boate da mãe, apenas por satisfação.

— Malu virou uma garota de programa?

— Não, ela apenas dança. Mas não faz programas. Ela está encontrando na dança uma maneira de extravasar as confusões da mente.

Ela pega meu celular e olha mais uma vez. Chora mais, com a mão na boca.

— Ai Jesus! Julia precisa saber disso. Enzo também. Nossa! Enzo precisa muito saber disso, Jorge.

— Não. Sem Enzo por enquanto. Você conta pra Julia com jeito. Mas sem Max ou Matheus ou qualquer um perceber. Enzo tem que ficar fora por enquanto.

— Por quê? — pergunta agitada. — Não estou entendendo a lógica disso. Ele é marido dela, sei que teve um rolo lá com a vadia da babá, mas ele precisa saber.

— O médico pediu que fosse com calma, para não forçar muito as tentativas de fazê-la se lembrar — falo isso porque não vou revelar a essa

PERIGOSAS ACHERON

pirada que Malu quase foi assassinada.

— E acha que Enzo fará mal a ela? Pelo amor de Deus! Ele tem condições para levar Malu para qualquer hospital e ter o melhor tratamento. O que está aprontando, Jorge?

— Nada. Eu só acho que Malu está fraca demais para ter tanta coisa de uma só vez. Se Enzo descobrir, não será apenas ele, serão Davi, Max, Jonas e as crianças. Isso pode deixar Malu sobrecarregada.

— Eu não posso esconder isso... pelo menos ele... — Dani implora.

— Dani, ainda não é o momento. Malu se lembrou do nome dos filhos e quer vê-los. Por isso vim atrás de você. Você e Julia precisam ajudar.

— Tipo uma força-tarefa? Quer que sequestremos as crianças sem o Enzo saber?

— Antes de tudo vocês duas precisam encontrar com ela.

— Ai minha nossa. — Dani sorri com novas lágrimas nos olhos. — Preciso vê-la. Vou ligar para Julia.

— Dani, tenha discrição. Leve Julia para um local afastado. Faça-a prometer que não vai contar nada, não antes de vocês duas encontrarem Malu. Depois do encontro de vocês com ela, aí vamos inserir mais pessoas na vida dela. Será aos poucos. Enzo precisa ficar para depois. Promete?

— Tá. Eu prometo. Ninguém saberá.

— Vou enviar essa foto para seu celular. Mostre à Julia. Nos encontraremos depois para irmos a Niterói.

Me despeço de Dani, cada um segue um caminho e eu vou para minha casa. Chegando lá eu tomo um banho e caio no sofá pensando em tudo que está acontecendo. É uma questão de tempo para que todos descubram sobre Malu. Eu poderia contar ao menos para Jonas, afinal se ele descobre, depois, que eu sabia e não contei nada, vou ficar mal com ele e Camila. São os únicos que importam.

Bom, antes de tudo vou esperar a visita das duas doidas. Assim que elas souberem e que estiverem mais calmas, o próximo a saber será Jonas. Pela primeira vez eu estou no controle, e eu decido quem será o próximo da fila. Não sei por que, mas decidi colocar os três executivos como os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

últimos.

PERIGOSAS ACHERON

| 11 |

ENZO

— Cara, senta e se escute. Olha o que está falando. — Dou um giro cinematográfico quando ouço Davi falar isso. Sonso do caralho. A porta se abre e Max entra meio pasmo. Olha para mim e depois para Davi. Não fala nada, ele percebe que é briga de irmãos, mas também não sai.

— Então me explique isso! — grito a plenos pulmões. — Você sabia dessa situação e não me contou nada! — Torno a ficar de costas para ele e bato na mesa. Estou pirado, revoltado. Ele estava a par de cada passo da investigação e não me contou que a morte de Malu estava sendo investigada.

— Você é o que, Enzo? Doido? Bipolar? — Ele berra também. — Eu tentei duas vezes falar

PERIGOSAS ACHERON

disso com você.

Me calo olhando perplexo para ele.

— Sim! — Davi grita e chuta o sofá. — Porra! Você não queria saber nada sobre a morte de Malu, eu e Camila resolvemos tudo.

Sinto meus olhos trincados, aperto tanto os dentes que o maxilar dói. Mas não vou rebater. Ele tem razão. Olho para Max e me sento no sofá.

— Eu estava mal — contesto. — Ainda estou mal — completo em um murmúrio ofegante, tentando encontrar uma explicação.

— Compreendi. — Levanto os olhos e Davi me encara com pose de pai prestes a dar bronca no filho. — Compreendi que você não queria ir ao cemitério, não queria escolher flores e nem escrever uma frase para colocar no epitáfio dela. Compreendi até que você precisava de uma válvula de escape comendo Emily ou qualquer outra. — Quando ele fala isso eu me levanto e vou para a mesa. — Compreendi tudo, mas isso foi demais. Eu tentei te falar sobre o laudo do IML e da polícia. Você disse para eu cuidar de tudo, que não queria saber de nada. Max é o único que está ao meu lado

nessa busca que nem sei o que eu procuro.

Estou apoiado na mesa, de cabeça baixa e de costas para ele, respirando com dificuldade.

— Você também sabia, Max? — Nem me dou ao trabalho de olhar para ele. Dois traidores, é isso que são.

— É inevitável, né, Enzo? Geralmente nós três nos apoiamos em todos os momentos, principalmente em dificuldades. Você se auto-excluiu.

— E o que isso tudo quer dizer, Davi? — Meu sussurro é rouco, meio grotesco. — Que porra de investigação é essa?

— Azar ou acidente criminoso. — Ele revela e fala em seguida: — Max, por favor, traga uma cópia dos documentos que te dei para você analisar.

Me viro para ele com a mão na boca. Davi não espera eu comentar e já fala:

— Pense comigo, cara, os carros são novos, tanto o seu como o de Malu, você mantinha ambos sempre revisados, não tem por que esse cabo simplesmente ter arrebentado do nada. Pode

PERIGOSAS ACHERON

acontecer, mas as chances são mínimas, por isso que eu digo que se não foi criminoso, foi puro azar.

Desabo no sofá completamente abismado e confuso. Fico em silêncio ouvindo Davi mexer no minibar. Ele volta e vejo o copo que ele empurra na minha frente. Pego da mão dele e Davi senta ao meu lado. Max chega e ocupa minha esquerda.

— Tudo é muito confuso. — Ele revela e entrega o envelope a Davi.

— O que tudo isso quer dizer? — indago sentindo o ardor adocicado do uísque na boca. — Malu não estava de tênis, muito menos de moletom. — Eu reconsidero e os dois assentem, se olhando um tanto cúmplices. — Digam! O que vocês acham?

— Eu pensei em várias coisas, mas Davi que veio com uma ideia mirabolante, sem pé nem cabeça. — Max fala, tirando o seu da reta.

Olho para Davi.

— Cara, eu perdi uma noite de sono, fiquei sozinho no escritório bebendo para pensar em uma hipótese. Teve até briga lá em casa porque Rebeca ficou intrigada por eu não ter ido dormir, aí

ela me acusou de umas merdas e eu mandei ela ir dormir e ficar quieta.

Eu e Max balançamos a cabeça, anuindo. Pensativo, Davi dá um leve sorriso.

— Ela tem bons truques. Rebeca sabe como me dar o tombo.

— Pelo menos alguém para conseguir essa proeza. — Max zomba.

— Para. O assunto aqui é outro — ralho e viro todo o copo na boca. — Me conte que teoria louca é essa que você pensou, Davi.

Davi não responde, fica calado; um silêncio sepulcral invade a sala. Olho para os dois e ambos estão com expressões suspeitas.

— Diga, rapaz! — ordeno.

— Eu não quero te dar esperanças, Enzo, nem tirar seu sono. — Ele coça o queixo, assanha os cabelos e olha Max, que ergue os ombros como se dissesse: “não tenho nada a ver com isso”.

Impaciente, sinto meu semblante carregar e ele ergue as mãos em sinal de rendição.

— Tudo bem, lá vai. Lembrando que é

apenas teoria.

— Tá, diga — encorajo.

— Eu pensei em tudo possível, desde Malu ter ido trocar de roupa após a briga, a sequestro e assalto, mas a única coisa que concluí como sendo a possibilidade mais assertiva é que tinha mais alguém no carro com Malu. — Ele faz uma pausa dramática. Fico estatelado olhando-o sem piscar e sem respirar, até que Davi termina em um tom categórico: — E pode ser que essa pessoa foi velada no lugar da Maria Luiza e, como consequência, Malu está em algum lugar por aí.

Primeiro minha mente não capta com precisão a informação. Não consigo absorvê-la e processá-la. Depois eu começo a pensar na hipótese, mas paro e dou uma risada nervosa; me levanto.

— Viajou legal, Davi. Agora você se superou.

— Enzo... — Ele me chama, o tom de voz dele já me diz que isso é mesmo sério.

— Não, porra! — grito descontrolado. — Para de falar essas merdas! Quem você pensa que é

para vir insinuar umas porcarias assim? Acha mesmo que Maria Luiza faria uma coisa dessas? Estaria por aí em algum lugar sabendo que eu e os filhos dela e o pai e a irmã estão sofrendo?

— Enzo, talvez Davi tenha...

Max começa a dizer e uma raiva me toma.

— Chega você também. Quer o quê? Que eu caia desolado de novo? Já não basta ter que lidar com minha dor e a dos meus filhos?

— Cara, para! Ninguém aqui tá pensando isso. — Davi levanta furioso. — Você é meu irmão, caralho. Acha que eu pensaria uma coisa dessa só por sadismo?

Não paro de negar balançando a cabeça. Isso é incabível, impensável.

— Não tem cabimento — digo em alto tom de voz. — O anel... Camila reconheceu o anel.

— Sim, mas e o que mais? — Davi retruca. — Onde estão a aliança e os brincos? Não há nada no acidente que tenha ligação com Malu, a não ser o anel.

— Não... isso é impossível...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enzo, pense com calma; como eu disse, foi preciso uma noite inteira para eu aceitar essa hipótese.

Caminho de um lado para o outro olhando o chão.

— E onde ela estaria? — Detenho na frente dos dois. — Digam!

— Não sei! — Davi sempre responde no mesmo tom da minha voz.

— Perdida, talvez! — Max entra no meio. — Ou morta mesmo, mas como indigente. — Ele pega o envelope, abre, tira vários papéis, folheia e me entrega um. São as fotos dos objetos encontrados com o corpo. — Enzo, olha essas coisas que foram encontradas com o corpo, nada disso é da Malu.

— Eu procurei nos IML de toda a região. — Davi se aproxima já falando em um tom mais baixo. — Procurei por uma mulher de 29 anos, carbonizada, sem identificação. Dei a data do acidente e a única que encontrei foi a Malu, a que nós velamos.

— E o que isso tem a ver?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enzo, como Malu não estava de moletom e tênis e só foi verificada uma vítima naquele dia, com essas características, supõe-se que, se havia mesmo duas pessoas, apenas uma morreu carbonizada.

— E, portanto, a morta pode não ser a Malu. — Max completa.

Olhando para o papel com as fotos, eu fico calado por bastante tempo. Tem a foto do anel, da tornozeleira, um pedaço da roupa de moletom e o tênis queimado. Coisas de um estranho. O único objeto familiar é o anel que Malu usava e que inclusive me feriu quando ela me deu um tapa.

— E o que você pretendia fazer? Qual seria o próximo passo? — questiono com os olhos cheios de água.

— Hospitais e delegacias.

Não fiquem achando que eu saí doido, percorrendo cada hospital e delegacia. O que eu fiz

PERIGOSAS ACHERON

foi pegar todos os papéis que Davi me deu, arrumar minha bolsa, passar na mesa de Túlio e pedir para ele avisar Mariza que eu tinha ido resolver uns problemas. Qualquer coisa que ela ligasse para mim. Ele agora é secretário, e Mariza, secretária executiva.

Da empresa eu fui para casa, não peguei as crianças na casa da minha mãe. Chego lá, ligo para ela e digo que só vou pegá-los à noite e, assim, me joguei no meu escritório em cima de todos esses documentos, analisando um por um como um pente fino. Lendo cada linha, vendo cada foto. É meio agonizante, eu fico suado, tenso e ofegante a cada página. Tento ver aquilo como se não fosse de Malu e deu certo um pouco.

Max e Davi disseram que iriam começar as investigações o mais rápido possível. Acho que vão antes conversar com Matheus.

Só porque estou analisando os fatos com cuidado, não quer dizer que eu concordo com as ideias de Davi. É o que eu mais queria: Malu viva. Mas eu vi o carro, e daquele acidente não pode ter saído alguém com vida.

Depois de ler cada parágrafo, chego a uma

PERIGOSAS ACHERON

conclusão diferente da de Davi. O corpo de Malu pode ter sido trocado no necrotério. Sim, isso acontece às vezes. E a forma melhor de provar isso é uma exumação.

Me exaspero e bato na mesa ao pensar na hipótese de profanar o túmulo de Malu, mas não tem outro jeito. Não existe essa fantasia de que outra pessoa morreu no lugar dela. Foi erro do IML e quando eu provar isso, irei processar todos os envolvidos.

Com a caneta na boca, rodando na cadeira, eu penso sobre o assunto. Não quero que Jonas ou Camila fiquem sabendo da minha decisão, Jonas acabou de se recuperar e seria tenso para ele viver essa expectativa. Por isso, pego o telefone e ligo para Matheus.

— Fala, Enzo.

— E aí, Matheus. Está em casa?

— Sim, estou.

— Preciso de um favor seu. Favor e muita discrição — emendo em seguida.

— É comigo mesmo. Pode dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É delicado e complicado — antecipo, preparando-o. — Quero que entre com um pedido de exumação para o corpo de Malu.

— Como?

— Isso mesmo que ouviu, cara. — Exalo e enfio os dedos nos cabelos, coçando o couro cabeludo. — Surgiu alguma coisa, vou deixar você a par. Por enquanto peço para não contar nem para sua esposa. Dani era a melhor amiga de Malu.

— Sim, claro. Pode ficar sossegado. Amanhã de manhã eu preciso te encontrar, Enzo. — A voz de Matheus é preocupada e baixa. — Não é só pedir a exumação e pronto.

— De que precisa?

— Primeiro, de um motivo, você precisa ter quesitos convincentes para que o juiz conceda. E depois precisa do consentimento da família.

— Eu sou a família dela.

— Tem Jonas e Camila. Mas vou ver o que posso fazer. Quero que me conte tudo para eu elaborar o pedido.

— Está bem. Vá à minha sala amanhã.

PERIGOSAS ACHERON

Quando desligo, me levanto, junto tudo na pasta e deixo ali em cima mesmo. Tomo um banho para tirar o peso do dia. Visto uma camiseta e jeans e vou buscar as crianças. Lógico que fui no piloto automático. Essa história não sai da minha cabeça. Não vai me deixar sossegado tão cedo. E prevejo que não dormirei nada à noite. Pior que nem posso contar para minha mãe. Ter alguém para desabafar e ouvir um conselho.

Quando eu chego, mamãe abre a porta, entro e Davi me olha torto. Está sentado no chão da sala com os filhos dele e os meus, que se levantam e vêm correndo para perto de mim gritando em uníssono: “papai!”.

— Oi mamãe — cumprimento-a com os dois, Johnny e Anna, já no meu colo.

— Enzo, estou preparando um jantarzinho da hora. — Rebeca coloca a cabeça na porta da cozinha e grita. — Jante conosco.

— Já que você insiste — grito de volta.

— Fiquem aí, vou ajudar a Beca. — Minha mãe fala e corre para a cozinha.

— Papai! Eu quero comer pizza! —

Geovanna pede. Volto a atenção para eles e coloc-os no chão.

— Papai, eu quero um carrinho de controle igual o de Heitor. — Johnny grita mais alto.

— Mais um? Você tem vários.

— Mas não como aquele! — Ele grita explicando, olhando para cima.

— Minha colega levou pizza e estou com vontade. — Anna reclama e puxa minha camiseta, tentando chamar minha atenção.

— Eu não vou mais na escolinha. Eu quero um carrinho...! — Johnny grita, batendo o pé.

— Calma vocês dois. — Agacho perto deles para ter contato visual.

— Tio Enzo, o Johnny bateu no Beni. — Agora é Heitor que se aproxima de mim.

— Tudo bem. Reclamações anotadas. — Eu digo e caminho para o sofá. Davi ainda me olha curioso.

— Papai! — Os meus gritam injustiçados. Pulam no sofá e sobem em cima de mim.

— Tudo bem. Anna, amanhã vamos comer
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pizza, hoje vamos jantar aqui.

— Você promete do seu coração?

— Sim, eu prometo. Já pode começar a escolher o sabor. — Faço um cafuné nos cabelos vermelhos e ela pula eufórica e vai para perto de Beni.

— Meu pai vai comprar pizza para mim amanhã. — Ela se exhibe e Bernardo mostra a língua.

— Jonathan, só irei comprar o carrinho se ver bom comportamento. No fim de semana vamos ao shopping, seja um bom menino até lá.

— Tá bom. — Ele resmunga e volta para o chão onde há vários brinquedos.

— Johnny, você e Heitor brincam com esses. Eu e Anna com esses aqui. — Bernardo indica os brinquedos. Já fez uma separação, me lembra tanto Davi.

Recosto no sofá e enfim olho para meu irmão. Ele já se levantou do chão e está no outro sofá, me encarando.

— Deixa aquele assunto pra lá — digo.

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê?

Dou de ombros. Olho para meus dedos e giro a aliança de lá para cá.

— Não quero que você e Max investiguem. Tenho outros planos.

Ele se interessa e vem sentar perto de mim. Falou em planos, Davi se anima.

— Em que pensou? — pergunta no mesmo tom de voz baixinho e comedido. Eu olho em volta. Ouço as vozes de Rebeca e da nossa mãe, vindas da cozinha. As crianças brincam distraidamente.

— Exumação. Pedi a Matheus para entrar com pedido de exumação.

— O quê? Pirou, Enzo?

— Quem pirou foi você com essa teoria louca. Nunca ouviu falar em corpos sendo trocados em necrotério? É só pedir a análise da arcada dentária pra ter certeza. Já comentei como esse assunto me estressa?

Davi me olha exasperado. Vejo raiva nos olhos dele. Nunca gostou de ser contrariado.

— Está vendo por que comigo sozinho no

caso as coisas estavam melhores? Pare de pensar com a emoção, Enzo.

— Porra! — xingo baixinho. — Eu não estou pensando com emoção. Eu só não quero passar por esse desgaste.

— E pedir exumação do corpo não é desgaste? Demora tempos, você tem que envolver Camila e Jonas e ter uma explicação bem plausível para as autoridades.

Cacete! Esse cara sabe de tudo. Foi a mesma coisa que Matheus me explicou.

— Eu sei, Davi, mas...

— Enzo, acha que eu não pensei nisso? Foi a primeira coisa que me veio em mente.

— E descartou tão rápido — desdenho.

— Sim, lógico. O IML poderia cometer um erro. Ou o anel ou o corpo. Se eles tivessem trocado o corpo, o anel estaria com outra pessoa. Mas eles mandaram para a gente os dois, o corpo e o anel.

— Então é a Malu! — concluo.

— Mas e os outros pertences? — Davi

retruca, questionando.

Me sentindo perdido, totalmente confuso, franzo o cenho e o encaro interrogativamente. Davi respira fundo, senta mais perto de mim e se prepara para explicar detalhadamente.

— Digamos que a dona do tênis e da tornoeleira seja uma vítima que não estava no acidente. Ela morreu também carbonizada por causa do tênis queimado e da roupa, certo?

— Sim — afirmo, mostrando que estou acompanhando.

— Agora vem a Malu. Estava usando... — Ele para de falar e me olha, para eu completar.

Fecho os olhos e busco na minha mente uma imagem. Malu descontrolada no apartamento.

— Ela estava de calça, blusa sem manga e um sapato com um salto médio.

— E usava o anel, a aliança e os brincos, certo?

— Sim.

— Então temos duas vítimas carbonizadas.
— Davi conclui e faz uma pausa de suspense. —

Afinal, temos o anel da Malu e a tornozeleira que não é da Malu como prova. E aí eu pergunto: com quem estão as outras coisas de Maria Luiza? A aliança e os restos do sapato e os brincos? E o que eu quero descobrir: onde está essa outra vítima carbonizada, que não há registro em lugar algum?

Merda. Esse cara fode com geral. Essa mente não é coisa de Deus.

No mesmo momento, Davi me faz ligar para Matheus e pedir para cancelar.

No dia seguinte bem cedo, Matheus já está na minha sala e eu explico tudo para ele. Matheus ficou perturbado com a notícia e disse que ainda bem que eu cancelei, ou eu teria que suar para conseguir a exumação. Prefери ficar fora das investigações clandestinas que os três armaram.

Max, Davi e Matheus começaram a percorrer todas as delegacias e hospitais da região. Com Matheus era mais fácil, ele é advogado e criou um mandado falso. Sim, ideia do Max. Não podemos contatar a polícia para nos dar liberdade nas investigações; precisamos que as diretorias dos

PERIGOSAS NACIONAIS

hospitais colaborem de alguma forma. Eles não dariam informações avançadas sobre pacientes se não tivéssemos um mandado judicial.

A solução foi cometer um crime. Falsificação. E Deus queira que saíamos dessa ilesos.

Fiquei de fora apenas esperando novidades, porque seria demais para mim. Já não basta ter que voltar a tomar calmante todas as noites depois que Davi veio com essa história.

Três dias mais tarde, não obtivemos nenhum avanço. Eles percorreram delegacias e foram a dois hospitais. Na verdade, eu nunca tive esperanças sobre isso, eu prefiro não me iludir.

— Mariza, Davi chegou? — pergunto assim que chego na AMB à tarde, após o almoço.

— Ainda não, Enzo. — Ela olha no relógio de pulso e volta a me encarar. — Mais ou menos daqui a uma hora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. Quando ele chegar, peça para ir imediatamente falar comigo.

— Você está bem? Precisa de alguma coisa?

— Arruma um analgésico pra mim? — Passo a mão na testa, notando que estou sentindo dor na cabeça. Não dormi direito à noite.

— Claro. Levo daqui a pouco para você.

— Obrigado. — Vou para minha sala, sento na cadeira e fico apenas pensando, sem ter condição de pegar em nada para trabalhar. Sabe quando estamos em uma encruzilhada? Eu não tenho um caminho certo para seguir. Nem mesmo um caminho errado. Nem mesmo uma suposição. A única coisa que pensei foi em Malu ter saído do apartamento quando pegou eu e Emily juntos, foi em casa e trocou de roupa, vestindo um moletom e tênis. Mas e todas essas suposições de Davi? Eu queria não me iludir, contudo está me matando pensar em algo desse tipo.

Estou pensando quando Mariza entra com um copo de água. E ela não vem sozinha. Estatelo ao ver quem entra com ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Emily? — indago incrédulo.

— Desculpe, Enzo. — Mariza olha horrorizada para a mulher. — Ela veio atrás de mim. Eu disse que iria avisar a presença dela.

— Tudo bem, Mariza. — Eu a tranquilizo, recebo o copo de água e o comprimido. Mariza fica de pé olhando e eu aceno, liberando-a.

Emily está de olho em um quadro na parede. Uma foto minha e de Malu que foi capa de uma revista.

— Bela foto. Tenho essa revista em casa. — Ela vira-se e me olha sorridente. Estou sentado inabalado com a presença dela. Apesar do susto inicial, Emily não me perturba.

— Deseja alguma coisa, Emily? — indago quando ela se posta à minha frente. Sem eu oferecer, ela se senta na cadeira. Está usando um vestido reto de tecido nobre, saltos altos e cabelos presos de um modo elegante. Quase lembrando o modo que Malu vestia para vir trabalhar.

— Se eu disser que quero você, será muito clichê? — Ela responde sorridente; em um gesto pensado, sobe a mão e mexe no brinco. Como

Malu fazia.

Passo a mão no rosto e suspiro.
Demonstro não ter prestado atenção em nada disso.

— Emily...

— Enzo, eu só queria me desculpar. Pelas meninas aquele dia. — Ela fala séria.

— Está tudo bem. Eu compreendo que elas queriam te defender.

— Eu fico aliviada que você tenha entendido.

Dou um sorriso rápido e fico olhando-a, esperando mais coisas, esperando ela surtar. Mas Emily não faz isso. Ela pega um porta-retrato e olha a foto dos meus filhos, coloca no lugar e me encara com as mãos cruzadas abaixo do queixo.

— Como está passando por tudo, Enzo?

— Estou bem. — Aponto para a foto. — Estamos bem, eu e as crianças.

— Eu fico tão triste por não poder ajudar. Eu gosto mesmo de vocês e queria estar fazendo algo.

— Eu agradeço sua preocupação. Ainda

está por aqui? — completo tentando ser amigável. Não estou olhando para ela, rabisco um bloco de anotações.

— Estou. Saí do hospital e estou trabalhando em uma clínica particular.

— Que ótimo.

Faz-se silêncio, levanto os olhos e ela está me olhando; limpa uma lágrima e fala.

— Será que poderíamos jantar hoje ou almoçar amanhã? Estou precisando conversar. — Ela inclina a cabeça de lado. — Sinto falta das nossas conversas.

Eu abro a boca para responder. Eu iria inventar alguma desculpa, mas então o telefone em cima da mesa toca. Faço um sinal para ela esperar e aperto um botão, mas não é Mariza. É Max. Ele já vai falando:

— Enzo, Davi está aqui na minha sala. Matheus descobriu algo. Você precisa vir ouvir isso.

Está em viva-voz. Emily me olha curiosa.

— Estou com um cliente. Logo estarei aí

PERIGOSAS NACIONAIS

— digo e desligo.

Me levanto rápido. Emily também se levanta.

— Te levo até o elevador — falo com ela, que assente e caminha comigo. Antes de chegarmos à porta, Emily se vira e eu quase topo nela. Inesperadamente, ela me dá um beijo nos lábios. Não a afasto. Fico paralisado.

Ela se afasta, respira fundo e sorri para mim. Levanta a mão, passa no meu rosto e fala:

— Eu te ligo para marcarmos o almoço. Pode ir, eu sei sair. Muito obrigada por me receber. Eu acho que no momento você está apenas confuso. Mais tarde saberá o que é o certo a se fazer.

Balanço a cabeça assentindo. Não vou contestar para não estender o papo. Saio com ela, sigo-a pelo corredor e de longe Mariza nos olha. Faço um sinal e ela vem.

— Mariza, mostre à Emily a saída. — Não mesmo que eu irei deixar essa louca circular pelo banco.

— Claro. — Mariza sorri e se vira, meio falsa, para Emily.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por aqui. — Ela diz, as duas se afastam e eu corro para a sala de Max.

Os três estão lá. Davi mexendo no computador de Max e os outros dois ao lado, olhando. Assim que eu entro, eles me encaram.

— Cara, precisa se sentar. — Davi diz e se levanta, vindo até mim.

Bom, uma tragédia já aconteceu, o que vier agora é lucro. Pela cara que eles fazem, acho que não é tão ruim.

— Diga. — Eu o incentivo. Davi pega um papel e empurra na mesa. Eu nem olho para o papel, continuo com os olhos fixos nele.

— Seguimos um rastro. E tenho certeza que se trata de Maria Luiza. — Ele olha de soslaio para Matheus e Max e depois completa: — Ela está viva.

PERIGOSAS ACHERON

|12|

JORGE

O tão esperado encontro entre as três velhas amigas aconteceu. Foi muito bem planejado, Dani e Julia foram comigo e quase morreram quando viram Malu. Fiquei muito apreensivo nos dias que se antecederam à visita. Estava com medo de, num momento de fraqueza, uma delas contar para alguém, para os maridos. Se um deles soubesse, Enzo saberia no mesmo segundo.

Primeiro Dani conseguiu atrair Julia para um lugar afastado onde eu estava esperando; decidi estar por perto para dar apoio e mais consistência à notícia, tinha que ser um lugar em que Max nunca perceberia. Fomos ao meu apartamento e, como esperado, Julia não acreditou. Ela surtou, gritou, me acusou dizendo que era armação minha e foi preciso muito tempo para fazê-la acreditar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus! Enzo já sabe? — Foi a primeira coisa que ela perguntou quando estava enfim sentada, segurando com a mão trêmula um copo de água.

— Jorge acha melhor não contar ainda. — Dani falou.

— Como não? — Julia me olhou revoltada. — Ele está sofrendo, os filhos deles estão sofrendo. Preciso ligar para Max agora. — Ela pegou a bolsa e começou a procurar o celular.

— Julia. — Corri e segurei a mão dela. — Não faça isso.

— Vá se danar, Jorge. — Ela puxou a bolsa com brusquidão. — Quem é você para vir falar alguma coisa?

— Então quer fazer sua amiga sofrer? — gritei para ela.

— O quê?

— É isso mesmo. Eu contei para Malu que Enzo já está com outra.

As duas se entreolharam incrédulas. Eu tive que jogar essa carta de ultima hora, não tinha

PERIGOSAS ACHERON

jeito.

— Que outra? Está caducando, Jorge? — Com pose de briga, Julia cruza os braços e me encara de sobrancelhas abaixadas. — Aquela coisa foi um mal-entendido. Enzo explicou.

É claro que ele tentou limpar a barra com os amigos. Peguei meu celular e escolhi uma foto.

— Tirei semana passada. — Entreguei o celular e Dani pulou ao lado de Julia para ver. — Eles vêm se encontrando sorrateiramente. Vão a hotéis distantes, motéis e restaurantes. Menti essa parte. Vi eles apenas na casa dela uma vez.

— Impossível. — Dani sussurra com a mão na boca. — Enzo não faria isso. — Julia está com os olhos bem grandes, muito surpresa em ver as fotos. Com um timbre de voz mais baixo, eu digo:

— Malu lembra do rosto dele e ficou perguntando quem é, ela queria vê-lo, mas eu não gostaria de ver Malu indefesa, sem memória e ainda passando por uma situação dessa, então eu abri logo o jogo para ela. Conteí que ele tem uma nova mulher. Não conteí do flagra que ela deu

antes do acidente para Malu não desestabilizar demais, acho que isso é algo sem importância, ela vai se lembrar quando a memória voltar. — Julia e Dani me olham estáticas. Me sento e recebo o celular de volta. — Enzo para ela é um estranho, portanto ela não sentiu muito quando eu disse que ele não esperou nem um ano para encontrar uma nova mulher.

— Eu vou matar aquele imbecil. — Julia ruge revoltada. — E Max também, se estiver sabendo disso e não me contou nada. E vou acabar com essa vadiazinha.

— Eu te ajudo a acabar com ela, Ju. — Dani emendou.

E assim, as duas concluíram comigo que Enzo não deve saber. Agora Dani e Julia nutrem um ódio terrível dele e, mesmo sabendo que Jonas e Camila devem saber de Malu, elas não vão contar nada. Afinal, não seria bom para a saúde mental de Malu voltar e ver o marido com outra.

Aqueles três executivos bundões podem ser espertos, safos e malandros, mas não são os únicos. Sou advogado, tenho poder de persuasão. Posso até manipular o próprio Enzo se eu quiser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por enquanto ficarei controlando apenas Malu e as amigas. Mantendo-as sempre sentindo raiva de Enzo; e agora são duas a mais para passar essa raiva para Malu. Quando enfim a memória de Maria Luiza voltar, a única coisa que ela vai querer de Enzo é o divórcio.

Por que estou fazendo isso? Troco apenas. O destino me deu a oportunidade certa. Enzo planejou contra mim e Malu. Agora eu planejo contra os dois.

As fotos que eu mostrei a elas não são de uma semana atrás, faz um pouco mais de tempo. Entretanto, preciso manter Enzo distante. Só até que eu consiga preparar Malu para a volta dela. Quero que Malu o faça pagar, não sou eu que me vingarei. Ela mesma fará ele sofrer tudo que fez cinco anos atrás.

Eu assumo que foi emocionante o momento do encontro. Malu já estava preparada e quando as duas estavam na sala de Clarisse, sentadas, tensas e nervosas, Malu saiu por uma

PERIGOSAS ACHERON

porta com um olhar meio receoso. Ela parou na frente de Julia e Dani e ficou apenas olhando-as fixamente, enquanto as duas choravam compulsivamente.

Dani consegue forças para correr e abraçar Malu. Julia fica em prantos no sofá, abaixada com o rosto entre as mãos.

— Malu... Meu Deus! É você. — Dani fala aos soluços, apertando Malu bem forte em seus braços.

Ela deixa que Dani chore e, assim que se afastam um pouco, Malu diz:

— Bom, é o que todo mundo fala. — Ela dá um meio sorrisinho, tentando disfarçar o nervosismo. Depois levanta o olhar e, por cima do ombro de Dani, ela olha sem piscar para Julia.

— Somos suas melhores amigas. Eu desde os quinze anos e Julia desde os dez. — Dani comenta, saindo do seu campo de visão para que ela veja Julia.

Malu respira compassadamente, morde o lábio e, de braços cruzados, aproxima-se devagar de onde Julia está. Senta ao seu lado e Julia a olha.

Em um gesto rápido, puxa Malu para um abraço e chora alto enquanto a abraça. Dani abraça as duas e ficam ali bastante tempo; entre o choro delas, eu ouço as vozes engasgadas de Dani e Julia dizendo coisas indecifráveis. De onde eu estou, vejo lágrimas rolares no rosto de Malu.

— Eu... quis tanto... que você voltasse, Malu... — Julia gagueja. — Não havia coisa que eu mais queria, porque você é a irmã que não tive. Tem noção de como foram difíceis todos esses meses?

— Eu posso imaginar. — Emocionada, Malu limpa as lágrimas.

— Não lembra da gente, não é? — Julia indaga, falando dela e de Dani.

— Não. Minhas lembranças ainda são restritas. Lembro-me de nomes, de um rosto... — Ela olha para mim e volta a olhar para Julia. — Enzo. É esse o nome do homem que eu vejo no fundo da minha memória, e sei que me casei com ele. — Julia e Dani assentem. — E agora eu lembrei de uma pessoa e Jorge disse que é minha irmã.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que ótimo. Tenho certeza que logo você volta a ser a Malu de antes.

— Meu Deus! Nem posso acreditar! — Dani fala, ainda embasbacada. As duas voltam a abraçar Malu, agora sem chorar.

— Que isso não seja um sonho. — Julia comenta rindo.

Elas se afastam e ficam olhando abismadas para Malu.

— Me contem sobre vocês. — Malu pede, meio resignada. — Me contem sobre minha vida. — Quase aflita, Malu implora.

— É tanta coisa, não é, Dani? — Julia começa animada. Ainda com lágrimas nos olhos, ela ri. — Acho que seriam necessários uns dois livros.

— É. — Dani concorda. — Um só para falar das nossas aventuras.

Com medo de que elas mencionem coisas que não devem, como o plano de Enzo para ficar com Malu, eu intervenho.

— Creio que não é uma boa coisa. Contar

PERIGOSAS ACHERON

várias informações pode sobrecarregar sua mente, Malu — advirto.

— Jorge é um amor, não é? — Malu fala.
— Pena que quer mandar na minha vida.

Julia olha para Malu, semicerra os olhos e olha para mim.

— Como está lidando com ele?

— Quem? Jorge?

— Sim.

Malu pensa, dá de ombros e pondera:

— Bem.

— Se lembra dele? — Dani, também intrigada, questiona.

— Não.

Julia volta a olhar intrigada para mim. Dani acompanha seu olhar.

— Malu, o que você já sabe sobre sua vida? Filhos, marido...

— Ex-marido. — Malu corrige, magoada.
— Jorge me contou que eu já estava me divorciando de Enzo, que estávamos separando e

PERIGOSAS NACIONAIS

nem morávamos mais juntos. Ele está com outra e eu já estava seguindo em frente. — Ela aponta sutilmente para mim, mostrando que estava seguindo em frente comigo.

E eu fecho os olhos sabendo que estou ferrado. Dani e Julia olham horrorizadas para mim. A cara de Julia é pura psicopatia. Dá até arrepio.

— Certo. — Dani reflete.

— Malu. — Julia começa a falar, mas de olho em mim. — Conte-nos o que você acha, ou sente, sobre essa informação, essas coisas que Jorge contou sobre Enzo.

Malu me olha, morde os lábios e vejo que enrubesce. Ela acha que sou seu namorado e por isso fica envergonhada.

— Um momento. — Ela pede, se levanta e vai para um corredor.

— Cara, eu vou dar tanto chute no seu saco. — Julia ameaça entre dentes.

— Julia, aqui não — alerto-a. — Vamos resolver isso depois.

— Você está... você tá se aproveitando,

PERIGOSAS ACHERON

Jorge... — Dani fala, perplexa.

Esfrego minhas pálpebras, não digo nada, apenas exalo profundamente. Sei o que Malu foi pegar e sei que posso estar ferrado, tenho que começar a elaborar minha defesa. Essas duas não são fáceis.

Malu volta pouco depois com a maldita pasta. Ela poderia desenhar os filhos, o pai, a irmã ou as amigas. Mas se lembra nitidamente apenas dele. O médico dela disse que a única explicação é que ele foi uma das últimas pessoas queridas que ela viu antes do acidente. E pelos meus cálculos, foi mesmo.

Malu senta-se perto das duas.

— Eu já conversei com Jorge sobre isso. É estranho, sabe? Primeiro que busco respostas nisso. — Ela tira a aliança de dentro da blusa, presa na correntinha, e mostra para as duas.

— Ai Meu Deus! A aliança! — Julia exclama. — Há alguns dias Max comentou que Enzo estava enlouquecido procurando essa aliança. — Compenetrada, Julia informa.

— Procurando? Pra quê? — Os olhos

verdes de Malu assumiram um brilho estranho. eu diria que com um pingo de esperança.

— Não sei. Max não comentou. Ah! Max é meu marido. — Julia comunica.

— Jorge me falou dele e de Davi e eu me recordo vagamente desses nomes. — Malu fala e olha para a pasta no seu colo. Respira fundo, abre e dá um papel para cada uma. — Eu desenho como uma forma de colocar pra fora, para tentar lembrar de algo. Vejo uma menina ruiva e um menino. Lembro-me das risadas dos dois. Mas esse, o Enzo, é o único que tenho nítido na mente.

— Ah meu Deus! Nem quando perde a memória Malu esquece o Enzo. — Dani comenta, de olho no desenho.

— Amiga, procure ajuda, é obsessão crônica. — Julia adiciona o comentário.

— O quê? — Malu indaga, não entendendo.

— Nada não. Nos conte mais.

— Então é isso. Eu sinto algo bom sobre os meus filhos, quando tenho flashes sobre eles, e estranhamente sinto o mesmo por Enzo. Sei que

PERIGOSAS ACHERON

Jorge é meu namorado e fico muito mal por isso.

— Seu namorado... — Dani reflete.

— Vamos te ajudar a rever as crianças, Malu. — Julia afirma. — É o mínimo que podemos fazer. Logo estará em casa novamente. Prometo.

Quando enfim fomos embora, Julia e Dani quase me decapitam. Eu até tentei me safar, mas foi em vão. As duas notaram que eu estava forçando a barra.

— O que pensa que está fazendo, Jorge?
— Aos berros, Julia vem já me empurrando; estávamos na calçada em frente ao meu carro.

— Que porra é essa? — Dani gritou, também furiosa.

— Eu tive que inventar alguma coisa! — grito mais alto, me defendendo. — Eu a encontrei e Malu estava estranhando minha presença, tive que dizer que sou o namorado dela para ganhar confiança. E então ela sabia do Enzo, pois tinha a aliança, e uma mentira foi levando a outra.

— Cara, você ferrou tudo para a Malu.

Ela está confusa.

— Eu sei. Eu estou querendo colocar tudo em pratos limpos no fim de semana. Contar para o tio.

— Vai contar agora mesmo, Jorge, passou da hora.

— Agora não dá, Julia. Você viu como Malu estava, ela precisa ser preparada. Precisamos preparar o pai, a irmã e até o babaca do Enzo. Precisamos de ao menos dois dias.

— Droga! Droga! Droga! — Julia resmunga aparentemente descontrolada. — Você poderia ter feito isso antes, Jorge. Olha como todos estão sofrendo.

— Julia, se já esperaram até agora, espere mais dois dias. Deixe que eu cuido do pessoal aqui. Falarei com Jonas e Camila. Amanhã à noite viremos de volta para cá. E conversaremos com Clarisse e Malu. Vamos prepará-las para o encontro.

— Claro, acho uma boa ideia. — Dani disse. — Vamos focar nisso o mais rápido possível.

— Não conte nada a ninguém por

PERIGOSAS ACHERON

enquanto. Vamos fazer tudo pensando em Malu. Não podemos sobrecarregá-la.

Mesmo desconfiadas, as duas aceitam. Entram no meu carro e as levo de volta para o Rio.

Agora preciso apenas confiar nelas, torcer para que não falem nada.

Já em minha casa, tomo um banho, visto uma bermuda e vou para a sala. Pego o celular e ligo para Clarisse. Converso com ela, que diz que está com medo, pois não sabe quem está por trás da tentativa de assassinar Malu no hospital. Eu sei e estou guardando isso como uma carta na manga.

Ela diz que Malu foi ensaiar com as outras dançarinas e, antes de eu desligar, tenho uma nova chamada em espera.

— Clarisse, mande um beijo para Malu. Vou desligar. Tenho uma chamada.

— Tá bem, Jorge, até mais.

Desligo e aperto para atender a outra chamada.

— Jorge?

PERIGOSAS NACIONAIS

Fecho os olhos e falo “porra” só mexendo os lábios.

— Oi Lea.

— Quando vai resolver essas coisas? Por acaso está fugindo?

— Lógico que não. Eu disse que iria demorar. Talvez mais algumas semanas.

— Michele quer falar com você. E, por favor, venha nos visitar no fim de semana. Por incrível que pareça, estou ficando com saudades.

Sorrio espontaneamente e me ajeito no sofá, deitado nas almofadas.

— Achei que estaria seguindo em frente, Lea.

— Sabe que não vou fazer isso por causa da Michele.

Rio alto, me sentindo orgulhoso.

— Nada como ficar afastado para as pessoas nos darem valor.

— Tchau Jorge.

Em seguida uma voz grita eufórica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papai!

— Oi meu amor. Papai está com muitas saudades.

PERIGOSAS ACHERON

|13|

ENZO

Eu não tinha condições de dirigir. Eu estava meio vivo, me mantendo apenas respirando enquanto Davi dirigia. Eu, ao seu lado, não conseguia ter uma reação ou ao menos falar algo.

Sabia que ele estava acima da velocidade permitida e desejei que ele corresse mais, porque de alguma forma eu queria chegar logo e acabar logo com esse tormento. Vi na expressão de Davi uma tensão quase como a que eu sentia. No banco de trás, Max e Matheus estavam também calados. O momento pedia silêncio, mesmo tendo certeza que nós quatro pensávamos a mesma coisa. Sobre o mesmo assunto.

No início, quando eles falaram, eu fui incrédulo mais uma vez. Eles tiveram que repetir a notícia enquanto eu ficava apenas fantasmagórico,

ecoando na minha mente: “Malu está viva”.

Mas então Matheus foi muito convincente.

— Enzo, quando eu consegui a informação, achei que poderia ser uma coincidência, apenas outra pessoa que adequasse as informações. O laudo era claro: “Mulher deu entrada no pronto atendimento, com lesões de possível acidente.” — Não olhava para Matheus, olhava para a mesa. — Ela foi levada por um casal que disse não saber quem era. Ela estava sem documentos e, apesar de consciente, estava confusa. Não obtive informações do prontuário e do diagnóstico, mas há algo que confirma que é Malu.

E então eu levantei o rosto. Olhei nos olhos de Matheus e o vi muito tenso. Dei um giro com o olhar e encontrei a mesma expressão em Davi e Max. E eu perguntei: “que fato?”. Não disse em palavras. Me sentei na frente dele, ao lado de Max. Em meus 39 anos, nunca estive mais assustado, sentado encarando Matheus. Pela minha expressão ele soube o que eu quis perguntar. Max tocou no papel que eles tinham empurrado para

mim.

— Leia, Enzo.

Abaixei os olhos e li.

Lá dizia que a paciente foi transferida para um hospital em São Paulo. Um familiar a encontrou e solicitou a transferência.

E aí eu tive certeza de que era mesmo a Malu quando li a assinatura do solicitante.

Grau de parentesco: Mãe.

Nome: Clarisse Souza Assumpção.

Ainda não consigo digerir direito essa história. Malu não pode estar viva ou ela apareceria. São quase sete meses. Ela jamais deixaria a família toda sofrer. Mesmo estando com raiva de mim, ela não sacrificaria os filhos. Tenho certeza disso, por isso ainda não tem nada explicado na minha mente. Isso, apesar de apontar para o real, não condiz com a realidade.

Lembro-me de Emily. Malu foi igual Emily quando tinha 18 anos. A diferença é que eu tinha por Malu a mesma atração que ela sentia por mim, e graças a Deus colocamos as cartas na mesa

e ficamos juntos. E essa coisa de Emily já está dando nos nervos. Ela é o quê? Uma criança, que não entende? Acha mesmo que pode conquistar uma pessoa assim? Encurralando, pressionando? A coisa que qualquer homem odeia é ser pressionado. E eu já estou passando por tanta coisa para ainda ter que suportar a louca.

Antes de sair da empresa, eu deixo Davi e os outros dois seguirem na frente e volto até a mesa de Mariza. Há algo que tenho que fazer, ainda mais agora com essa suposição de Malu estar viva.

— Mariza, sabe aquela mulher que veio aqui hoje?

— Sim. — Ela me olha com atenção. Um olhar incriminador.

— Avise a recepção lá embaixo, aos seguranças, a quem for, que ela está proibida de colocar os pés nesse prédio.

— Louvado seja Deus! — Mariza exclama. — Não fui com a cara dela. Achei que você não iria nunca me dizer isso. Vou fazer isso agora, Enzo.

— Muito obrigado — Falei e saí

correndo atrás dos outros.

E agora aqui estamos, chegando a São Paulo, ao hospital para o qual a paciente que possivelmente é Maria Luiza foi transferida.

Eu sei que deveria tomar a frente nessa situação, ela é minha esposa, é assunto meu. Mas não dá. Fico apenas de espectador, coadjuvante, vendo Davi orquestrar tudo.

Chegamos ao hospital e prefiro ser o último a entrar. Matheus vai ao balcão, se apresenta como advogado e pede para falar com o diretor ou responsável pelo hospital. Ele explica mais ou menos do que se trata e mostra o mandado judicial falso. A mulher atende o pedido dele, primeiro por causa do mandado, e segundo que olhou para nós quatro, todos de ternos (sem as gravatas), com cara de gente importante.

— Está tudo bem? — Davi se aproxima de mim assim que a mulher se afasta.

— Estou bem — falo em um murmúrio.

— Sei que é difícil você encarar essa situação, Enzo, mas...

— Difícil? — indago soltando uma
PERIGOSAS ACHERON

fungada irônica. — Difícil é perder um cliente, ou ver o dólar em alta, ou perder um ponto na pontuação dos bancos. Isso aqui está impossível. Só penso em ir para casa.

— Mas não te anima? A notícia é que Malu está viva. Isso teria que te deixar feliz. — Davi contesta, não entendendo minha reação.

— E se ela estiver viva? Onde está que ainda não entrou em contato? Por que está fazendo isso comigo e as crianças? Nada explica, Davi.

— Explica sim. Tudo tem explicação. Para de fazer essa expressão de bunda mole, cadê meu irmão que eu conhecia? Precisamos do Enzo de volta.

Suspiro. E olho em volta. As pessoas estão de olho na gente. Max e Matheus se aproximam.

— Geovanna não se conforma, eu ainda não me conformo com a morte de Malu. E evito qualquer tipo de ânimo sobre isso.

— Está incrédulo? — Matheus pergunta olhando para mim. Não respondo. Ele vira-se para Davi para que este responda.

— Eu só não quero ter que viver um luto

PERIGOSAS ACHERON

pela segunda vez. Criando esperanças que ela esteja viva e depois descobrir que foi tudo um engano.

— É o que vamos saber agora. — Max fala e bate no meu ombro.

Somos levados a uma sala onde um senhor alto e careca nos esperava. Ele nos cumprimenta sorridente.

— Senhores. Sentem-se, por favor.

Nos sentamos de frente a uma mesa enorme com várias cadeiras, com o médico do outro lado. Típica sala de reunião.

— Em que posso ajudá-los? — O senhor pergunta e Matheus se apresenta como advogado e resume rápido o que desejamos. Ele mostra o papel que conseguiu no hospital do Rio e o homem assente.

— São quase sete meses. Preciso olhar o arquivo. — Ele diz, liga um computador na mesa e fica ali por um tempo mexendo.

Eu e os rapazes ficamos em silêncio e o único som na sala é do teclado do computador.

Talvez os outros não ouçam, mas eu posso ouvir meu coração bater nos ouvidos. Olho para minhas mãos e estão suadas. Levanto uma mão e passo na testa.

— Encontrei. — O homem avisa depois de algum tempo. Olha para nós e vira a tela do computador para que possamos ver. — Está aqui. Clarisse Souza Assumpção. Veio como acompanhante da paciente Maria Luiza Souza Assumpção. Ela foi transferida e chegou em grau leve de traumatismo.

Eu não o escutava. Eu só conseguia me focar no nome que aparecia na tela: Maria Luiza Souza Assumpção. Quando dou por mim, estou com uma mão na boca e lágrimas molhando meu rosto. O simples fato de o nome dela ainda estar de solteira é apenas um detalhe. Eu estou tonto, emocionado, feliz e apavorado; senti minhas pernas fraquejarem e um peso no peito. Eu só consigo pensar: como? Como isso está acontecendo? Sim. Malu viva era tudo que eu queria. Mas eu desejava que ela não tivesse sofrido o acidente, e não se escondido, se fingindo de morta.

Porque?

Porque Maria Luiza faria isso comigo?

— Enzo. — Ouço Davi falar e olho para ele, tentando parar a porra do choro. Mas não consigo, está impossível. E eu só penso onde Malu está e por que ela está fazendo isso comigo.

O homem disse que não teve mais informações sobre a paciente. Ela recebeu alta e foi levada dali com a mãe. Não perguntamos mais nada. Saímos dali avoados, sem saber que rumo tomar. Mesmo para Davi estava difícil pensar em algo. Voltamos para a estaca zero.

— Vamos investigar, Enzo. — Davi disse na volta. Eu não estava falando, ninguém estava falando. Eu olhava para a janela e mordida o nó do dedo enquanto lágrimas ainda desciam descontroladas pelos meus olhos.

— O importante é que ela está bem em algum lugar. — Max diz.

— E se ela for... se Malu for igual Clarisse? — balbucio. Isso passou a fazer parte dos meus pensamentos. Clarisse era uma esposa linda, apaixonada pelo marido e pelos filhos. Mas a vida

PERIGOSAS NACIONAIS

noturna e as festas foram mais fortes que tudo e ela abandonou todos sem olhar para trás. Não se importou se o marido e as filhas sofriam. Ela pensou apenas nela.

Eu estou trêmulo de medo de ser apenas mais um Jonas da vida. Ele me falou anos atrás que Malu era igual à mãe, eu até achei que seriam iguais na safadeza, mas Jonas explicou melhor em que elas pareciam.

— Impossível, Enzo. — Davi adverte. — Não pense nisso. Malu é uma boa mãe, ótima profissional. Ela não se comportaria assim.

— Eu só acho que não conseguiria ter a mesma calma que Jonas teve. Malu não sairá impune se ela fizer isso comigo.

— Eu vou chamar um detetive para ele tentar seguir os passos delas. Sei que há uma explicação para tudo isso.

Paro de chorar. Apesar de feliz, eu tenho medo de ver o que não quero.

Sim, há com certeza uma explicação. Eu me conforto em pensamento.

PERIGOSAS ACHERON

Chego em casa. As crianças não estão. Vou para o quarto, evito olhar para a porra da cama e para as coisas de Malu. Me troco, saio rápido e vou para a academia que fica lá embaixo, perto da piscina. Não penso em nada, apenas descarrego minha tensão no saco de pancadas. Os músculos dos meus braços doem de tanto que eu bato. E mesmo assim o pavor não me abandona. Termino e ainda estou devastado.

Tiro a roupa e pulo de sunga na piscina, dando umas braçadas potentes. Vou de um lado a outro, nadando rápido, repetindo as voltas várias vezes, até que meu corpo chega ao limite e eu fico apenas boiando de barriga para cima, os olhos fechados.

Malu está sem memória. Essa é a única suposição que tento fixar na mente desde que cheguei aqui em casa.

Dois dias depois, na sexta-feira pela manhã, eu estou na minha sala quando Matheus entra. Ele

parece nervoso além do limite. E na hora eu soube que ele tinha novidades.

— Eu acho que podemos encontrar Malu.
— Ele disse parado na minha frente. Está pálido e noto que ele morde forte os dentes; o maxilar está tensionado.

— Diga, homem, o que descobriu?

Ele fechou os olhos, vi que respira compassado, soltando o ar pela boca. Eu já estou sentado na ponta da cadeira, esperando a bomba.

— Danielle sabe onde Malu está. Creio que Julia também. — Ele disse e eu desabei. As duas sabem e não contaram nada? Isso não é normal, Julia não faria isso, ela não esconderia isso de Max. Com as mãos trêmulas eu pego o telefone na mesa.

— Max, venha à minha sala imediatamente.

Matheus se aproxima, pega o celular, mexe e fica olhando.

— Eu descobri por acaso. Dani estava no banho e quando entrei no quarto, nossa filha estava mexendo no celular dela. Eu disse que não podia, que a mãe tem coisas importantes ali que ela poderia apagar. Mas Sarah queria joguinhos e eu
PERIGOSAS ACHERON

fui selecionar o jogo para ela. Fui voltando nas coisas que ela estava mexendo e me deparei com a pasta de arquivos dela, e foi então que eu vi isso. — Matheus empurra o celular na mesa em minha direção.

Fico com medo de pegar; a porta se abre e Max entra. Crio coragem e pego o celular. Lá estão Malu e Clarisse em uma mesa almoçando numa boa.

— Ah, caralho! Malu não está fazendo isso.

— Novidades? — Max vem rápido para a mesa.

— Dani sabe onde Malu está. E pensamos que Julia também. Pode nos dizer algo? — Quem disse isso foi Matheus, já que eu só olhava para a foto. Estava lá, de cabelos maiores, sem maquiagem e sorrindo. Malu está viva, sorridente, enquanto eu choro em um túmulo com outra pessoa dentro e os filhos sofrem a ausência dela.

— Julia sabe? Impossível. Ela não me esconderia. — Levanto o celular e mostro a Max.

— Essa foto estava no celular de Dani.

Max se senta. Noto na sua aparência que ele está se sentindo traído. Logo ele que afirmava batendo no peito que o casamento dele era baseado em confiança, que ele e Julia mantinham tudo escancarado um para o outro. Max conta tudo a ela, até coisas que não precisa. Dou razão para ele ficar nesse estado.

— Não pude investigar mais coisas. Enviei rápido a foto para meu celular e saí. Mas hoje, na madrugada, vou tentar bisbilhotar. — Matheus fala, tentando nos confortar.

Mais tarde Davi fica sabendo e diz que o melhor a fazer é ficar de olho nas duas. Que, se elas sabem onde Malu está, mais cedo ou mais tarde elas irão até onde ela se esconde.

Max ligou para Julia e disse que ficará o dia fora e, por coincidência, ela avisa que precisa sair às seis, pois irá a uma confraternização na escola. Ele promete que chegaria antes disso em casa para ajudar a mãe a cuidar das crianças.

Davi não tinha certeza se Rebeca estava envolvida, e decidiu ligar para ela e dizer que teria que demorar um pouco, que ele estaria comigo. Rebeca não disse que teria que sair à noite. Apenas

PERIGOSAS ACHERON

disse que o estava esperando.

E por fim, Matheus ligou para Dani e ela disse que tudo bem, mas que ele teria que estar em casa até às seis, pois ela teria que sair, iria visitar uma amiga que tinha ganhado bebê. E Matheus concordou, dizendo que, chegaria a tempo de ficar com a filha.

E aí estava a prova que precisávamos. Sabíamos o que fazer. Decidimos ficar de prontidão, próximo à casa de Max, em um carro alugado. Max deixou a mãe cuidando dos filhos e, quando Julia sai, começamos a segui-la, sempre em uma distância segura.

Como eu estou? Conformado. Malu está viva e o confronto entre nós dois é questão de tempo. O nervoso desconcertante que sentimos quando nosso time precisa chegar ao G4 e faltam quarenta minutos para terminar o jogo e ele precisa de mais um gol; é o mesmo que estou sentindo agora. A expectativa está me matando.

Julia para na casa de Dani, ela entra e juntas seguem viagem.

— Vocês dois me desculpem, mas estou

PERIGOSAS NACIONAIS

com uma puta raiva delas duas. — Eu digo olhando para Matheus e Max no banco de trás do carro. Davi dirige concentrado, procurando se manter seguro.

— Eu sei, Enzo. — Max concorda. — Julia tem muito que se explicar.

Cheios de hipóteses, tentando encontrar um consenso dentro do carro, chegamos a Niterói e fico embasbacado quando o carro delas para em frente a uma boate. Estamos parados na esquina, a metros de distância, faróis apagados, observando o carro delas.

Julia e Dani descem, olham em volta, disfarçam um pouco e entram.

— Cacete! Que putaria Julia tá arrumando? — Max ruge indignado.

— Vamos descobrir agora. — Davi diz, abrindo a porta. — Vamos.

Chegamos em frente à boate. Dois homens nos param.

— Senhores. Têm convites para essa noite?

—Não — respondo nervoso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Poderia nos dizer quem são e o que fazem da vida? — Ele pergunta com uma prancheta na mão.

— Nós três, executivos financeiros. — Davi aponta para Max e eu.

— E eu, advogado da empresa deles.

— Podem nos dizer os nomes?

— Davi. — Agora eu digo apontando para Davi. — Max, Matheus. — Aponto para os dois. — E eu, Enzo.

— Precisam ser revistados. — O segurança avisa e aceitamos.

— Ok. Sejam bem-vindos. Divirtam-se.

— Obrigado.

Entramos e nos vimos no salão de uma boate de luxo. Paredes forradas de vermelho, palco enorme e mesas bem distribuídas. Há pouca gente no local e nenhum sinal de Julia e Dani. Não dissemos que estamos procurando-as. Apenas nos deixamos ser guiados a uma mesa e pedimos cerveja.

— Alguma ideia do que diabo está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecendo? — Matheus indaga; vi raiva nos seus olhos. Aparentemente essa é uma casa de shows, e aí indagamos: o que nossas esposas fazem aqui? E para mim é pior ainda. Malu foi dada como morta, deixou todos chorarem a própria morte por seis longos meses. Eu só consigo me perguntar se ela queria curtir um pouco a vida e depois voltaria, se fazendo de vítima. Sinto vontade de quebrar tudo, gritar e ordenar que ela apareça. Mas não faço, fico ali taciturno, sentado, olhando o movimento.

Não arredamos o pé. Não obtivemos resposta, não vimos nada suspeito nem ninguém. Mas não saímos dali. Até que o show começa.

— Depois do show vamos perguntar ao cara do fone de ouvido. — Davi diz. — Vamos pedir para falar com um responsável.

Ficamos olhando o pessoal se alvoroçar com os garçons que tiram as roupas, dançam no palco e abrem uma cortina por onde entram as dançarinas. A música “Dance Again” de Jennifer Lopez começa a ser cantada pelas mulheres. Elas mesmas cantam e dançam. Vão tirando as roupas de garçonete e ficam apenas com botas e uma espécie de maiô.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caraca! Olha essas mulheres. — Max exclama perplexo. — Se hoje não fosse um dia tenso eu até apreciaria.

— Pode apreciar. — Davi fala com um sorriso malicioso nos lábios. — Eu estou apreciando.

— Olha a bunda daquela loira. Caramba! — Matheus não consegue nem piscar.

— Parece errado mas tenho que concordar.. — Davi diz, com olhar sério e investigativo mirando o palco.

E então eu me levanto. Há vários homens ao redor do palco, muitos se levantaram e estão alvoraçados. E eu vou em direção ao palco sem conseguir piscar.

— Pai do céu! Ferrou! — Ouço a voz de Max bem atrás de mim e soube que eles tinham se levantado também. Não digo nada, uma lágrima desce do meu olho e está mais quente do que todas as lágrimas que já derramei. Não é felicidade, é algo como raiva primitiva. Eu tenho uma fome devastadora de ferir alguém, eu quero bater em cada um desses homens, eu quero espancar eles um

PERIGOSAS ACHERON

por um. Eu queria não ter visto isso. Sinto, pela primeira vez, nojo de Maria Luiza. E então ela toma a frente dançando o refrão da música, usando passos ensaiados.

E ela para de cantar assim que nossos olhares se encontram. Malu fica paralisada no meio do palco, as outras percebem e param de dançar. Ela está com os olhos arregalados, a boca aberta, pálida e fixada em mim.

Maldita!

Sem a música, nota-se um repentino burburinho, o som ao fundo continua, sem vozes. E todos tentam entender o que aconteceu.

Limpo rápido a lágrima e, em um piscar de olhos, ela dá um giro e corre em direção a uma porta no fundo do palco.

— Te damos cobertura. Pegue ela. — Davi rosna para mim e, como um cão bravo que acaba de receber a ordem do dono, eu fico cego. Pulo em cima do palco, as dançarinas começam a gritar e correr desvairadas; e eu miro apenas a porta. Vejo um dos garçons dançarinos correndo em minha direção para me parar, mas ele foi parado

por Max, que deu uma rasteira no cara. Outros vieram, mas Matheus e Davi também já estavam em cima do palco me dando cobertura enquanto eu entro pela porta e corro por um corredor meio escuro.

Corro o mais rápido que posso e a vejo de costas subindo uma escada. Subo atrás, ela não consegue correr muito, pois os saltos são enormes. Quando chego ao fim da escada, consigo entrar em uma porta e, antes de qualquer coisa, ouço:

— Enzo está aqui. Me ajudem.

Vagabunda descarada. Ela fez comigo tudo que a mãe fez com Jonas. E as safadas das amigas deram cobertura.

Elas não tiveram como reagir. Entro desnortado e paro em uma sala, como um hall de entrada de uma casa luxuosa. É muito bonito, em tons creme. Sofá grande, quadros bonitos, uma bela mesinha de vidro no meio, tudo muito requintado.

Malu está em um canto, encolhida, pálida, com os olhos muito saltados. Ela tenta tampar o corpo com as mãos como se estivesse envergonhada. Olho para Dani e Julia, que me

encaram com a mesma expressão da amiga.

Eu não consigo desviar os olhos dela. Eu queria muito que ela pagasse pelo sofrimento que me causou. Porra! As crianças não merecem isso. Essa mulher não merece os filhos que tem. Os meus filhos.

— Então nunca foi como sua mãe, não é?
— Ainda tenho condições de ironizar.

— Enzo, nada disso é o que você está supondo. — Julia intervém.

— Não? E o que é isso? — berro enlouquecido para ela — O céu? Essa vaca descarada morreu e veio para o paraíso?

— Para de falar assim, cara. — Dani se aproxima de mim. — Tudo será explicado.

— Eu não quero porra de explicação! — Começo a gritar descontrolado. — Nada, ouviu? Nada pode explicar o fato que eu estava chorando por uma pessoa achando que a tinha perdido enquanto ela está fazendo *striptease*. Nada justifica ela imputar a dor que meus filhos estão sentindo.

— Enzo, Malu está sem... — Antes de Julia terminar de gritar, ouço uma voz que me
PERIGOSAS ACHERON

chama atenção.

— O que está acontecendo... — A voz se detém. Me viro e vejo Jorge. Ele está estático e pálido, é mais um pego no flagra.

Fico cego. Sinto que estou sendo puxado para baixo. Sinto minhas pernas tremerem, me fazendo querer cair; e eu volto a olhar Malu, que ainda está no cantinho.

— Que porra é essa, Maria Luiza? O que está fazendo? O que pensa que está fazendo? Como pode fazer isso comigo?

E ela começa a chorar. Vou para cima dela, doido de ódio.

— Você não merece o pai, ou a irmã e nem os filhos que tem. Você é uma... — Antes de eu terminar, Jorge avança em mim.

— Para com isso, cara, você não tá entendendo nada. — Ele termina de falar e eu o acerto com um soco, ele cai e eu vou por cima. Começo a dar socos na cara dele com toda raiva que tenho e só paro quando ouço Malu gritar:

— Largue ele. — Ela bate nas minhas costas. — Largue ele, seu porco maldito! — E eu
PERIGOSAS ACHERON

paro. Eu paro porque tenho certeza que isso tudo foi só para se vingar de mim, de algo que nem fiz, do dia que ela me pegou com Emily.

Me levanto, Dani e Julia estão petrificadas, Malu abaixada perto de Jorge.

— Caralho! — Max acaba de chegar e fala olhando a cena. Eu me afasto, me sento e abaixo o rosto entre as mãos. Estou soluçando, mas sem choro. Nem percebi que meu baço dói quando respiro. Não quero olhar para Maria Luiza. Não quero olhar para esses dois.

— Que porra é essa, Dani? — Ouço Matheus e depois Davi:

— Mas que droga! Maria Luiza... o que você pensa que está aprontando? Como tem coragem de fazer isso?

E então Julia grita:

— Cala a boca todos vocês! Imbecis, idiotas! Eu vou te matar, Max!

— Você? Olha o que está fazendo, você é a errada aqui! — Ele grita de volta.

— Malu perdeu a memória. Malu não

sabe nada do que está acontecendo. — Ela revela.

— Perdeu a memória. — Levanto a cabeça e dou uma gargalhada irônica. — Conte outra, Julia. Davi, me leve pra casa. Preciso só sair daqui.

— Claro. Vamos.

Me levanto, ele segura no meu braço e eu olho em volta; Malu se levanta e olha furiosa para mim.

— Sim, a minha esposa, a minha Malu está mesmo morta — digo e viro as costas, saindo da sala.

Sem que eu espere, recebo uma série de golpes por trás. Viro-me e é Maria Luiza descontrolada.

— Você não pode me tratar assim! Você não sabe o que estou passando!

Seguro rápido nos pulsos dela, imobilizando-a. Miro seus olhos ferozmente e ela começa a chorar.

— Tudo que me lembro é um rosto — grita meio grogue entre um rio de lágrimas —, e

agora eu não queria ter me lembrado justamente do seu rosto.

Solto os pulsos dela. Olho-a e fico pasmo. Conheço essa mulher tão logo noto o brilho familiar ali nos olhos verdes. Malu arranca uma correntinha do pescoço e joga em mim. Pego no ar e, para meu espanto, é a aliança dela.

— E agora eu só tento me lembrar por que eu me casei com um homem como você. — Ela fala e eu abro a boca para proferir algo. Estou abalado com tudo isso, sem saber o que pensar, mas não respondo. Davi e Max me puxam e me levam dali e, como eu disse antes, eu preciso só sair daqui.

|14|

ENZO

Davi e Max entram comigo na minha casa. Deixamos Matheus na casa dele e viemos para cá. Durante o caminho o carro estava pequeno para mim. Eu parecia inchado, dolorido, não sabia onde estava doendo, mas todo meu corpo estava gelado, o sangue bombeava potente, mas não havia calor. E eu suei, muito. A testa está gotejando. E meus dedos doem fechados, segurando firme a aliança na minha mão. A maldita aliança que ela jogou na minha cara.

Ninguém falou nada durante o trajeto ou tentou chegar a uma suposição. Eu não queria falar, pois eu sabia que se eu dissesse alguma coisa seria apenas para xingar Malu.

Enquanto eu me sento no sofá da minha sala, Max vai pegar alguma coisa para eu beber.

PERIGOSAS NACIONAIS

Levanto o rosto e olho de lado. Davi está me fitando atentamente.

— Preciso ligar para a mamãe. Não posso trazer as crianças para cá hoje. Não quero que eles me vejam assim.

Sem falar nada, Davi pega o celular dele, digita e me entrega. Pouco depois ela atende.

— Oi mãe — digo respirando fundo para mascarar meu nervosismo.

— Oi filho. Aconteceu alguma coisa?

E ela percebe imediatamente pelo meu tom de voz.

— Davi conta tudo mais tarde. Ele está aqui comigo. — Recebo o copo que Max me entrega. — Eu liguei para pedir que fique essa noite com Ana e Johnny. Não estou em condições de cuidar deles e quero ficar sozinho. — Tomo um gole do uísque.

— Filho, pelo amor de Deus, o que houve? Quer que eu vá aí?

— Não, mãe. Está tudo bem. Eu só estou chateado com uma coisa. Preciso tomar um banho e

PERIGOSAS ACHERON

deitar cedo.

— Venha pra cá, fique com a gente. — Ela ainda insiste.

— Mãe, eu tenho que ficar sozinho. Deixe-me falar com Anna e Johnny.

— Tudo bem. Fique calmo. O que quer que tenha acontecido, mantenha a calma. Tome um comprimido daquele calmante que levei para você. Faça um chá e deite-se no quarto escuro. Não pense besteiras.

— Claro, mãe.

— Tchau. Fique com Deus. — Ela fala e depois eu ouço:

— Anna, Johnny. O papai quer falar com vocês. — Espero um pouco, de cabeça baixa com o celular no ouvido. Sei que Max e Davi estão me olhando, mas nem ligo, eles me entendem; de nós três sempre fui o mais dramático, isso não tem como negar.

— Papai! — Os dois gritam juntos.

— Oi pestinhas. — Elaboro uma voz alegre. — Estão fazendo bagunça na casa da vovó?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Anna grita feliz e já emenda:
— O Beni tentou colocar Johnny de castigo.

Pela primeira vez na noite eu sorrio.

— Eu chutei a canela dele. — Johnny revela gritando no celular.

— Nada de briga. Se comportem direitinho. Lembre-se que você precisa ser um bom menino para ganhar um carrinho quando formos ao shopping.

— O Beni é bobo! — Johnny esbraveja revoltado e de repente uma voz surge do nada.

— Mentira, tio Enzo. A Anna viu quem começou. — É Bernardo. Olho para Davi sentado no outro sofá.

— Quando eu chegar aí eu resolvo esse problema — falo em um suspiro. Em seguida, em um tom mais sério, digo: — Anna, Johnny, quero que se comportem muito bem. O papai fez uma viagem rápida e só estarei de volta amanhã. Vocês vão dormir aí hoje.

— Ebaaaa! — Os dois gritam, a voz de Johnny se distancia e ao fundo ouço ele contando as boas novas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Anna. Cuide do seu irmão. Fique de olho nele para mim, ok, minha princesa?

— Tá bom, papai.

— Amo vocês dois.

— Tchau. — Ela grita e eu desligo. Entrego o celular para Davi.

— Precisa de alguma coisa? — Max pergunta.

Balanço a cabeça negativamente, sem olhar para eles. Tomo mais um gole do uísque.

— Só quero pensar. É como se eu estivesse em um mundo paralelo.

— Não tire suposições precipitadas. — Davi aconselha. — A teoria da perda da memória justifica tudo.

— É, justifica — concordo. — Mas se for verdade, ela tem que provar isso. Não acredito mais na palavra dela. Malu não só me apunhalou. Ela arruinou com tudo de bom que eu construí sobre ela. — Termino de beber o uísque, coloco o copo na mesinha e olho. Davi e Max me encaram compenetrados. — Durante esses meses eu a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coloquei como uma rainha eterna. Que mesmo morta reina acima de tudo. Eu me senti mal por ter transado com Emily, enquanto ela... trabalha em uma boate de strippers e faz sei lá o que com todos aqueles homens. — A mágoa me apunhala de um jeito tão forte que o fim da frase foi dita entre meus dentes trincados.

— Não acha que Malu faça programas, não é? — Max indaga.

— Como eu disse: ela tem que provar qualquer coisa de agora em diante. — Me levanto dando a entender que é hora dos dois irem. Eles se levantam e ficam me encarando preocupados, por um instante.

— Você está com uma cara muito estranha. — Davi observa. — Relaxa, mano. — Ele bate no meu ombro. — Não tente ser um justiceiro ou vingador. Apenas deixe rolar.

— Não estou querendo ser justiceiro ou vingador. Mas hoje, depois do que vi, algo aconteceu comigo. — Bagunço meus cabelos e coço a barba. — É como se eu voltasse no tempo e me transformasse naquele mesmo cara de 28 anos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Naquela época você era um porre. —
Max comenta.

— Malu acordou o pior de mim. E ela sabe exatamente o que o Enzo de 28 anos é capaz de fazer — concluo pensativo.

Eles caminham para a porta, mas Davi volta-se para mim.

— Você ainda a ama? — Ele indaga.

Desvio o olhar deles e coloco a mão no olho.

— Não fode, cara.

— É uma pergunta pertinente, Enzo. —
Max reforça.

— Eu a amo, tá? — grito com os dois. —
Ou acha que estou assim por quê?

— Beleza. Pense bem nisso antes tomar qualquer atitude. — Davi se vira, bate nas costas de Max e os dois vão embora.

Eu vou para o quarto, arranco a roupa, sempre levando comigo uma garrafa de uísque. Não preciso de calmante quando eu posso encher a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cara. Deixo a garrafa na pia do banheiro enquanto tomo uma ducha fria de corpo inteiro.

A imagem de Malu dançando com aquela roupa não sai da minha mente. Escoro na parede e sinto a água cair gelada nas minhas costas. Os *flashes* não param. Ela cantando, feliz, usando saltos e sendo chamada de nomes obscenos por todos aqueles homens. Eu quero acreditar, na verdade preciso acreditar que ela não tenha feito nada além de apenas dançar. É a única coisa em que ainda me agarro. Se Malu deixou algum cara apenas tocar nela, está tudo perdido, vou odiá-la do mesmo modo que odeio Lilian.

Apesar da água, meu corpo queima toda vez que lembro. Estou com muita raiva, uma sede obsessiva de me vingar. Isso é diferente de odiar definitivamente, porque a pergunta que Davi fez antes de sair está me mantendo nos eixos. Querendo ou não, eu amo aquela megera, mas um amor pode ser quebrado por algo bem forte. Já está abalado, devo dizer.

Desligo o chuveiro e, me sentindo muito mal, visto um roupão, pego a garrafa de uísque e saio do banheiro. Paro em frente ao closet.

PERIGOSAS ACHERON

— Tacada de mestre, hein, Maria Luiza?
— digo olhando para as roupas dela. Intocadas, do jeito que ela as deixou. — Quis me deixar de joelhos por ter me flagrado com Emily, não é? — Dou uma risada irônica e maldosa e tomo mais uísque. — Acho que foi nessa mesma idade que a vadia da sua mãe foi viver a vida. Plantou um par de chifres em Jonas. — Saio de perto das roupas dela e me sento na cama, olhando para uma foto enorme em preto e branco de nós dois vestidos de noivos. — Devo avisar, querida, que eu não sou tolo como seu pai. — Bebo mais, coloco a garrafa no chão e pego o jeans que eu usava. Procuro no bolso e encontro a aliança.

Perdeu a memória — penso sarcástico. Por isso estava com a aliança? Mas como perdeu a memória se ela sabia quem eu era? Eu a ouvi dizer: “Enzo está aqui, me ajudem.” E se perdeu a memória, por que Jorge e as duas vacas estavam lá?

Ela disse que tudo que se lembra é do meu rosto — pondero.

Então eu penso: se ela se lembrou do meu rosto, alguém deve ter dito o meu nome. Coloco a aliança dela no meu dedo; não desce nem até a

metade. Caio de costas na cama e fico com a mão levantada olhando as duas alianças.

Malu está viva. E se o caso dela for apenas memória falha, ela precisa vir me dar explicações, pois se isso não acontecer, será apenas a afirmação de tudo que penso.

Quando acordo, já de manhã, estou duro de dor nas costas. Olho no relógio, já são quase sete. Esfrego os olhos, me sento e a primeira coisa que olho é para a foto na parede. Malu sorri vestida de noiva, me abraçando, eu de smoking com cara de vencedor.

— Bom dia, amor. Dormiu bem na boate? Está disposta para levar clientes à loucura hoje à noite? — Vou para o banheiro com uma risada cínica. Paro em frente ao vaso sanitário, abro as partes do roupão e começo a urinar. Escoro na parede e nesse instante vejo a aliança na ponta do meu dedo, brilhando. Dou outra risada cínica.

Ah se eu te pego, Malu...

Estou mal, não é? Conversando sozinho, remoendo de segundo a segundo, dialogando com

roupas e fotos. Que se foda. Melhor do que chorar como um trouxa. Nenhuma lágrima mais.

Enquanto tomo um rápido café, minha mãe liga. Tranquilizo-a dizendo que está tudo bem, digo que não precisa mandar as crianças para a escola, que no almoço eu irei almoçar com eles.

Desligo, pego minhas coisas e saio de casa.

Depois que as crianças vieram eu tive que escolher um carro maior. Troquei o Mercedes conversível por algo maior que cabia cadeirinha no banco de trás. Eu optei por uma SUV e Malu implorou para eu escolher um que vimos. Era um SUV BMW X7. E estou curtindo demais meu carrão. Saio com ele da garagem, aperto o controle para o portão fechar e, já na rua, ligo o som do carro.

A música é “Use Somebody”, de Kings Of Leon. Apesar de a letra ser uma merda para o que estou vivendo, eu a deixo tocando porque gosto demais dessa melodia.

E quando paro em um semáforo, já estou

cantando a plenos pulmões. Olhem só, pessoal, não me encare com essa cara. Eu devia estar depressivo, com a roupa de ontem no meu sofá, esvaziando todo tipo de álcool da minha casa, até os perfumes. Mas o tempo de lágrimas acabou assim que vi a porra do nome de Maria Luiza no computador do médico lá em São Paulo. Além do mais, o Enzo de 10 anos atrás agiria assim: ouvindo uma boa música, dirigindo um bom carro e indo dar na cara do destino. Destino do caralho.

Esbanjando toda minha virilidade e charme inatos eu entro na empresa, de cabeça erguida, olhar confiante. Chego na antessala e Túlio levanta os olhos para mim.

— Bom dia — cumprimento. — Max e Davi chegaram?

— Não senhor. — Ele responde, faço um sinal de joia com o polegar e abro a porta de vidro. Mariza levanta os olhos para mim.

Nem paro, mando um beijo e uma piscadinha para ela.

— Eu queria um pouco dessa sua disposição. — Ouço-a falar. Entro na minha sala,

tiro o terno, jogo minha bolsa na poltrona e me jogo na cadeira. E o celular toca. Pego no meu bolso e no visor aparece: Julia.

Merda. Não estou a fim de xingar mulher dos outros. Ainda mais sendo mulher do meu amigo. Mas é isso que vai acontecer se ela vier com lição de moral pra cima de mim.

Aperto em atender e em seguida no viva-voz. Deixo o celular na mesa e ligo o computador.

— Diga, Julia.

Falo olhando para o computador. Clico em Documentos e em Clientes primeira quinzena.

— Enzo, tem um tempo livre para mim?

— Sobre o quê?

— Você deve imaginar sobre o quê. — Ironiza.

Me arrepio ao imaginar do que deve se tratar. Flexiono meus dedos; de repete me sinto todo dormente.

— Tenho um horário das oito às nove — falo desinteressado.

— É assunto do seu interesse, Enzo. — A
PERIGOSAS ACHERON

voz de Julia se torna grave e enfática. — Você deveria dar prioridade e não ficar marcando horário na sua agenda.

— Será mesmo que é de meu interesse? Espero você nesse horário. Se não aceitar, nem precisa vir. Até mais. Ah! Se Max ainda estiver aí mande ele se apressar. — Desligo, não antes de ouvir um: “Idiota”.

Me levanto já com os nervos à flor da pele. Estou em combustão. Será que é Malu que está vindo? Ou será que ela mandou as amigas virem tentar me convencer? Estaria Maria Luiza se sentindo mesmo culpada? Ou quer exigir alguma coisa? São tantas suposições que fico afobado.

Quase morro de expectativas até que Davi e Max entram meia hora depois da ligação.

— Julia ligou para você? — Max pergunta.

Não demonstro nervosismo. Olho para ele com aquela cara de desdém que Malu sempre odiou e que acho que meus clientes também odeiam.

— Ligou. Deve estar chegando por aí. Sabe o que ela quer?

PERIGOSAS NACIONAIS

— É sobre Malu. — Max se ajeita no sofá. — Só sei que é sobre isso. Ela disse que não ia me contar para que eu não adiantasse o assunto para você.

— Nossa, que esperta. Fiquem por aí. Quer esperar para ouvir do que se trata?

— Lógico. — Davi fala e também se acomoda no sofá. — Como foi? Dormiu ou quebrou algumas cadeiras?

— Dormi. E as crianças?

— Estão bem. — Davi me tranquiliza.

— Pretende contar a eles sobre Malu? — Olho para Max quando ele pergunta.

— Não sei ainda. — Giro na cadeira, batendo os dedos na mesa e olhando para um ponto qualquer, pensativo. — Estou bolando umas coisas; se tudo der certo aí eu vejo se vou ou não deixar que ela veja meus filhos.

— Dela também. — Davi lembra.

— Por enquanto apenas meus — respondo com calma na minha voz. — Minha esposa faleceu, lembra?

PERIGOSAS ACHERON

— Enzo, não estou gostando disso. O que está planejando?

— Deixa quieto — falo.

Pouco depois a porta se abre e Mariza entra, trazendo consigo Julia, Dani e um homem. Eu e os rapazes nos levantamos e cumprimentamos os três. Max puxa Julia e cochicha algo para ela. Vejo-a balançando a cabeça afirmativamente. Ele a solta e Julia se aproxima.

— Enzo, esse é o doutor José Carlos, o médico que está acompanhando Malu. — Julia o apresenta e, sem eu querer, meus olhos arregalam brevemente. — Doutor, esse é Enzo Brant, marido de Maria Luiza. Aqueles são Davi, irmão de Enzo, e Max, meu marido.

Então é isso. Julia está me trazendo provas concretas. Estou pensando se foi ideia de Maria Luiza.

— Por favor, sente-se. — Indico as cadeiras e eles se sentam enquanto ocupo a cadeira executiva atrás da minha mesa. — A que devo a visita?

— Clarisse me contou sobre o seu

encontro com a Maria Luiza, sua esposa. — Ele começa e eu balanço a cabeça assentindo. Olho de relance, Davi e Max prestam atenção. — Eu me prontifiquei a vir a pedido de Clarisse. Ela disse que não quer que ninguém pense que a filha é como ela.

— Então veio aqui limpar a barra da minha esposa meio morta? — ironizo.

Davi e Max se olham com as sobrancelhas erguidas.

— Enzo. — Julia repreende revirando os olhos. O homem tira uma pasta da bolsa e empurra para mim.

— O estado de Maria Luiza é estável. A recuperação está progredindo, e temos certeza que a memória dela pode voltar sem avisar, de um dia para outro. Pode demorar três semanas como pode ser amanhã ou hoje.

— Então é amnésia mesmo? — pergunto ainda incrédulo, sem olhar a pasta.

— Acha mesmo que Malu ficaria longe das crianças por vontade própria, Enzo? Se toque. — Dani exclama revoltada.

— A mãe dela fez algo assim. — Dou de ombros e sei que estou usando aquela cara de merda que todos odeiam.

— Não estamos aqui falando da mãe! — Julia grita. — Você conhece a Malu para saber disso.

Não revido. Me calo para não causar tumulto. Vendo que não haverá mais interrupções, o doutor retoma a fala:

— Quando Clarisse trouxe a filha até mim, o quadro de amnésia estava muito pior. Ela não se lembrava de absolutamente nada. Ela teve um traumatismo, passou por uma cirurgia para retirada de coágulo e a recuperação foi lenta. Ela ficou em coma induzido e quando acordou, não se lembrava. Isso é comum e, por sorte, não é daquelas graves em que a pessoa esquece todos os dias de coisas novas.

Abro enfim a pasta e começo a ler as conclusões médicas após cada exame realizado. Há carimbos e assinaturas do médico, não tem como ser falsificado e nem tem por que ela falsificar alguma coisa. Quando Clarisse deixou Jonas, ela nem se importou em explicar, e Julia e Dani estão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui como porta-vozes tentando limpar a barra da amiga. De alguma forma, elas se preocupam com o que eu penso a respeito de Malu.

Sem memória. Mas se lembrou de mim. Ela disse isso em lágrimas. A lembrança da noite anterior me desconcerta e sinto o sangue fugir do rosto. Me equilibro. Não posso perder o controle agora.

— Me fale sobre Jorge e vocês duas metidas nesse meio.

— Jorge a encontrou por acaso, Enzo. — Dani explica. — Clarisse planejava revelar que Malu está viva só quando ela se lembrasse de tudo. Mas Jorge a encontrou.

Resumidamente, Julia ajuda Dani a contar tudo que aconteceu, como elas foram avisadas e o que Jorge fez; falou também que Malu se lembrava do meu rosto e tinha meu nome na aliança. E ela queria ver os filhos, pois não conseguia lembrar do rosto deles, só dos nomes e das vozes.

Me levanto em um rompante.

— Vou matar aquele merda! — grito e

PERIGOSAS ACHERON

bato na mesa. Davi e Max nem ligam para minha perda de controle, somente o médico se assusta.

Fico passando a mão nos meus cabelos, completamente confuso e cheio de ódio. Quero bater tanto em Jorge que vou deixar ele sem memória. Aquele perdedor filho da puta.

— Por que ela estava dançando, Julia? —
Vem isso à minha mente e jogo pra fora.

— Porque Malu sempre amou dançar. A boate é da mãe dela. Ela apenas dança e pronto. Não há quartos individuais, nem os homens tocam nela, sem falar que Clarisse deu ordem aos seguranças para não deixar nenhum engraçadinho tocar nela.

Balanço a cabeça em gesto afirmativo.

— Além do mais eu achei uma ótima ideia. — O doutor fala. — Depois que ela começou a fazer algo que gosta, os resultados melhoram a cada dia.

Tenho tantas perguntas em mente. Mas quero olhar nos olhos de Malu. Eu a conheço melhor que ninguém e saberei toda a verdade assim que olhar em seus olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero falar com Malu. — Eu digo para Julia e Dani.

— Enzo...

— Julia, ou isso ou nada. Eu quero falar com ela. A sós. Sem ninguém por perto, apenas eu e ela, olhando nos olhos.

— Eu posso falar com ela. — Julia diz meio indecisa, olhando para Dani. — E ver se ela vai aceitar.

— Então diga. Se ela aceitar, me ligue, irei buscá-la onde estiver e a levarei em algum lugar.

Encaro o médico.

— Muito obrigado, doutor. Suas informações foram esclarecedoras. — Ele se levanta. — Pode deixar essa pasta comigo? — Aponto a pasta na mesa. — Para eu olhar com mais calma?

— Claro. Eu a trouxe para você. Se quiser pode verificar a veracidade dos exames.

— Não é necessário. Acredito em você.

Ele estende a mão e eu a aperto. Davi e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Max estão de pé e também cumprimentam o médico.

— Converse com Malu. Faça a proposta a ela — digo a Julia e ela assente.

— Falarei. Ligo ainda hoje para te dar a resposta. Mas preste atenção, não vá em hipótese alguma insultá-la ou pressioná-la. Tem que se lembrar quem é a vítima disso tudo. Ela tem que se sentir segura.

— Eu sei disso, Julia. Ontem à noite eu fiquei transtornado como qualquer um ficaria. Não vai acontecer de novo.

— Eu sei. E por isso eu estou tentando arrumar as coisas. Já que achei muito ruim o que Jorge fez. Sem falar que ela quer ver os filhos e você pode providenciar isso.

Elas se despedem e saem com o médico e Max, que vai ao lado de Julia. Eu e Davi ficamos sozinhos na sala.

— E então? O que acha disso tudo? — Ele pergunta, se aproximando da mesa.

— Me convenceu — afirmo.

PERIGOSAS ACHERON

— Também fiquei convencido. — Ele concorda. — E agora, o que pretende fazer? Esperar Malu recobrar a memória?

— Não. — Me sento de volta na minha cadeira. — Lógico que não. Se ela recobrar a memória vai lembrar que brigamos antes do acidente.

— Estou pensando em uma coisa. — Davi diz. — Quer que eu bole um plano?

Já estou com o telefone da mesa na mão.

— Não precisa. Já pensei em uma providência. — falo com Davi e volto a atenção para o telefone. — Matheus, pode vir rapidinho na minha sala? Tá bem. Estou esperando.

— O que está pensando? Conte pra mim. — Davi inclina-se para frente e me olha interessado.

Me levanto, tomo um lugar ao lado dele e conto o que pensei. Ele acha arriscado, mas disse que se tudo der certo, será um ótimo plano. Matheus chega e eu falo:

— Quero que prepare dois documentos para mim. Daquele que preparou para Davi ficar

PERIGOSAS ACHERON

com Bernardo.

Ele assente e eu começo a explicar tudo que quero fazer.

Eu acreditei no doutor, claro. Eu quero me encontrar com Malu e colocar toda essa história a limpo. Mas não será do jeito que ela ou as amigas possam imaginar.

|15|

ENZO

Sabe uma apólice de seguros? É o que pedi para Matheus fazer para mim. Davi gostou do meu plano inicial, e disse que eu só preciso ter cuidado com Julia, ela pode querer interferir. E daí, se isso de alguma forma ferrar com tudo, eu posso usar minha apólice de seguros. Malu sempre age com o coração. Desde sempre ela foi assim, quase nunca pensou com a razão. Sei que vou conseguir alguma coisa dela.

Se estou sendo mal? Lógico que não. Já ouviram falar que prevenir é melhor que remediar? Eu sou marido dela, apesar do mal julgamento que tive ontem; agora eu sei a verdade e sei que ela precisa de mim, dos filhos e da família completa. Quero que Malu recobre a memória o mais rápido possível, mas antes disso eu vou mantê-la ao meu lado, por bem ou por mal. E para isso não posso ter

PERIGOSAS ACHERON

enxeridos de merda no meio, como aquelas pilantras e a Clarisse, que agora posa de melhor mãe do ano.

Abrevio o expediente para poder almoçar com minha mãe e as crianças, como prometi. Ela já sabe de tudo, eu conversei brevemente com ela explicando a situação, pois Anna e Johnny não saíam de perto de mim. Foi difícil eu conseguir me livrar deles e ir embora, mas eu precisava ir em casa ajeitar algumas coisas. Já fiz algumas ligações antes de sair da empresa e preparei umas coisinhas.

Vou à minha casa, tomo um banho e troco de roupa. Julia me liga. E quando ela fala: “Malu aceitou te encontrar”, senti uma batida falha no peito. E é uma sensação muito ruim. Um tremor do caralho. É tudo que eu sempre quis durante aqueles seis meses, e agora ela está viva, e vamos ficar enfim cara a cara, sem ninguém por perto. Enzo e Malu lavando a roupa suja como nos velhos tempos.

Me arrumo melhor, escolho um jeans legal e uma camiseta azul escuro, pego tudo que é necessário, mais um óculos aviador, e vou para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

onde ela me espera. Agora que me aproximo de Niterói, meu coração parece que vai pular para fora.

Da primeira vez, ontem à noite, estava mais tranquilo, uma vez que não sabia o que encontraria. Mas agora eu sei.

Maria Luiza.

A quem eu tanto venerei, a mesma que há seis meses me fez cair de joelhos aos prantos e por quem ainda chorava até semana passada, a que fodeu completamente minha vida, não deixando mais eu querer outra mulher.

E sobretudo, é a mulher que amo e no fundo estou feliz pra caramba por ela estar bem. Desesperadamente feliz. Não canso de agradecer a Deus em pensamento.

Paro o carro em frente à boate fechada. Sinto o mesmo que senti quando Malu me deixou após descobrir sobre os planos no caderninho, cinco anos atrás. Agora, como antes, depende de mim poder fazer as coisas acontecerem de uma maneira legal e correta. Mesmo que para isso eu recorra a atitudes não tão corretas.

PERIGOSAS ACHERON

Mando uma mensagem para Julia dizendo que cheguei e a estou esperando. Pouco depois, de uma porta lateral, vem ela; uma corrente elétrica me toma desde o dedo mindinho, passa pelo saco, coxas, estômago e explode na minha garganta. Malu vem logo atrás.

Meu Deus! É tão bom vê-la de novo. É o terceiro melhor momento de reencontro com Maria Luiza. A primeira vez foi num almoço na casa dela, eu a reencontrei e fiquei extasiado. A segunda vez, seis anos depois na boate, mesmo ela me dando um gelo, e a última agora, depois de ter sido dada como morta... é uma sensação de plenitude.

E eu me emociono.

Caralho! Fecho os olhos e viro para outro lado para não chorar. Porque tenho vontade de correr e abraçá-la bem forte e nunca mais soltar.

— Estou de olho em você, Enzo. Cuidado com o que fala. — Julia adverte e eu me viro. Ela está fora do carro, perto da janela, me olhando duramente. Malu atrás, indecifrável, mas posso ver um brilho temeroso em seu olhar.

Desço rápido do carro, dou a volta e nesse

instante Clarisse vem correndo.

— Enzo, proteja-a. Por favor. — Segura firme no meu pulso.

— Ela estará segura, Clarisse — tranquilizo-a. Queria dizer que ela estará mais segura comigo do que com uma mãe como ela, mas opto por me calar.

Ela assente um pouco trêmula, respirando rápido.

— Quer me dizer alguma coisa? — Eu questiono, vendo o estado dela.

— Eu quero conversar com você depois. Pode ser?

— Sim, claro. Pode ir à empresa quando quiser.

— Não. Jamais. Não quero me encontrar com Jonas. Eu te ligo e marco um lugar.

— Tudo bem. Estarei esperando.

Deixo-a e vou para perto de Julia. Malu me olha sem piscar.

Está deslumbrante. Os cabelos amarrados em um rabo-de-cavalo, usando jeans e camiseta.

Sem maquiagem, mas com essa bela pele e esses maravilhosos lábios rosados. Essa é minha Malu.

— Malu. — O nome dela escapa dos meus lábios como uma prece perfeita. O nome dançando na minha boca, e sinto necessidade de falar de novo. — Malu. — Torno a dizer. Porque agora ela está em minha frente, viva, com o verde-esmeralda dos olhos, brilhando. — É você. — Eu balbucio e sinto meus olhos queimarem, se enchendo de lágrimas. Eu apenas a observo, sem coragem de tocá-la; apesar de tudo é meio estranho, ontem estávamos aos gritos, eu meio que a insultei e agora ela está me olhando com um certo distanciamento e eu não quero forçar nada. Pelo menos não agora. Ela balança a cabeça, me fitando sem piscar.

— Eu fico feliz que aceitou vir comigo para conversamos.

— Diferente de certas pessoas, eu decidi ouvir os dois lados da história antes de tirar conclusões precipitadas e julgar sem saber. — Com a voz firme, os olhos cravados nos meus, ela me dá uma tirada, se mostrando impenetrável.

— Saberá que meu lado é o verdadeiro e

PERIGOSAS ACHERON

não o de Jorge.

— Já começou bem, tentando me induzir a uma conclusão que você quer. — Ela diz isso já de costas para mim. Vai até a mãe e a abraça; as duas cochicham e depois Malu se despede de Julia.

— Me ligue quando deixa-la aqui na volta, Enzo. — Julia pede se mostrando tão preocupada quanto Clarisse.

— Claro — falo e olho para Malu. — Está pronta? — Me adianto indo para a porta do carro e abrindo-a.

— Claro. — Malu anda até o carro, olha um instante para mim e entra. Eu aceno para Julia e Clarisse e dou a volta, me sentando atrás do volante. Coloco os óculos escuros e o cinto, ela coloca o cinto e saímos no carro.

Por uns dois minutos o silêncio é pesado e estranho. Engulo em seco e a olho de soslaio.

— Belo carro. — Em um murmúrio, Malu elogia, de cabeça baixa.

— Você escolheu — informo e ela decide me olhar. Desvia rapidamente o rosto quando eu também me viro, mas noto uma leve sugestão de

PERIGOSAS ACHERON

sorriso.

— Eu devo ter bom gosto. — Ela diz e voltamos a ficar em silêncio. Dirijo concentrado, engasgado com tanta coisa para falar. Decido ser um pouco humilde antes de falar ou fazer qualquer coisa.

— Me desculpe, tá? Por ontem — peço e ela torna a me olhar. Os olhos que me deram tanta saudade. Tive tanta saudade desse olhar, desses cabelos, desses lábios. — Queria que entendesse meu lado. — Tento não ser inseguro, escolho as melhores palavras. — Eu achava que você estava morta, e aí eu chego e a vejo dançando. Eu não sabia o que pensar.

— E o que mudou de ontem para hoje? Eu ainda sou a mesma que dançava ontem. — Noto a coragem de Malu saindo na voz firme.

— Seu médico falou comigo.

— E agora, acredita em mim? — Ela tenta parecer fria, mas noto expectativa. Acho que ela se importa com minha opinião.

— Sim. Eu sei que não soa nada emocional eu acreditar só depois de o médico falar,

mas eu não sabia o que pensar. E ainda tenho dúvidas que precisam ser sanadas.

Ela apenas assente e não fala mais nada, nem me pergunta que dúvidas são essas.

Pego a BR, saindo da cidade, e Malu me olha intrigada. Antes de ela abrir a boca para perguntar, eu comunico.

— Vou te levar em um lugar. Você vai gostar.

— Que lugar?

Penso rápido, respiro fundo e falo o que vem na mente.

— Um restaurante. Fica a mais ou menos uma hora e meia de viagem. Mas vale a pena.

— Não precisa. Eu já almocei. — Ela contesta.

— Mas é bar também. Confie em mim, você vai gostar. Você adorava o lugar.

— Sério? — Isso a anima me brindando com um sorriso. Mostra que está interessada em saber cada coisa da vida dela.

— É, pode confiar. Eu tenho certeza que,
PERIGOSAS ACHERON

quando você entrar, vai ter alguma lembrança.

— Que ótimo. Então eu quero ir.

Ela volta a ficar em silêncio olhando a estrada; eu dirijo concentrado. Tenho muita coisa para perguntar, mas vou antes de tudo seguir meu plano. Ir com calma é o segredo.

— Como está sendo tudo? — pergunto após um momento, apenas para manter o clima estável.

Malu dá de ombros e entorta a boca.

— No início foi tranquilo. Minha mãe não me contou nada sobre minha vida, eu estava muito confusa e ela disse que não sabia muito, pois ficamos separadas por um bom tempo.

— Sim, vocês não conviviam. — Eu concordo.

Malu passa a língua nos lábios, ajeita os cabelos e, sem me olhar, diz:

— A única coisa que eu tinha consistente era a aliança com seu nome. E então eu comecei a lembrar. Primeiro dois nomes: Geovanna e Jonathan.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossos filhos. — Eu falo e mostro os dentes em um sorriso amplo. Fico bem feliz por ela ter se lembrando das crianças, pelo menos dos nomes delas.

— Sim, eu imaginei que seriam. Eu tenho uma cicatriz no baixo ventre e o médico disse que parecia cesárea. Então eu sabia que era casada por causa da aliança, e tinha ao menos um filho, por causa da cicatriz. Até que Jorge chegou.

Engulo minha raiva e procuro demonstrar normalidade. Era para minha voz sair normal, mas o que veio foi um rosnado.

— E o que ele fez?

— Só agora eu descobri que Jorge mentiu para eu confiar nele. — Ela olha para mim acusadoramente. — Eu fico bem lisonjeada por você não ter esperado nem seis meses após minha suposta morte. — Isso foi uma recriminação. Aquele veado bocudo.

— Ele te contou isso?

— Sim. Então é verdade? Está namorando outra mulher? — Mais uma vez vejo a expectativa nos olhos dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Não estou namorando ninguém. Jorge mentiu. — Olho de relance e ela me encara muito interessada, os olhos quase arregalados.

— Nada mesmo? Nunca houve ninguém?
— A expectativa de Malu é visível.

Penso um pouco. Posso contar a verdade e começar a brigar agora e posso mentir e conseguir um tempo, com um clima agradável. Opto por não envolver Emily nisso, não há necessidade.

— Jorge inventou. Desde que você supostamente faleceu, eu não fiquei com ninguém.
— Balanço minha mão com a aliança para ela. Malu olha para meu dedo e noto um brilho nos olhos e percebo que soltou o ar em um exalar aliviado.

— Como era nossa relação? Eu e você casados?

— Nos casamos há cinco anos, depois de um ano de namoro; nos amamos de verdade. Por isso minha piração quando eu a vi dançar. Eu achei que você tinha me enganado e eu não suportaria isso, Malu.

— Sobre isso, quero te falar que ainda

está engasgado. Você foi péssimo comigo. Fez me
fez sentir uma puta.

— Me perdoe. Encaro-a deixando visível
minha sinceridade, o quanto estou arrependido.

— Você acha que está sofrendo, que é
difícil para você, mas tentou ver meu lado? Eu sei
da minha vida, mas não lembro nada, sei que tenho
filhos, mas não me lembro deles; e aí eu sempre me
lembro do rosto de um homem, e sonho com ele
periodicamente. — Ela para de falar, engole saliva,
está inquieta. — Cara, eu te idealizei. Eu me sentia
bem quando sonhava com você, mesmo com Jorge
me contando mentiras a seu respeito, eu ainda me
sentia de alguma forma ligada ao homem do meu
sonho. Tem noção do que foi ver você transtornado
falando aquelas coisas comigo?

Em um rompante, diminuo a velocidade
do carro e o encosto. Malu me olha de olhos
saltados assim que o carro para.

— Eu quero mesmo que desconsidere
isso. — balanço a cabeça completamente chateado.
— Porra, Malu, você precisa me perdoar por isso.
Eu estava desesperado, eu soube de uma forma
brusca e nada agradável. Eu pensei coisas horríveis
PERIGOSAS ACHERON

sobre você.

— É. Disso eu não tenho dúvida.

— Eu também sofri, eu vi nossos filhos sofrerem por sua falta e não podia fazer nada. Sem falar na dor de ter perdido minha esposa tão nova. Tem noção de como foi difícil?

— Sim, eu tenho noção. E juro que estou fazendo tudo para estar aqui com você, mesmo ainda sentindo a raiva pelo seu comportamento infantil e desequilibrado. — Ela está virada para mim, falando rápido e firme, mantendo os olhos presos aos meus. — Vamos conversar e tenho que te lembrar de que, aqui, eu farei as perguntas, eu que preciso saber tudo sobre mim.

Você só não sabe o que o papai aqui está preparando, amor. Posso respirar tranquilo. Eu tenho apenas que contar o que eu acho que Julia e Dani contaram. As outras coisas, eu posso omitir. Malu não lembra mesmo. Qual é, pessoal? Omitir não é mentir. Mais tarde, com cuidado, eu revelo a ela.

— Tá legal. Eu concordo com você.

— Fico aliviada por estarmos dialogando

e não gritando um com o outro. — Malu diz e fica me olhando curiosamente, com ar investigador. O olhar desce para minha mão no volante. — Pode tirar sua aliança?

Fito meu dedo. Sem perguntar o motivo, tiro a aliança e a entrego. Malu recebe; é igual à dela, só que mais larga e maior. Ela olha a aliança por dentro e depois observa meu dedo; puxa minha mão e segura meu dedo, verifica e me entrega a aliança.

— Perfeito. — Ela fala com um sorriso satisfeito e volta a olhar para a frente, me dando a deixa para dar a partida.

Dou a partida e voltamos à estrada. Ela não me explicou que coisa foi essa, mas eu percebi. Ela procurava algum indício de que eu estou mentindo. Olha a mente dessa mulher. Malu deve ter pensado: “ele pode ter colocado a aliança hoje só para vir me ver”. E então ela verificou a marca branca do meu dedo. Eu preciso ficar bem esperto com ela. Mesmo sem memória ela pode sacar alguma coisa.

Achei melhor pararmos um pouco de conversar. Ela volta-se para a janela, me virando as

PERIGOSAS ACHERON

costas. Respiro fundo e piso o pé. Preciso chegar logo ao nosso destino.

— Quer ouvir uma música? — indago.

— Seria legal. — Ela fala, se ajeitando no banco; senta em uma perna.

Aperto uns botões e a primeira música que começamos a ouvir é “A dois passos do paraíso.”

Malu fica calada, olhando para o painel do carro. Noto o cenho dela franzindo. Fica algum tempo assim, depois olha para mim, em volta do carro, a estrada lá fora e torna a me encarar.

“...O rádio toca uma canção
Que me faz lembrar você
Eu, eu fico louco de emoção
E já não sei o que vou fazer...”

— Gostei mesmo dessa música — fala sorrindo. E eu tenho certeza que a cena foi familiar para ela.

Quase duas horas de viagem depois,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Malu, já cansada, perguntando a todo instante se nunca vamos chegar, eu encosto o carro.

— O que foi? Estamos no meio do nada.
— Ela fala olhando lá fora.

— Alguma coisa aconteceu com o carro. Merda! — Bato no volante. — Fique aqui, vou dar uma olhada. — Saio, abro o capô do carro e, estando ali, eu pego rápido um pouco de água, jogo no motor quente e uma fumaça começa a sair. Passo um pouco de graxa nas mãos, fico mais um pouco mexendo, até ouvir a porta do carro abrindo. Isso é como um *déjà-vu*. Eu fecho o capô e limpo as mãos. Malu se posiciona ao meu lado.

— O que houve? — Ela pergunta já nervosa.

— O carro morreu. — Passo a mão no rosto em um gesto de raiva. — Droga! — Dou um chute no pneu após o grito.

— Como assim? Um carro novo desse jeito?

— Acontece. Tinha algum tempo sem revisão. — Minto. Enfio a mão no bolso e pego meu celular. — Droga, sem sinal. Preciso ligar para

PERIGOSAS ACHERON

ajuda.

— Eu não tenho celular. — Ela diz, noto a voz trêmula; pensa um pouco e fala: — Poderíamos esperar alguém passar.

Olho para Malu e faço meu olhar desanimado.

— O que foi?

— Isso será meio difícil. Estamos numa área particular. Eu conheço por aqui e decidi pegar um atalho.

— Ai meu Deus! — Ela berra apavorada. — Como pode ser tão burro? — Malu me dá um empurrão. — Um atalho em uma área particular? — Continua gritando, me fitando com olhos saltados. — Estamos ferrados.

— Você tem que manter a calma para eu pensar! — grito com ela também.

— Pensar no quê? Um milagre?

Fico parado pensando enquanto ela se desespera, olhando de um lado a outro da estrada. O sol está quente, o ambiente é o mesmo, é como se eu estivesse assistindo um filme de novo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entro no carro, pego a pequena bolsa dela, pego uma mochila que eu trouxe e fecho as portas do carro.

— Vamos? — Entrego a bolsa dela.

— Pra onde?

— Um amigo meu tem um sítio logo mais à frente. Podemos pedir ajuda.

— Está louco? Vamos caminhar essa estrada toda?

— Maria Luiza, ou caminhamos ou temos que ficar aqui no sol, sozinhos até alguém passar. E é muito raro.

— Eu não estou acreditando. Eu sabia que era roubada.

— Para com isso. Não é pra tanto. Sou seu marido, vou te proteger.

Ela toma a bolsa da minha mão e começa a marchar na frente.

— Eu sabia. Eu pressentia. Jorge me avisou que você é chave de cadeia. — Ela sai falando e andando no meio da estrada.

Eu fico parado, deslumbrado, feliz

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demais, olhando ela andar. Olhando para a bunda dela. Essa bunda gostosa, dessa mulher que me pertence.

Olhando para vocês eu pergunto: já viram algo assim antes, não é? Pois é, Malu também viu. Mas ela não se lembra. Preciso ficar isolado com ela, sem intervenção de Julia, ou de Clarisse e de ninguém mais. Eu pensei muito antes de tomar essa decisão. Já passei na casa da mamãe, pedi para ela ficar com as crianças até amanhã, dei um beijo neles e disse que estava indo buscar uma surpresa para eles.

Alcanço Malu e olho sorrindo para ela.

— Tudo bem? — Malu levanta os olhos para mim.

— Óbvio que não. Me deixe.

Não tão cedo, meu bem. Temos muita roupa suja para lavar.

Quando Julia me visitou na empresa, eu cheguei em casa e fui direto ao *closet*. Peguei uma caixa, revirei e lá dentro encontrei um caderno tipo ata, pequeno, cor preta. Abri e lá estava:

PERIGOSAS ACHERON

Plano para Enzo traçar Malu.

Ela decidiu guardar o caderno. Disse que um dia mostraria aos nossos filhos como nosso romance começou nem um pouco romântico da minha parte.

Passei rápido as folhas do caderno e, na próxima folha branca, escrevi:

Plano para trazer Malu de volta.

Escrevi mais por diversão. E dessa vez eu vou ter o prazer de mostrar o caderno a ela.

Abaixo, listei tudo que eu preciso. Inclusive as ordens judiciais que pedi para Matheus preparar para mim. Davi sabe de todo o plano e vai avisar Julia para que ela não fique preocupada.

Depois do que o médico me contou hoje, eu não vou mesmo deixar Malu por aí. Primeiro vou amaciá-la, em seguida eu dou o golpe certo. E tenho certeza que Malu nem vai se importar muito. Ela estará tão fascinada comigo que fará

PERIGOSAS NACIONAIS

para dar certo novamente entre a gente.

PERIGOSAS ACHERON

|16|

MARIA LUIZA

Sim, eu tenho bom gosto. Não só no carro como também no marido. Estou abobalhada com esse homem, ele é muito mais do que eu sonhei. Eu via um vulto, um vulto com rosto. Eu lembrava de um homem me beijando, ou rindo, e tudo que estava mais evidente era apenas o belo rosto. E agora eu percebo que Enzo é uma beleza masculina bem completa. Eu perdi a memória e não a lucidez; é nítido para qualquer um a sensualidade dele.

É alto, tem pernas e bíceps fortes e musculosos; músculos na quantidade certa, entre atlético a parrudo. O cabelo é cortado baixo nas laterais e um pouco alto em cima, agora desalinhados de um modo sexy.

Os olhos de Enzo são acinzentados e o

PERIGOSAS ACHERON

que o deixa muito mais gato é a barba. Ele tem uma barba bem-feita, recortada no maxilar e queixo, deixando o bigode e o cavanhaque um pouco mais cheios, em evidência.

E, olhando esse homem à minha frente, eu me pergunto se ele não ficou mesmo com alguém depois de eu ter supostamente morrido. Afinal propostas não devem ter faltado. Muitas se disponibilizariam a consolar o viúvo bonitão.

E eu tenho mais ou menos a resposta.

Enzo não foi enfático quando afirmou que não ficou com ninguém. Ele foi inseguro, vi em seus olhos que mentiu; e eu pretendo saber mais sobre o assunto, não sei como, mas ainda vou descobrir as verdades secretas de Enzo, já que agora estou muito fascinada com essa casa.

Estou paralisada no meio da sala, olhando ao redor. É uma perfeita casa de veraneio com estilo rústico.

Chegamos aqui, eu estava amedrontada, Enzo bateu na porta, ninguém atendeu, ele deu a volta e abriu pelos fundos. Disse que sabia onde o amigo deixava a chave reserva.

Ele me deixa na sala e vai ao segundo andar ver se tem alguém.

Desde semana passada, muita coisa está vindo depressa, me bombardeando e abalando minhas emoções; primeiro as meninas, que são minhas melhores amigas, mas eu não me lembro. Em dois encontros eu já estava me sentindo bem e muito segura com elas. Então o mundo veio abaixo quando, na noite de ontem, eu estava dançando, minha dança de despedida, quando eu o vi na plateia.

Julia, Dani e Jorge disseram que iriam me levar para ver meus filhos, e daí em diante eu não poderia mais voltar atrás, todos saberiam que estou viva e eu não poderia mais ficar escondida na boate da minha mãe. E eu decidi dançar uma última noite.

Quando eu vi Enzo horrorizado me olhando lá de baixo, eu paralisei. Achei inicialmente que eu estava tendo uma lembrança, que aquilo não era real. Mas então sua expressão mudou de horrorizada para magoada, furioso como se tivesse me pego no flagra; e eu recuei.

Por isso eu aceitei sair com ele quando Julia foi me dar a notícia. Eu achei pesado o modo

PERIGOSAS ACHERON

como falei com ele na boate. Joguei a aliança na cara dele e não dormi à noite, me sentindo horrível. Me senti tão culpada, vi a raiva brilhar nos olhos dele e soube que ele não era o marido ruim que Jorge pintou. Enzo estava decepcionado comigo e isso me deixou acabada, não me lembro dele e de tudo que vivemos, mas foi inevitável não sentir aquela energia quando ele entrou na sala e começou a gritar comigo.

Eu fiquei feliz quando soube que ele queria conversar comigo. Eu tenho a chance de me explicar e de ouvir explicações dele. Já que tudo que eu sabia era mentira. E eu nem fiquei com ódio de Jorge. Minha mãe disse que ele fez aquilo sob as ordens dela. Que Jorge foi contra desde o início. E eu previa isso, já que desde quando acordei no hospital minha mãe evita me contar coisas.

Com tudo isso fervilhando, eu busco uma forma de me distrair. Como foi tudo muito rápido, a confusão só aumenta cada vez mais. Vou até a estante e começo a olhar as coisas. Há uma TV enorme, aparelhos eletrônicos, alguns filmes e livros. Fico tentada a puxar uma gaveta, mas Enzo vem do segundo pavimento e me olha com as mãos

PERIGOSAS NACIONAIS

na cintura.

— Ninguém. — Fala, incisivo.

— Então vamos embora. — Eu sugiro.

— Sem necessidade. Ficaremos aqui até aparecer ajuda. Com certeza o caseiro vem amanhã à tarde ou segunda-feira.

— Não mesmo. Estou sem roupa para trocar, não vou ficar hospedada com você na casa de um estranho.

Com uma cara de bonachão, Enzo cruza os braços em uma posição imponente e a bochecha dele faz uma leve covinha pelo sorriso de lábios fechados.

— Primeiro que meu amigo não é estranho para você. Segundo que eu sou seu marido e pode sim ficar hospedada comigo, e terceiro, se quiser ficar sem roupa, eu não ligo.

Uma mecha de cabelo balança na minha testa quando balanço a cabeça em negativa, desanimada.

— Eu casei mesmo com você? Não acredito.

PERIGOSAS ACHERON

— Pois acredite, amor. — Ele se aproxima de mim, eu me contraio e Enzo segura minha mão esquerda. — Falando em se casar, isso é seu. — Para minha surpresa, empurra minha aliança no meu dedo. — Pronto, agora está legal. — Ele beija meus dedos, avança, dá um beijinho rápido nos meus lábios e se afasta. De olhos bem abertos eu congelo no mesmo lugar, sem piscar. Enzo caminha despreocupado para a cozinha do outro lado e, por cima do ombro, fala:

— Quer comer alguma coisa?

Reajo rapidamente e caminho atrás dele. A aliança no meu dedo faz uma carícia estranha, mas familiar.

— Você vai mesmo saquear a casa das pessoas? Podemos ser presos.

— Blá blá blá. Você sempre tão repetitiva, Malu. — Ele fala dentro da geladeira.

— Quer ao menos olhar para mim? Aceitei me encontrar com você para conversarmos, não para fazermos um retiro de casal.

Enzo fecha a geladeira. Está com duas latinhas. Uma de cerveja e outra de coca. Ele vem

se aproximando e joga a coca pra mim. Nem diz para eu aparar, apenas joga; aparo meio atrapalhada e ele passa o braço no meu ombro, me guiando para a sala.

O toque e o cheiro dele me atingem em cheio e uma profusão de emoções me toma; sinto uma leve tontura e fecho os olhos. Assim como a aliança, o modo como ele me abraça é tão familiar, como se meu corpo se lembrasse, mas minha mente não. Abro os olhos, Enzo nem percebe minha confusão. Eu me sento em um sofá e ele ocupa o mesmo. Afasto um pouco, ficando na ponta.

— Comece. — Ele fala dando um gole na cerveja.

— Começar o quê?

— A falar, perguntar. Faça o que quiser.

Por que o simples fato dele beber cerveja o deixa tão irresistível? Esse homem é uma explosão de beleza máscula.

Abro a boca pra falar, mas ele me interrompe.

— Só queria antes de tudo dizer que estou feliz pra cacete, Malu. — Enzo abandona nosso

PERIGOSAS ACHERON

contato visual e passa o dedo nas gotas ao redor da lata, voltando a falar em um tom mais baixo. — Não importa que você queira cortar minhas bolas ou ficar com Jorge ou jogar a aliança na minha cara de novo. Estou muito feliz por você estar bem.

Ele levanta o rosto, acho que para ver minha reação. No momento meu rosto não demonstra nada. Estou tensa.

Merda, merda! Agora ele me ajudou bastante. Estou mais tranquila em falar qualquer coisa; só que não. O que posso responder diante disso? Ele está me encarando com esses lindos olhos aguçados, com essa boca sensual, me deixando desconcertada, e ainda vem e diz isso. Acaba de vez com minhas chances de ser rude e confrontá-lo como gostaria.

— E eu fico feliz em ouvir isso. De verdade — respondo com a maior educação que consigo e remendo em seguida: — Me diga você, Enzo. O que quer me perguntar?

Essa foi sem dúvida uma boa saída. Se eu o mantiver falando, eu terei mais tempo para estudá-lo.

Enzo se ajeita no sofá. Olha para a latinha na sua mão e acho que pensa na pergunta. Abro minha latinha e tomo um gole. Volto a encará-lo.

— Tem ideia de como escapou do acidente?

— Não. Essa é a primeira pergunta que todos me fazem. E eu não tenho muito para explicar. Tenho lembranças em *flashes*.

— Que tipo de lembranças?

Fecho os olhos e me concentro, recordando dos detalhes.

— Há uma luz forte em minha frente e um grito ao meu lado.

— Um grito?

— Sim, é a última coisa que me lembro. Depois consigo me ver andando e meus pés doem, minha cabeça também; às vezes acho que isso é um sonho.

— É certeza que tinha alguém com você, já que enterramos outra pessoa no seu lugar.

— Mas quem? Alguém que eu conhecia?

— Não. Ninguém do nosso círculo social

está desaparecido. — Enzo faz uma pausa e pensa, para depois fazer uma consideração. — Eu pensei que talvez você pudesse ter dado carona a alguém.

Balanço a cabeça afirmativamente.

— O que mais quer saber? — questiono.

— Na verdade eu quero esclarecer uma coisa.

— Sobre o quê?

— Sobre Jorge. O que pensa sobre ele?

Ergo os ombros. Olho em volta vendo as janelas enormes abertas e as cortinas de tecido fino balançarem pelo vento que entra; penso um pouco, prendo o lábio entre os dentes.

— Eu não fiquei com raiva dele depois que Julia me contou que ele mentiu sobre eu e ele sermos namorados e eu e você estarmos em pé de guerra antes do acidente. Minha mãe disse que ela pediu que Jorge mentisse para mim.

— Então foi isso? Interferência de Clarisse? Eu achei que ele queria se vingar de mim.

— Se vingar? Por quê?

— Jorge fez parte da nossa vida

aproximadamente seis anos atrás.

— Fez? — Inclino para frente e faço um olhar pasmo. — Ele não me contou.

— Ele é seu primo de segundo grau. Vocês dois namoravam e eu te tomei para mim. Ele me odeia e acho bem suspeito o envolvimento dele nisso tudo.

— Céus! Como isso aconteceu?

— Malu, não acho bom eu ficar contando coisas, sobrecarregando sua mente. — Em um tom reservado, ele previne.

— Você não está forçando nada. Me deixará mal se não contar. Eu ficarei só formulando coisas e ficando confusa.

Enzo coça a cabeça, passa a mão no rosto e dá de ombros.

— Eu armei um plano. Eu te encurralei e começamos a nos dar bem. — Ele confessa e suspira. — Você o deixou e veio ficar comigo. Por vontade própria.

— Como assim armou um plano?

— Manipulei alguns momentos para fazer

parecer obra do destino. Nem precisei suar muito, você foi bem fácil e veio para cima de mim desesperada de tesão. — Enzo está recostado no sofá de braços abertos, descansados no encosto. Uma pose descontraída. — Depois que fizemos sexo pela primeira vez, não conseguimos parar mais.

— Você soa muito arrogante. — Observo em tom de repreensão e ele me dá um sorriso de volta.

— Não reclame. Você sempre adorou isso em mim. Atencioso e sarcástico ao mesmo tempo. — Faz um meneio suave com a mão. Eu solto um arfar de desdém.

— Então quer dizer que eu traí Jorge?

— Eu não consideraria uma traição. Você me adorava, na verdade ainda adora. Eu só dei um empurrãozinho.

— Deixa eu ver se entendi: eu era doida por você, caí na sua lábia e traí meu namorado?

— E sete meses depois nos casamos. — Ele mostra a aliança, orgulhoso.

— Eu era uma vadia. — Concluo
PERIGOSAS ACHERON

horrorizada.

— Vadia seria se tivesse me ignorado e ficado com aquele mela cueca.

— Está querendo dizer que, se eu tivesse agido de maneira correta eu seria uma vadia? Isso foi um insulto?

— Claro que não. Você é minha esposa linda e ressuscitada. Estou feliz.

Não tive como não rir. Tentei esconder o sorriso bebendo um pouco de coca, mas não teve jeito. Eu achava que isso seria tão estranho. Estava com medo de Enzo ser grosseiro, de a gente não chegar a um consenso. Achei que iríamos brigar. Pelo que Jorge me contava e pelo que eu vi ontem à noite, nunca achei que seria esse encontro descontraído e tão agradável.

Ficar perto dele é agradável. Pela primeira vez depois de ter acordado no hospital, eu me sinto bem, muito bem.

|17|

MARIA LUIZA

— Me conte mais sobre mim. — Agora tenho a intenção de mudar de assunto.

— Você adorava fazer ménage. — Ele aponta a latinha de cerveja para mim, está sério. — Sempre dividíamos nossa cama com outra mulher.

— O quê? — Levo a mão ao peito, pega no susto. — Eu fazia isso? — indago chocada.

— Sim, você adorava. Eu chupava um seio dela e você o outro. Era muito gostoso. — Enzo termina e faz “hummm” como se recordasse a cena.

— Ridículo! Você está mentindo — rebato enfaticamente. — Eu posso ter perdido a memória, mas sei que não gosto de mulher. Estou com asco só em pensar.

Enzo joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada sonora.

PERIGOSAS ACHERON

Nossa! Como ele é sexy. Eu ficaria o dia todo vendo-o rir. Noto como o queixo e o pescoço dele são bonitos. Sinto uma vontade repentina de tocá-lo. Tecnicamente é um estranho para mim, mas por outro lado, é o meu marido. E isso soa tão excitante.

— Tô brincando. — Ele confessa, se recobrando da risada. — Foi só pra descontrair.

— Você sempre foi assim? Ou só quer chamar atenção?

— Seu senso de humor era bem melhor. — Ele comenta e dá um gole na cerveja. — Maldita amnésia — pragueja com cara de bravo.

— Para lidar com alguém como você, eu devia mesmo ter um senso de humor turbinado.

— Pode crer. — Ele inclina para cima de mim e bate a latinha na minha. Volta a se recostar no sofá.

— Me conte agora sobre nossos filhos. — Esse sim é um assunto que estou esperando tempos para falar. Enzo mais que qualquer um pode contar coisas sobre eles.

Enzo não fala nada, pega o celular no

PERIGOSAS ACHERON

bolso, passa o dedo rápido na tela e depois me mostra.

— Jonathan e Geovanna. — Estende o celular para mim. — Quando nos casamos você estava grávida, esperando a Anna. Johnny veio dois anos depois.

Sentindo minha visão nublada, eu pego o celular da mão dele numa necessidade palpitante. Sinto meus dedos tremerem, o olhar fixo na tela.

Na foto, os dois sorriem para a câmera, sentados em um sofá. São lindos, ele é a cara de Enzo e ela tem cabelos ruivos, como eu me lembrava.

— São uma mini eu e um mini você — digo emocionada e, quando levanto os olhos, noto Enzo perplexo. Ele me olha pasmo.

— Era o que você sempre dizia, Malu.

Trocamos um sorriso e sinto algo bem intenso. Ficamos presos no olhar um do outro por algum tempo, depois volto a olhar a tela e falo:

— É porque é obvio. Eles se parecem muito conosco.

Devolvo o celular.

— Anna está sofrendo muito. Eu estava de mãos atadas sem saber o que fazer. Seis meses depois ela ainda tem muita fé que você vai voltar.

— Não contou para ela? Deixou-a iludida?

— Eu não podia. Primeiro que não sabia como explicar uma morte para uma criança de cinco anos. Anna é esperta, muito inteligente para a idade dela, mas eu achei melhor fantasiar um pouco a história.

— Eu preciso vê-los — insisto com firmeza. — Eu quero vê-los logo. Será bom para ela principalmente.

Como se tivesse tocado em um assunto delicado, ele termina a cerveja, coloca a latinha no chão e se aproxima um pouco mais de mim, no sofá. Está sério, bem sério. Os olhos são inescrutáveis e noto um nervo saltado no maxilar.

— Não é bem assim, Malu. Eu não sei se posso permitir isso.

— O quê? Como assim não pode permitir? Eu sou a mãe deles! — Enzo não olha para mim e isso me deixa nervosa. Quero contato

PERIGOSAS ACHERON

visual, quero ver se consigo decifrá-lo olhando nos olhos.

— E eu sou o pai e no momento eu tenho a guarda deles.

Fico ereta, fitando-o seriamente. Enfim, Enzo firma o olhar em mim.

— Eu não estou entendendo, o que está querendo afirmar?

— Antes eu preciso saber o que você pretende de agora em diante. Onde vai ficar?

Eu mantenho os olhos no rosto dele por alguns instantes. Acho que esse é o lado bom de Enzo. Quando ele fala sério a gente sabe mesmo que não é brincadeira; eu devia saber ler cada expressão dele.

— Eu não sei. De volta para a casa da minha mãe.

— Não acha melhor ficar comigo? Na nossa casa?

— Não! Lógico que não — recuso imediatamente. Pensei nisso já e não quero nem sonhar em ficar no mesmo teto que Enzo. Eu não

sei explicar, seria o certo a fazer, mas como eu vou me portar ao lado dele como se nada tivesse acontecido? Eu estou reaprendendo tudo e no momento ele é estranho para mim. Um estranho muito atraente.

— É a coisa mais certa a se fazer, Malu.

— Contesta, como se estivesse conectado comigo, em pensamento.

— Eu não vou morar com você! — afirmo decidida.

— Então nada feito. — Ele nega meu pedido. — Não vou deixar você ver meus filhos.

Me levanto no mesmo instante. Sinto uma raiva me tomar. Ele continua impassível, sentado no sofá com o semblante carregado, prestes a brigar por sua posição.

— Seus filhos? Quando vai entender que eu estou viva? Eu sou a mãe deles e mesmo não me lembrando eu preciso fazer isso, eles estão sofrendo, poxa!

— Por isso mesmo. — Enzo se levanta. Cruza os braços naquela posição de confronto. — Como pode querer uma coisa dessas? Ir até lá, ver

PERIGOSAS NACIONAIS

eles e ir embora de novo? Se você aparecer, eles vão querer uma garantia que você fique. Ou você decide ir para casa comigo, voltar para nossa casa, ou não vou deixar você chegar perto deles. Tenho poder total de inclusive conseguir uma ordem judicial.

— Está me ameaçando? — Minha voz se eleva.

— Estou te prevenindo, Malu. Eu tenho uma certidão de óbito da mãe deles. Perante a lei, Maria Luiza Brant está morta e você é uma estranha. — Meu coração acelera ao ouvir o tom rude dele. As sobrancelhas estão baixas e encolho ao ver a sombra de hostilidade tomando o rosto dele. — Estou pensando neles! Volte para nossa casa, ou volte para a boate de sua mãe e fique lá até recobrar a memória e saber o que deve fazer. — Sim, Enzo está revoltado.

— Eu posso entrar com um processo mostrando que estou viva e conseguir a guarda deles.

Ele dá uma risada cínica e eu decido que não gosto dessa risada dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Até lá sua memória já voltou, e aí você saberá que tem que fazer a coisa certa. Eu consegui bastante dinheiro e fama nos últimos anos, Malu, não posso te impedir, mas posso retardar bastante seu desempenho nos tribunais, quero ver se vai ter dinheiro o suficiente para brigar comigo.

Ainda com a odiosa cara de sarcástico, ele espera minha reação. E eu revido.

— Esqueceu que sou sua esposa? Tudo que é seu, é meu. — Imito a pose dele cruzando os braços e ainda dou uma piscadinha irônica. — Além do mais, tenho um pai que é tão rico como você, ou até mais.

— Não quando você está dada como morta e tudo que é seu está sob minha custódia. E Jonas não irá permitir que você pegue as crianças e leve para Deus-sabe-onde, junto da Clarisse. Ele odeia sua mãe.

— Ao contrário de me reconquistar, você está me irritando mais. Como ousa?

Com um passo, Enzo se aproxima e segura no meu ombro.

— O caso é o seguinte, minha querida, eu

já previa isso. — Bato na mão dele e o empurro. Enzo não se importa e fala: — Pedi para meu advogado, que também é nosso padrinho de casamento, que elaborasse para mim alguns documentos. Em um deles, eu tenho guarda total das crianças, e em outro eu te coloquei como incapacitada.

— O quê?

— Pois é. — Enzo ergue os ombros arrogantemente. — Seu médico gentilmente me cedeu cópias dos seus exames e diagnósticos, tenho provas que você precisa de acompanhamento. Tenho uma proposta a te fazer.

Estou calada, queimando de raiva, sem nenhuma saída. Não respondo e ele continua.

— Você assina um documento se comprometendo a permanecer comigo, na nossa casa, haja o que houver, deixando eu cuidar de você, até sua memória estar cem por cento recuperada. Em troca recebe a sua parte legal na guarda das crianças, parte dos nossos bens conjuntos e ainda consigo, em menos de duas horas, a anulação do seu óbito, como também todos os seus documentos de volta. O que me diz?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está planejando de novo —
acuso. — Como disse que fez anos atrás.

— Sim, estou. Dá pra perceber que com
você é só na base do planejamento. Você é sempre
difícil de dobrar.

Volto a me sentar no sofá. Solto o ar do
pulmão em um desânimo. Coloco o rosto nas mãos
e fico de cabeça baixa, pensando. Eu posso mandar
ele se ferrar, não assinar porcaria de nada. Mas essa
ansiedade de ver as crianças está me matando. Só
em pensar que eles podem ficar felizes com minha
volta já é o suficiente para eu querer voltar.

Tecnicamente Enzo tem razão. Eu não
posso ir até as crianças, deixá-los alvoroçados e
depois partir. Se for pra vê-los, precisa ser
definitivo. Sem falar que tem meu pai e minha
irmã. Não vou poder ficar afastada deles.

Sinto o sofá se mexer. Enzo se senta ao
meu lado e toca minhas costas.

— Malu, essa questão é tudo ou nada. Se
você quiser voltar, precisa aceitar tudo que te
espera. Nossos amigos, suas coisas antigas, sua
antiga vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não precisa me pressionar dessa maneira. Com contratos e tudo. É muito rude o que está fazendo.

— Sinto muito, mas eu preciso de uma garantia. Para mim e para eles.

— Quero ficar sozinha, Enzo. Me deixe.

— Vou te levar para um dos quartos... — Ele toca no meu ombro. Eu o afasto.

— Só me deixe em paz.

Enzo se levanta, vejo de relance ele mexer na mochila que trouxe. Ele tira de dentro um envelope e torna a se sentar ao meu lado.

— Leia com atenção. Só te trará benefício, você precisa de mim, Malu. — Recebo o envelope. — Te darei um tempo para pensar. Agora venha que vou te mostrar um quarto onde pode ficar.

Ele estende a mão para mim. Ainda sinto raiva. Contraio os lábios, penso um pouco e seguro na mão dele. Enzo aperta a minha mão entre seus dedos longos e fortes e me leva escada acima.

Ele me guia até uma porta, abre-a e me

PERIGOSAS ACHERON

mostra um quarto.

— Pode ficar aqui o tempo que quiser.

— Eu não quero usar nada de outras pessoas.

— Esse é um dos quartos de visita. — Ele explica com uma voz bem mansa. — Meu amigo não vai se importar. Eu estarei lá embaixo, qualquer coisa me chame.

— Vamos ter que dormir aqui? — questiono sem olhar para ele. Sinto-o atrás de mim.

— Talvez. Se não me quiser aqui, eu posso ficar ali naquele outro quarto.

— Tudo bem. — Eu assinto, ele também, e sai, me deixando sozinha. Me sento na cama olhando todo o ambiente: assim como o resto da casa, é bem organizado e confortável. Paredes brancas, janela grande e cortinas de pano fino. Não me parece familiar. E eu nem esperava que fosse. Por enquanto não quero pensar em como a casa é linda. Preciso remoer o fato de como Enzo se mostrou articulador. No momento estou um pouco indignada. Abro o envelope e tiro os papéis. Há uma caneta no canto superior.

Que chance uma desmemoriada tem contra um cara tão esperto e engenhoso? E que por sinal é meu marido. Balanço a cabeça desanimada e começo a ler.

Eu li tudo que ele me deu. É claro e simples, como Enzo me explicou. Nada de cláusulas, apenas um texto breve. É com certeza um documento legal, que se trata basicamente de uma troca de favores. Eu assino o documento e preciso morar com ele, não posso sair em hipótese alguma. Em troca, eu terei tudo que preciso ou que ele acha que preciso. Não importa. Só as crianças me interessam. E Enzo foi claro ao afirmar que poderei vê-los só se me comprometer a ficar lá na casa.

Pego a caneta grudada no alto do envelope e, num rompante, assino as duas vias. Se ele pensa que vai me dobrar fácil com essa droga de pressão, está enganado. É até bom eu ficar por perto, preciso descobrir mais sobre minha vida e sobre a vida dele.

Mais tarde, Enzo bate na porta e coloca a cabeça para dentro dizendo que tinha feito algo

PERIGOSAS ACHERON

para a gente comer. Já é noite. Eu acendi o abajur e estou acordada no escuro, pensando.

— Estou sem fome — resmunguei. Ele entrou. Que merda! Ele não sabe o que é privacidade?

Sabendo que ele está vindo em direção à cama, eu recosto na cabeceira a tempo de ele sentar perto.

— Odeio que fique assim. Eu quero só o seu bem, Maria Luiza.

— Eu sei. Eu aceito sua proposta.

Não vejo um sorriso ou qualquer expressão de vitória no rosto dele. Enzo apenas anui.

— Quero que saiba que farei isso por mim mesma e pelas crianças — esclareço. Vejo-o enrijecer como se tivesse levado um soco no estômago. Enzo tenta mostrar indiferença, mas percebo que ele foi atingido, afinal eu deixei explícito que nada do meu esforço seria por ele.

— Tudo bem. Fico contente que tenha pensado neles.

PERIGOSAS NACIONAIS

Me sento ao lado dele. Pego o envelope na cabeceira e o entrego.

— Não fique fazendo essas coisas. Não vai conquistar ninguém oprimindo e pressionando.

Ele anui e se levanta. Estende a mão para mim.

— Venha comigo. Preparei algo para comermos.

Das duas uma: ou ele recebeu o que eu falei e guardou como conselho, ou nem ligou mesmo.

Me levanto e o sigo.

Na cozinha ele me serve um sanduíche assado com suco de frutas. Ele diz que o sanduíche é uma receita minha. Me explica, atencioso, como eu costumava fazer, e depois sentou comigo para comer.

Estava delicioso. Muito bom, e eu fico mais calma, conforme vamos conversando; eu falando de tudo desde que acordei, e ele me contando coisas sobre as crianças. Enzo sempre preocupado em não me sobrecarregar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me contou sobre Max e Davi e ainda sobre meu pai e minha irmã. Tudo muito resumido; me diz que com o passar do tempo irá me mostrar as coisas aos poucos.

No fim não existe mais um mal-estar entre a gente. Enzo está mais uma vez me fazendo rir.

PERIGOSAS ACHERON

|18|

MARIA LUIZA

— Onde foi nossa primeira vez? —
pergunto mais tarde, na sala.

— Na minha casa. — Ele responde
convicto.

— Aquela história de eu ir louca para
cima de você foi verdade?

Enzo sorri. Está maravilhoso recostado na
poltrona, com as mãos cruzadas atrás da cabeça,
exibindo bíceps perfeitos e uma tatuagem
chamativa, parecendo um chefão.

— Sim, foi verdade. Na nossa primeira
vez você quase me derrubou. Mas eu não tenho do
que reclamar.

— Eu era louca — afirmo.

— Sim, louca por mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Para — advirto em tom brincalhão. — Você acabou de prometer na cozinha que não seria mais arrogante.

— Mas é a verdade. Depois eu te contarei toda nossa história.

— Por que não conta agora?

— Porque estou com um sono do cacete. — Ele bate nas pernas e se levanta encurvando para trás, espreguiçando. — Relógio biológico, eu acostumei a dormir essa hora depois que você... se foi.

Me levanto também.

— Antes, comigo, você dormia tarde?

— Lógico. — Os olhos dele assumem um brilho divertido. — A putaria só começava quando as crianças dormiam.

Dou uma gargalhada.

— Por favor, diga que eu não era uma promíscua. — Ando ao lado dele em direção à escada. Enzo aperta um interruptor e a luz da sala se apaga.

— Meu Deus! — Exclama e esfrega a

mão no rosto. — Você era demais, Malu. Uma puta profissional.

— Que tosco.

— Mas era puta do próprio marido. Então vale.

Eu dou outra gargalhada. Ele não ri, só me olha. Paramos diante da porta do quarto.

— Então boa noite — digo meio constrangida. É um clima bem estranho. Somos casados, mas tem essa coisa inexplicável, quase palpável entre a gente.

— Boa noite. Já verifiquei e no banheiro tem tudo que precisa. Pode tomar um banho se quiser. A TV também está funcionando. Fique à vontade.

— Ficarei. Obrigada.

— Ah! — Ele dá um giro de volta para mim. — Eu ficarei aqui. — Aponta para a porta em frente ao quarto onde estou. — Qualquer coisa não hesite em bater.

— Tá. — Avanço um pouco em direção a ele; ele também avança. Vou para dar um beijinho

no rosto dele e ele também ao mesmo tempo, quase nos topamos e afastamos para trás, tornamos a avançar como em uma menção de beijar, ficamos atrapalhados e acabamos rindo. Trocamos o beijinho na bochecha e ele se afasta rápido.

— Então é isso. — Enzo fala e vai para o seu quarto. Eu também entro no meu e fecho a porta.

De olhos fechados, escoro na madeira e espero o coração voltar a bater normal. Esse sentimento pulsando dentro de mim estava aqui há quanto tempo? Estou sentindo algo por Enzo que eu não senti com minha mãe nem com Jorge. O mais parecido que senti foi quando abracei Dani e Julia. Mas isso me queimando, me deixando leve, é diferente e muito gostoso.

Será que tenho chances de me apaixonar pelo meu marido? Que estranho... rio e vou para o banheiro.

Tomo um banho rápido. Decidi não abusar e usar a banheira, preferi o chuveiro. Antes do banho dei uma olhada no ambiente, abri as portas do armário. Dentro há várias coisas, entre elas uma caixinha de madeira; hesitei um pouco e abri.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dentro há vários pacotinhos. Peguei um e notei que eram preservativos. Coloquei de volta no lugar e decidi não mexer em mais nada. Fiquei desconcertada e pensando bobagens depois que vi os preservativos.

No armário do quarto, encontrei um robe feminino. Vesti e coube certinho. Decido ficar com ele, me deito embaixo do edredom e fico zapeando pelos canais na TV.

De repente me flagro sorrindo, lembrando da conversa com Enzo, sem prestar atenção no que passa na televisão. Que tola! Estou me sentindo ótima e sorrindo do nada.

Desligo a TV e deito de lado. Volta e meia está lá o sorriso. Enzo consegue me levar do amor ao ódio e de volta ao amor. É muito fácil de gostar dele, de gostar muito.

Ele sabe fazer isso muito bem e apaga completamente as coisas ruins que disse um pouco antes.

— Malu. — Ouço meu nome e em seguida batidas na porta. Sento na cama e acendo a luminária.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi.

— Já estava dormindo?

— Não — respondo meio trêmula.

A porta se abre e Enzo olha para dentro.

— Quero te falar uma coisa. — Ele sussurra.

Me sento na cama e ajeito o robe.

— Diga.

Ele entra. Está vestindo apenas uma cueca samba-canção. Não sei se ele percebe, mas eu arregalo os olhos ao ver ele meio nu. Puta merda! Ele é mais do que imaginei; é bem definido, enxuto, perfeito. Meu Deus! E pensar que tudo isso é meu.

Ele vem e senta-se na cama. Noto pela cara que ele está perturbado com algo.

— Eu menti para você. — Enzo começa, apreensivo.

Droga! Sabia. Me pergunto em que parte disso tudo ele mentiu.

— Sobre o quê? — indago dando a

PERIGOSAS ACHERON

entender que não estou muito mexida.

— Quando eu disse que não fiquei com ninguém, depois que você supostamente morreu.

Merda! Recebo um soco no queixo, literalmente. Essa me pegou de surpresa. Eu já desconfiava, só não queria acreditar.

— Foi uma vez só. — Ele volta a falar. — Ela estava no meu pé, quer dizer, ainda está. Por isso Jorge achou que eu estava tendo um caso.

— Então é verdade o que Jorge falou?

Ele me olha concentrado. Coça a barba e exala como se buscasse uma forma de tirar um peso de cima de seus ombros.

— Ela diz que está apaixonada por mim, e seis meses depois do seu acidente, nós transamos uma vez... — Enzo para um instante, massageia os olhos e murmura, muito seguro do que fala. — Mas foi horrível, me senti culpado, ainda me sinto. Foi como se eu tivesse te traído. Traído sua memória. Eu ainda estou mal por isso. Foi uma péssima escolha feita num momento de fraqueza.

Estou tão surpresa que não falo nada. Apenas o encaro sem piscar. Essa sensação que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senti não é nada boa, tipo ciúme. Bem forte. Acaricio meu pescoço olhando para o edredom.

— Eu não iria conseguir dormir com isso. — Ele se levanta, caminha um pouco. — Sabe qual foi meu maior castigo? — Já na porta, Enzo se vira para mim. Não espera eu responder e fala: — Foi passar todos os dias com esse peso, sem poder contar para você.

— Enzo. — Pulo da cama, amarro firme as duas partes do robe. Ele fica parado me esperando. Chego em dois segundos na porta.

— Fico muito feliz que tenha me contado. E quer saber? Não me importo.

— Não? — O semblante dele reflete o susto. — Eu acho que você não entendeu, eu fraquejei e transei com...

Eu tampo a boca dele com meus dedos, impedindo que continue.

— Eu ouvi. Não tem por que eu ficar com raiva. Eu estava tecnicamente morta, você estava livre, não estava me traindo.

— Mas foi cedo demais, Malu, eu não respeitei sua memória...

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, mas você disse que me amava. Eu estaria abalada se você confessasse que passou a amar outra depois de seis meses, pois é pouco tempo para esquecer um amor de verdade.

— Não. Nunca senti nada por ela.

— Pronto. Tudo bem. Ninguém é perfeito, todos nós temos fraquezas. Eu posso desconfiar que homens vejam o sexo bem diferente de nós mulheres. Para você foi algo banal e é isso que me importa.

Ele me puxa e me abraça apertado. Está muito cheiroso e eu não demoro a devolver o abraço. Inalo profundamente, de olhos fechados, sentindo um turbilhão de sensações muito boas, vindo do fundo e espalhando pelo meu estômago. É extasiante abraçá-lo, sentir sua pele quente, seus braços fortes me enlaçando e seu rosto contra meus cabelos.

Sinto meus seios começarem a se enrijecer e acho que Enzo percebe. Afastamos os rostos alguns centímetros e ele olha bem nos meus olhos. Seu rosto vem se aproximando, e eu também vou, até que nossos lábios se tocam e, enfim, eu provo o gosto dos seus belos lábios másculos; são quentes e

PERIGOSAS ACHERON

macios.

E quando Enzo abre a boca tomando a minha em um beijo suplicante, eu me entrego sentindo-o apertar contra mim. Nossas línguas se tocam, se entrelaçam e é o beijo mais gostoso que eu acho que possa existir. Sinto minhas pernas fraquejarem, as mãos dele percorrerem minhas costas e se aninharem atrás nos meus cabelos.

Sinto um leve puxão, meu rosto levanta deixando um ângulo perfeito para um beijo bem mais profundo, molhado, de boca inteira. Como se um quisesse devorar o outro. Minhas mãos rapidamente passam pelo abdômen dele, sobem para o peito e passo pelos braços fortes. Por fim, enlaço seu pescoço com os braços e troco um arfar com Enzo. Ele solta um gemido rouco e eu fico mais delirada.

Enzo para de me beijar e me fita sorrindo, segurando meu rosto entre suas mãos.

— Eu senti tanta falta de você. Foi uma dor insuportável, Malu. E agora você não tem noção de como estou feliz.

Levanto minha mão e limpo uma lágrima

que escorre do olho dele.

— Eu acho que senti o mesmo, Enzo, afinal o seu rosto foi uma das minhas primeiras lembranças.

— Sabe, eu tenho tanto medo que você nunca se lembre da gente. Malu e Enzo eram, e ainda são, como Bonnie e Clyde, como Clark e Lois, como Mickey e Minnie. Nós éramos vazios e insignificantes antes de ficarmos juntos definitivamente. Entende por que quero fazer de tudo para manter você ao meu lado? É insuportável a ideia de te perder de alguma outra forma. Eu já te perdi uma vez e a dor foi tanta que não consigo pensar em deixar você partir novamente.

— Enzo, isso não vai acontecer. Eu vou recobrar a memória. Eu estou recobrando aos poucos.

— Eu espero que isso aconteça depressa.

Me afasto, saindo dos braços dele. Seguro em sua mão e o puxo.

— Venha, durma comigo essa noite — peço trocando um olhar com ele. É isso mesmo que quero, dar conforto a mim e a ele. Estar com ele me

faz bem e não preciso evitar algo que me deixa tão leve e feliz.

— Não. — Enzo puxa a mão. — Acho que ainda não é a hora...

— Não precisamos fazer nada. Apenas fique na cama. Prometo não me jogar em cima de você como disse que eu fiz anos atrás.

Ele olha para a cama e sorri. Levanta a mão e acaricia meu rosto, passa o dedo pelo meu lábio e se curva, me beijando.

— Já que você insiste. — Ele dá de ombros e caminha comigo para a cama.

Tento não pensar em nada. Eu acho que a cada momento que eu passar com ele, as coisas virão mais fáceis em minha mente. E no momento estou tão feliz por ele ter vindo se abrir comigo, não lembro do que tínhamos juntos, mas já começo a sentir uma possessividade estranha em relação a ele, e olha que não ficamos nem vinte e quatro horas juntos. Não me importo mesmo com o que ele fez. Se está arrependido é o que basta. É o que basta para tentarmos algo e ver o que acontece.

Nos deitamos e ele se apressa em me

puxar e me abraçar. Ajeito meus cabelos e deito o rosto no peito dele. Enzo beija minha cabeça e seus braços me apertam, me deixando aconchegada.

Uau! Isso é criminalmente gostoso. Essa é sim uma deliciosa relação e eu começo a querer urgente que Enzo tente de tudo para estar comigo. Eu não poderia estar em um lugar melhor.

Quando eu acordo no dia seguinte, sinto cheiro de café. Estou me sentindo relaxada como ainda não tinha me sentido antes.

— Olá. — Ouço uma voz grave bem perto de mim. Esfrego os olhos e me mexo na cama. — Acorda, dorminhoca.

— Nossa. Que horas são? — balbucio com a cara enterrada no travesseiro. O travesseiro que está com o cheiro de Enzo.

— São quase oito. — Ele fala.

— Ai meu Deus. Estou enganada ou hoje é domingo e você está me acordando antes das dez

em um domingo?

— Ah para! Você não está trabalhando no momento. Está acordando tarde todos os dias. — Ele intervém de modo divertido; esfrego os olhos e me viro. Enzo ainda está sem roupa, vestindo apenas a cueca, me olha com um sorriso farto e duas canecas na mão. Olho em volta achando que tem mais coisas para comer. Acho que ele percebe e fala:

— Fiz um café tonificado. Mas tem que se levantar e ir comer, não dava para trazer tudo.

Recosto na cama e recebo a caneca da mão dele.

— Você costuma acordar tão cedo?

— Nós acabamos nos acostumando por causa das crianças. Eles pulam em cima da gente antes das oito aos domingos. — Enzo bica a caneca dele. Tomo também um gole.

— Hum. Delicioso.

— Você me ensinou.

— Nossa. Estou vendo que eu era uma peça bem importante na sua vida. Escolhi seu carro,

ensinei a fazer sanduíches e também café, sem falar que era sua puta particular.

Ele ri.

— Sim, você era.

— Uma peça importante ou uma puta particular?

— Os dois. — Sua resposta vem acompanhada de uma piscadinha.

Ficamos tomando café em silêncio. Algo martela em minha mente. Desde quando Enzo me contou sobre a mulher que o perseguia e eles acabaram transando, eu pensei muito nisso. Demorei bastante para dormir e, quando dormi, sonhei com ele; estávamos brigando. Foi algo complexo e sem sentido. Eu gritava com ele e chorava; o resto era tudo borrão. Acordei assustada e ainda era madrugada. Ele estava dormindo ao meu lado. Voltei a deitar e um nome brilhava na minha mente.

Peguei minha bolsa, fui ao banheiro e tomei um analgésico para dor de cabeça e voltei a dormir.

— O que foi? Que cara é essa? — Ele
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta. Levanto os olhos e o encaro.

— Sonhei essa noite que a gente estava brigando.

— Costumávamos fazer isso sempre. Como eu disse, você é difícil de dobrar e eu sempre fui teimoso. Uma combinação perfeita.

— Não sei. Não parecia briga cotidiana. Eu vi *flashes* apenas. E eu estava muito mal, gritando e chorando.

Enzo fica estático, olhando para mim.

— Aconteceu algo assim? — questiono e volto a tomar um gole de café.

— Não. Lógico que não.

Balanço a cabeça, acreditando nele.

— Eu tenho um nome pulsando na mente — falo em seguida.

— Lembrou-se de outro nome? — Enzo se anima, os lábios começam a se repuxar num sorriso.

— Sim. Quer dizer, não sei se é uma lembrança. Eu acordei na noite depois do sonho e ele vinha e voltava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que nome? Jonas, Camila, Ângela, Mariza...

— Não. Emily. — Eu respondo e, quando olho para o rosto dele, vejo que esse nome é algo bem mais forte do que eu pensei.

É nítida a tensão no ar. Ele quase deixou a caneca cair.

— Enzo, quem é Emily?

PERIGOSAS ACHERON

|19|

ENZO

Eu já sabia que ia conseguir convencer Malu na questão de ir morar comigo. Desde sempre ela teve um fraco por mim. Eu só não sabia se isso tinha continuado com a perda de memória. E, para minha sorte, sim, Malu ainda continua atraída por mim. Como tem que ser, afinal é minha esposa.

O documento que a fiz assinar é aquela apólice de seguros que comentei um pouco antes. Agora levarei esses papéis para Matheus e ele providenciará para que sejam legalizados. Malu não poderá sair de casa caso ouça alguma fofoca ou lembre-se de alguma coisa. Isso não é maldade da minha parte, ao contrário, é prevenção para meu casamento. Eu meio que perdi Malu no acidente e, agora que a reencontrei, nem fodendo que vou deixá-la ir.

Até ontem à noite eu tinha o rabo totalmente preso, e foi uma surpresa para mim o

PERIGOSAS ACHERON

modo como ela agiu. Eu fiquei com a consciência pesada, contei que fiz sexo com Emily e... ela não se importou. Isso mesmo, estou contente demais, saí por cima da carne seca e nem precisei suar muito. E ainda, de gorjeta, ganhei uma noite confortável com minha mulher, por que eu estava morrendo de saudade.. Só me pergunto se Malu continuaria com a mesma opinião se soubesse que a tal perseguidora é nada mais nada menos que a babá dos nossos filhos e a causadora da nossa briga antes do acidente.

E essa é A questão que vem à tona agora. Emily.

Que porra! Malu tinha que lembrar justamente o nome de Emily? Com tanta gente importante na nossa vida e ela se lembrou desse nome? É revoltante. Logo agora que estamos nos entendendo.

Enquanto Maria Luiza está aqui na minha frente esperando uma resposta, eu raciocino na velocidade da luz.

Eu tenho duas opções: ou conto a verdade para ela, desde o momento que Emily começou a trabalhar de babá até o dia em que fomos flagrados.

E com essa verdade eu ferro tudo que consegui até agora. Ou posso mentir e ferrar tudo, afinal ela vai se lembrar um dia. Será como uma bomba relógio.

Então, decido agir no meio-termo. Ainda não contarei sobre o flagra e a briga. Muito menos que Emily era a babá. Eu posso segurar essa informação e liberá-la só quando eu tiver as coisas sob controle. Quando eu tiver certeza que Malu, com ou sem memória, não irá a lugar algum e nem brigará comigo, uma vez que estará loucamente reapaixonada.

— Emily é a mulher que está me perseguindo — confesso e vejo os olhos dela saltarem de horror.

— Como assim? A mulher com quem você disse que dormiu?

— Sim.

— Então... por que eu me lembraria do nome dela? Eu conhecia a sujeita?

Elaboro uma cara bem convincente antes de erguer os olhos e mira-la.

— Sim. Como eu te disse, nós dois éramos uma boa dupla nas finanças. Ela era nossa cliente.

PERIGOSAS ACHERON

Foi por sua causa que ela me conheceu.

Essa parte não deixa de ser verdade. Foi por causa de Malu que Emily me conheceu.

— Ai meu Deus! — Malu coloca a mão na boca.

— Mas não se culpe. — Afago a perna dela por cima do edredom. — Ninguém teve culpa de nada.

— Me conte essa história de perseguição. O que ela tem feito na verdade?

— Ela me segue, é inconveniente. Entrou em casa certo dia, minha mãe estava lá e a colocou para fora. A última dela foi uma aparição surpresa no meu trabalho. Chegou de repente e o mais estranho é que estava se vestindo imitando você.

— E o que você fez? — A expressão em alerta, mostra o quanto o suspense a domina.

— Coloquei-a pra fora e pedi que não deixassem mais ela entrar no prédio.

Malu me entrega a caneca, joga as pernas para fora do edredom e senta-se na cama.

— Eu estou abismada agora.

Sinceramente. Você ainda teve coragem de transar com uma psicopata dessa?

— Ei! — Coloco a caneca no criado e seguro no braço dela. — Ela não era assim quando a conhecemos. E quando você sofreu o acidente, ela continuou sendo amiga apenas. Só quando eu disse que não dava para a gente ter nada é que ela surtou e começou a se mostrar uma perseguidora.

— E como você está agindo diante disso?

— Fazendo de tudo para mantê-la longe de mim e dos nossos filhos.

— Que bom. — Malu enfia os dedos nos cabelos e me olha com um leve sorriso. — Me desculpe. Eu não tenho que ficar com raiva. O importante é que você está fazendo a coisa certa.

— Sim, percebe agora por que cada dia mais a culpa me corroía? Emily é uma louca que me cercou desde o início e eu não percebi, você não percebeu.

— Sim, eu entendo. E já sinto um tiquinho de raiva dela.

Eu dou um sorriso, ela retribui. Graças a Deus está tudo bem. Faço um levantamento rápido

PERIGOSAS ACHERON

na mente sobre as pessoas que sabem a verdadeira história, que Emily na verdade era babá e que Malu flagrou eu e ela juntos.

Max, Davi e Matheus. Eles sabem, mas posso contar com eles para esconder esse fato. Julia e Dani também sabem e posso pedir aos maridos delas que as convençam a não contar por enquanto. E tem Rebeca, que sabe e pode se sentir culpada por ter apresentado Emily para Malu. Mas quanto a isso estou despreocupado. Davi vai saber contornar a situação. E tem, por último, Jorge. Esse será meu único problema.

— Vamos deixar esse assunto de lado e tomar café? — Me levanto e estendo a mão para ela.

Malu não reluta, toca na minha mão e se levanta. Ficamos de pé.

— Eu vou antes ao banheiro. Logo eu desço.

— Tudo bem. Estarei esperando. — Me aproximo mais e dou um beijo nos lábios dela. Me impor: isso é o que preciso fazer a todo instante. Manter Maria Luiza sempre atraída. Ela arfa contra

PERIGOSAS NACIONAIS

meus lábios e aperta os dedos no meu peito. Afasto, dou mais um beijo e torno a me afastar.

— Não demore — sussurro e saio do quarto levando as duas canecas.

Yeah! Dou um soco no ar. Mandou bem, garoto. Consegui de novo. O assunto foi encerrado e ela está satisfeita com minha resposta. Ela vai saber a verdade, claro, mas não agora. Terei tempo para isso.

Passo no quarto, visto uma sunga e uma bermuda por cima. Estou com uns planos em mente e vou surpreender Malu.

Vou para a cozinha e começo a me servir quando ela aparece já vestida com a roupa de ontem.

Malu olha atentamente para as coisas no balcão e depois me encara.

— Fez mesmo tudo isso?

— Há cinco anos eu não sabia cortar pão de forma, mas me casei com uma ótima cozinheira e que fazia questão de me ensinar. Além do mais, depois que se torna pai, a gente aprende a se virar.

PERIGOSAS ACHERON

Ela se senta de olho nas coisas da mesa.

— Café ou suco? — pergunto, todo solícito.

— Suco, por favor. — Ela pede e eu a sirvo em um copo. Coloco café para mim e corto uma fatia de bolo.

— Não acha que é muito abuso comer a comida de outras pessoas? Podemos ser presos. — Malu fala provando um pedaço de bolo que acabei de passar para ela.

— Fique sossegada. Está tudo sob controle.

— Nossa, isso está muito bom. — Mastiga o bolo demonstrando agrado.

— Obrigado — Um sorriso brota facilmente, porque de verdade, estou agradecido por ter ela aqui novamente comigo, na casa onde tudo entre a gente começou a dar certo.

— Uma receita minha? — Aponta para o bolo.

— Não. Do meu irmão.

O famoso bolo de Davi. Acho que é uma

das poucas coisas que ele sabe fazer.

— Sério?

— Sim. Eu e meu irmão não somos só boa tinta. Temos outros atributos. Eu, por exemplo, sou bom de cama e de fogão.

Malu não consegue se conter e dá uma olhada pelo meu corpo. É bem rápido, apenas os olhos dão uma leve mexida. Mas eu percebi.

— Então quer dizer que sou uma mulher de sorte por ter encontrado um marido tão prendado? — Ela gira no banquinho, cruza as pernas e fica me olhando de frente.

— Cinco anos atrás eu discordaria disso. Mas agora sou o cara que todas iriam querer como marido. Você é sim uma sortuda, senhora Brant.

— Convencido. — Ela diz em uma tosse falsa. — Falamos ontem sobre isso.

— Mas você não me deixou terminar. Eu ia dizer que eu também sou sortudo por ter te capturado a tempo. Uma mulher gostosa, inteligente, ótima nos números e na cozinha, e ainda por cima ótima mãe. Você é única para mim, Malu. Meu grande e único amor.

— Agora sim você soube escolher as melhores palavras.

Curvo para a frente em direção a ela e dou-lhe um beijo nos lábios. Me afasto e Malu está admirada. Ela me olha com um brilho que qualquer um pode distinguir como paixão. O sorriso simples e verdadeiro chega aos belos olhos verdes.

— Experimente essa panqueca. Essa sim é uma receita sua. — Passo para ela uma panqueca. — A receita é fácil, mas o recheio é uma parte difícil. Não basta apenas saber virar na frigideira, as crianças sempre gostam de ver esse momento torcendo para que eu consiga jogar a massa para cima e apara-la com a frigideira.

Malu corta um pedaço da panqueca e come.

— Bom. Eu suspeito que a minha ficava melhor.

— Sim, lógico.

— Geralmente nosso café da manhã é assim? Com tanta coisa?

— Não mesmo. Estou apenas me exibindo. Nós temos pratos preferidos pela manhã. Eu gosto de pão na chapa com alguma coisa dentro, queijo, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

salsicha, salame. Qualquer coisa. Para dar “sustância” durante o dia, entende? — Bebo um gole de café, Malu corta mais um pedaço de bolo e come enquanto me olha atentamente. — Johnny sempre me acompanha, você implicava dizendo que ele precisava comer coisas saudáveis, mas não tinha jeito. Só conseguiu convencer a Anna e daí vocês duas comiam biscoitos ou pães e queijos frescos que eu comprava na padaria perto de casa.

— Nossa, que legal. Me conte mais sobre nossa rotina. Somos ricos, mas parecemos ser uma família comum.

— Sim, e somos. Gostamos de viver cada instante, essa coisa de pagar funcionários para fazer tudo, inclusive a comida e dirigir nosso carro nunca nos atraiu.

— Gosto de ouvir isso. Percebo que gosto do modo que vivíamos.

— Sim, ensinamos boas coisas às crianças. Elas sabem que não tem mil pessoas para atender os desejos e caprichos. Ana já aprendeu a arrumar a cama e Johnny só pode pegar brinquedos se na última brincadeira ele os guardou adequadamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Não tínhamos babá?

Não mostro apreensão com essa pergunta dela. Finjo naturalidade.

— Tivemos, mas não deu certo. O melhor foi coloca-los em escolas apropriadas.

— Como era nossa rotina?

— Você sempre acordava primeiro. Eu não conseguia entender de onde você tirava forças para acordar às vinte para as seis. — Passo mais suco para Malu, ela me assiste deslumbrada. — Às seis e meia você me acordava dizendo: “Enzo, tem que ir comprar pão e leite. Já acordei as crianças.” E meio dormente eu me levantava, me arrumava e ia a pé até a padaria que fica no condomínio mesmo.

Malu assente. Sua expressão muda. Fica meio séria.

— E depois do acidente? Como você se virava? Tinha ajuda?

— Não. Eu aprendi a acordar cedo. Minha mãe sempre comprava biscoitos, bolo, leite, um dia antes e me dava quando eu ia no fim do dia buscar Anna e Johnny na casa dela. Então pela manhã eu me arrumava, acordava os dois e preparava o café

PERIGOSAS ACHERON

deles.

— Nunca cogitou contratar uma babá?

— Tivemos uma, antes de você supostamente ter morrido. Depois ela foi embora e eu não quis ainda colocar alguém estranho, nossos filhos estavam abalados sentindo sua falta, a psicóloga deles pediu que os deixasse com figuras femininas e conhecidas.

— Então nesses seis meses sua mãe cuidou deles?

— Sim. Tem também a Rebeca, esposa de Davi. Ela escreve para uma coluna de uma revista, trabalha em casa, e sempre ajudava minha mãe.

Ela termina de beber o suco e limpa os lábios.

— Como acha que todos vão me receber?

— Com muita alegria. Eu pedi a Davi que preparasse todos antes. Depois vou conversar com seu pai e sua irmã e por fim levá-la para vê-los.

— Estou ansiosa. Muito ansiosa. Queria poder lembrar logo de toda minha vida.

— Isso vai acontecer. Pode ter certeza. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Me levanto em um pulo e puxo Malu, que é obrigada a se levantar também.

— O que foi?

— Venha comigo. Vou te mostrar uma coisa. — Arrasto-a para fora da cozinha. Malu tenta puxar a mão e frear.

— Enzo. Temos que arrumar a cozinha.

— Depois.

Chegamos à sala. Deixo Malu parada ali, empurro a mesinha do centro, deixando-a num canto, e pego meu celular. Coloco no volume máximo e escolho uma música.

Volto-me para ela.

— Não ria de mim. Sou quase um quarentão, mas meu dever é tentar de tudo para trazer minha esposa de volta. — Estendo a mão para ela.

— Não estou entendendo. — Rio diante da tensão dela.

— Malu, apenas venha.

De braços cruzados, olha incrédula para minha mão estendida.

PERIGOSAS ACHERON

— Você tem uns gostos singulares. — Eu falo. — Gosta de ler uns livros que fazem chorar ou ficar excitada; particularmente eu gostava quando você lia um livro erótico, pois recorria a mim para resolver seu problema causado pela leitura. E também era fã de músicas. Essa é uma das que você mais amava.

A música em questão é um tedioso copo de água com açúcar intitulada *Photograph*, de Ed Sheeran. — Venha, dance comigo. É sua canção favorita.

Malu aceita minha mão e eu a puxo gentilmente para meu corpo. Estou sem camisa e ela se ajeita meio envergonhada. Demora uns segundos, mas acaba me abraçando apertado.

— A música é linda.

— Linda como um porre — ironizo e ela acaba rindo. Encosta o rosto no meu peito e eu encosto meu queixo no alto de sua cabeça, fechando os olhos e nos levando bem lentamente, quase parando, no ritmo da música.

Malu levanta o rosto para me olhar. Ficamos com os lábios bem pertinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Era assim que eu fantasiava meu marido desconhecido. Quando eu tinha apenas seu rosto e seu nome. — Um esboçar de sorriso ilumina o belo rosto e isso me causa forte paixão. — Mas tenho a impressão que você não é sempre assim, romântico.

— Minha forma de romance é bem crua e direta — advirto. — Mas a cara que você faz quando é surpreendida com flores ou um jantar surpresa compensa o esforço.

Dou um beijinho na testa dela; em seguida, desço os lábios e beijo-lhe a ponta do nariz. Ergo um pouquinho o rosto e beijo uma pálpebra dela e a outra logo depois. Ela abre os olhos e os noto inflamados de desejo. Eles brilham, e é o brilho que eu sempre costumava ver. Com certeza ela não é a única, eu devo estar com a mesma cara. Afinal sinto aqui dentro tudo triplicado.

— Eu já fiz muita besteira, Malu, e posso ser chamado de adolescente cuzão, mas estou mesmo tentando de tudo para resgatar nossa vida.

— E eu espero que consiga.

Abaixo enfim meu rosto, e tomo os lábios

PERIGOSAS ACHERON

dela em um beijo arrepiante. Malu revida chupando os meus na mesma intensidade. Ela morde meu lábio, puxando-o, e em seguida chupa e invade minha boca com a língua. Nossas mãos serpenteando com cuidado o corpo do outro. Uma das minhas mãos vai para dentro do jeans dela, na parte de trás, e a outra avança dentro da camiseta, indo em direção aos seios. Malu arranha manhosamente meus braços e arfa quando meus dedos tocam nos seios dela por cima do sutiã.

— Estou com tanta saudade, minha ruiva — sussurro. Minha língua prova a pele do pescoço dela, minha mão segurando seus cabelos ruivos. Em instantes já estávamos no sofá. Eu aconchegado em cima dela. Continuamos apenas nos beijando, consegui erguer a blusa dela e o sutiã apareceu, me mostrando os seios que eu conheço muito bem. Passo minha mão sobre eles, percorro para cima, na garganta dela e, segurando-lhe o pescoço, volto a beijá-la. Malu rodeia a mão para trás e segura na minha nuca, enquanto a outra aperta firme meu bíceps.

— Enzo... — Ela consegue murmurar. — Não podemos...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Podemos sim. Eu sou o seu marido.

— Eu sei. Mas é estranho.

— Está sentindo o mesmo que eu? Estou em brasas.

— Eu também. Mas aqui na sala...

Me levanto rápido de cima dela.

— Venha para o quarto comigo. Podemos fazer o que quiser, Malu, se você desejar, é claro.

Ela se senta e fica com a cabeça baixa, sem querer me encarar. Dou uma respirada longa e sento ao lado dela.

— Tá, me desculpe. Está cedo ainda. Você ainda está confusa.

— Eu estou parecendo uma virgem medrosa, não é?

— Não mesmo. Eu que estou parecendo um pé no saco. — Puxo-a para um abraço. Malu fica nos meus braços, respirando suavemente contra meu peito. Afago os cabelos dela, e de repente ela levanta o rosto.

— Quer saber? Vamos para o quarto.

PERIGOSAS ACHERON

— Não — nego, segurando o rosto dela.
— Temos o tempo todo pela frente. Assim que sairmos daqui, nossa vida vai voltar ao normal, tenho certeza.

Ela não responde, se aproxima e toma a iniciativa de me beijar. Começa devagar, eu penso que é só um beijo de carinho. Mas a coisa vai intensificando, minha ereção vai voltando, incomodando dentro da sunga, e meu coração começa a bater na mesma sincronia que meu pau lateja. Ela apalpa meu peito e meu braço enquanto faz um serviço excitante com os lábios em minha boca. Já estamos arfando e quentes de tesão e então ela se afasta.

— Mudou de ideia?

— Sim. — Me levanto e a puxo para mim.
— Quarto, agora!

Parece mesmo um *déjà-vu*. Eu e Malu correndo escada acima em direção ao quarto.

Chegamos lá e já fui arrancando minha bermuda. Malu abriu o jeans, descartou a calça e em seguida a blusa. Assim que eu tirei a sunga, ela olhou para meu pau e em seguida para meu rosto.

Nos lábios, um sorriso.

— Uau!

— Pois é. Não disse que você é uma garota de sorte?

— Estúpido. — Ela ri ao mesmo tempo em que a derrubo na cama, me deitando por cima. Enquanto a beijo, minhas mãos se enchem com os seios, e esfrego meu pau bem duro contra a calcinha dela. Malu me recebe no meio de suas pernas abertas fazendo uma dança sensual embaixo, trocando suspiros comigo; nossos lábios grudados respirando o mesmo ar.

Desço minha boca sem pressa. Simples, mas intenso. Por mais que esteja explodindo já, não quero ser imbecil com ela. Adoro cada seio com paixão, eu nem podia acreditar quando tirei o sutiã dela e toquei minha língua no mamilo enrijecido.

Malu Reage estremeando e morde os lábios quando eu chupo com vontade, sentindo o sabor que tanto me saciou e que nunca vai me cansar. Esses seios foram feitos para minha boca e minhas mãos.

Depois ela me puxa dizendo que não

PERIGOSAS NACIONAIS

aguentava mais. Deixo a boceta de lado, quero muito chupar e me deliciar com o cheiro, relembrar nossos momentos. Mas é tudo mais forte que nós dois.

Malu já está ensopada quando deslizo vagarosamente meu pau duro e latejante dentro dela. Nós dois soltamos um lamúrio ao mesmo tempo quando ele chega bem ao fundo, sentindo a maciez e o calor. O aperto gostoso me afaga e não seguro um gemido;, sinto os músculos dela relaxarem para abraçar devidamente minha rola que já começa a se movimentar. Arrasto para fora sem tirar tudo, meto novamente e repito isso mais umas três vezes até Malu gritar algo muito erótico, um gemido alto de prazer total. E aí começamos.

Bem agarrados, ela me prendendo com suas pernas, meu pau atolado indo e vindo cada vez mais fácil por causa da umidade dela. Ela aperta cada pedaço do meu corpo, morde meu braço, chupa meu pescoço. E eu meto fundo e suave, levando a gente a um patamar tão alto que quase gozo.

Mudo de posição. Abraçado a ela sem tirar meu pau de dentro, a faço ficar em cima de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Malu deita no meu peito e eu meto fundo, impulsinando com as pernas.

— Nossa, que bom. Você é muito bom.
— Ela geme com a boca colada no meu pescoço. Fomos juntos, eu a espero e, quando Malu treme nos meus braços, a boceta pisca contra meu pau; eu olho nos olhos dela enquanto começa a gozar.

— Olhe para mim, Malu. Olhe para mim e goze — peço enquanto continuo socando, provocando-a em uma tortura fascinante.

E ela goza, potente, se derretendo contra meu pau, me deixando louco, inchado de tanto gozo acumulado; minhas bolas doem e tudo em mim se contrai, meus músculos vibram, minhas veias batem potentes e a pressão deliciosa toma meu pau; meu sêmen viscoso e quente se esvai em esguichadas dentro dela. Eu urro e Malu geme com um breve sorriso nos lábios.

Não há mais volta. Maria Luiza está de novo aqui, comigo.

PERIGOSAS ACHERON

|20|

ENZO

— Está tudo bem? — indago assim que recobro o fôlego, com ela deitada ao meu lado. A expressão dela é meio estranha. Parece pensativa, intrigada.

— Não usamos preservativo.

Me viro de lado, me apoiando no cotovelo.

— Não precisa se preocupar. Primeiro porque somos casados, segundo que posso me garantir, não tenho nenhum problema e tenho certeza que você também não, e por último, você não pode engravidar, se esse for o medo.

— É, eu sei. Por causa do útero... ou da ausência dele.

— Sim. Um tempo atrás, pouco antes do acidente, você teve um problema no útero. — Passo

meus dedos pelo ventre dela e contorno a cicatriz.
— Teve que ser retirado.

— O médico me contou e acho que isso não é uma coisa boa de descobrir. — Malu desce a mão e toca a minha, que ainda está na barriga dela.

Puxo a mão dela e trago-a para deitar em cima de mim. Nossas pernas se mexem e entrelaçam, como antes, como se nossos corpos se reconhecessem. Seguro os cabelos dela por trás e desço a outra mão pelas costas, pousando-a na bunda. Deixo nossos lábios bem próximos, Malu ofega. Meu pau já está duro novamente, espremido contra o corpo quente dela.

— Então, nada de preocupações. Podemos transar quanto quisermos — digo já começando a beijá-la. Seu corpo se esfrega contra meu pau e ela avança com a boca, beijando vorazmente, chupando meus lábios e língua.

Não foi difícil recomeçarmos; em dois movimentos eu já estava dentro dela de novo, me lançando fundo e trazendo pra fora novamente, em um ritmo alucinante.

Então eu a viro de lado, deito por trás,

tipo conchinha, seguro sua perna e fodo nessa posição até Malu começar a dar os sinais do orgasmo; viro-a e deito por cima para que eu possa ver os olhos dela. Preciso ver de novo, preciso sentir ela me agarrar forte, sentir nossas peles e bocas bem grudadas.

Mais uma vez estamos meio esgotados, eu já sentindo os músculos relaxarem e Malu deitada em cima de mim, agarrada ao meu corpo. Nosso cheiro me faz reviver toda nossa vida, nossos tempos de glória. Estou mais que radiante por isso.

— Minha nossa. Isso é viciante. — Ela fala com um tom divertido na voz. O rosto pregado no meu peito.

— E olha que estamos apenas nos aquecendo — respondo no modo orgulhoso.

— Sério? — Levanta o rosto para me olhar. Ela está linda demais. Esses cabelos desarrumados, os lábios rosados e levemente inchados, um brilho intenso no olhar.

— Querida, estou pegando leve, estamos voltando a nos entender, preciso ir com calma. — Mais uma vez uso minha arrogância, nem sou mais

PERIGOSAS NACIONAIS

isso tudo, não sou mais o garanhão de anos atrás quando ela me conheceu.

Ela volta a deitar.

— Acho que queria ver você perder a calma. Na cama, estou dizendo.

— Safada!

Malu não responde, apenas ri e beija meu peito.

Putá que pariu. Acabo de seduzir minha própria esposa.

Acabamos pegando no sono. Dormi com ela nos meus braços e, quando acordo, Maria Luiza está relaxada, deitada ao lado, com uma perna em cima de mim e os cabelos espalhados nos travesseiros. Fico por algum tempo olhando-a e sabia que estava sorrindo. Essa é uma imagem que sempre vou querer ver de agora em diante.

Não me canso de agradecer por ter ela de volta em minha vida. Eu a perdi e agora não cansarei de me dedicar à minha mulher.

Me levanto, visto a bermuda apenas e desço; o dia está bom, são onze da manhã e a

PERIGOSAS ACHERON

piscina está coberta por uma bela e chamativa sombra. Dou umas braçadas para revigorar. Doido de felicidade, como jamais estive na vida. Nado de um lado para outro várias vezes e depois saio e me solto na espreguiçadeira.

Tudo está dando certo. Aqui, isolados, como da primeira vez, mas assim que voltamos, tivemos que enfrentar problemas. E agora os problemas são bem piores. O que mais me preocupa nisso tudo é Emily. Eu preciso estar um passo à frente dela e de Jorge. Nenhum deles poderá chegar em Malu por enquanto. Será para o bem dos dois. Dessa vez não vou segurar meu punho. Seja o inimigo homem ou mulher.

— Oi. Você sempre me deixava na cama?
— Olho para o lado e vejo Malu parada, dentro de um roupão me encarando, ela sorri do meu sobressalto. Fico de pé, fito a piscina, mordo o lábio pensativo e decido o que fazer.

Caminho até ela e pego-a no colo.

— Enzo...

— Vamos nadar — proponho.

— Não. Estou sem roupa de banho. — Ela

segura firme no meu pescoço.

— E quem disse que precisa de roupa? —
Ergo uma sobrancelha sugestiva.

Dizendo isso, saio correndo com ela rumo à piscina. Malu começa a espedaçar nos meus braços.

— Enzooooo! — Ela grita como da outra vez. Entretanto dessa vez algo sai errado e eu escorrego na borda. Caímos desajeitados na piscina. Vou para o fundo e me ergo rápido. Uma gargalhada pronta. Eu rio calorosamente, tiro a água do rosto e nado para a outra borda achando que Malu estaria atrás de mim, pronta para me dar umas pancadas. Chego à borda e, quando olho em volta, não vejo Malu por perto.

— Malu? — grito já entrando em aflição.

Mergulho e a vejo perto da escada, no fundo, se debatendo. Quando ela caiu, a ponta do roupão se prendeu a uma parte da escada de metal e ela luta para tirá-lo do corpo. Está se debatendo desajeitada, não pode subir para respirar, pois está bem no fundo. Nado rápido, ajudo-a a se livrar do roupão e a tiro para fora.

Maria Luiza deita-se, tossindo, quase

PERIGOSAS NACIONAIS

afogada na beirada da piscina. Vou para cima dela, me ajoelhando.

— Me desculpe. Foi uma brincadeira. — Eu digo fazendo massagem no peito dela. Desesperado, olho tudo no corpo dela para ver se machucou. Malu tosse bastante e depois me olha séria um tom de revolta estampando os olhos.

— Saia. — Ela me empurra. Fica de joelhos e eu a ajudo a se levantar; ela fica de pé, meio tonta, e agacha perto da espreguiçadeira. De olhos fechados, com o rosto nas mãos, respirando rápido.

— Malu. Está tudo bem?

— Estou, Enzo. — Ela me olha. — Você quase me matou.

Faço-a ficar de pé e a abraço, ela não se afasta e me abraça de volta, se apoiando em mim.

— Droga. Me desculpe. Era para ser uma brincadeira. — Torno a pedir, quase me desesperando sem querer imaginar o que poderia ter acontecido.

— Está tudo bem. Só preciso de um banho quente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assinto e pego-a no colo. Ela não reclama, fecha os olhos e envolve o braço no meu pescoço. Fosse outra ocasião, eu estaria fazendo uma piadinha do fato de estarmos pelados andando por aí.

Levo-a para o banheiro. Enquanto ela toma banho, eu pego uma camiseta minha, visto minha bermuda e me sento na cama, esperando ela sair. Demora mais que o necessário, uma hora inteira presa no banheiro. Vou à porta perguntar se está tudo bem e ela diz que sim.

Quando Malu sai, ela me olha intrigada. Semicerra os olhos para mim quando estendo minha camiseta limpa.

— Está tudo bem? — pergunto de novo.

— Sim. Só engoli um pouco de água. — Ela toma a blusa da minha mão e se veste. Veste a calça dela e, após pentear os cabelos, me olha com um breve sorriso.

— Você é um perigo ambulante, Enzo. — Caminha até onde estou sentado, inclina para frente, me beija e eu caio para trás na cama com ela por cima.

PERIGOSAS ACHERON

— Pelo menos se eu te assassinasse eu não iria preso, afinal você já está morta. — Agora que o perigo passou, me sinto no direito de tornar a debochar.

— Que safado! — Ela dá um tapa no meu braço. — Brincando com uma coisa dessas! — Malu fica de pé. — Vamos descer. Hoje eu quero ajudar na cozinha. Quero cozinhar. Já que começamos a roubar seu amigo, vamos fazer a coisa direito.

Fico muito aliviado ao ver que ela está bem novamente.

Lá na cozinha, apresento a geladeira a Malu e ela olha tudo admirada.

— Tem muita coisa aqui. Poderíamos fazer um arroz com algum tipo de carne. — Ela opina. — Eu aprendi a fazer uma carne assada com minha mãe.

— Talvez você já soubesse, afinal você fazia uma carne que era uma loucura.

— É, talvez. — Ela dá de ombros. Algo vem à minha mente e eu recosto na bancada.

— Malu, como é sua relação com
PERIGOSAS ACHERON

Clarisse?

— Boa, eu diria. Não consegui lembrar nada sobre ela. Nada mesmo.

— Vocês não tinham uma relação muito próxima.

— Não? — Malu fica à minha frente, de braços cruzados, me olhando séria.

— Não. Sua mãe partiu muito cedo. Acho que você tinha dezesseis, se não me engano.

— Eu meio que pressenti que tinha algo errado, sabe? Ela não queria me contar nada sobre minha vida; daí um dia eu me dei conta de que talvez ela não tivesse o que me contar.

— Eu ainda não entendo como você foi parar com Clarisse. Como ela te encontrou? Te contou alguma coisa?

— Não. — Malu torce os cabelos e faz um coque meio frouxo no alto da cabeça. Pequenas coisas a deixam tão deslumbrante, fico embasbacado, sem ela perceber. — Ela disse apenas que eu sofri um acidente.

— Davi fez uma investigação e descobriu

que você chegou a um hospital no Rio. Estava confusa, mas ainda consciente. Seguimos as pistas e descobrimos que Clarisse te tirou do hospital e transferiu para São Paulo. Eu queria entender qual o motivo de ela fazer isso e por que ela não entrou em contato comigo ou com Jonas.

— Eu nunca fiquei sabendo sobre ser transferida. Eu simplesmente acordei em São Paulo com uma mulher ao meu lado dizendo que é minha mãe.

Malu está nitidamente pensativa, eu também penso sobre algo que está me dando uma dorzinha de cabeça. Sobre aquela coisa de o cabo de freio ter arrebentado. Eu não vou comentar isso para ela não ficar com medo, todavia, pretendo descobrir o que aconteceu. Assim que chegar ao Rio, exigirei respostas da polícia, que está investigando o caso.

— Bom, vamos deixar esse assunto de lado. — Vou até uma porta no armário, tiro dois aventais e entrego um a ela. Me divirto com sua expressão confusa — É hora de você cumprir a promessa e fazer essa carne.

— Já estive aqui antes, não é? — Ela

PERIGOSAS ACHERON

pergunta. — Nós dois já estivemos aqui antes?

Viro-me para ela, pego no susto.

— Aqui? Nessa casa?

— Sim. Você parece saber onde está tudo. Foi certo nessa porta e pegou os aventais. Me mostrou cada coisa no quarto e na geladeira e inspecionou o banheiro e disse que tinha tudo que eu precisasse.

— É. — Tento não parecer desconfortável.
— Nós já viemos aqui.

— Sério? Éramos bem íntimos desse seu amigo?

— Um pouco. — Me viro e dou as costas para ela; não quero que ela veja uma possível menção de mentira nos meus olhos. Depois que chegarmos em casa, amanhã talvez, eu conto tudo para Malu e ela vai dar risada. Espero sinceramente. Minhas intenções são nobres, a trouxe aqui pois é um lugar representativo para a gente e tinha certeza que poderia ajudá-la a se lembrar.

— Um pouco? Enzo, você está agindo como se essa casa fosse sua. Esse amigo tem que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser no mínimo quase seu irmão. — Malu insiste.

— E era. Quase isso. — Mantenho um tom descontraído, tratando o assunto como banal.

— Hum. Entendi. — Ela volta a atenção para a pia, lavando e separando as batatas. — Quer saber uma curiosidade?

— Sim. — Agradeço mentalmente por ela ter deixado o assunto de lado.

— Eu tive uma lembrança um tempo atrás e contei ao Jorge.

— Que lembrança? — Me interesse logo.

Malu vira-se para mim com a faca na mão.

— Com você. — Ela aponta para mim. — Estávamos em uma piscina, mergulhando e nos beijando. E estranhamente parecia essa piscina ali fora. — Aponta com a faca na direção da piscina. — E hoje, quando nós caímos, essa lembrança voltou mais forte.

— Pode ser. — Tento não parecer admirado, na verdade estou com o cu na mão. Malu está se lembrando rápido demais. — Nossa casa tem piscina e já usamos essa aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Pode ser? Fizemos algo assim ou não se lembra?

— Fizemos, claro. Fico feliz que esteja se lembrando. — Ela sorri, deixa a faca na pia e vem até mim. Eu abro os braços e a recebo. Malu fica aninhada e passa os dedos vagarosamente pelos meus braços.

— Gosto dessa tatuagem. — Ela fala.

— E você gosta mesmo.

Os dedos dela passam pelo meu ombro, descem pelas minhas costas e apertam perto das costelas.

— Qual sua rotina para manter o corpo? Nós somos daqueles casais loucos por dietas e academias?

— Não. Temos uma academia em casa, corro de vez em quando, e todos os sábados eu e os rapazes vamos à academia do Nick dar umas pancadas uns nos outros. Muay thai.

— Sério? Que legal. E quanto a mim?

— Você é a pessoa mais preguiçosa que conheço, Malu, depois do Max! Mas sempre

consigo fazer você correr um quarteirão.

Ela ri, dá um breve beijinho nos meus lábios e se afasta. Antes de ela voltar a fazer qualquer coisa, ouço um barulho de carro. Malu também ouve e olha surpresa para mim.

Esperamos mais algum barulho. Nós dois parados, um de frente para o outro. Então escuto uma voz familiar.

— Malu! — A voz feminina grita.

Merda! Resmungo por dentro.

— É a Julia? — Malu indaga incrédula.

Saio correndo e já encontro Julia entrando na casa. Parece uma fera. Uma onça pintada. Max entra logo atrás, meio desconfiado.

— E aí, Enzo? Beleza? — Ele fala. Julia passa por mim me empurrando e vai até Malu, que assiste a cena com olhos arregalados.

— Será que é tão difícil assim segurar sua mulher, cara? — Vocifero para Max que se limita a dar de ombros mostrando que não consegue se impor com Julia.

— Ah! Tá bom. Fala isso quando a sua

tiver a memória de volta. Ele retruca sabendo tocar exatamente nesse ponto que temos em comum — Ninguém segura essas mulheres não. Eu quase ganhei um divórcio por sua causa.

— Malu, você caiu de novo no conto do vigário? — De braços cruzados, fico ao lado de Max vendo Julia montar seu Show — Foi enganada de novo por esse cara! — Julia gesticula nervosa. Malu olha para mim.

— Julia! — Max grita em tom de repreensão, como se ela fosse uma criança aprontando. Nós dois vamos para perto dela.

— Como assim? — Malu pergunta curiosa.

— Cinco anos atrás, Enzo armou para você, fingindo que o carro quebrou na estrada e te trazendo para a casa do amigo dele. Que na verdade nem é casa de amigo nenhum. Essa casa é dele. E agora ele acaba de fazer a mesma coisa.

Malu crava os olhos em mim, uma mão na boca. Horrorizada. Eu continuo tentando não surtar por ter sido pego no pulo.

— Enzo... — Ela começa a falar. Olha

para Max, passa os olhos pela sala e depois volta para mim. — É verdade? Tudo não passou de um plano? — questiona abismada.

Caralho! Será possível que minha vida não vai ter paz? Agora sim eu preciso ser foda pra dobrar Malu. Tanto faz, desafios me atraem. Eu já consegui coisas piores.

Eu não respondo e ela grita:

— Fale!

— Tá, venha comigo que te conto tudo. — Seguro no cotovelo dela tentando fazê-la vir comigo. Meu medo é que Julia solte algo sobre Emily. Aí eu tô ferrado.

— Não! — Julia entra na minha frente. — Não vai sair daqui com ela, quero que conte na minha frente. Para eu saber se vai mentir ou não.

— Max, por favor. — Lanço um olhar raivoso para ele dar um jeito na mulher. — De qualquer jeito você não vai perguntar à Malu depois? Eu preciso conversar sozinho com ela.

— Amor, esse é um problema do casal. — Max aconselha, segurando o braço dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer isso, Malu? — Julia pergunta de braços cruzados, balançando o corpo, pronta para a briga.

Malu olha para mim e para a amiga e de novo para mim. Assente balançando a cabeça.

— Deixa ele comigo.

Ela passa pela gente e sobe as escadas. Antes de ir atrás de Maria Luiza eu olho para Julia.

— Será que pode manter a boca fechada e não falar mais nada? Não vê que saber essas coisas a deixam abalada?

— Você poderia ter... — Ela começa a responder revoltada, mas eu não permito.

— É o meu casamento, Julia. Deixe eu acertar as coisas.

Ela olha para Max achando que ele vai se intrometer, mas ele dá de ombros e diz:

— Se fosse comigo eu faria o mesmo para salvar o meu casamento.

Deixo os dois na sala e subo correndo as escadas. Valha-me Deus, chegou a hora de encarar a fera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

|21|

ENZO

Chego ao quarto. Maria Luiza está de pé, andando e passando a mão no pescoço. Ela me encara, posiciono em uma distância segura e dou a ela uma vantagem. De perguntar o que quiser.

— Um plano. — Ela fala dando uma gargalhada nervosa. — O tal plano que me contou para me tomar de Jorge.

— Sim. Eu reproduzi tudo novamente porque queria que você relembresse de como tudo começou entre nós dois. A piscina... eu queria nos jogar na piscina como na primeira vez.

Postura passiva, sincera, romântica. Pronto, em duas frases eu já consegui amansar Malu. Ela senta na cama e me olha impressionada.

— Eu não estou arrependido, Malu. — Me sento ao lado dela. — Julia e sua mãe queriam
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu tivesse uma hora apenas com você. Mas eu tinha que ter minha esposa, comigo, sozinhos, para que eu pudesse te trazer de volta de algum modo. Eu quero a mulher que amo de volta para mim.

— Quer me reconquistar com mentiras?
— Sussurra — Isso não é base para nada, Enzo. Se nosso caso começou com mentira, eu acho que nada de agora em diante dará certo.

— Como assim nada dará certo? Nós dois damos certo mais que qualquer outra pessoa. Somos bons na cama, nos negócios, na sociedade, no jogo de poker com os casais amigos e até na produção de filhos. Modéstia a parte nós dois somos os únicos a ter herdeiros duplos para o Banco AMB.

— Será mesmo? — Tenta parecer desanimada mas acaba dando um tímido sorriso.

— Se você duvida, então é mesmo a Malu que conheci.

— Eu quero te perguntar uma coisa. — Ela faz uma pausa, olha atentamente para mim, bem séria, mais do que eu gostaria. — E aceitarei o que me disser.

PERIGOSAS ACHERON

— Diga. — Também estou bem sério.

— Há alguma coisa que mentiu ou omitiu de mim, que eu brigaria com você se recobrasse minha memória?

Merda. Lógico que há. Eu mascarei a história sobre Emily, e seria como cagar no ventilador se eu contar para ela toda a verdade. Estou sentindo algo parecido com a vez que Davi conseguiu fraturar uma costela minha quando eu tinha 28 anos.

— Malu...

— Apenas. Me. Conte. — Ela fala entre dentes. Olho de relance com os dedos torcidos um no outro. — Eu não acho mesmo que eu deva continuar com você, se continuar tentando me fazer de besta. — Ela avisa, rancorosa. — Estou debilitada, poxa, não é justo você querer se aproveitar desse momento.

— Não estou me aproveitando. Estou tentando te ajudar, nos ajudar.

— Armando planos e omitindo coisas? — Noto um leve tom de sarcasmo. O rosto também combina. Uma sobrancelha levanta.

Me levanto abruptamente.

— Então eu seria um bom marido se eu deixasse você de lado? Se desde o início eu nem ligasse para sua volta e pouco me importasse se você está bem ou não? Era isso que queria de mim, Maria Luiza? — Minha voz aumenta consideravelmente.

Ela se levanta também e se posiciona à minha frente como se fosse atacar.

— Eu só queria a verdade, poxa! — Malu grita. — Coisa que nem você ou Jorge ou qualquer outra pessoa me deram até agora. Que droga! Todos estão mentindo! Em quem acreditar, Enzo? Eu nunca vou saber quem está mentindo pra mim, nunca vou saber quando é ou não um complô.

— Ninguém aqui está fazendo complô.
— Devolvo em um tom mais calmo.

Malu acaricia a testa, soltando o ar sofregamente.

— Eu só quero saber se tudo que me contou foi verdade. Apenas diga sim ou não. — Ela levanta os olhos e temos aquela antiga ligação. Compenetrados. — Se mentiu para mim, eu te dou

uma chance de se redimir, mas peço a verdade. Há algo mais que eu deva saber?

Me sento em desespero total na cama. Cara, não é nada bom ser pressionado. Um ratinho encurralado se sentiria assim, tenho certeza. Meu estômago está meio embrulhado quando começo a recordar passo a passo tudo que aconteceu sete meses atrás.

Sem saber o que fazer, minha boca simplesmente abre e eu começo a falar, morto de medo de Malu me deixar. Nem quero ver a reação dela. Falo olhando para o chão.

— Sobre Emily. — Eu digo apenas e olho. Ela me fita meio assustada. Está lacrimejando. Malu dá um passo para trás e se senta no criado, bem perto de mim.

— Na verdade você a contratou como babá dos nossos filhos. — Estou olhando para meus pés. Apenas sei que Maria Luiza me olha horrorizada. — Nunca tive nada com ela; como eu disse, Emily me cercou e eu nem sabia o que ela estava pretendendo.

— O que aconteceu? — A voz de Malu

sai baixa, esganada, me mostrando o tanto que isso vai nos abalar.

— Eu costumava trabalhar no meu antigo apartamento. Quando tinha muito serviço do escritório eu ia para lá, para as crianças não me atrapalharem. Você também ia às vezes, e de vez em quando usávamos o local apenas para nos encontrar e ficar de boa juntos.

Levanto os olhos, não consigo ficar sem contato visual. Ela está paralisada me olhando. Tensa. Muito tensa. Essa parte eu preciso dizer olhando para ela.

— Certa tarde, Emily apareceu do nada me dizendo que estava por perto e precisava usar o banheiro. — Malu se levanta, já transtornada. — Desse dia em diante, Emily voltou a aparecer outras vezes, sempre com uma nova desculpa. Ela parecia saber quando eu estaria lá. Meu erro foi não ter te contado.

— Vocês... vocês dois... — Malu começa a insinuar a pergunta e eu balanço a cabeça, negando.

— Não. Nunca. Nunca antes do acidente. Em um desses dias, Emily chegou, foi tudo muito

rápido. Ela trouxe vinho e eu nem entendi o motivo. Derramou acidentalmente em cima de mim. Fui ao banheiro me limpar e quando dei por mim, ela apareceu pelada, me agarrando, nem tive tempo de revidar. — Engulo seco e olho para Malu, que está com os olhos encharcados. Os lábios dela tremem e ela segura as mãos em um suspense devastador. — E você chegou e viu. — Termino a história e é a mesma coisa de ter dado uma porretada nela.

— Sabia! — Malu dá um girado e vocifera. — Sabia que tinha algo errado. Eu me lembrei de uma briga. Foi essa briga?

— Sim. Você não queria me ouvir, nem eu sabia o que estava acontecendo. Então você saiu furiosa e aconteceu o acidente.

Ela volta a se sentar. Desolada. Limpa as lágrimas em um gesto rápido. Respira fundo várias vezes. Eu tento tocar na mão dela, mas ela puxa.

— Tem como eu comprovar que está me dizendo a verdade?

— Sobre o flagra, não. É minha palavra contra a de Emily.

— E as outras partes?

— Sim. Todos conheciam Emily. Rebeca, minha cunhada, te apresentou à babá. — Incho as bochechas e solto o ar pela boca. — Julia com certeza sabe que você me flagrou com Emily. Você ligou para ela assim que saiu do apartamento, após a briga.

— Então eu cheguei de repente e te flagrei com uma vaca safada? — Ela limpa mais lágrimas. — Acredita em coincidências, Enzo?

— Não. Eu fui atrás de respostas. O porteiro do prédio disse que ligou para você avisando.

— Então eu recebi uma ligação?

— Sim, foi isso que ele me contou. Ele esperou Emily entrar e te ligou anonimamente.

Malu balança a cabeça. Se levanta e eu me levanto também. Preciso de uma resposta dela. Preciso saber o quanto estou ferrado.

— Maria Luiza.

Ela olha para mim. Parece apenas cansada.

— E mesmo depois disso você teve

coragem de transar com ela?

— Entende agora por que fiquei tão mal? Eu me arrependi e por isso me senti traindo sua memória.

— Eu nem me lembro dela, mas estou odiando-a nesse instante. — Joga os cabelos para trás e cruza os braços. O cenho dela está abaixado, deixando-a com um semblante carregado. — Porque na minha cabeça eu penso que ela foi culpada pelo meu acidente, ela armou tudo. Você não percebeu? Vinho derramado, você vai se limpar e do nada eu apareço? Não pensou que ela poderia estar armando para nos separar?

Poxa, Malu, mesmo sem memória, conseguiu captar o que eu levei algum tempo para desconfiar. Mas eu estava com as emoções à flor da pele, sem saber o que pensar.

— Sim, pensei. Foi minha primeira suspeita. Mas depois do que o porteiro disse, e do que a própria Emily disse, eu descartei essa hipótese.

— Ela te disse que era coincidência?

— Sim. Mais ou menos isso. Me disse que

adorava você, mas que se apaixonou por mim e faria de tudo para estar comigo. Está me perseguindo desde então.

— Você é tão esperto para algumas coisas, e tão tolo para outras. — Malu ironiza jogando isso na minha cara e eu nem contesto porque é a pura verdade. Dá as costas e caminha para fora do quarto. Eu corro atrás.

— Malu. — Seguro no braço dela.

— Não se preocupe, Enzo. Não vou me rebelar. Assinei um contrato, lembra? Estarei ao seu lado. Só te peço duas coisas: me deixe digerir isso quieta no meu canto, e nunca, ouviu? Nunca deixe eu ver você com essa tal mulher. Eu não sei o que fiz da primeira vez, mas dessa vez, não será coisa boa.

Eu visto uma camiseta e saio correndo atrás dela. Chegamos juntos na sala. Max e Julia se levantam assim que nos veem.

— Vamos? — Eu digo. — Vamos pegar uma carona com vocês.

Me apresso em pegar minha mochila, Julia e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Max me encarando como se eu fosse um desconhecido.

— Malu, como você está? — Julia pergunta com ar preocupado.

— Com fome, medo e machucada. — Eu ironizo, estou com raiva de Julia. Ela vive a vida soberbamente com o marido em uma porra de família perfeita e fica metendo o bedelho na vida dos outros. — Eu a mantive em cativeiro e abusei dela.

Ela me ignora, Max ri e dá um pequeno soco no meu braço.

— Estou bem, Julia.

— Ele te contou a verdade?

— Ele me contou coisas que você e os outros não me contaram. — Malu reage.

— Como assim? — Julia semicerra os olhos e olha de mim para ela. — Eu não podia te contar, Jorge pediu...

— Jorge pediu? — Malu fala alto. — Faça-me o favor, Julia. Você sabia que eu flagrei Enzo com a babá e por causa disso sofri um

PERIGOSAS ACHERON

acidente. Por que não me contou isso quando nos encontramos? Já que diz ser minha melhor amiga?

— Eu sou sua melhor amiga.

— Uma melhor amiga, uma mãe, um ex-namorado e um marido. Todos acharam que deveriam me proteger mentindo. Merecem honras.

— Malu pega a bolsa dela no sofá e olha para mim.

— Eu só quero ir embora daqui. No momento preciso absorver isso tudo.

Ninguém falou mais nada. Ajeito as coisas, fecho a casa e entramos no carro. Max e Julia na frente, eu e Malu atrás. Todos calados. A única coisa que eu disse foi:

— Quer ver as crianças hoje?

— Sim. — Ela responde achando a paisagem lá fora mais chamativa que minha cara.

Depois houve uma pequena discussão. Estávamos quase chegando quando Julia disse:

— Vamos para Niterói, Max.

— Para o Rio. — Malu corrigiu. Julia virou-se e a olhou.

— Não vai ficar com sua mãe?

— Vou voltar para minha casa, Julia. —
Afirmou e eu comemorei interiormente deixando meu sorriso presunçoso mostrar o quanto estava feliz por ter ganhado essa batalha.

— Para a casa de Jonas?

— Para minha casa. Com meus filhos e meu marido. — Tomou na cara Julia. Caralho, eu estava cada vez mais radiante. Julia se inquieta no banco da frente e franze o cenho, incrédula.

— Malu, eu não estou te entendendo. Ele te contou mesmo tudo sobre Emily?

— Sim, contou.

— E mesmo assim vai voltar com ele? Como tem coragem?

Ao ouvir isso me subiu um ódio. Tive vontade de ser infantil e puxar o cabelo dela.

— O que me aconselha a fazer? Divórcio?

Julia não responde, olha para mim. Depois olha para Max.

— É, amor, quer que eles se divorciem?
— Max ajuda.

— Não... não disse isso.

— Então está tudo bem. — Malu fala arfando. — Eu e Enzo temos pendências e vamos resolver como um casal, entre nós. — Ela enfim me fita. — Qualquer decisão será de comum acordo.

Julia não fala mais nada, eu lanço um leve sorriso para Malu, mas sou ignorado outra vez.

Max e Julia nos deixam na porta de casa. Entramos rápido para ninguém nos ver e eles vão para a casa da minha mãe buscar as crianças.

Malu para na sala, pelo olhar está maravilhada. Ela olha tudo ao redor. Temos três salas interligadas. A primeira é a sala de entrada, grande e moderna, foi bem desenhada para comportar uma família grande, mesmo que a nossa sejam apenas quatro membros.

Os sofás são marfim com almofadas em um tom de vermelho que Malu chama de vinho. Pra mim é tudo vermelho. Em contraste há duas poltronas grandes de cor algo como marrom. A sala é iluminada por janelas grandes e iluminações bem

PERIGOSAS ACHERON

colocadas.

Ela é mais como uma sala apenas de visitas, mas as crianças gostam de ficar aqui. É toda decorada, com mesinhas, objetos de cristal e outras coisas que Malu foi colocando. Daqui podemos ver outra sala, a de jantar, e para o outro lado há uma porta francesa que leva à sala mais frequentada. A sala da TV.

Nessa sala tem a escada que leva para o segundo piso. Escolhemos sofás mais confortáveis, grandes, fofos e de cores escuras. É minha parte preferida da casa. Essa TV desse tamanho, todos esses meus aparelhos, me deixam pirado de emoção.

Assim que mostrei a Malu toda a parte de baixo, sempre fazendo comentários, mostrando fotos, contando como cada coisa veio parar aqui, eu a levei para ver os quartos das crianças e, por último, o nosso. Ela sempre ouvindo tudo calada. Às vezes dizia coisas como: “nossa, que lindo”.

Empurro a porta e entramos.

Ela entra e os olhos pousam imediatamente na enorme cama. Fico ali parado

esperando ela olhar tudo. Nosso quarto é o maior da casa, uma suíte. Todo planejado com móveis feitos sob medida e paredes brancas e marrom-claras. Há um belo lustre, uma TV grande posicionada de um lado da parede e duas poltronas brancas, além de várias coisas que ela cuidou em decorar com precisão. Do outro lado, duas portas corrediças: uma é o banheiro e outra é o closet.

— Bela foto. — Ela aponta para nossa foto de casamento na parede.

— Sim. — Vou até o closet e abro. — Venha ver, meu bem.

Ela vem e entramos no enorme closet. Malu entra meio temerosa.

— Suas coisas. Nada fora do lugar desde que partiu. — Digo orgulhoso, como um filho obediente que mostra o quarto arrumado para a mãe.

— Nossa! — Passa a mão, admirada com os vestidos pendurados. Puxa uma gaveta enorme e olha a variedade de blusas.

— Os jeans que você adora ficam ali, e daquele lado tem roupas de festa. — Ela me olha

enquanto falo, depois continua analisando, puxa outro compartimento e um extenso mostruário de sapatos vem para fora. — Uau! — Ela exclama e passa os dedos de leve pelos sapatos; fico radiante por ver os olhos dela brilharem. Empurro o mostruário de sapatos para dentro e ela dá uma volta olhando para meu lado. Fica ali parada, passando os olhos pelos meus ternos e camisas. E enfim me encara.

— Agradeço por ter mantido tudo. Mesmo quando não tinha esperança que eu fosse voltar.

— Foi uma maneira que encontrei de ter você aqui.

Ela tenta não demonstrar nada, mas noto um flamejar de cumplicidade nos olhos dela.

— Bom, vou deixar você sozinha. Fique à vontade, a casa é sua. Tome um banho e escolha algo para se vestir. As crianças vão chegar a qualquer momento.

— Obrigada.

Caminho para a porta, mas volto.

— Malu, você poderia fazer de conta que

PERIGOSAS ACHERON

está com muita saudade deles?

Ela não responde, mas me olha com cara de quem não entendeu.

— É porque a expectativa de Anna é muito grande, você não se lembra dela, mas poderia encenar um pouco, demonstrar grande alegria.

— Não precisaria você pedir. Eu nunca os trataria com frieza.

— Que bom. — Balanço a cabeça e me viro para sair.

— Enzo. — Malu me chama. Olho para ela.

— Eu... só queria... — Ela engole, fica meio tensa e acaba falando apenas:

— Obrigada... de novo.

— Tá. — Me viro e saio de vez.

Vou até onde posso para salvar meu casamento, porque eu a amo e sei que as crianças amam a mãe e sei que Maria Luiza não se lembra, mas nos ama também. Todavia, não terá mais fantasia de quebra-nozes, ou qualquer outro bagulho. Nada. Eu estou aqui vivendo a realidade,

nada de malabarismos românticos.

Vou dar o tempo que ela precisa; depois que a poeira abaixar, eu vou colocar Malu contra a parede. Ela perdeu a memória, não o bom senso. Está nas mãos dela a decisão. Quero saber na lata, na cara. Me quer sendo seu marido ou quer seguir sua vida independente? Dependendo da resposta, nada mais será feito. Eu estava superando a morte dela, por que não posso superar o fim de um casamento? Não é o que eu quero, mas se essa for a vontade dela, não farei disso uma punição para nós dois.

Um pouco depois, eu estava na primeira sala muito inquieto com a ansiedade me corroendo, e Max e Julia entram com Anna e Johnny.

— Papai! — Eles gritam e vêm correndo para mim. Abaixo de joelhos no tapete e os recebo em um único abraço. Dou muitos beijos nos cabelos de um e depois do outro. Torno a abraçá-los apertado.

— O papai estava morrendo de saudades.
— Digo — Deram muito trabalho para sua avó?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Fomos bonzinhos, vai nos levar ao shopping? — Johnny grita.

— Eu tenho uma surpresa muito melhor.
— Me afasto deles para olhar no rosto de cada um.
— Eu viajei e busquei uma pessoa de volta.

Os olhos de Anna se abrem bem. Johnny não parece ter entendido.

— Fiquem aqui com tio Max e tia Julia que vou ali dentro e já volto. Não saiam daí.

Corro, subo as escadas e entro no quarto. Malu já está vestida e, caralho! É ela! De volta, com suas roupas, sapato, cabelos bem escovados e levemente maquiada. Está sentada na poltrona olhando um porta-retratos. Até fico entalado de tanta emoção.

Quando ela levanta os olhos para mim, eu fico gelado. Minha Malu! Sinto como se nada nunca tivesse acontecido e que ela sempre esteve aqui. Os cabelos estão como antes, penteados, jogados para o lado, deixando ondas vermelhas espalhadas pelos ombros. A roupa que ela escolheu é uma saia bonita, um pouco rodada e uma daquelas blusas cheias de coisinhas femininas que

PERIGOSAS ACHERON

ela adorava.

Malu se levanta e deixa o porta-retratos no criado. É uma foto minha e dela na primeira gravidez. Ela no sétimo mês de gestação eu beijando a sua barriga.

— Eles chegaram. Está pronta?

— Sim. Estou nervosa, mas estou pronta.

— Caminho rápido até ela e, sem que espere, eu dou um abraço. Malu fica inerte, o cheiro dela é o mesmo de sempre e isso me conforta.

Afasto, e muito animado, falo:

— Estou muito feliz que esteja aqui de novo. — Ela não demonstra hostilidade diante da minha emoção, ao contrário, respira rápido sorrindo carinhosamente. Nos afastamos e saímos juntos. Descemos as escadas, passamos pela sala de TV e, quando chegamos na sala, Johnny é o primeiro a ver Malu.

— Mamãe! — Ele grita. Estava sentado com Max no sofá, contando um de seus intermináveis casos.

Johnny levantou-se tropeçando e veio correndo.

Me afastei um pouco e Malu se abaixou para recebê-lo.

— Oi, meu pequeno. — Ela o abraçou bem apertado, no que ele retribuiu. Senti lágrimas nos meus olhos e vi que Malu já estava com o rosto molhado. — Mamãe estava com tanta saudade — fala enquanto beija sem parar o rosto dele.

Olho em volta e vejo Anna paralisada no mesmo lugar, olhando tensa para a cena. Como se tivesse dado a largada, ela sai correndo, passa por mim e Malu e sobe as escadas. Sem entender, eu saio correndo atrás.

Anna está encolhida, sentada num canto do quarto. Ela levanta o rosto quando entro. Tira os cabelos dos olhos arregalados, em choque. Me agacho perto dela.

— Oi filha. Não quis dar um abraço na mamãe? Ela voltou, como você queria.

Olho para a porta e Malu está parada com Johnny no colo. Ela não se aproxima, fica lá.

— Eu não quero que ela vá embora de novo.

Malu coloca Johnny no chão e caminha

PERIGOSAS ACHERON

para perto dela. Se ajoelha ao meu lado. Limpa todas as lágrimas que escorrem na face e sorri para Anna.

— Estou aqui, meu bem, não vou mais embora.

Anna se levanta rápido e se joga nos braços de Malu. As duas se abraçam com tanta intensidade que nada mais poderia me deixar tão feliz. Vê-las assim é o bastante.

Então a pequena desaba em um pranto emocionado e pede, quase em suplica:

— Não vá embora de novo, eu fiquei com muito medo... mamãe.

— Eu prometo meu amor, prometo.

Johnny se aproxima e Malu pega os dois nos braços. Os olhinhos de Geovanna brilham com lágrimas. Tão pequena e sentindo as primeiras emoções marcantes.

— Eu amo muito vocês. — Malu afirma em lágrimas; tenho certeza que ela não está atuando, ela esqueceu do pai e da irmã, esqueceu de toda paixão que eu e ela vivemos, esqueceu até de si própria, mas o amor materno nunca se esquece.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele acaba de desabrochar novamente assim que ela os reencontrou. Fico tentado a abraçá-los também, mas não faço. É o momento deles. Não saio de perto, limpo mais outra lágrima, respiro bem fundo, agradecido por ter minha família de volta.

PERIGOSAS ACHERON

|22|

MARIA LUIZA

Anna e Johnny não me largaram mais desde que me viram. Voltamos para a sala e me sentei com eles grudados em mim, cada um de um lado. Ambos falavam juntos, me atualizando das últimas novidades. E eu fiquei ali, imersa com eles, em todas aquelas histórias, ouvindo avidamente cada palavra. Eu mesma não queria largar deles, queria continuar abraçando-os e olhando para cada um por horas seguidas. Foi como reencontrar um pedaço de mim.

Enzo e Max saíram, foram conversar com meu pai. Eu fiquei com Julia e as crianças.

— Vou fazer algo para a gente comer. — Julia se prontifica animadamente. — Venham para a cozinha. — Levanto abraçando Anna e Johnny e fomos para lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles logo se cansam de ficar na cozinha e vão brincar, ali na porta, por perto, como se me vigiassem. Anna espiava para dentro a todo minuto, me procurando com os olhos ávidos.

— Dormiu com ele? — Julia está de costas, dentro da geladeira. É a primeira coisa que me pergunta quando ficamos sozinhas.

— Sim — respondo tranquilamente. Apesar de tudo, tenho consciência de que não cometi nenhum crime. — Eu transei com meu marido.

Julia joga uma embalagem de carne na pia e me olha ceticamente, de braços cruzados. Sei que ela vai falar coisas e, por mais que Enzo tenha errado, e por mais que eu fui uma tola em cair no plano dele, eu não quero que ninguém me recrimine. Estou num momento complicado da minha vida. Ela abre a boca, mas eu me adianto.

— Ponha-se no meu lugar — digo com firmeza.

— Oi?

— Sim, Julia, coloque-se no meu lugar. O que faria se fosse o seu marido?

PERIGOSAS ACHERON

— O Max não faria...

— Não perguntei se ele seria capaz ou não. Eu quero que pense se fosse com você, na sua vida, com seus filhos e casamento envolvidos. O que faria?

Ela não responde. Puxa um banquinho e senta perto de mim.

— Desculpe. Eu só estou com um turbilhão na cabeça. — Ela sacode os cachos dourados e faz uma careta. — A ligação que você fez para mim pouco antes do acidente não sai da minha mente. — Ela afasta os cabelos e me olha chateada. — Você estava fora de si, Malu, você estava com ódio do Enzo, e até hoje não sabemos ao certo o que aconteceu.

— Ele me contou o que aconteceu, Julia.

— Isso que me deixa incomodada. Essa sua facilidade em acreditar nele. Eu não estou falando para você pedir o divórcio, só estou querendo que seja um pouco mais dura com o Enzo, não deixe ele sair impune, sem explicar o que aconteceu naquele dia.

— E acha que eu estou fazendo o quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

Desde que ele me contou tudo eu não toquei nele.

Ela assente me olhando de relance.

— Como aconteceu tudo lá? No sítio?

— Como você sabe, eu não sabia do plano anterior. Amnésia, lembra?

— Sim. Ele se insinuou quando chegou lá?

— Não — digo e desvio o olhar, miro as crianças do outro lado brincando. — Ao contrário. Enzo foi tudo que eu esperava do homem que aparecia nos meus sonhos. Ele foi atencioso, humorado e carinhoso.

— E então ficaram juntos?

— Não. — Penso sobre os papéis que Enzo me deu para assinar. Decido não mencionar isso para Julia. Ela já está comprando briga à toa. Imagina se tiver mais um motivo?

Pigarreio e continuo.

— Fomos para quartos separados quando chegou a hora de dormir. E então, mais tarde, ele foi até o meu quarto dizendo que tinha algo para me contar. E aí ele falou que transou com uma mulher depois que eu tinha sofrido o acidente.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele não falou quem era a mulher?

— Não. Ele apenas disse que se arrependeu muito.

— E o que você fez? — Julia se demonstrava cada vez mais interessada.

— Eu disse que não importava. E não importava mesmo. Ele estava dizendo que tinha me traído, traído minha memória. E eu disse que não. Porque essa é a verdade. Eu estava aparentemente morta, ele estava vivo; é novo e bonito. É normal que ficasse com alguém.

— Seis meses depois? Ainda mais com a vadia que foi flagrada com ele por você? Isso não é normal, Malu, é cachorrada.

— Julia. Eu estou com perda de memória, eu não sabia sobre ela, eu não sabia que ele tinha transado com ela.

— Está vendo? — Julia abre a mão na minha direção. — Enzo sempre jogando. Ele confessou isso para ter um pontinho com você e conseguir uma noite de sexo. Te dominar no sexo, Malu.

— Não fizemos sexo! — nego no mesmo

PERIGOSAS ACHERON

instante, sem olhar para ela, observando se as crianças podem estar ouvindo.

— Não? — Julia faz uma careta incrédula.

— Dormimos juntos na verdade. Só dormimos juntos. — Miro os olhos dela, Julia mais uma vez me envia uma expressão de suspeita.

— Enzo não tentou nenhuma gracinha?

— Não. Ele me acordou cedo e fez café para mim. Só depois do café é que tudo aconteceu.

— Então vocês transaram?

— Sim.

— Hum... Enzo está tentando te reconquistar. Ele está fazendo o tipinho amoroso. Indo com calma, como quando vocês ainda namoravam.

Abaixo meu rosto e meus cabelos caem na frente. Em um murmúrio eu confesso o que está em mim desde o dia que comecei a me lembrar do rosto de Enzo.

— Acho que estou apaixonada pelo meu marido, Julia.

— Eu já imaginava isso. — Ela fala com
PERIGOSAS ACHERON

desdém e suspiro resignada, jogando os cabelos para trás. — Você tem uma séria obsessão por ele desde quando o viu pela primeira vez. Há uns cinquenta anos. — Ela fala ironicamente.

Eu dou uma risada pelo tanto de anos que ela colocou.

— Eu era tão louca assim?

Julia joga as mãos para o alto em um meneio exagerado.

— Nossa! — Ela grita rindo. — Nem me lembre. Era insuportável vocês dois. Você estava com 18 anos e Enzo com 28, e você colocou na cabeça que tinha que dar pro cara. Ele te esnobava e você nem aí.

— Que merda! — Rio também pelo modo que ela narra. — Então não tivemos um bom início?

— Definitivamente não. Mas eu adianto que quando enfim vocês ficaram juntos, eram mais insuportáveis ainda. Eu estava com o Max, o Davi com a Beca, Dani sempre teve o Matt, mas nenhum de nós éramos como vocês dois. Era uma mistura de coelhos no cio com a doçura exagerada da

Barbie e do Ken.

— Eu posso imaginar. Em base do que passei com ele ontem. Meu marido não é só gostoso, ele é humorado, durão e carinhoso. Tudo no mesmo pacote — falo nostálgica.

— Esqueceu do babaca, infantil e arrogante. Mas isso não posso julgar porque o meu é igual.

— Essas coisas são parte da personalidade dele e de certa forma é um charme.

— Malu, por favor, não se mostre apaixonada por ele, mesmo que você não se importe sobre o caso com Emily...

— Eu me importo! — rosno ferozmente.
— Eu já disse que depois que ele me contou sobre Emily, eu fui fria com ele. Só não o apunhalei no saco como deve ser o seu desejo.

Nesse instante escutamos o interfone.

— Deixe que eu vou. — Julia diz se levantando rápido. Assim que ela sai, eu chamo Anna. Johnny se levanta e correu atrás de Julia para ver quem é na porta. Coloco Anna no meu colo e começo a acariciar os cabelos vermelhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então quer dizer que o papai não sabia amarrar os seus cabelos? — pergunto a ela, lembrando do que me contou mais cedo.

— Mamãe, ele amarrava meio torto. Aí na escola a tia Paty arrumava.

— Eu vou ficar alguns dias sem trabalhar. Vamos curtir todo nosso tempo perdido. Sem babá, sem outra pessoa — prometo a ela, ajeitando o rabo-de-cavalo que já estava bagunçado.

— Eu gostava da Emily. Mas depois que ela beijou o papai eu não gostei mais.

Sinto uma palpitação dolorosa ao ouvir isso.

— Você os viu se beijando?

— A vovó também viu. — Anna balança o pescoço várias vezes.

— Onde eles estavam? — pergunto como se não tivesse importância.

— Foi ali na sala. Aí o papai disse que Emily não ia ser minha nova mamãe. Que bom que voltou, mamãe. Eu não ia deixar ninguém pegar suas coisas. — Geovanna encosta a cabeça no meu

PERIGOSAS ACHERON

peito e me abraça. Abraço-a de volta e beijo seus cabelos. Droga! Enzo ainda está escondendo o jogo. Há muito mais a ser descoberto. E, com ou sem memória, não vou descansar enquanto não colocar tudo em pratos limpos.

Nesse instante Julia chega acompanhada. A mulher que vem com ela me olha de olhos arregalados. O homem eu conheço. Ele está segurando Johnny no colo.

— Tia Beca! A mamãe voltou. — Anna pula do meu colo contando a novidade.

— Ai Meu Deus! Malu. — Ela fala colocando a mão na boca. — Você está... vi... — Ela ia falar “viva”, mas olha para as crianças e engole o resto da palavra. — Você voltou!

Sorrindo, me levanto. Davi me puxa e me abraça. Em seguida fala meio sussurrado, acho que para as crianças não ouvirem:

— Essa é Rebeca, minha esposa. — Afasto dele e recebo o abraço de Rebeca, falando perto do ouvido dela:

— Desculpe por não lembrar de você.

— Isso é o de menos, Malu. Quando Davi

contou... que você... nossa, estamos tão felizes. Seu pai e a Camila vão ficar extasiados de emoção.

— Eu espero — digo com um sorriso largo e volto a abraça-la apertando, tendo aos poucos minha vida de volta.

Mais tarde Enzo volta com Max. Davi saiu e voltou com os dois filhos dele e a mãe, minha sogra. Ela me abraça chorando e dizendo coisas desconexas.

Enzo nos contou que falou com meu pai e minha irmã. Meu pai mais uma vez teve um surto e teve que ser levado ao hospital, mas está fora de perigo, foi só uma elevação brusca de pressão. Assim que estiver em casa de novo, Enzo vai me levar até lá para visitá-los.

Quando o almoço ficou pronto já eram duas da tarde e eu estava radiante. A casa está repleta de gente; todos vieram. Max trouxe os filhos; Dani, o marido e a filha chegaram depois. Minha irmã e o marido dela chegaram por último. Ela me agarrou e ficou aos prantos me abraçando.

Caímos abraçadas no sofá. Acabei chorando também. Vi quando Enzo levou as crianças para a outra sala, em um gesto sutil e calculado; eles não entendiam o que estava acontecendo.

Enquanto eles conversam e riem em volta da mesa, eu presto atenção em cada um. Matheus e Dani são um exemplo para muitos casais que não conseguem passar um ano juntos. Ela me contou que conheceu Matheus aos quinze anos, e desde então não se largaram mais.

Minha irmã e o marido moraram um tempo em outra cidade. São médicos. E agora eles residem aqui. Ela se parece muito com nossa mãe, e percebi como Camila desconversa quando eu falo sobre Clarisse.

Max e Davi são homens bonitos e seguros de si. Max é bem engraçado e a maior parte do tempo faz todos rirem; Julia chora de tanto rir a cada piadinha do marido.

Davi se parece bastante com Enzo. Não tanto na aparência, mas nas atitudes. Eles têm um jeito de falar que é igual, as vozes até se parecem; têm as mesmas manias, são metidos a fodões e não perdoam ninguém para caçoar. E notei que, assim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como Enzo, Davi é muito atencioso com os filhos; ele adora aqueles meninos e não cansa de demonstrar amor por Rebeca. Tanto ele como Max deixam isso explícito nos mínimos detalhes. Os olhares dos casais se encontram às vezes e vejo um brilho cúmplice.

Fiquei observando Enzo. Ele está mais que feliz, ele demonstra em cada sorriso e em cada fala, notas puras de satisfação. A todo instante nossos olhares se cruzam e eu sinto a raiva me tomar; não por ele ter mentido, mas por tudo que aconteceu com a tal babá e que ainda não tenho respostas.

Apesar de tudo tivemos um ótimo domingo. Eu estou em casa, com minha família, meus amigos e, desde que acordei no hospital, não tinha ainda me sentido tão bem. A sensação que eu esperava e não veio quando estava com minha mãe e Jorge é esta que estou sentindo. Vendo meus filhos, marido, amigos. Com toda minha família reunida, eu tomo a decisão de lutar. Na Bíblia diz que a mulher sábia edifica a casa; eu estou de volta e pretendo colocar tudo nos eixos novamente. Doa a quem doer.

PERIGOSAS ACHERON

Por volta das seis horas, todos vão embora. Passamos o dia juntos. Minha irmã disse que viria depois, e que amanhã jantaríamos com nosso pai. Estou mais que ansiosa, preciso saber mais coisas, estou como uma esponja, absorvendo toda informação; e preciso saber por Camila e por ele qual era o papel da minha mãe na minha vida, antes do acidente.

— Ufa! Enfim a sós. — Enzo respira aliviado, olhando para mim com um sorriso admirado.

Não respondo. Vou para a sala da TV com Geovanna me abraçando. Johnny passa correndo na nossa frente e Enzo me acompanha. Escolho propositalmente o sofá de dois lugares para eu sentar com as crianças e não dar espaço para ele. E assim acontece. Enzo ocupa a poltrona.

— Ainda bem que elas lavaram toda a louça. — Eu comento.

— Mesmo se não tivessem lavado, eu não ia permitir que você fosse lavar. — Ele responde

todo atencioso.

— Fico lisonjeada por ter um marido tão prestativo.

Enzo sorri e antes de abrir a boca para responder, o interfone toca de novo.

— Merda. — Ele resmunga. — Tenho certeza que Max esqueceu alguma coisa. Só espero que não tenha sido um dos meninos. — Enzo se levanta. — Volto logo. — Ele avisa e sai depressa.

— Vocês não estão cansados? — pergunto aos dois sentados, cada um de um lado. — Correram o dia todo.

— Mamãe, você vai ficar *pala semple*? — Johnny pergunta, ficando de pé no sofá.

— Sim. Eu não vou mais a lugar algum.

— Amanhã você que vai acordar a gente? — Agora é Anna que pergunta.

— Sim, claro. E eu vou preparar o almoço, e à tarde vocês dois vão ficar comigo. O que acham?

— Oba! — Eles gritam pulando sem parar.

Ouçõ uma voz grave alterada vindo da
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outra sala. Apuro os ouvidos e noto que é a voz de Enzo.

— Por que não escolhem alguma coisa para todos nós assistirmos? — Eu proponho a Johnny e a Anna.

— Eu escolho! — Johnny grita.

— Eu que vou escolher! — Anna corre na frente e vai para a estante onde há vários DVDs.

Me levanto, saio da sala de TV, atravesso a sala de jantar e paraliso na entrada da primeira sala. Enzo está na porta, e não está sozinho. Meu coração falha uma batida. Ele fala rude, mas baixo. E tenta a todo custo empurrar para fora uma mulher. Bela, loira e de lábios bem vermelhos. E então ela se vira para mim e solta um grito agudo.

Eu fico no mesmo lugar. Cruzo os braços e franzo o cenho.

— O que está acontecendo aqui?

— O que... o que essa mulher está... fazendo aqui? — Completamente pálida e apavorada, ela grita para Enzo, olhando sem piscar para mim. Como se eu fosse um fantasma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Emily, você precisa ir embora. — Enzo fala mais rude, tentando empurrá-la. Dou um passo na direção dos dois.

— Não! Isso não está acontecendo. — Ela berra histericamente. Os cabelos sacodem no ar, está segurando firme na camisa de Enzo, e ele tentando se desvencilhar.

— Enzo... — Eu falo e ela se solta e vem para cima de mim. A mulher está possuída.

— Isso não é verdade! — grita mais alto apontando o dedo para mim. — Você devia estar morta! — Enzo a segura pela cintura e começa a arrastá-la. Eu não me movo. Eu até queria estapeá-la, mas Anna e Johnny estavam assustados olhando a cena, bem perto de mim.

— Malu, leve as crianças para dentro. — Enzo ordena puxando Emily para a porta.

— Mamãe! — Johnny choraminga amedrontado e abraça forte minha perna.

— Você não vai ganhar, Malu! — Enzo recebe um tapa no rosto, Emily se volta para mim mais uma vez e ele torna a pegá-la. — Por que você não morre de uma vez? — Ela continua gritando, se

PERIGOSAS ACHERON

debatendo.

— Venham com a mamãe. — Eu pego Johnny no colo e seguro na mão de Geovanna, levando-os para dentro. Volto com eles para a sala. — Fiquem aqui sentados. — Coloco-os no tapete. — Não voltem lá.

— O papai vai bater na Emily? — Anna pergunta de olhos arregalados.

— Emily só está chateada com uma coisa, eu vou conversar com ela. Fiquem aqui, por favor. — Dou um beijo na cabeça de cada um e saio correndo. Eles não estão mais na sala. Saio atrás e vejo Enzo se defendendo dos golpes dela, já do lado de fora da casa, no jardim.

Me detenho na porta olhando para fora e, quando Emily me vê, ela volta a direcionar toda sua raiva contra mim.

— Você sempre quis tudo! — É muito ódio em cada palavra, uma raiva começa a se formar dentro de mim. Caminho até eles e grito:

— Saia da minha casa, antes que eu tenha que chamar a polícia.

— Não vou permitir dessa vez, Maria Luiza.

Você deveria estar morta! Ouviu? Morta! Morta!

Ela fala o terceiro “morta” e recebe uma bofetada na cara tão forte que cai no chão. Enzo me olha assustado com o que acabei de fazer. Perdi o controle, não consegui suportar tamanha afronta.

Ele a ajuda a ficar de pé e ela se apoia. . Emily parece tonta.

—Eu fui paciente até agora. — Ele ameaça vociferando na cara dela — Saia da minha casa antes que eu chame a polícia. Saia!

Vou correndo para perto e puxo o braço dele.

— Enzo, chega! Venha.

Emily se afasta, ajeita os cabelos e sorri para nós dois.

— Você já teve seu tempo, Malu. Não vai voltar do quinto dos infernos e separar eu e ele. Não vou deixar — dizendo isso, ela simplesmente sai, atravessando o jardim e entrando em um carro vermelho parado na porta.

Olho para Enzo. Ele está com a camisa rasgada na gola e há marcas de unhas no rosto e no

PERIGOSAS NACIONAIS

pescoço.

— Você está bem?

— Sim. Meu Deus! Não acredito... Eu pedi aos seguranças do condomínio para não deixar ela passar. — Ele lamenta, transtornado.

— Venha. — Puxo o braço dele e entramos. Ele fecha a porta e eu olho para a porta da outra sala. Anna espia curiosamente.

— Fique com eles. Eu estou bem. — Enzo fala e pega o telefone. Eu vou para a sala e ouço-o falar com a segurança. Ele está bravo, falando alto. Muito furioso.

— Acho que é hora de tomarmos um banho. Vamos? — Levo os dois para cima.

Já no andar superior, não toco mais no assunto e fico com eles, cuidando dos dois até Enzo chegar, acho que mais ou menos uma hora depois. Ele ficou na porta observando eu brincar com as crianças no chão do quarto de Geovanna. Ele está com outra roupa e os cabelos molhados. Depois simplesmente sai e eu continuo ali como se nada tivesse acontecido.

PERIGOSAS ACHERON

Não tocamos mais no assunto. A noite avançou normalmente, jantamos, colocamos as crianças na cama e quando enfim estávamos a sós, ele fala:

— Ela disse que ficou de prontidão, esperando todos saírem para vir. Achou que eu estava sozinho. — Sei que ele está se referindo a Emily. Balanço a cabeça assentindo.

— Ela é totalmente louca. Está obcecada.
— Eu constato.

— Sim. Está. Eu vou pedir uma ordem judicial para mantê-la longe da gente.

Me levanto no mesmo instante.

— Só quero que saiba que tudo isso é culpa sua. — Aponto para ele acusadoramente. — Apenas sua. — Jogo na cara dele e saio para o quarto. Não falamos mais nada um com o outro. Fica um clima estranho entre a gente. Ninguém teve culpa, eu sei. Mas lembrei do que Julia disse, para eu ser mais dura com Enzo. E eu fui, deixando ele com a consciência pesada por ter trazido ameaça para sua própria família.

Só quando estávamos nos preparando

para dormir, ele falou comigo:

— Pode ficar à vontade, vou dormir na sala. — Ele pega o travesseiro e eu o seguro.

— Claro que não. Não há por que você sair da cama.

— Eu achei que você quisesse.

— Não, Enzo. Já dormimos juntos, você é meu marido. Não há por que ter esse desconforto.

E assim ele deitou-se ao meu lado, apagou o abajur e dormimos.

Tenho mais uma vez sonhos confusos. Abro os olhos e está escuro. Ainda é noite. Olho em volta, Enzo ainda dorme. Me sento com a mão na testa, minha cabeça dói. Penso onde está minha bolsa para pegar um comprimido. Acendo a luminária e jogo as pernas para fora da cama. Enzo se mexe e vira de barriga para cima.

Andando nas pontas dos pés, eu vou para o banheiro. Logo encontro uma cartelinha de Advil no armário e engulo um comprimido com água da torneira mesmo. Aproveito para fazer xixi, depois olho no espelho, mexo nos cabelos, estou prestes a sair quando ouço um barulho. Um estampido forte, PERIGOSAS ACHERON

bem alto.

Saio do banheiro em um pulo a tempo de ver. Fico estatelada com um grito preso na garganta. Ao lado da cama está Emily. Ela mantém uma arma apontada para Enzo e ele não se mexe.

Não consigo me mover, nem gritar, nem nada. Calmamente ela dá a volta e antes de sair do quarto, fala:

— Conviva com isso.

Eu corro para perto da cama e o que vejo me faz cair de joelhos aos gritos. Há um furo enorme no meio da testa dele.

— Nãããão! — grito com toda força que consigo. — Deus! Por favor, não! — Me ergo com dificuldade e me debruço sobre o corpo flácido. Os soluços me consomem e eu não consigo parar de berrar. — Enzo! Por favor... fale comigo! — Balanço ele descontroladamente. Sinto as lágrimas queimando meus olhos, sinto a culpa me matando, sinto todo amor que tenho por ele e então eu abro os olhos.

— Malu!

Através da cortina de lágrimas nos meus
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos, eu vejo a realidade. Enzo está sentado na cama me sacudindo.

Me jogo nos braços dele. Meu Deus! O que ele não deve ter passado quando descobriu que eu estava morta? A dor do sonho ainda me consome, me deixando sem ar, me deixando doida.

— Está tudo bem. Estou aqui. — Ele fala, me tranquilizando.

— Meu Deus! Enzo... você tinha morrido ao meu lado...

— Estou bem. — Torna a falar baixinho, me aninhando em seus braços.

Sei que eu e ele tínhamos brigado antes do acidente. Eu não consigo imaginar o que ele suportou, o que ele passou, a culpa, a dor, tudo. Se for um terço do que sofri nesse sonho, eu consigo saber tudo que ele deve ter passado.

— Quero ver as crianças. — Me afasto dele. — Preciso vê-los.

— Está tudo bem. — Enzo limpa minhas lágrimas. — Está tudo trancado, ninguém pode entrar aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enzo, por favor, vamos vê-los.

— Tudo bem. — Ele se levanta, eu me levanto também e o sigo para fora do quarto.

Os quartos das crianças ficam no mesmo corredor. Enzo abre o de Johnny e corro para constatar que ele dorme tranquilamente. Apesar de ser no segundo piso, testo para ver se a janela está fechada. Depois fazemos o mesmo no quarto de Geovanna.

— Venha, vou fazer um chá. Você me conta o que sonhou.

— Tem certeza que ninguém pode mesmo entrar aqui?

— Sim, tenho certeza. Estamos em um condomínio e a casa tem uma boa segurança. — Para me deixar mais calma, ele me leva até a porta e mostra que está trancada. Depois olha a caixinha branca de alarme e verifica que está mesmo ativado.

De costas para mim, Enzo liga a cafeteira e coloca água.

— Foi tão real. Eu a vi lá, perto de você. Tinha te dado um tiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O sonho foi por causa do que aconteceu. — Ele constata. — Do que você viu mais cedo.

— Enzo, estou com medo. Você saindo para trabalhar, Anna na escola, eu aqui sozinha. Não sei o que pode acontecer, você a viu ameaçando ontem.

Ele pega duas xícaras e me olha de soslaio.

— Não creio que Emily seja uma assassina. — Coloca um saquinho de chá em cada uma delas. — E muito menos que ela me mataria.

— E você confia mesmo naquela louca?

— Não disse que confio. — Mas ela não ganharia muito se me matasse, afinal sou eu que ela quer.

— Nunca ouviu falar daquela história: “se eu não tiver o cara, ela também não tem”?

— Amanhã vou conversar com Matheus, pedir a ele uma opinião. Temos que agir dentro da lei.

Ele coloca água quente na minha caneca

PERIGOSAS ACHERON

e depois na dele. Puxa um banquinho e senta-se comigo.

— Biscoitos? — Empurra um pote para mim.

— Não. — Levo a caneca aos lábios. Olho para o líquido âmbar e digo: — Me desculpe sobre aquilo que disse. Que tudo é culpa sua — falo e levanto o rosto para encará-lo.

— Não deixa de ser verdade. Se eu não tivesse dado bola para ela, se eu tivesse cortado intimidade desde o início, nada teria acontecido.

— Eu posso entender seu envolvimento com ela. Mesmo que não queira aceitar, ou que fique com raiva toda vez que penso sobre isso, mas eu meio que entendo.

— Ninguém pode entender um terço do que eu passei, Malu. — Ele coloca a caneca de volta no balcão e bagunça os cabelos. — Eu estava ferido, confuso, eu nunca fui tão sonso. Eu quis ficar indiferente a vários assuntos. Não vi seu túmulo, não escrevi para o epitáfio, não escolhi flores, não fiquei por dentro da parte burocrática.

— Acha que essa é uma desculpa para ter

se relacionado com ela? — falo com uma voz branda para não parecer uma acusação.

— Não. Essa foi uma das partes ruins. Eu achar que poderia seguir em frente... que ela talvez pudesse abrandar um pouco do que eu estava passando.

— Sabe, Enzo, depois de muito pensar sobre essa coisa de você ter transado justamente com a mulher que causou nossa briga, eu consegui chegar a uma conclusão. Pelo que você me contou, vocês tiveram um relacionamento amigável antes do acidente. Ou seja, ela já era alguém que você estava acostumado, e naquele momento parecia uma escolha acertada.

— É. Ela conhecia meus problemas, ela sabia o que falar para me levantar e as crianças gostavam dela.

Lembro do que Anna me contou e decido jogar uma isca para ver se Enzo pretende mesmo ser sincero de agora em diante.

— Anna me disse que gostava de Emily, mas depois não gostava mais.

Ele meneia a cabeça e, de olhos baixos,

fala:

— Deve ser porque ela viu Emily me beijar. Minha mãe também viu.

— Elas viram? Como? Onde? — Faço uma de desentendida.

— Aqui. Emily chegou como ontem, do nada, e já foi me agarrando. Anna viu e ficou chateada, disse que não queria que Emily fosse a nova mãe dela.

— Vocês estavam juntos ou ela já estava no modo perseguidora psicopata?

— Sim, eu já a tinha descartado, terminado qualquer coisa com ela.

— Acha que ela já veio para cá com a intenção de ficar com você?

— Não sei. Acho pouco provável. Não nos conhecíamos antes disso. E você que a trouxe.

Sinto um resquício de culpa. Balanço a cabeça na tentativa de afastar esse sentimento.

— Bom, não quero mais falar sobre ela — digo e empurro minha xícara. — Pode me dar um comprimido para a cabeça?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. — Ele se levanta, vai a um armário, pega uma caixinha média branca e começa a procurar. Pega uma cartela, busca água e me entrega. Tiro o comprimido da cartela, bebo e descanso o copo no balcão.

— Vamos voltar a deitar. Está tudo bem. — Enzo fala. Eu me levanto, Enzo apaga as luzes e subimos para o quarto.

— Quer que eu deixe a luz acesa? Ou uma luminária?

— Acenda a do banheiro ou do closet. — Eu peço, me deito e fico olhando ele ir acender a do banheiro e voltar para a cama.

Enzo encosta-se a mim e me puxa de leve. Eu não o empurro. Tivemos muita coisa durante o dia, e ainda estou mexida com a visita de Emily, o sonho que tive e nossa recente conversa. Relaxo e respiro fundo. Passo o braço na cintura dele e pronto.

Não vou me recriminar por estar sendo fraca, como Julia disse. No momento estou bem aflita e preciso disso, de um momento de paz, de me sentir protegida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esse sonho foi um alerta para mim. Se ela acha que vou ficar de braços cruzados esperando o jogo acontecer, está enganada. Enzo disse que temos que agir na lei. Posso fazer isso, e já tenho algo em mente para começar a destrinchar essa história.

Eu já morri uma vez, não vou cair de novo, não antes de lutar.

PERIGOSAS ACHERON

|23|

ENZO

— Cara, foi isso que aconteceu. Tô ficando pirado com essa porra de história. — Termino de narrar os acontecimentos de ontem e os três caras de pamonha se olham e olham para mim de volta. Estamos na sala de reuniões esperando os atrasadíssimos irmãos da empresa Orfeu.

— Ela gritou que Malu tinha que estar morta? — Davi indaga com olhar investigativo. — Será que não foi uma confissão?

— Confissão para quê? — Max questiona sem entender.

— Ela pode ter sabotado o carro de Malu. — Davi explica para Matheus e Max. — Na verdade ela pode ter armado tudo, desde o flagra até o acidente.

Matheus pigarreia e sei que lá vem
PERIGOSAS ACHERON

discurso jurídico. Ele abre a boca, mas Davi também percebe e fala na frente:

— Cara, tô pensando numa parada sinistra aqui. Posso resolver seus problemas em um piscar de olhos.

— Talvez ele possa apenas pedir uma ordem de restrição contra Emily. Para impedir que ela se aproxime. — Matheus opina.

— Acho que medidas cautelares não vão parar a vadia. Aquela mulher quis dar pra mim uns anos atrás. Eu só fui mais esperto que esse tolão. — Davi responde, apontando para mim. — Posso acertar tudo, Enzo. Em dois tempos.

— Só eu que acho que Davi está insinuando assassinar a Emily? — Max pergunta com cara de sonso.

— Se eu tivesse assassinado ela quando tive chance, hoje ninguém estava passando esse perrengue.

— Me conte essa história direito. — Matheus se posiciona recostado na cadeira, olhando interessado para Davi. — Você e Emily tiveram um caso?

— Não. Não chegamos a ter nada. Não nego que no início, quando conheci ela, eu fiquei atraído, mas o que sentia por Rebeca era mais forte e fiquei furioso quando ela insinuou que iria me pagar muito bem. Como se eu fosse um garoto de programa.

— Essa é uma safada de carteirinha, hein?
— Matheus constata. — O que você fez?

— Eu dei uma bronca nela e botei pra correr. Nunca mais me olhou nos olhos. Ficava me olhando de longe. — Davi resume a história.

— Cara, você é o pior irmão que existe.
— Max ralha com Davi. — Por que não avisou a Enzo que a mina era uma safada?

— Eu avisei. O bundão aí que não se ligou. Disse que Emily parecia uma boa garota.

— Uma boa garota louca por pau, né? —
Max ironiza fazendo a gente rir.

— Será que ela faz disso uma profissão? Ir trabalhar como babá e trepar com os patrões? —
Matheus questiona, pensativo. Depois olha para mim e eu sei que ele está insinuando algo.

— Ela não trepou comigo — rebato no
PERIGOSAS ACHERON

mesmo instante.

— Não? — Os três me olham intrigados.

— Não enquanto trabalhava lá em casa. Vocês sabem, foi depois que Malu tinha supostamente morrido.

— O que Malu acha sobre isso? — Davi pergunta.

— Ela agiu na boa. Estava um pouco fria comigo após descobrir sobre Emily e o flagra antes do acidente. Mas hoje cedo ela estava legal.

— Sem falar que você esteve um passo na frente.

— Pois é. Eu preveni e fiz com que ela gostasse de mim antes da verdade vir à tona. Cara, eu amo minha garota e não ia deixar ela ter raiva de mim. tive que planejar e seduzir ela na maior cara dura.

— Mandou bem. Eu faria o mesmo com Dani. — Matheus me apoia. Inclina por cima da mesa e dá um toque no meu punho.

— Eu também faria igual ou pior com a Rebeca. — Davi também concorda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É verdade. Você só está provando que gosta da sua mulher. — Max assente também concordando. — E desculpe por Julia estar no seu pé.

— Sem problema, mano. Tua mulher gosta muito de Malu e ela acha que está fazendo a coisa certa. Pena que não pode competir comigo.

— Cara, se você mantiver o foco, Malu vai ficar como antigamente, louca atrás de você.

— É o que quero. Reconquistar ela totalmente antes da memória voltar.

Meu celular começa a vibrar e eu pego. Número desconhecido. Penso um pouco, faço um sinal para eles e me levanto.

— Pronto. — Atendo o celular de costas para a mesa, um pouco afastado.

— Enzo? Aqui é Clarisse.

— Ah! Oi Clarisse. O que você manda?

— Preciso conversar com você. Pode me encontrar hoje?

— Sim. — Olho no relógio. — Almoço ou depois das seis?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Depois das seis eu te encontro.

— Tá, anote o endereço do bar. Estarei te esperando — falo o endereço, ela agradece e desliga.

Ela nem perguntou por Malu. Mas tudo bem. Ontem ela ligou para a filha. Volto para a mesa. Nesse instante a porta abre e Mariza vem conduzindo os três irmãos da empresa Orfeu. Eles estão com a gente desde que o pai faleceu e deixou a empresa um buraco, ajudamos a reconstruir e hoje, além de clientes, são nossos amigos. Lorenzo, o caçula deles, vem até Davi e o cumprimenta primeiro, são parceiros os dois, vivem bolando planos para os clientes.

Quando termino o expediente, corro para casa. Estou com uma necessidade de ficar perto de Malu o tempo todo. Sem falar que estou preocupado pelo que aconteceu ontem. Hoje Malu parecia bem, mas não posso arriscar. Emily se provou uma louca, disposta a tudo para conseguir o que quer. O que era atração por parte dela já se transformou em uma séria doença.

PERIGOSAS ACHERON

Estou puto de raiva com Emily. Muita raiva mesmo. Ontem ela gritou coisas que me fizeram pensar muito. Depois da conversa com os rapazes, eles abriram meus olhos sobre o fato de Emily estar envolvida no acidente de Malu. Fico me perguntando se ela cortou o cabo do freio do carro. Mas, no caso, Malu o usou para ir até o meu apartamento e o freio estava bem. Se alguém cortou, foi enquanto o carro estava parado na porta do prédio. Enquanto Malu estava lá no apartamento brigando comigo. Portanto, Emily tem um cúmplice. Ou contratou alguém para fazer o serviço. Estou disposto a ir de volta ao prédio e conversar com o porteiro.

Chego em casa e, quando coloco o pé porta adentro, já chamo por ela.

— Malu! — Não ouço resposta. Tiro o terno e o jogo com a bolsa no sofá. Entro e continuo chamando. — Malu? — Passo pela segunda sala, chamo outra vez e ela responde da cozinha.

— Estou aqui. — Fecho os olhos e solto o ar, aliviado. Chego à porta da cozinha e topo com Johnny, que vem correndo me receber.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papai! — Ele grita e eu abaixo para pegá-lo. Olho dentro da cozinha; Malu está na pia lavando folhas de alface. Anna no balcão brincando com um resto de massa.

— Oi garotão. — Beijo o rosto dele. — Estava ajudando a mamãe?

— Sim. Eu e Anna estamos fazendo a comida com a mamãe.

Entro na cozinha, inclino para Geovanna.

— Cadê o beijo? — digo e ela beija meu rosto.

— Mamãe fez uma empada gigante. — Ela informa toda animada, com um sorriso enorme e os olhinhos brilhando. — Nós que ajudamos.

— Hummm, mal posso esperar para comer. Vou comer tudo.

— Papai é um guloso. — Johnny berrando e se mexe para eu colocá-lo no chão. Ele corre de volta para o balcão onde Anna mexe com a massa. Vou para perto de Malu.

— Oi.

— Oi. — Ela fala sem me olhar. Está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

concentrada lavando as folhas. — Chegou cedo.

— É. Eu fiquei preocupado. Está tudo bem?

— Sim. — Malu me olha rápido e volta a atenção para a salada. — Só estou apreensiva com o fato de Geovanna ir para escola.

— Ela pode perder alguns dias. — Olho para os dois brincando na bancada. — É bom para eles passar um tempo com você.

Malu começa a despedaçar a alface e joga junto com algumas outras folhas já colocadas em uma vasilha.

— Está brava comigo?

— Por que estaria?

Olho para as crianças e eles não parecem estar ouvindo.

— Por tudo que vem acontecendo. Ontem você disse que é tudo culpa minha.

— Eu me desculpe depois, mas você aceita essa culpa?

— De certa forma. — Eu digo e ela me olha. Esse é o truque. Nada de discordar.

PERIGOSAS ACHERON

Discordar levanta discussão e eu preciso de Malu no meu time, não jogando contra mim. Agora é o momento de ficarmos unidos. A briga não é entre eu e ela; somos nós dois contra outra pessoa.

— Reconhece que ter dado brecha para ela desde o início acabou se transformando nessa bola de neve? — Malu está me olhando sem piscar. Quer de mim uma confissão de culpa. E hoje darei tudo que ela quiser.

— É. Eu devia ter te contado desde o início. Sem falar que eu não tinha nada que ficar desabafando com uma estranha.

Malu lava as mãos, enxuga em um pano e me olha interessada.

— Fale mais. — Ela pede.

— Sofri muito quando você tinha morrido. — Esfrego a mão no meu rosto e arrasto-a até os cabelos. — Estava desesperado buscando algo para agarrar e Emily viu nisso uma oportunidade para agir.

— Você foi fraco, Enzo. — Ela acusa, mas não espera que eu fale alguma coisa; depois de

PERIGOSAS NACIONAIS

soltar um suspiro, fala mais baixo: — Mas eu posso entender o que você passou. — Ela olha para as crianças. — Apesar de tudo, foi doloroso vê-los sofrendo sem poder fazer nada, como pai. Sem falar no seu sofrimento individual.

— Eu, de verdade, queria poder ter feito tudo diferente. Agora fico assim, inseguro, sem saber que rumo tomar. Estou com medo por você e pelas crianças.

— Acha que ela pode fazer alguma coisa contra mim e eles dois?

— Não. Vocês estão seguros — respondo de imediato, fico pensando sobre a possibilidade de Emily ter sabotado o carro de Malu. Isso me deixa de estômago virado. Não quero alarmá-la. Vou resolver isso sozinho, sem Malu saber de nada.

— Você a viu ontem. Ela é louca. — Malu contesta.

— É. E mais uma vez me sinto culpado. — Fico de olhos baixos olhando o chão. Com cara de derrotado. Sinto um toque suave no meu braço e levanto os olhos. Ela está passando a mão no meu braço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fique assim. Você não tinha como saber. Errou, e estar reconhecendo isso é um ótimo passo.

— Todo mundo faz besteiras, não é? Eu te disse no início que eu não iria prometer ser o melhor homem do mundo, mas que eu ia tentar ser para você.

Termino de falar e ela me abraça.

— Fico feliz que esteja tentando. Estar rendido e tentando pelo bem de sua família é a melhor coisa.

Enquanto eu a abraço de volta, respiro fundo, sorrindo. Anna olha para mim e eu pisco para ela.

“Estou trazendo a mamãe de volta, querida”. Penso como se estivesse falando com Anna.

Nos afastamos.

— Trouxe algo para você — digo e saio depressa. Vou para a sala, onde está minha bolsa, pego dentro uma sacola e volto. Malu está no mesmo lugar. Entrego a ela a sacola.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você precisa de um — digo quando ela pega a caixinha dentro da sacola.

— Um celular? — olha surpresa.

— É. Eu já gravei aí os números de algumas pessoas. O meu, o de seu pai, o de Julia, entre outros.

— É lindo. — Ela olha a foto na caixa.
— Obrigada se inclina e beija meus lábios delicadamente, sem que eu esperasse.

O almoço está sendo uma festa. Havia tempos que eu não via meus filhos tão felizes. Eles estavam novamente com o pai e a mãe, em casa, como a família que éramos antes.

Enquanto eu como, assisto a interação dos dois com a mãe. Malu está agindo como se não nunca tivesse se esquecido deles.

Acho que seria muito confuso para eles se ela voltasse e tratasse os dois com certa distância. Malu está indo passo a passo, mas com uma intensidade absurda. Eu vejo em cada gesto dela, como está lutando com todas as forças para voltar a se lembrar.

PERIGOSAS ACHERON

Às vezes flagro ela me olhando. Séria, pensativa, com olhos brilhantes. Noto que ela tenta forçar a mente para se lembrar da gente. Eu sou a sensação familiar que ela precisa, foi o meu rosto que ela se lembrou primeiro e, quando enfim voltamos a transar, Malu se entregou de uma forma tão intensa e verdadeira que naquele momento eu tive certeza que a tinha de volta.

Eu convenci a mim mesmo que a decisão era dela. Que se Malu quisesse o divórcio eu daria e aprenderia a superar. Não acho que preciso ficar fazendo planos ou rastejar para ter ela de volta. Entretanto, ela está longe de querer divórcio, ou de querer ficar longe de mim. Ainda bem.

Depois do almoço, vamos para a sala da TV. Eu me sento no sofá grande com Johnny e Anna. Escolho um canal para eles e pouco depois Malu vem e, para minha surpresa, ela se senta ao meu lado.

— O que estão assistindo? — Ela pergunta para Geovanna, que se apressa em deitar com a cabeça no colo de Malu.

— Padrinhos Mágicos.

Malu fica de cabeça baixa acariciando os cabelos de Geovanna. Ela passa os olhos pelo sofá. E olha Johnny deitado com as pernas para o outro lado e a cabeça no meu colo. Mais que depressa ela limpa uma lágrima. Puxo Malu para perto de mim e a abraço, passando um braço pelo ombro dela.

— Tudo será como antes — sussurro.

— É o que mais quero. — Ela responde no mesmo timbre.

Ela me olha e planto em seus lábios um beijo. Malu sorri e descansa a cabeça no meu ombro.

Decido não contar para ela que estou indo, mais tarde, encontrar com Clarisse. Não faço ideia do que ela quer comigo, o que sei é que farei a ela um milhão de perguntas.

É tarde demais para ela fazer a pose de mãe do ano. Se ela estiver aproveitando a amnésia de Malu para ganhar vantagem, está enganada, não vou permitir. Eu aproveitei um pouco da amnésia de Malu para ganhar vantagem, mas eu posso, eu gosto dela e sou o marido.

Também não contei para Max e Davi. Não

achei necessário. Apenas saí da empresa quando o momento chegou e dirigi até o local onde marcamos.

Chego ao bar, dou uma olhada e de longe já vejo os cabelos vermelhos de Clarisse. Ela está em uma mesa ao fundo. Levanta os olhos e me fita assim que me aproximo.

— Oi Clarisse — cumprimento e me sento diante dela.

— Enzo. — Ela faz uma menção de cumprimento com um gesto de cabeça. — Como está Malu?

— Está ótima.

— Você não podia ter feito isso, você fez uma manobra para tirá-la de lá e... — Clarisse começa a me acusar, mas eu levanto minha mão para ela se calar.

— Não me chamou aqui para me dar bronca, não é, Clarisse? Logo você? Malu não se lembra, mas eu sei muito bem que tipo de mãe é você.

— Não ouse... — Ela levanta um dedo para mim, mas eu a interrompo novamente.

— Ouso sim. Comigo não cola essa de mãe do ano.

Ela não revida. De cara fechada, balança a cabeça e mexe nos cabelos.

— Tá. Eu sei que errei. Passei longo tempo longe dela e de Camila. Mas isso não quer dizer que deixei de amá-las. — Solta uma lufada de ar, seus olhos estão cansados e parecem pesados de pura preocupação. — E estou muito preocupada com Maria Luiza.

— Ela está bem. — Torno a afirmar.

— Não. Não está. — Clarisse se inclina em cima da mesa e fala em um tom de horror, quase cochichando: — Enzo, Malu corre perigo. Eu preciso que proteja minha filha. — Ela clama quase em desespero.

— De que está falando?

— Eu a encontrei em coma em um hospital e...

— Sim. Aqui no Rio. Por que não me avisou? Por que a transferiu para São Paulo? — Em tom bruto, começo a questionar. — Deixou que todos nós sofrêssemos com a morte dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não tive escolha. Não tive, se eu não a tirasse daqui depressa, ela poderia ter morrido. Foi coisa de uma noite, poucas horas para a decisão.

Olho para ela intrigado.

— Você poderia manter a calma e falar algo mais coerente?

— Foi uma grande coincidência. Acho que Deus guiou tudo. Um dos enfermeiros da UTI me chamou e contou tudo.. — Ela olha para os lados, engole seco e continua, com os olhos arregalados. Inclina-se sobre a mesa e murmura:

— Uma enfermeira o pagou para terminar de matar uma paciente.

Enrijeço todo e sinto um arrepio na espinha quando ouço isso.

— Ela ofereceu dez mil a ele, e eu paguei essa quantia para ele dizer quem era e fazer parecer que tinha mesmo conseguido matá-la.

— Alguém pagou para matar Malu? — exclamo aterrorizado.

— Sim, eu tive que agir rápido. Eu não

PERIGOSAS ACHERON

pensei em nada. Apenas corri até a direção do hospital, e pedi a transferência. Eu só queria tirar Malu de perto daquela mulher.

Algo me vem à mente. Algo que me deixa assombrado. Sinto o coração falhar uma batida e, meio balbuciante, indago:

— Como... me diga como era essa mulher?

Clarisse assente várias vezes, está aflita. Eu estou aflito em saber que Malu está sozinha em casa com as crianças. Nunca senti tanto medo. Medo e raiva juntos. Muita raiva.

— Era nova, acho que uns vinte e cinco anos. Magra e loira, mais ou menos da minha altura.

Merda! Emily. Como eu previa. Vou matar aquela desgraçada. Ela sabia que Malu tinha sobrevivido e ainda tentou matá-la no leito do hospital. É desumano e fútil.

— Conhece alguém assim? — Clarisse pergunta, acho que ela percebeu como eu fiquei, como minha cara transmitiu tudo que estou sentindo.

— Sim, Clarisse. Tenho uma ideia de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem pode ter feito isso.

— Então, por favor, vá embora, proteja Malu. Vá atrás dessa maldita e faça-a pagar.

— É o que farei. Muito obrigado por ter me alertado. Pode ir à minha casa quando quiser para visitar Malu.

— Claro.

Me levanto depressa, mal me despeço. Saio correndo.

No caminho ligo para Davi.

— Preciso de sua ajuda, é urgente.

— Pode mandar, cara.

— Temos que nos encontrar.

— Tudo bem. Onde?

— No meu antigo apartamento.

Desligo e me dirijo para lá.

Enquanto o carro avança rápido, meus pensamentos acompanham na mesma velocidade e intensidade. Agora a culpa é muito maior, uma culpa terrível me dilacera, eu transei com a vagabunda enquanto ela achava que tinha matado

PERIGOSAS ACHERON

Malu. Estou com uma fúria tão grande me consumindo que, se eu visse Emily aqui, com certeza eu iria parar atrás das grades. Porque ela não sairia viva. Fui enganado! Enganado por uma maldita.

Malu não pode saber disso. Jamais. Eu e os rapazes resolveremos sozinhos.

Espero Davi dentro do carro, na porta do prédio. Ele não demora a chegar. Saio do carro depressa e o abordo antes que entre no prédio.

— Enzo? Que cara é essa? O que houve?
— Ele segura em mim.

— Acabo de saber de uma história que me deixou puto da vida. Venha comigo. — Corro para dentro do prédio e ouço os passos rápidos de Davi me seguindo. Vou cego em direção ao porteiro. Ele está de boa, conversando com um cara. Assim que me vê, ele arregala os olhos. Bato as mãos no peito dele e o seguro bem forte pela roupa.

— Desgraçado! Vai me contar quem armou pra mim antes que eu te denuncie!

— Enzo. — Davi tenta me segurar. O homem que estava perto se afasta e nada faz diante

PERIGOSAS NACIONAIS

da cena.

— Me conte! — grito para o maldito. Ele está mudo, de olhos arregalados. — Quem te pagou para mentir pra mim? Sabia que é cúmplice de uma tentativa de homicídio?

— Por favor, senhor Enzo. Eu tenho filhos, tenho...

— Então fale, porra! — grito bem alto e balanço ele em minhas mãos.

— Foi a Emily. Foi a loirinha que vinha aqui com o senhor. Ela me deu muito dinheiro para mentir. Eu nunca liguei para sua esposa, eu nunca tive nada a ver com isso.

Olho para Davi e ele está perplexo. Solto o porteiro e falo com meu irmão:

— Vamos, quero que me ajude a bolar algo o mais rápido possível. Vou te contar tudo que aconteceu. — Davi me segue rápido para os elevadores.

— E o que vai acontecer comigo? — O porteiro pergunta amedrontado.

— Nada! — grito por cima do ombro. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apenas fique de bico fechado.

— Sim senhor. — Ouço ele responder.

— É sobre o acidente? — Davi pergunta.
Já estamos no elevador.

— É mais que só o acidente. — Olho para ele. — Emily está ferrada a partir de agora.

PERIGOSAS ACHERON

|24|

MARIA LUIZA

Quando abri os olhos hoje pela manhã, sabia que seria um dia melhor. Eu estava deitada de costas na cama e senti um aconchego agradável. Respirei fundo e o cheiro da manhã me animou, o cheiro do dia e o calor humano bem perto de mim. Meu coração batia leve como uma pluma e, sem poder segurar, eu sorri. É muito bom estar novamente em casa.

Levantei minha mão e toquei no braço relaxado em cima de mim. Eu tinha me esquecido como é bom acordar com Enzo me abraçando. Há também uma perna em cima da minha e o rosto dele bem perto dos meus cabelos. Percorri meus dedos pelo braço dele, arrastando devagar pra cima

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e pra baixo, enquanto olhava o teto. Se ali tivesse um espelho eu poderia ver meu olhar ilegível, minha expressão concentrada. O pesadelo que tive essa noite me deu forças para continuar agindo.

Isso mesmo, continuar. Quero colocar tudo em pratos limpos e, para isso, eu preciso limpar os malditos pratos.

Enzo se mexe e esfrega o nariz no meu pescoço. Seu braço me aperta mais e ele ronrona como um gatinho manhoso. Sei que ele acordou. Me viro meio de lado e consigo abraçá-lo também. Esfrego a perna dele com a minha e ele solta um suspiro.

— Não está atrasado? — pergunto em um murmúrio.

— Provavelmente. — Ele responde, mas não faz sinal de querer levantar. Passo minha mão pelo braço dele, desço pelas costas e toco na bunda. Enzo está só de cueca. Tiro a mão rápido e reajo.

— Vou fazer um café. — Tento me levantar.

— Não. — Ele me segura. — Vamos fazer umas coisinhas.

PERIGOSAS ACHERON

— Enzo... não estou disposta. Estou com a cabeça cheia. — Empurro-o e ele deixa eu me afastar. Sento na cama, passo as mãos em todo o comprimento dos cabelos e os prendo em um coque rápido. Enzo se levanta e de relance o vejo indo para o banheiro. Deve ter ficado magoado.

Ainda sentada na cama, fico ouvindo os barulhos que ele faz no banheiro. A porta está aberta. De cabeça baixa e mordendo o lábio, eu espero e peso as coisas em uma balança imaginária. Ouço o chuveiro ligando e me levanto.

Eu quero muito estar com ele, mas há coisas... coisas não resolvidas. Entretanto, não posso esperar que essas coisas se resolvam para decidirmos o que fazer. Desde o início aquela mulher queria isso: colocar uma barreira entre eu e Enzo. Se ficarmos de duelo agora, ela vai conseguir o que quer. Mais do que nunca é hora de eu mantê-lo perto.

Puxo a camisola pelo meu corpo, tirando-a pela cabeça, e em seguida descarto a calcinha. Abro a porta do box e Enzo tira a água do rosto e me olha.

— Estou pensando se tomávamos banho

PERIGOSAS ACHERON

juntos.

— Sempre. — Ele responde e já tem um sorriso safado nos lábios. Entro no chuveiro e logo sinto seus braços fortes me abraçando.

— Só banho, Enzo — aviso.

— Nem vem. Que casal entra em um chuveiro, pelados, para apenas se lavar? — Ele já começa assanhadinho, encostando a boca no meu pescoço. E eu não resisto. Que droga, eu nunca vou conseguir resistir a Enzo. E quer saber? Não tenho por que ficar preocupada com isso. Ele é meu marido.

“Mas ele deveria demonstrar que também não consegue resistir a você.” — Meu inconsciente opina. Paro de beijá-lo na boca e corro minhas unhas pela pele molhada. Enzo beija meu pescoço e desce os lábios para meus seios.

“Ele está demonstrando.” — contesto.

“Será?” — Quando minha consciência começou a ficar sarcástica?

“Está. Enzo está carinhoso...”

“E você veio fazer sexo com ele, para que

ele não fique chateado e se distancie. Se te ama como diz, ele consegue sobreviver sem sexo por alguns dias e continuar sendo carinhoso.”

Pior que isso é uma coisa certa. O sexo é grande parte para o casamento dar certo. Mas não é base para tudo. Não posso mascarar essa nossa nova relação com um bom sexo. Preciso ver através da parede, preciso enxergar Enzo, preciso ver se há confiança, lealdade e amor como base, para que o sexo seja apenas um importante acompanhamento.

Empurro Enzo. Não rudemente, mas com jeito.

— Droga! — Coloco a mão na testa.

— Malu. Está tudo bem? — Ele me segura.

— Não, Enzo — falo de olhos fechados e me apoio nele. — Não estou bem. Preciso... fiquei tonta de repente — minto. Eu não quero discutir com ele, dizer que não devemos transar agora. Ele desliga depressa o chuveiro e puxa uma toalha, me embrulha e me pega no colo, levando-me para a cama.

Enzo me deita contra os travesseiros e

PERIGOSAS NACIONAIS

corre para o outro lado. Fico de olhos fechados esperando e ele aparece dentro de um roupão.

— Temos que ir para o hospital. — Ele fala me enxugando com a toalha que estava me envolvendo.

— Não. — Seguro o braço dele e dou um sorriso. — Isso acontece, o médico disse que é estômago vazio.

— Melhor não arriscar, Malu.

— Enzo, nada disso. Eu estou bem. — Tento me sentar, mas ele me empurra para deitar de volta.

— Maria Luiza, eu não posso permitir que você passe mal e não procure ajuda. Estou com medo, poxa.

Meu sorriso se abre. E agora é bem verdadeiro. Ouvir isso me deixa feliz. Me sento e o abraço. Enzo fica rígido, mas logo reage e me abraça de volta.

— Está tudo bem. Juro. — Acaricio com minha mão os cabelos molhados dele. — Vou fazer um café e...

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Nem sonhando. Fiquei aí, vou preparar um café e trazer para você. — Ele segura meu rosto, beija minha testa e se levanta, saindo do quarto. Deito de novo. Paro de sorrir e respiro fundo.

É triste engana-lo. Mas ainda não é hora de falar nada. Preciso das coisas bem esclarecidas.

Me levanto, visto uma roupa e desço. As crianças estão dormindo e decidi não acordar Anna para mandá-la para a escola. Da cozinha vem um delicioso cheiro de café.

— Malu! — Enzo grita assim que me vê. Ele deixa a forma de bolinhos de lado e corre para perto de mim. — Por que não ficou deitada?

— Porque não há necessidade. Estou bem. — Olho para o prato de bolinhos. — O cheiro está delicioso. — Ele me olha intrigado. Depois passa a mão nos cabelos e pega a forma.

— São os bolinhos de ontem que eu esquentei no forno. — Ele me faz sentar no banquinho. Corre, pega uma caneca, coloca café e me entrega.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bom — digo após provar. — Melhor do que aquele do sítio. — Ele coloca os bolinhos num prato e traz para o balcão.

— Aquele dia eu estava muito nervoso.

— Por que estava mentindo pra mim? — Escolho um bolinho.

— Não mentindo. — Enzo fala de dentro da geladeira. — Estava meio que tramando para ficar sozinho com você. — Ele sai da geladeira com um queijo e um bolo. Coloca no balcão e se senta, servindo-se de café.

— Não deixa de ser uma mentira — pondero.

— Ah, mas foi por uma boa causa. Eu queria que você se lembrasse da gente. Eu não podia aguentar saber que você não iria mais sentir tudo aquilo por mim. Se não lembrasse, ao menos que se reapaixonasse pelo maridão aqui.

Paro de mastigar e fico paralisada olhando para ele. Tem como ficar com raiva dele?

Abaixo a cabeça e comprimo os lábios para não sorrir. Bebo um gole de café e torno a olhá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E acha que conseguiu algum resultado positivo?

— Se eu falar que sim, serei considerado um arrogante? — Ele me envia aquele olhar safado de flerte.

— Depende. O que te faz achar que sim?

— Você de quatro, caidinha pelo bom partido gostosão aqui. Que é todinho seu por direito. — Sussurra sensualmente no meu ouvido.

— Está vendo? Foi arrogante. Você poderia ter ficado apenas com o “sim”.

— Preferia que eu mentisse para você? — Ele corta um pedaço de queijo e joga na boca.

— Acho que agir assim, sem vergonha, mas sendo verdadeiro, é bem melhor.

Tomo um gole de café e me preparo para mudar de assunto.

— Enzo — chamo e ele me olha. — O que você e Emily faziam quando se encontravam no apartamento?

Ele assente, toma todo o café da xícara e olha nos meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu e você estávamos em um momento meio estranho. Estavam acontecendo várias coisas ao mesmo tempo e Emily sabia de tudo.

— Como assim um momento estranho?

— Estávamos praticamente sem sexo. Você estava sentindo muitas dores por causa do útero e logo depois veio a cirurgia.

Olho abismada para ele, com medo da resposta para minha próxima pergunta.

— Então Emily te ofereceu...

— Não. — Ele me interrompe. — Eu te disse e torno a afirmar. Não tive nada com Emily. Não antes do acidente.

— Então era conversa?

— Sim. Ela sabia o que dizer, trazia café para mim e me dava conselhos, conselhos sobre como me aproximar mais de você.

— Uma terapeuta? — pergunto e tremo de ódio. Aquela safada estava preparando terreno. Fazendo ele se sentir bem. Confiar nela.

— Como se fosse. — Ele assente, mirando meus olhos. Seguro do que diz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando você percebeu que ela queria mais que apenas conversa?

— No dia que você nos flagrou. Eu nem sabia o que estava acontecendo. Fui me limpar e Emily apareceu nua. Nem deu tempo de empurrá-la, você apareceu atrás e nos pegou.

— E então...

— Você nos confrontou, bateu em mim e nela e foi embora. E então Emily se declarou para mim, mas eu disse que não queria mais vê-la e que ela estava demitida. Desse dia em diante ela não saiu mais do meu pé.

— Ela pirou quando me viu — digo pensativa, relembrando tudo. — Foi como se ela tivesse certeza que eu estava morta.

— De certa forma sim. Todos nós tínhamos certeza.

Seguro na mão dele em cima do balcão.

— Não vamos mais falar nisso. Está tudo bem, eu estou aqui novamente e só falta eu lembrar de tudo.

Enzo aperta firme minha mão.

PERIGOSAS ACHERON

— Tem razão. Não vamos mais tocar no nome dela. Não é importante para nós, para nossa família.

Depois que Enzo foi trabalhar, eu acordei as crianças; elas estavam felizes comigo. Não desgrudaram de mim um segundo sequer. Enzo veio mais cedo, almoçamos e assim que ele saiu, eu me preparei para colocar um assunto a limpo.

Eu tinha que conversar com Jorge e não podia sair de casa pois temia pela minha segurança.

— Eu estou muito curioso para saber o que quer de mim que seu marido não pode saber.
— Ele fala parado no batente da porta.

— Entre, Jorge. Você me deve muito.

Ele entra, olha tudo ao redor e depois me encara.

— Bela casa.

— Obrigada. Sente-se. — Mostro o sofá e ele se senta. Tomo outro lugar, na poltrona, de frente para ele. — Não vou te oferecer nada, pois

sua visita é rápida.

— Já está querendo que eu vá embora? —
Vira-se para mim com um ar cínico após analisar tudo em volta.

— Na verdade nem queria que estivesse aqui. Enzo não gosta de você. É arriscado. Sem falar que você aprontou comigo.

— Você ao menos sabe tudo que seu marido aprontou com você?

— Enzo foi sincero. Ele me contou tudo que aconteceu entre ele e Emily.

Jorge dá um sorriso muito sarcástico e, recostado no sofá, me olha como se eu fosse uma tonta. É um olhar de desdém.

— Então vejo que o nosso digníssimo mocinho não teve nenhuma punição.

Dou uma risada cáustica. Jorge tem a mesma opinião de Julia.

— Esperava que eu punisse meu marido? Pra quê? Pra depois voltar a viver com ele como se estivéssemos quites? Que espécie de amor seria esse que eu teria que me vingar para me sentir

bem?

— Não é questão de vingança, Malu. — Agora ele está sério. — É questão de mostrar que não é nenhuma tola que ele pode enganar e ficar por isso mesmo.

— Então acha que ele me enganou? Você me enganou, contou mentiras para mim. Nem por isso quero fazer você pagar.

Jorge se levanta em um gesto brusco.

— Mas ele é seu marido, droga. Ele foi infiel, a briga de vocês causou o acidente e depois ele teve um caso com a mesma mulher que armou isso tudo. O que me diz?

— Digo que Enzo está absolvido de qualquer culpa.

Ele dá uma risada nervosa, de pura raiva. Levanta-se e esfrega a mão no rosto.

— Tá. Aja como quiser, a vida é sua. O que quer de mim? Por que me chamou aqui?

— Porque tem algo a acertar comigo. Se quiser estar quite comigo, então me ajude com uma coisa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me olha, vem calmamente e se senta novamente.

— Então não precisa ficar quite com Enzo, mas comigo sim?

— Digamos que ele me recompensa de outra forma — insinuo e ele revira os olhos.

— Escute, Jorge, vamos deixar Enzo de lado. Preciso que encontre alguém para investigar para ontem uma pessoa.

— Já que Enzo está de lado, lá se vai uma das pessoas que eu gostaria de investigar.

— É Emily. Quero saber tudo sobre ela, quem era, com quem vivia e como vivia antes de vir ser babá dos meus filhos. Estou recorrendo a você pois não quero me unir aos que estão mais próximos. Você é mais improvável e ninguém vai desconfiar.

— Mulheres. Ficam com raiva da amante, mas do homem que é comprometido não guardam mágoas. — Mais uma vez Jorge debocha.

Pego meu notebook na mesinha, abro e digito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe por que sei que ele falou a verdade?

— Por que sempre foi uma tola apaixonada? — Jorge adianta e eu fico querendo arrancar essa pose de cínico dele.

Ignoro isso e assim que consigo o que quero entrego o notebook para ele.

— Por causa disso.

Jorge pega o notebook e lê.

— Um e-mail falando que Enzo estava te traindo? — Ele levanta os olhos em minha direção. — O que isso tem a ver?

— Quando me contou sobre o flagra que dei nele e Emily, Enzo automaticamente mostrou sua inocência. A princípio seria a palavra dele contra a da vaca, mas então eu falei que ela poderia ter armado tudo para eu flagrar os dois. Só que Enzo falou que não. Que o porteiro tinha feito uma ligação anônima para mim e contado tudo.

— E na verdade você recebeu um e-mail e não uma ligação? — Jorge continua meu raciocínio.

PERIGOSAS ACHERON

— Nunca recebi ligação alguma, Jorge.

Olho para ele e Jorge está de cabeça baixa, vejo um nervo saltar no seu maxilar e ele abana a cabeça, meio desconcertado.

— O que foi? — Toco no braço dele. Jorge vira o pescoço e me olha. Sério, tipo muito sério. Me reteso, um pouco desconfiada.

— Provavelmente você está certa. Emily armou tudo.

— Como tem certeza?

— Malu, há coisas que fiquei sabendo por outras pessoas, pode ser fofoca, mas prometo investigar e você será a primeira a saber se eu descobrir algo. Mas posso adiantar que essa mulher é muito pior do que apenas uma babá safada.

— O que sabe sobre ela? Que fofocas são essas? Tem a ver com mais deslizes de Enzo?

— Não. — Ele abana a cabeça rápido. — Infelizmente não. Bem que eu gostaria de ter uma história cabeluda sobre ele para te contar.

— Então o que é?

— Só quero que saiba que ela

possivelmente armou tudo e provavelmente armou desde o dia que pisou os pés aqui dentro.

— Então estou certa?

— Sim. Me fale mais sobre o que está pensando.

Recebo o notebook de volta, fecho e o coloco na mesinha.

— Hoje Enzo me contou que durante todo o tempo que ela ia lá, eles ficavam conversando, ela dando conselhos e tudo mais. Conselhos sobre o nosso casamento. Ela queria antes de tudo mostrar a alguém que ela ia sempre ao apartamento no mesmo momento que Enzo estivesse lá, como uma testemunha. E queria ganhar a confiança dele, ser uma amiga para na hora da morte poder consolá-lo.

— Como sabe que ela queria fazer alguém de testemunha?

Jorge se inclina para frente de cenho franzido e pescoço de lado.

— Porque eu acabei caindo nesse truque dela. Assim que peguei os dois no apartamento, saí desesperada e tive a ideia de perguntar ao porteiro e ele me confirmou que ela sempre ia lá. Que ela e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enzo sempre se encontravam.

— Enzo te contou isso? — Ele continua com a mesma expressão.

Ajeito meus cabelos atrás da orelha e exalo profundamente. Meus olhos começam a encher de água e eu pisco para não chorar.

— Assim como eu me lembrei de Michele, sua filha, e de tudo que aconteceu entre eu e você cinco anos atrás, eu me lembrei sobre o plano babaca de Enzo para me levar ao sítio. Me lembro do dia que me vesti de noiva com as meninas de madrinhas ao redor, e do dia que apresentei um *slideshow* com o ultrassom do meu bebê para mostrar a Enzo que estava grávida. Lembro da foto de Michele que você me mandou e de como estava triste por Lea ter te deixado, e lembrei de tudo isso recentemente. Toda essa confusão não passou de um acidente provocado pela falta de freio no meu carro e não por que dirigi indignada e desorientada.

Jorge está me olhando horrorizado. Limpo uma lágrima e pigarreio.

— Você... se...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu recuperei minha memória, Jorge. E você é o único que sabe disso.

Ele se levanta e dá uma volta pela sala, os olhos saltados e mãos na cabeça.

— Quando se lembrou? Por que não contou pra ninguém? Você está enganando todo mundo, Malu?

— Jorge, eu não tenho tempo de explicar. Eu só preciso que...

— Não. — Ele me interrompe em um tom áspero. — Como assim se lembrou? Quando?

— Tá. Foi recentemente. — Limpo outra lágrima — No sítio. Enzo me levou lá como da outra vez. Eu não me lembrava de nada no início. Até que várias coisas começaram a acontecer e eu me lembrei. — Levanto-me muito aflita, me sentindo uma estúpida por ter escondido isso de Enzo. Levanto o rosto e Jorge me olha perplexo. — Primeiro eu tive um sonho, depois senti algo diferente quando transei com ele. E no dia seguinte, Enzo me pegou e me jogou na piscina. Lembra que eu te falei sobre me lembrar de uma cena que eu beijava um homem enquanto mergulhava?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, me lembro.

— Pois é. Eu vi essa cena novamente quando ele me jogou na água, só que eu estava debaixo da água e tudo foi vindo com muita força na minha mente. E eu tentava sair, mas meu roupão ficou preso.

— Você se afogou e lembrou-se de tudo?

— Era muito confuso ainda. Cenas e coisas e tudo vinha na minha mente como a água me rodeando, e tudo estava lá, desde o dia que fui para escola pela primeira vez, ao acidente de carro. Enzo me tirou para fora e eu queria gritar, dizer que me lembrava, mas me contive. Fui para o banheiro e fiquei presa debaixo do chuveiro, chorando, sabia que ele estava me esperando e naquele momento tomei uma decisão. Eu sabia o que ele estava fazendo me levando ali, eu sabia sobre Emily e decidi fingir a amnésia para tentar arrancar a verdade dele. Eu só queria saber se Enzo iria mascarar alguma coisa de mim.

— Meu Deus, e quando vai contar pra ele, Malu?

— Não sei. Isso não é importante. O

PERIGOSAS NACIONAIS

importante é que ele está sendo o mais verdadeiro que pode. Ele está sendo tão cuidadoso e carinhoso comigo e nem me diga que pode ser armação dele, porque não é. Conheço meu marido, me lembro de tudo e por isso eu digo que ele está isento de qualquer culpa.

— Sabe que mesmo assim ele dormiu com Emily.

— Não considero isso como traição. Só o fato de eu ter supostamente morrido já foi uma grande punição para ele.

— Ele não parece ter guardado luto.

— Ele guardou cada coisa minha. Manteve nossa casa do mesmo jeito que eu deixei. Tentou de tudo para me fazer lembrar e contou a verdade para tentar se redimir. Eu não vou pirar e acabar com meu casamento só por causa de uma fraqueza dele. — Cruzo os braços e o encaro com pose de briga. — Precisamos estar juntos, nossos filhos precisam de nós dois juntos. Já disse, Enzo não é assunto a se discutir.

Eu sei que, pra mim mesma, preciso agir seriamente com Enzo, como hoje cedo no banho.

PERIGOSAS ACHERON

Sabe aquela história de que a gente pode xingar os irmãos ou filhos ou marido, mas se outra pessoa xingar entramos no meio com muita raiva? Pois é, com Enzo funciona dessa forma. Eu posso julgá-lo, eu posso tentar detectar a mentira dele, eu posso ter raiva das falhas dele. Mas não suporto que Jorge ou Julia ou qualquer outro venha querer interferir nisso. Ele é meu e eu cuido disso.

Falo mais um pouco com Jorge, ele promete guardar segredo sobre eu ter minha memória de volta. Jorge está louco para me ajudar e se redimir. Ainda prometi a ele que ligaria para Lea e começaria a intermediar a favor dele.

Daqui mesmo ele já liga para um detetive e marca um encontro. Dou a Jorge o nome completo de Emily, ele me deseja sorte e vai embora dizendo que me ligará assim que tenha alguma coisa.

Depois vou ao quarto ver as crianças e, enquanto elas dormem, me sento na cama e derramo lágrimas. Bem culpada. Não só por estar enganando todo mundo, como também por ter armado algo que expôs meus filhos. Mas tive que

PERIGOSAS ACHERON

fazer.

Ontem, quando todos estavam aqui, eu peguei o celular de Enzo e corri para o banheiro. Antes eu me certifiquei que ele tinha o mesmo número de sempre. E eu pensei que alguém tão perseguidora como Emily deveria ter o número dele. Fiz uma chamada. Sim, sentada no vaso eu digitei o número dela, que achei no contrato que ela assinou quando veio trabalhar aqui.

Não pensei nas consequências, não podia pensar. Eu tinha que ver Emily, eu tinha que fazer ela me confrontar, eu tinha que mostrar a Enzo tudo que ela é capaz e que ele é culpado por essa loucura dela. Eu estava certa que ela armou o encontro para me separar dele , então sabia que ela iria pirar quando me visse. Deixei chamar e a voz feminina atendeu:

“Enzo?”

Eu não disse nada. Fechei os olhos e esperei.

“Enzo, você me ligou... que bom...”

E então eu desliguei. Apaguei a chamada e ela ligou de volta. Atendi e fiquei ouvindo ela

PERIGOSAS NACIONAIS

falar coisas como: “eu te amo”, “quer sair comigo?”. Desliguei e ela voltou a ligar. Rejeitei, e ela tornou a ligar e voltei a rejeitar. Coloquei o celular em silencioso e saí do banheiro. O escondi na bolsa dele e saí do quarto.

Eu tinha quase certeza que ela apareceria. Como apareceu mais tarde e o resto foi toda aquela confusão.

Eu acho que se Enzo descobrir ele vai ficar muito furioso comigo. Mas ele não tem como descobrir isso. Não vai acreditar na doida se ela falar que ele ligou, ele nem mesmo vai falar com ela.

Agora o próximo passo é esperar Jorge trazer tudo sobre Emily. Assim que eu tiver as informações, saberei exatamente o que fazer. Será a hora do confronto. E dessa vez nada de executivos em ação. Eles já colocaram na cadeia várias pessoas. Dessa vez o assunto não foi com Rebeca e nem com Julia. Foi comigo. Aquela vaca tentou acabar comigo. Isso é pessoal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

|25|

ENZO

Se eu não me engano, a última vez que estive em um hotel para um encontro foi quando decidi dar uma chance a Emily e nos encontramos em um. Não de luxo e tão exuberante como esse, mas agora preciso impressionar, então tenho que fazer o que for necessário. Estou com raiva pois Malu me ligou dizendo que estava aqui me esperando e eu a fiz prometer que não sairia de casa em hipótese alguma, mas ela desobedeceu. Sem falar que disse que hoje mais cedo confessou que não passou mal no chuveiro, foi apenas uma jogada para me punir. Fiquei mais puto ainda.

Estou parado dentro da minha SUV BMW na porta do hotel. Tiro os óculos escuros, massageio as pálpebras e torno a colocá-los. Pego o

celular, coloco no silencioso, enfio no bolso da calça, passo os dedos nos cabelos olhando no retrovisor, pego o pacote no banco ao lado e abro a porta.

— Senhor. — Um funcionário do hotel me cumprimenta quando saio. Aceno para ele e jogo as chaves do carro.

Outro cara abre as grandes portas para mim quando entro, caminhando em passos largos e decididos. O salão é imponente, há belas poltronas, lustres brilhantes assim como o chão quase espelhados e que combina perfeitamente com os vidros por toda parte, dando uma vista incrível da cidade lá fora. . Um belo hall de entrada. No enorme balcão, uma mulher alta, loira e aristocrática sorri para mim.

— Bom dia, em que posso ajudá-lo?

— Enzo Brant. Vim me encontrar com Maria Luiza Brant.

Recebo um aceno de cabeça, ela digita rápido em um computador branco.

— Suíte master 1302. Vigésimo segundo andar. — Empurra um cartão e um papel para eu

assinar. Faço uma rubrica e agradeço-a com um levantar de lábios.

Um dia se passou desde que conversei com Clarisse. Ainda me sinto trêmulo quando me lembro de tudo que ela contou. Malu não pode estar se expondo dessa forma, entretanto ela nem sabe o que de verdade aconteceu. E ainda não é o momento de saber. Entro no elevador, aperto o botão do andar e respiro fundo vendo os números passarem em ritmo normal; para mim parece uma lesma. Quero chegar logo.

A porta do elevador se abre, eu dou um breve sorriso para um casal que espera o elevador e saio em seguida. Caminho para o fim do corredor.

Pego o cartão no bolso, passo na porta e ela se abre.

É uma antessala mais luxuosa do que eu esperava e olha que estou bem acostumado com luxo em hotéis.. É exuberante, os móveis são modernos, design de última geração. As cores são claras. Sofás e tapete brancos, cortinas leves e esvoaçantes, e há ornamentos coloridos nas cores

PERIGOSAS NACIONAIS

certas. Olho para uma enorme estante contemporânea com uma TV que é quase tão grande quanto a minha.

— Olá. — Ouço atrás de mim e me viro.

— Oi. — Queria continuar sério, mas ao vê-la, acabo sorrindo.

— Que bom que veio. Eu quase acreditei que não viria. — Maria Luiza fala.

Os saltos tocam macios no chão quando ela se aproxima. Fica tão perto de mim que nossas respirações se encontram.

— Acha que eu recusaria um convite seu? — Os dedos sobem pelo meu peito, passam pelo meu pescoço e dão a volta, segurando meus cabelos pela nuca. Sem esperar, sou puxado para um beijo. Minha boca é praticamente engolida e sinto-a sorrindo enquanto me devora.

— Preciso... falar... algo... — Começo a balbuciar.

— Está bravo comigo? — Ela para de me beijar.

— Cara... não brinque com coisas sérias...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você não podia ter saído de casa, Malu.

— Você estava muito nervoso — analisa.
— Mas queria te recompensar... eu sou uma tola.

— Talvez eu acredite. Vamos bater um papinho e esclarecer as coisas.

— Depois. Temos que repor o tempo perdido, te chamei aqui para isso, ficarmos a sós.
— Em um puxão ela abre minha camisa e as unhas cravam na pele do meu peito. — Você é um tesão, Enzo. Meu tesão. Estou molhada, tão excitada...

Ela começa a me empurrar, vou andando de costas, ela pula em cima de mim, agarro embaixo de sua bunda e caímos no sofá.

Mesmo começando a me excitar, preciso dizer a ela o que ela corre perigo se não ficar presa na proteção de nossa casa.

— Malu, precisamos conversar sobre...

— Nada de conversa! Quero você pelado, suado e me agarrando com esses seus braços fortes.

— Ah, quer? — Seguro os cabelos dela de modo bruto. — O que deu em você? Até ontem era a senhorita tímida sem memória...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A vida é curta, não acha? Não vou perder tempo passando desejo à toa, o que quero fazer não poderíamos em casa, com as crianças. — Solta um rosnado voraz chegando a ser cômico. — Me dê isso. Vamos fazer as maiores sacanagens.

Eu não discuto. Conversaremos depois. A levo para a cama e em um segundo já descartei seu vestido.

Estremeço todo por dentro quando enfim provo um dos seios nos meus lábios. O cheiro da pele dela me fascina, sinto minhas veias reagirem em um pulsar forte e meu corpo esquentar de forma gostosa pra cacete. Malu faz tudo como eu gosto, ela não se detém em um lugar, ela me agarra com vontade, ela me abraça e passa a mão por toda parte, arranhando minha pele, cravando os dedos nos meus músculos tensionados.

Deixo os seios de lado por uns instantes e me ajoelho em cima dela. Malu morde o lábio inferior e passa as mãos no meu abdômen enquanto arranco o cinto, desço o zíper e puxo a calça para baixo junto com a cueca, deixando tudo enrolado no meu quadril. Aproximo um pouco e posiciono meu pau no rosto dela.

PERIGOSAS ACHERON

Malu sorri e o segura, punhetando, friccionando de leve para cima e para baixo, gerando altas contrações dentro de mim; sinto-o inchar mais e ela admira um pingo de pré-esperma saindo.

— Caralho! Que delícia. — Minha voz é um rugido. Malu desce os dedos e acaricia as bolas. Aí eu piro. Me deixa doido de pedra.

Dessa vez não vou esperar ela brincar com ele na boca. Preciso me acabar dentro dela. Já estou sentindo a porra fervendo dentro de mim.

Afasto, arranco minha calça de um modo bem desastrado, jogo longe cada sapato, ela se senta, tira a saia e eu a derrubo na cama cobrindo-a com meu corpo. Malu me agarra já nos beijando desesperadamente.

Agora sim é uma foda gostosa. Sem culpa, ela sabe os meus podres, tudo está bem e estamos bem.

Foi mais do que eu podia imaginar. Conseguimos resgatar os dias de glória, quando tínhamos nossos melhores momentos no quarto. Foi algo para apagar completamente qualquer

vestígio de qualquer coisa que ficou depois daquele acidente.

Fomos do amoroso ao desastrado. Começamos ali, agarrados, sem pressa, eu em cima dela, subindo e descendo o quadril enquanto Malu me abraçava, murmurava coisas e mordida cada parte do meu corpo.

Depois fiquei de pé e a fiz cavalgar em mim; assim é bom, posso ver os olhos dela, posso sentir os seios pressionados contra meu peito, e ainda beijá-la o tanto que quiser.

Fiz várias posições na tentativa de fazê-la relembrar.

Foi de quatro na poltrona, de pé um de frente para o outro na parede e por fim estávamos na cama novamente, ela me domando, subindo e descendo, engolindo meu pau em uma cavalgada delirante. Nossos corpos se abalaram, senti nosso calor se unir, dois corpos suados se batendo, não tinha como ficarmos mais ofegantes e continuamos até que ela gozou em uma cena que me deixou perplexo, maravilhado, muito excitado. Não teve como não gozar também vendo Malu mordendo o lábio, com o rosto contraído de desejo e um sorriso

PERIGOSAS ACHERON

safado, uma gota de suor escorrendo no meio dos belos seios e os cabelos ruivos revoltados em torno de sua cabeça.

Após um “ahhhh”, ela caiu deitada em cima de mim e eu a abracei. E acho que ficamos uns bons dez minutos assim, mudos, abraçados e recuperando o fôlego.

— Nossa, isso fica cada vez melhor. — Malu afirma em tom divertido.

— Entende agora por que você se lembrou primeiro do meu rosto? Não tem como esquecer o papaizão aqui, né?

Malu se afasta do meu abraço e rola de lado.

— O romantismo mandou lembranças. — Ela murmura e eu rio. Ficamos mais alguns minutos deitados olhando para o teto.

— Que porra Julia tá fazendo? — indago ainda sem olhar pra ela, me referindo a constante pressão que Julia está fazendo para Malu me dar uma dura.

— Dá um desconto. Eu perdi minha memória, ela só está tentando impedir que alguém

PERIGOSAS ACHERON

me engane.

— Mas eu não sou alguém, sou seu marido. Não gostei de ela ter te aconselhado a me deixar sem sexo.

— Ainda bravo? — Ela vira o rosto para mim.

— Talvez não com você. Vou ter que conversar com ela. Ou pedir pra Max fazer alguma coisa. Quero ver o que ela vai fazer se ele parar de comer ela.

Malu ri e se arrasta para perto de mim. Afasta os cabelos do rosto e escora a cabeça no cotovelo.

— Tem esse poder? De coagir Max a não fazer sexo com a própria esposa?

— Max não é tão besta como parece. Ele já está zoadado com essa história de Julia se meter na minha vida. Se eu fizer mais uma pressãozinha, acho que consigo criar uma pequena fissura no casamento deles.

— Credo, Enzo. Somos padrinhos deles, eu que estou sem memória sei disso. Se você não quer ninguém se metendo entre a gente, como pode

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

querer fazer isso com eles?

— Ela está pedindo. Tá certo que Julia é quase como sua irmã. Você não se lembra disso, mas acho que tem mais intimidade com ela do que com Camila. Entretanto isso não justifica ela ficar querendo que você me castigue por causa de algo tão banal.

— Não foi banal. — Malu corrige e se senta. — Não foi banal. — Torna a falar, agora em tom de aviso.

— Pra mim foi. — Seguro a mão dela e a puxo de volta para a cama. Malu resiste e não deita.

— Vamos colocar os pingos nos i's. — Ela ordena.

— Claro. — Recosto na cama e cruzo as mãos atrás da cabeça. — Comece.

— Você deu brecha a Emily, você ficou com ela e eu decidi perdoar isso, afinal vi seu arrependimento.

— Sim, e agradeço.

— Em troca você vai deixar Julia de lado. Eu me entendo com ela, pode ficar despreocupado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ninguém vai fazer minha cabeça contra você. Enzo, você tem que entender que apenas você mesmo pode boicotar nosso casamento. Então pense duas vezes antes de fazer alguma coisa que vá me deixar com raiva.

— Acho justo. O mesmo vale com você?

— Claro. Vamos jogar limpo. Temos que estar no mesmo time.

— Então estamos estáveis agora, não é? Nada de mentir para não ter sexo, de ficar com pé atrás comigo. Confiança cem por cento.

— Confiança cem por cento. Estou te dando uma chance, mesmo sem lembrar de tudo que aconteceu.

Agora puxo ela e não tem como Malu resistir. Ela cai em cima de mim e eu a prendo em meus braços.

— É claro que você me dá uma ou duas ou três chances. Você não vai conseguir ficar sem seu homem gostoso para se deliciar como quiser.

Ela tenta sair do meu abraço. As sobrancelhas abaixam e o semblante dela é de raiva.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é muito arrogante. Me largue.

— Tá. — Largo ela, rolo e fico de barriga para baixo. Alcanço o telefone e ligo para o serviço de quarto.

— Muito arrogante e com um belo traseiro. — Malu fala às minhas costas, provavelmente vendo minha bunda. Dou uma risada e paro quando a pessoa atende a chamada. Me sento, peço um champanhe e olho para ela.

— Tenho uma coisa para você. Fique aí.

Saio correndo para a antessala e ainda ouço-a gritar:

— Precisa correr pelado mais vezes, senhor Brant.

Pego a caixa que deixei cair e volto para o quarto. Me sento no meio da cama, de frente para ela. Abro a caixa e Malu arregala os olhos vendo o que eu mostro.

— Mandei fazer recentemente. Pegue, é para você.

Ela olha para mim, deslumbrada. Está com as bochechas rosadas. Um sorriso começa a

PERIGOSAS NACIONAIS

desabrochar e Malu toca na joia. Apenas toca e para mim a expressão que ela faz é o melhor pagamento.

Encantada, analisa com cuidado.

— É assim que faz. — Abro o medalhão e automaticamente os olhos dela se arregalam.

— Enzo... que lindo!

— Eu tenho fé que você vai se lembrar de todos nós, Malu. Mas quero que ande sempre com a gente, para que de agora em diante não se esqueça mais. Você é muito importante para mim e para nossos filhos. Te amamos muito.

Ela levanta os olhos para mim. Está chocada. Uma lágrima desce pela sua face.

O medalhão abre em duas partes. Em uma tem uma foto de nós dois, e na outra parte, uma foto de Anna e Johnny.

Malu pula em cima de mim me enlaçando em um abraço apertado.

— Obrigada — sussurra quase como se fosse doloroso. — Você é ogro, mas é meu ogro romântico. Obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez eu seja mesmo um cretino de ego enorme, como você disse, mas nunca fui o cretino de ego enorme de outra pessoa, apenas seu.
— Cochicho perto do ouvido dela.

— Eu sei.

— Mesmo naquele momento de fraqueza... que eu fiz...

— Não. — Malu se apressa em tapar minha boca. — Acabou. — Ela limpa uma lágrima.
— Isso está no passado. Não quero mais saber de nada.

Nos beijamos, Malu me agarra bem forte, enquanto saboreamos os lábios um do outro. Nossas línguas se tocam e foi impossível não arfar. Afastamos os lábios, mas não os corpos. Ela continua sentada no meu colo, me enlaçando. Nossas testas se encostam e ela sorri.

— Estou muito feliz, Enzo.

— Eu também — concordo e pego o medalhão da mão dela. — Deixe eu colocar em você.

Malu vira de costas para mim, abotoo o colar atrás do pescoço dela e a viro de frente.

PERIGOSAS ACHERON

— Ficou ótimo.

— É lindo. — Ela passa a mão na joia. Eu seguro no rosto dela e voltamos a nos beijar.

Decidimos ficar o resto do dia e passar a noite no hotel. Primeiro eu liguei para minha mãe e pedi para passar a noite com as crianças. Ela colocou o telefone em viva-voz e eu e Malu falamos com eles.

Depois, tomamos uma garrafa de champanhe e fizemos sexo de novo. Mais tarde pedimos algumas sobremesas e nos fartamos de sorvetes, tortas e pavês. Estávamos nos portando como adolescentes apaixonados, ou melhor: revivendo nosso início de relacionamento. Ela teve a melhor ideia em marcar esse encontro para a gente, sozinhos, longe de tudo, para nos entendermos definitivamente.

Pegamos o resto de uma torta, outra garrafa de champanhe e fomos enrugar a pele em um banho de espuma na enorme banheira.

Malu correu para preparar o banho e eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peguei meu celular e corri para a antessala.

Eu sei que eu e Malu fizemos promessas, eu sei que tudo tem que ser em pratos limpos. E Davi me aconselhou a contar para ela sobre o plano de pegar Emily. Mas depois desse dia juntos, eu desisti. Não vou colocar Malu nisso. Ela está sem memória, ela não tem que passar por uma preocupação dessas. Queria contar tudo para ela, esclarecer tudo sobre Emily. Contar sobre tudo que Clarisse me falou. Mas acho demais para Malu, vou deixar a poeira abaixar e depois eu sento com ela e abro o jogo.

Digito o número e a pessoa atende no segundo toque.

— Enzo?

— Emily, está na hora de acertarmos toda essa bagunça.

— Sim. Também acho. — Ela responde eufórica.

— Precisamos agir como adultos. Quero me encontrar sozinho com você.

— Claro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquele hotel de sempre, lembra?

— Sim. Estarei lá. Estou bem feliz que tenha ligado.

— Às seis da tarde de amanhã.

— Um beijo. Vamos nos entender, tenho certeza. — Ela fala e acho que, pelo tom de voz, está sorridente. Desligo e respiro fundo.

— Com quem vai se encontrar amanhã às seis? — Malu pergunta. Viro e a vejo parada na porta; dou logo um sorriso para mostrar que não é nada demais. Acho que ela não escutou tudo, afinal perguntou com quem vou me encontrar.

— Max e Davi — falo e me aproximo dela. Não deixa de ser verdade. Eles estarão lá. — Eles marcaram um encontro de última hora com um cliente.

— Tudo bem. — Ela sorri, acreditando. — Venha, a banheira está prontinha.

Corremos para o banheiro e logo esqueço da ligação com Emily. Amanhã à essa hora tudo estará resolvido.

O lado bom é que eu tenho um passo à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frente dela, já que Malu está sem memória e fica só dentro de casa. Amanhã ela vai encontrar com Jonas, ele está melhor e mal pode esperar para ver a filha. Eu vou aproveitar esse momento para resolver minhas pendências com Emily.

PERIGOSAS ACHERON

|26|

MARIA LUIZA

— Você não deve comer tanta porcaria, ainda mais pela manhã. — Eu recrimino, observando Enzo se empanturrar com o gordo café da manhã que pediu assim que acordamos. Primeiro ele me perturbou até conseguir me despertar e depois praticamente me forçou a ir para o banheiro tomarmos um banho. E não ficamos só no banho, fizemos coisas incríveis debaixo do chuveiro.

É ótimo me lembrar dele. Me lembrar de tudo. Enzo sempre foi essa explosão de sensualidade. Desde o início foi por esse cara que me apaixonei, com esse senso de humor, essa personalidade única, o jeito único de demonstrar que me ama, até mesmo a presunção e as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

babaquices, às vezes. Eu não mudaria nada, nem as falhas dele eu mudaria, senão não seria o Enzo.

Estar agora com a mesa da sacada coberta de comida e com ele só de cueca à minha frente é devastadoramente maravilhoso. Eu me sinto revigorada e pronta para começar a lutar.

— Querida, isso é comida de macho. Sem falar que tenho uma fome do diabo pela manhã, ainda mais depois do sexo gostoso que fizemos. — Ele explica por que está comendo como um javali.

— Ontem onze da noite você estava comendo pernil com molho *barbecue* e cerveja. Estou preocupada. Você pode adquirir algo sério, uma hipertensão ou colesterol alto. Bebe muita cerveja e come essas coisas.

— Sou sadio como um touro, amor. — Ele se vangloria.

Reviro os olhos e bebo um gole do meu café enquanto Enzo mastiga vorazmente um pedaço do sanduíche de um monte de coisas. Ele abriu o pão tipo baguete e jogou presunto, muçarela, bacon, ovo e requeijão cremoso.

— Não sei como não engorda.

PERIGOSAS ACHERON

Ele engole e sei que lá vem a resposta.

— É um corpo grande que precisa ser abastecido. Entretanto eu trabalho um pouco para ter essas belezas. — Ele flexiona os braços exibindo os bíceps e beija cada um em seguida.

Escondo um sorriso com a xícara. Parece um cara de 16 anos.

— Cuidado para o ego não te engolir.

Ele joga um beijinho pra mim e volta a comer. Olho para o sanduíche e Enzo percebe meu olho grande.

— Tá, me dá logo um pedaço desse sanduíche. — Eu peço e ele dá uma risada. Corta um pedaço e me entrega.

Agora que me lembrei de tudo, me sinto numa segunda lua de mel. Estou relembrando de como eu o amo, sentindo de novo toda nossa paixão e tudo que compartilhamos juntos. Sem dúvida, dar logo o perdão a ele e esquecer toda essa história de falhas e erros, foi a melhor coisa que fiz. Me vingar iria nos trazer desconforto, poderíamos acabar nos magoando e talvez o casamento chegasse ao fim. E não quero em hipótese alguma

me imaginar sem ele.

— O que foi? Não vai comer? — Ele indaga e só então percebo que estou com o pedaço de sanduíche na mão, olhando para ele provavelmente com um sorriso nos lábios.

— Eu não deveria te dizer isso, mas acho que estou apaixonada pelo meu marido. — Enzo engasga no mesmo instante. Me levanto rápido, pego um copo de suco e vou para perto dele. Ele bebe o suco e depois solta o ar pela boca.

— Porra, velho. Fiquei emocionado — murmura e me puxa. Caio sentada no colo dele. — Eu nunca deixei de ser apaixonado pela minha esposa — confessa, me causando um arrepio gostoso.

— Graças a Deus! Até que enfim falou algo romântico! — exclamo enchendo o rosto dele de beijinhos. Ele ri e segura meu queixo para me beijar.

— Tenho um jeito peculiar de ser romântico. — Enzo murmura, compenetrado em meus olhos. A mão dele sobe suavemente na minha perna e ele olha para baixo. Estou vestindo a

PERIGOSAS NACIONAIS

camisa dele sem nada mais por baixo.

— Você tem as pernas mais lindas que já vi.

— Obrigada — agradeço, me achando.

— É sério. — Ele olha para meu rosto. — Sabia que a primeira coisa que vi em você foram as pernas? Quando estava descendo as escadas da casa do seu pai.

Eu me recordo desse dia. Ele estava na sala com os rapazes, em um almoço que meu pai ofereceu por causa da minha volta. Desci as escadas e lá estava aquele homem lindo me olhando com olhos meio arregalados. Eu tive certeza que estava ferrada naquele dia.

— Eu gostaria de me lembrar — pondero, me fazendo de tristonha. — Entretanto, Julia me contou como você se transformou num cretino. — Acerto um tapa no ombro dele.

— Cara, eu tinha 28 anos e você nem tinha dezoito ainda. Imagina que escândalo seria? Eu poderia ser preso.

— E então decidiu se casar com uma vadia e me humilhar?

PERIGOSAS ACHERON

— Ela te contou isso também? — Ele faz uma cara de incrédulo.

Não. Eu me lembro — penso, mas não digo. Só assinto diante da pergunta dele.

— Julia é uma vaca. O que importa é que hoje estou aqui aos seus pés. — Ele fala e eu faço uma carinha tipo “Awnnnt”. — Aos seus pés com a boca na sua deliciosa boceta e com essas pernas maravilhosas para o meu prazer. — Completa no modo Enzo presunçoso. Reviro os olhos, saio do colo dele e volto para meu lugar.

— Estava bom demais para ser verdade. Termine logo de comer que temos que ir embora.

Ele ri, mas logo acaba o riso quando abocanha um pedaço enorme do sanduíche. Eu dou uma mordida no pedaço que ele me deu e fico olhando Enzo indiferente a mim, saboreando o banquete. Meus lábios repuxam e eu acabo sorrindo. Fazer o que, né? Esse é o ogro que amo incondicionalmente.

Depois do café, eu estou diante do espelho tentando elaborar algo simples e bonito no meu cabelo, quando Enzo vem para trás de mim.

— Vamos ali na cama?

Olho para meu cabelo enfim alinhado, penteado e preso num rabo. Ajeito minha franja e olho para Enzo pelo espelho.

— Acho que não. Eu acabei de ajeitar meu cabelo. Que por sinal está necessitando de um tratamento.

— Venha que te dou um tratamento completo.

— Ridículo. — Me levanto e olho em volta, detectando onde estão minhas roupas. Antes ele me segura contra seu corpo. Nossa, vou acabar caindo em tentação. Tento me afastar, mas ele não deixa.

— Só vamos poder nos divertir de novo à noite, quando as crianças dormirem. — Ele começa a me beijar. Primeiro, passa os lábios no meu pescoço, depois sobe e morde meu queixo; suspiro e Enzo abocanha meus lábios, com suspiro e tudo. Ele começa a me arrastar para a cama, mas eu

seguro o rosto dele e o afastou.

— Enzo...

— Já era, Malu. Perdeu. Ou melhor, ganhou.

Ele me levanta do chão, eu me debato, mas em dois segundos já estou soterrada com o corpão dele. Como eu disse, é tentação demais para resistir. Esqueço meu cabelo penteado e caio na farra com ele. Com Enzo nunca é tédio, sempre chego ao orgasmo, ele sempre me arrebatava na cama, não importa quantas vezes fazemos.

Começamos estilo casal-fazendo-a-primeira-vez. Nos beijamos abraçadinhos, nos esfregando e saboreando um ao outro. Enzo sempre fica fora de si diante dos meus seios; faz uma adoração particular em cada um, usando a língua e as mãos, quase me fazendo chegar ao limite.

Depois começa a acelerar, ele fica por cima me enlouquecendo, fazendo maravilhas com seu pau e suas mãos em cada parte do meu corpo.

Depois eu vou para cima, seguro os braços dele abertos e danço enlouquecida enquanto ele solta uns gemidos roucos que fazem minha

excitação triplicar. No fim, quase desmaio quando ele me coloca na ponta da cama e fica de pé; empurra minhas pernas, dobrando meus joelhos, e dá uma chupada voraz antes de meter tudo até o fim.

Gozo muito, me sentindo toda preenchida e com os lábios me delirando em um beijo de arrancar o fôlego. Fomos de novo para o meio da cama, ele me coloca novamente sobre ele e mais uma vez eu gozo. Esse cara sabe me deixar acabada. Maravilhosamente acabada.

Quarenta minutos depois, rolamos para o lado e ficamos lá olhando para o teto, ofegantes e suados. Meu corpo voltando à temperatura normal e os batimentos se recompondo. Minha perna está em cima dele e a mão de Enzo acariciando minha coxa.

— Está vendo por que preciso me manter sempre abastecido?

— Nem comece a se gabar. A partir de segunda eu vou te colocar num regime.

— O único regime que conheço é o militar. Seria esse tipo de regime?

— Quase isso. — Viro o pescoço para olhar para ele. — Você está deixando nosso filho mal-acostumado. Eu voltei há poucos dias e estou abismada com os hábitos alimentares de uma criança de três anos.

— Só por que o menino come pão na chapa pela manhã? — Ele contesta com um olhar, como se eu o tivesse ofendido. — Eu quero que meu filho cresça sendo um macho e não um ser fresco que come linhaça e iogurte pela manhã.

— Eu prefiro acima de tudo um filho saudável. — Me sento na cama e pego meu sutiã. — No almoço ele quer comer o que você come. É costela de porco, batata frita, parmegiana, macarrão de forma. — Visto o sutiã e procuro a calcinha. Está jogada na cabeceira.

— Você ficaria fora de si se visse os dois selvagens de Max na hora do almoço. E do filho de Davi eu nem falo. Ali já é caso perdido. Também né, é filho de dois pilantras.

Fico querendo rir, os pilantras a que ele se refere são Davi e Sophia, que somados gerou o Bernardo. Pressinto que ele terá um futuro indecente quando crescer, nada diferente do pai e

PERIGOSAS ACHERON

do tio.

Fico pensando na garota que terá o mal agouro de ser alvo de Bernardo, daqui uns quinze ou vinte anos.

— Eu observei isso no almoço lá em casa. Rebeca e Julia me disseram que os pais que colocaram os filhos no mau costume. Mas isso não vai acontecer na minha família. — Me visto e pulo da cama. Enzo senta, veste a cueca e pula da cama, espreguiçando.

— Coitado. Tão pequeno e já no alvo do castigo. — Ele desdenha e vai pegar a calça.

Depois de sairmos do quarto, Enzo paga a conta, entramos no carro dele e seguimos para pegar as crianças. Enquanto ele dirige, pego meu celular novo e dou uma olhada. Enzo iria ficar muito puto se descobrisse que eu dei o número novo para Jorge. Logo para Jorge. Olho se tem alguma mensagem e não tem nada. Ele olha de relance e eu falo:

— Julia e Dani vão lá em casa hoje à tarde — minto.

— Que bom. Hoje à tarde depois do expediente eu terei que ir ver um cliente com Max e Davi. Não queria ir, mas eles estão insistindo.

Respiro fundo, aliviada. Na noite passada eu escutei Enzo falando com eles no celular. Assim que ele for trabalhar, vou ligar para Jorge ir me ver; estou inquieta querendo saber se ele conseguiu alguma coisa da fulana. Como Enzo vai demorar para voltar pra casa, vou resolver minhas pendências. Minha mão já está coçando.

Quando Ângela abre a porta, ela arregala os olhos e dá um sorriso surpreso.

— Oi mãe. Viemos pegar a galera.

— Oi filho. — Ela abraça Enzo e depois olha para mim. — Malu, que bom te ver.

— É bom te ver também. — Recebo também um abraço dela. — Sua casa é linda. — Eu digo para mostrar que ainda estou com amnésia.

— Obrigada. Você sempre falou isso.

Entrem, acabei de fazer um café. — Entramos atrás dela e Ângela segue para a cozinha, falando: — As crianças já acordaram e estão no fundo, com Bernardo e Heitor.

— Já tomamos café. — Enzo fala.

— Está indo para a empresa? — Ela indaga sem virar para a gente Chegamos à cozinha, Ângela vai numa janela e grita: — Anna, Johnny, seus pais chegaram. — Assim que ela se volta para nós, Enzo responde:

— Agora na parte da manhã está tranquilo. Já liguei para Max e Davi aguentarem as pontas.

— Davi acabou de sair, ele ficou esperando Rebeca e acabou se atrasando. — Ela pega duas xícaras, coloca na mesa à nossa frente e nesse instante ouvimos gritinhos de felicidade vindos do lado de fora. Anna e Johnny aparecem na porta correndo enlouquecidos em nossa direção.

— Oi meus amores.

Abro os braços e recebo os dois em um abraço apertado.

— Já tomaram café? — Enzo pergunta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo um cafuné em cada um.

— Já. — Ambos respondem ao mesmo tempo.

— Johnny derramou leite na cozinha. — Heitor está perto olhando para a gente e não vê problema em delatar o primo.

— Porque o Beni atravessou no caminho dele, papai. — Anna vem na defesa do irmão.

— Oi meninos — cumprimento. — Venham dar um beijo na tia. — Obedientes, os dois se aproximam e eu beijo ambos. Enzo faz um carinho nos cabelos deles. São muito parecidos. Noto que Heitor é a cara de Davi, mas Bernardo tem algo de Sophia. Acho que os olhos. Sei que Rebeca e Sophia são idênticas, mas o menino tem uma individualidade da mãe.

— Você viajou muito tempo. — Interessado, Beni fala comigo.

— É, mas agora não vou viajar mais — respondo e esfrego os dedos nos cabelos dele.

— Eu te disse que minha mãe ia voltar. — Anna fala com o primo.

PERIGOSAS ACHERON

— Vão brincar. — Enzo fala com todos eles. — Daqui a pouco vamos embora — avisa para os nossos e, mais que depressa, os quatro voltam para os fundos.

Ângela nos serve o café e senta-se à nossa frente. Olho para Enzo, que já está cortando uma fatia de bolo. Ele acabou de encher a barriga no hotel e vai comer novamente.

— Já voltou ao médico? — Ângela pergunta. Tiro os olhos dele.

— Vou amanhã. Estava esperando o encaminhamento.

— Vai mudar de médico?

— É porque o outro é lá de São Paulo. — Enzo interfere. — Achei melhor ter alguém para acompanhar mais de perto.

— Ainda não teve nenhum avanço? — Ela indaga me olhando com o cenho baixo, um olhar triste.

Isso me corta o coração. Na verdade eu já estou boa cem por cento. Enganar as pessoas dessa forma é horrível, mas agora eu não posso simplesmente falar com ela que já estou

PERIGOSAS ACHERON

recuperada. Antes preciso falar com Enzo.

— Estou tendo avanços. Eu tive uma lembrança recente e...

— Teve? — Ele pergunta quase se engasgando com café. Olho de lado e quase morro com o sorriso de felicidade dele. Estou me sentindo uma maldita. Enzo se vira todo para me olhar. Está quase eufórico. — Do que se lembrou? Por que não me contou?

Coloco mechas de cabelo atrás da orelha, engulo saliva e penso em algum momento da minha vida para falar; os dois estão me olhando na expectativa e o que vem na mente eu falo:

— Eu não te contei porque queria ver a lembrança com mais nitidez.

— E o que é? — Enzo indaga.

— Estávamos andando de moto. Era um lugar aberto e parecia de manhã.

— Meu amor. — Ele me puxa de repente e me abraça. — Que bom que está lembrando. Esse foi um dia importante para nós dois. — Ele me afasta, dá um beijo nos meus lábios e sorri para a mãe.

— Eu tenho fé que tudo vai ficar bem para vocês. — Ela afirma convicta.

— Sim, tenho certeza. — Enzo concorda respirando fundo, e curva em minha direção para mais um beijo.

Foi como um soco no meu estômago. Assim que chegar em casa, irei contar pra ele, contarei tudo. Ou melhor, hoje à noite eu contarei tudo. Afinal tenho planos para agir assim que ele sair. Só preciso saber onde vou deixar as crianças.

E isso logo foi resolvido. Da casa da mãe de Enzo, seguimos para a casa do meu pai. Estava me sentindo com o coração na mão. Louca de ansiedade. Agora que me lembro de tudo, estou louca de saudade, querendo abraçá-lo, sei que vou chorar muito e por isso pedi a Enzo que me deixe na porta e dê uma volta no quarto com as crianças. Eles podem não entender o porquê o avô e a mãe estariam chorando.

E assim aconteceu. Ele já estava preparado, Camila tinha dado um calmante para ele e, quando ela abriu a porta para mim, já estava com lágrimas nos olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Malu! — Ela me cumprimenta, abraçando. — O papai não aguenta mais de ansiedade. — Ela cochichou. — Quer muito te rever.

— Eu também preciso vê-lo. Ele já sabe? Que fiquei com amnésia?

— Sim. Já sabe. Vamos vê-lo?

Entro com ela para a sala e já fico emocionada de rever a casa. Passamos pelo curto corredor e chegamos à sala de estar. Ele está lá, como me lembro. Sentado na sua poltrona favorita e já chorando. Parece ter envelhecido dez anos nos últimos meses. Os cabelos antes ainda com fios pretos, estão agora quase todos brancos. Ele não tem mais o charmoso cavanhaque e parece bem mais magro. Fico parada na entrada, e ele só chora tentando se levantar. Vou em direção a ele.

— Oi pai! — Não consegui aguentar e as lágrimas descem em um pranto como o dele. Nos abraçamos e ele me aperta bem forte. Teresa está ao lado também em lágrimas.

— Você voltou. Eu quis tanto te abraçar mais uma vez, minha filha.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou aqui agora.

— Durante todos esses meses eu perguntei a Deus qual o sentido de ter te tirado da gente. — Ele faz uma pausa e continua: — Mas agora agradeço por Ele ter te trazido de volta.

Ele afasta o abraço e olha meu rosto. Toca meu cabelo, minhas bochechas e sorri enquanto chora. Volta a me abraçar e chorar.

Pouco depois Enzo entra com as crianças. Não estamos mais chorando e eu fico emocionada vendo os dois correrem para abraçar o avô.

Ficamos para o almoço. Mais tarde fomos embora. Enzo sai às duas e eu decido arrumar as coisas. Mando uma mensagem para Jorge e ele disse que tem algumas coisas em mãos.

Combino de encontrá-lo à tarde e ele disse que às cinco horas o detetive daria a ele uma segunda resposta.

Dou banho e arrumo as crianças, me apronto, pego a bolsa e chamo um táxi. Em pouco tempo chego de surpresa na casa de Julia. Preciso de duas coisas: um lugar para deixar as crianças e

PERIGOSAS ACHERON

um aliado. Tenho certeza que Julia vai colaborar sem pensar duas vezes.

— Malu? — Ela exclama pasma quando me vê.

— Oi. Vim fazer uma visitinha.

Ela me dá um olhar suspeito e me deixa entrar com as crianças.

— Meninos! Johnny e Anna estão aqui.
— Julia grita estridentemente. De longe já posso ouvir o barulho de passos apressados. E então os três chegam. Eles têm por volta de seis anos e são bem bonitos. Os meninos são idênticos, os cabelos claros, quase loiros, e se parecem muito com Max. Já Melissa, com essa cabeleira loira rebelde, é como se eu visse Julia na infância.

— Oi tia Malu! — Os três cumprimentam alto, quase em uníssono, como alunos em sala de aula.

— Oi crianças. — Curvo e faço um cafuné em cada um. — Como estão crescidos. — comento.

— Anna, venha ver nossa cabana de colchão. — Um dos meninos grita, chamando a
PERIGOSAS ACHERON

atenção de Geovanna.

— Eu que.. que... fiz! — O outro apressa em dizer, entrando na frente do irmão.

— Mentira que eu também ajudei! — Melissa grita, mas é quase ignorada pelos irmãos, que levam Anna em direção à escada.

— O que aconteceu com o cabelo deles? — indago para Julia, ainda olhando a criançada se afastar. Caminhamos para o sofá e ela explica:

— Max tem umas ideias de vez em quando. Cismou que ele mesmo iria cortar os cabelos dos meninos. Os dois ficaram animados com a ideia do papai cortar o cabelo. E deu nisso. Eu ainda não tive tempo de levá-los ao cabeleireiro para consertar.

— Enzo não pode saber disso. Senão vai querer fazer no Johnny — comento.

— Aconteceu alguma coisa? — Julia questiona, mudando de assunto. Ainda está me olhando curiosamente.

— Sim, vim pedir que me dê cobertura.

— Adorooo! — Ela fala, esticando a

palavra. — Resolveu planejar? Contra Enzo?

— Não. Não é contra Enzo. Passamos uma noite maravilhosa no hotel, ele me deu uma joia e estou apaixonada. Caída de amor.

— Sem novidades, né? Você sempre foi assim.

Ignoro esse comentário.

— É sobre Emily. Eu liguei para Jorge e...

— Malu! Eu não estou acreditando. — Ela corta o que eu ia falar. — Eu aceito que tenha perdoado Enzo e tal, afinal é seu marido e você o ama. Mas Jorge? E tudo que ele mentiu para você?

— Por isso mesmo. Ele tem uma dívida comigo. Eu fiz ele se aliar a mim, era o único que podia me ajudar sem Enzo perceber.

— Esqueceu de mim e Dani?

— Para que seus maridos descobrissem e colocassem tudo a perder? Não podia arriscar.

Ela parece aceitar. Assente e olha em volta.

— E o que vai fazer? Me conte tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pedi a Jorge para descobrir tudo que puder sobre aquela meretriz. Vou aproveitar que Enzo tem reunião com cliente hoje e vou atrás daquela sem vergonha.

— Malu, mas isso é arriscado. Além do mais eu quero ir com você. Quero ver a safada levando uma sova.

— Não dá. Você precisa ficar com as crianças para mim.

— Ai, verdade. Max também tem essa tal reunião. — Ela pensa um pouco e depois parece ter uma ideia. — Não podemos levá-los? Jorge fica no carro com eles.

— Não, Julia. Estou indo tirar satisfações da doida. Não é lugar de criança.

— Tem razão. — Ela concorda ainda pensativa creio que tentando encontrar uma saída.

— Além do mais, Jorge estará comigo. Vai dar tudo certo.

— Nossa, já estou com coceira supercuriosa. Me deixe a par de tudo, Malu.

— Claro.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou muito feliz que você esteja um passo à frente do seu marido espertalhão. Quero ver a cara dele quando souber que você pode também armar planos.

— Espero que Enzo não pire quando eu contar que fui ver a pilantra.

— Ele não tem esse direito. Agora me conte cada detalhe sobre o que está pensando em fazer.

Conto para Julia tudo que estou pensando e ela me dá umas ideias. Quase quatro da tarde, o táxi chega e eu volto para casa para o encontro com Jorge.

Ele demora mais ou menos meia hora para chegar. Quando chega, está afoito, os olhos saltados.

— E então? O que conseguiu? — pergunto logo na lata.

— Sente-se que o assunto é forte. — Eu corro para o sofá, sento com ele e Jorge abre um envelope. — O detetive que contratei foi em Angra, onde Emily morava e desde lá ela trabalhava como babá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, Rebeca me indicou, ela foi babá de Bernardo.

— Logo depois disso, ela fez um curso e se especializou em auxiliar de enfermagem.

— Sim, isso eu sabia.

— Mas o que você não sabia é que ela planejou vir para sua casa.

— Como assim? — exclamo desorientada.

— Segundo a mãe de Emily, ela sempre falava sobre um cara chamado Enzo. A mãe achava que era um cara que ela tinha conhecido na internet.

— Acha que Enzo conheceu Emily antes dela vir para cá?

— Provavelmente ela o viu antes em algum lugar e se interessou pelo babaca. — Jorge não deixa de alfinetar. Desconsidero isso, estou mais interessada na história. — O que eu acho é que o plano de Emily era muito amador. Ela queria vir para sua casa e conquistar seu marido.

— Que ódio. E eu como uma tola facilitei

PERIGOSAS ACHERON

a vida dela. — Dou um soco na almofada.

— Pois é. — Ele anui. — Ela usou Rebeca para vir para cá. Isso foi fácil. Mas então o mais inacreditável vem agora, Malu.

— O quê? — pergunto atenta e sento ereta na ponta do sofá.

— Há uma ligação de Emily com outra pessoa, o que me fez imaginar que ela não agiu sozinha.

— Como é que é?

— O detetive não teve tempo de apurar todos os fatos, mas o que descobriu me deixou desconfortável e ele me ajudou a elaborar uma reconstituição dos fatos, já que não sabemos como tudo aconteceu. Pensamos que Emily começou com um plano fraco, mas essa pessoa foi atrás dela, começou a bancá-la e foi o cérebro por trás de tudo. Emily age com a emoção, ela não armaria algo tão detalhado.

— Jorge, dá pra falar tudo de uma vez? Está me matando. — falo alto, jogando os cabelos para trás. Tô pra ficar doida de nervosismo.

Ele tira um papel e estende para mim. .

Olho para o papel e, meio trêmula, pego a folha.

— O apartamento em que Emily mora está no nome dessa pessoa. Lilian, ex-mulher de Enzo.

Coloco a mão na boca e arregalo os olhos quando vejo o nome. Vaca maldita. Voltou para me atazanar. Eu sempre pressenti que Lilian não iria deixar barato.

— E não é só isso. O detetive pesquisou mais fundo e descobriu que Lilian assinou um termo de responsabilidade para Emily trabalhar em um hospital aqui do Rio. — Levanto os olhos e, chocada, cravo meu olhar no de Jorge. Ele parece pálido e meio indeciso, mesmo assim prossegue: — O mesmo hospital que que você foi levada quando sofreu o acidente. E por pouco você não acabou morta por Emily.

Me levanto de supetão. Agora, aterrorizada. Meus olhos ardem e sinto algo amargo subir no meu paladar, como fel na boca.

— Jorge...

— Malu, o caso é muito sério. — Ele segura no meu braço e me faz sentar novamente.

Sinto meus lábios trêmulos. — Segundo Clarisse, você estava marcada para morrer por uma das enfermeiras.

— Que era Emily?

— Sim. Emily ofereceu dez mil para um enfermeiro te matar na UTI. É terrível dizer isso, mas você está aqui, viva, graças a uma divina coincidência. Clarisse estava no lugar certo, na hora certa.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Não sei se de medo, raiva ou alívio por ter sobrevivido a duas tentativas. Coloco a mão na garganta. Estou apavorada, sabendo que essa louca esteve tão perto dos meus filhos. Agora sei que aquele sonho que tive pode se cumprir, que não sou só eu que estou na linha de tiro. Qualquer um corre perigo.

Agora tudo faz sentido. Aquele medo da minha mãe, medo de me deixar sair, medo de contar alguma coisa pra mim. Ela me salvou. A mãe que sempre odiei, que não foi nada além de uma sobra pra mim, aquela que maldisse por tanto tempo, me ajudou quando estava sozinha, prestes a ser assassinada. Isso me dói tanto, de raiva, de pavor, de amor. Não importa o que Clarisse fez no

PERIGOSAS ACHERON

passado. Minha mãe tem de volta meu perdão.

— Então agora não estamos lidando só com uma doida. São duas doidas. — Eu falo, refletindo compartilhando da mesma tensão que banha os olhos de Jorge.

— Pelo menos é o que imagino. Por que outro motivo Lilian bancaria Emily? Elas nem se conheciam.

— Jorge, venha comigo — digo decidida e me levanto.

— Quer ir encontrá-la?

— Agora mais que nunca.

— E o que pretende, Malu? — Ele se levanta também.

— Não sei ainda. Juro que não sei. Só preciso olhar pra cara daquela cretina. Preciso mostrar a ela que eu sobrevivi a qualquer joguinho que ela tenha feito, e se eu sobrevivi uma vez, não vou cair tão fácil. — Pego minha bolsa e olho para Jorge. — Depois eu conto tudo pra Enzo e ele toma as providências burocráticas. Mas no momento agirei sozinha, o assunto é mais pessoal do que imaginei.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

|27|

MARIA LUIZA

— Malu, por que não chamamos a polícia? Assim, se ela confessar alguma coisa... — Ele começa a sugerir enquanto dirige rumo ao endereço de Emily.

— Ela não vai confessar nada, Jorge. Ela vai vir com tudo pra cima de mim.

— Por isso que eu acho arriscado. Ela tentou te matar! Ela pode ter uma arma, isso é perigoso, Malu.

— Não haverá tempo para ela pegar uma arma. Apenas dirija, Jorge.

Nesse momento estou sem plano algum. Talvez seja mesmo perigoso. Eu devia ter pensado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com mais calma antes de sair assim para a casa dela.

Eu devia ter contado para Enzo e agora tenho a chance de chamar a polícia antes de confrontar Emily. Mas o que eu vou falar? “Oi, venham agora aqui, vou invadir a casa de uma bandida.” O certo seria eu não ir. Eu nunca fui boa em planejar, sei que para pegar Sophia e Thomas, os rapazes precisaram pensar muito e fazer tudo certo. Foi quase uma força-tarefa.

Por enquanto a única coisa que me deixa mais aliviada é que Jorge estará comigo.

— Contou a Enzo sobre ter recuperado a memória? — Jorge questiona e eu olho para ele. É, eu sei, isso está me matando. Enzo talvez tenha o costume de omitir coisas e encenar como se nada tivesse acontecido. Mas eu fico assim, aflita por dentro.

Assim que recobrei a memória, mantive o segredo numa boa, porque eu achava que ele estava me enganando e eu queria pegá-lo no flagra. Mas agora, depois de Enzo ter mostrado total sinceridade, não dá simplesmente para eu continuar com isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Malu? Me ouviu?

— Sim, Jorge. Eu ouvi. E não, não contei pra ele. — Termino de dizer e ele solta uma sonora gargalhada maldosa.

— Isso está me saindo melhor que a encomenda.

— Por que está rindo? — Lanço um olhar raivoso para ele.

— Porque estou feliz em saber que o bunda-mole do seu marido está sendo enganado.

— Para de falar assim. Vai me deixar pior do que já estou.

— Não fique mal por causa dele. Aquele cara deve esconder coisas de você que até o cão duvida.

Sinto um calafrio ao ouvir isso.

— Tá, Jorge. Só não se meta.

— Quer saber? Ele escondeu que se encontrava com Emily. Depois disse que era apenas conversa. Quem pode provar que era apenas conversa?

— Isso se chama confiança, sabia? Eu não

preciso de provas, eu preciso apenas acreditar na palavra dele. Além do mais eu já enterrei esse assunto há muito tempo.

— Enterrou o assunto, mas está indo tirar satisfação da dita cuja.

— Jorge! — grito, quase transtornada. — Eu não estou indo atrás dela por causa de Enzo e sim porque ela agiu contra mim. Situe-se.

— Tá, não está mais aqui quem falou. Só quero que saiba que em caso de divórcio, por favor, me deixe ser seu advogado. Quero arrancar até as porcarias de cuecas dele.

— Você morreria se sua vida dependesse disso.

Jorge e eu paramos na rua do prédio onde Emily mora. Fico pasma ao constatar que é bem perto do antigo apartamento de Enzo. A safada arquitetou tudo mesmo. No dia que eu fui conhecê-la, ela já planejava seduzir meu marido. Que ódio mortal eu sinto nesse momento, por pouco ela quase conseguiu.

— E agora? O que faremos? — Jorge

PERIGOSAS ACHERON

indaga, de olho em mim.

— Não sei. Estou pensando. — Olho para ele e tento encontrar alguma resposta no olhar sério, mas Jorge parece tão perdido quanto eu. Essa coisa de investigar não parece tão fácil na vida real. Nas séries, as respostas parecem cair do céu. Suspiro e pego meu celular.

— Vou ligar pra Enzo e contar para ele onde estou — aviso e aperto o número um, que é a discagem rápida para Enzo. Decido confessar para ele que estou à espreita na casa de Emily e que preciso contar a ele algo que eu escondi. Acho que desabafar nesse momento será o melhor remédio.

— Espera. — Jorge faz um sinal para eu parar. — Olha lá. — Ele aponta para a frente. Desligo a chamada que comecei e olho. Ao longe, Emily sai do prédio. Está toda arrumada, de óculos escuros e roupa provocante. Ela recebe uma chave da mão de um homem que deve ser o porteiro, e entra em um carro.

— Droga. Ela está saindo — resmungo e bato a mão no painel do carro de Jorge. — Merda! Agora não sei quando vou poder vê-la de novo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amanhã, talvez. — Jorge diz dando de ombros.

— Amanhã não dá. — Não digo a Jorge. Apenas lembro que Enzo disse que amanhã vai me levar na empresa, que todos estão ansiosos para me ver. E na parte da manhã minha mãe vai à nossa casa. Ela vai conhecer os netos. Não contei ainda para meu pai e Camila, mas Clarisse fez esse pedido e eu não posso negar.

— O que acha de saber mais sobre ela? — Jorge pergunta apontando o carro de Emily com o queixo.

— O quê?

— Vamos segui-la. Pelo jeito ela não está indo trabalhar. E se estiver indo encontrar Lilian?

— Isso, Jorge! — exclamo já alvoroçada. — Vamos segui-la e descobrir mais coisas dessas duas piranhas.

Jorge dá a partida e saímos um pouco atrás de Emily. Temos que fazer igual aos filmes, seguir o carro com uma distância segura para a pessoa não perceber. E o melhor é que o carro dela é vermelho, fica mais fácil mantê-lo em vista.

PERIGOSAS ACHERON

Seguimos calados, entrando em cada rua que ela entrava até que o carro parou em frente a um hotel. E ficou lá parado sem que ela saísse de dentro. Olho para o hotel me dando conta de que é algo luxuoso.

— Ela não vai descer? — indago, mirando quase sem piscar, o carro de olhos semicerrados.

— É com certeza um encontro. Ela deve estar esperando a pessoa. — Jorge opina, também de olho no carro.

Pego meus óculos escuros dentro da bolsa, ajeito meus cabelos, pego minha bolsa e levo a mão na maçaneta da porta. Jorge segura meu braço.

— Ficou louca? Pra onde está indo?

— Vou aproveitar que ela está sozinha e no meio da rua. Olha o tanto de gente! Essa cretina não poderá fazer nada comigo.

— Malu, espere. — Jorge tira o cinto e eu abro a porta, mas então, antes de sair do carro, vejo algo estranho. Um carro passa por nós. É grande, bonito, branco, uma SUV. Uma BMW.

Ai meu Deus! Eu sinto um tremor quando

PERIGOSAS ACHERON

penso no que pode ser. Jorge olha para mim sem entender e depois segue o olhar para onde estou encarando, atenta. O carro para um pouco à frente do veículo vermelho de Emily e a porta do carro dela se abre. À frente, a porta da BMW também abre e, horrorizada, olho o homem saindo de dentro.

— Rá! Pegamos o safado! — Jorge também está de olho e bate no volante comemorando por estar vendo Enzo em um lugar que ele não deveria estar.

Mil coisas passam na minha cabeça. Ele pode estar querendo fazer o mesmo que eu. Talvez seja uma armação, como a que ele e os outros dois armaram para Sophia.

Fico sem batimentos e sem reação, meu sangue parece congelado e meus pulmões nem sonham em reagir. Como em câmera lenta, assisto ele andar até o carro vermelho, Emily sai de dentro e o cumprimenta com um beijinho nos lábios.

Enzo se afasta de leve como se fosse pego de surpresa, mas não faz nada com ela. Apenas começa a caminhar em direção à entrada do hotel, e ele deixa que ela segure em seu braço.

Eu não penso, não grito, não choro, não pondero sobre porra alguma. Apenas saio do carro, cega de raiva. Ouço uma buzina e uma freada em cima de mim, atravesso a rua sem olhar. Nem paro, continuo andando rápido, estou quase alcançando os dois quando ouço atrás de mim uma voz bem perto me chamar; penso ser Jorge, mas em uma virada brusca vejo a porta de outro carro abrindo e Davi saindo. Fico parada olhando aturdida e Emily percebe. Eles não entram no hotel, ela me olha surpresa e depois olha para Enzo. Caminho rápido e os alcanço; Enzo parece um fantasma quando me vê.

— O que está acontecendo aqui, Enzo? — Ela grita enfurecida e começa a empurrá-lo. — O que essa vaca está fazendo aqui?

Oi? Ela me chamou de vaca? Ela está pedindo explicação a ele como se eu fosse a intrometida? Não espero Jorge ou Davi chegarem perto de mim, dou mais alguns passos e colo neles.

Ignoro totalmente a existência dessa vagabunda e olho para Enzo.

— Pode me dizer o que está acontecendo? — Estou mesmo mantendo a maior calma do
PERIGOSAS ACHERON

mundo. — Tudo tem explicação, dessa vez não vou surtar como no dia que peguei os dois no flagra.

— Malu... você não deveria estar aqui. — Ele murmura.

— Eu não deveria, Enzo? Ou será que você não deveria?

— acredite, queridinha, ele está certo, você não deveria. Será que não se deu conta ainda que o cara já está em outra? — Emily fala com um sorriso desavergonhado. — Acho nojentas essas mulheres que não aceitam que o marido se cansou delas e encontrou alguém melhor. — Enfim olho para ela.

— Você pode fazer um favor para a humanidade e calar essa maldita boca? — Torno a ignorá-la e olho para Enzo.

— Malu, você precisa ir embora, pelo bem... — Enzo começa a falar, já impaciente. Eu olho aterrorizada para ele. Ele está ficando do lado dela? Me mandando ir embora?

— Ouviu ele, não é, querida? Saia! Fora daqui! Espere o pedido de divórcio, deixa o homem ser livre e fazer as próprias escolhas. Você não

passa de uma vaquinha mimada que...

Uma fúria cega me toma, encaro-a pronta para arrebentar a cara dela, mas não tenho tempo. Enzo interfere. Há muitas pessoas em volta que pararam para ver o fuá.

— Quer saber? Cansei dessa porra. — Ele grita e me puxa para perto dele. — Está vendo essa mulher aqui? — grita com muita raiva olhando para Emily e aponta para mim. — É quem você nunca chegará aos pés. Não importa que tipo de armação você faça, não importa se tenta matar alguém, ou fica no meu pé, ela sempre será a única pra mim. Será que não se deu conta que isso aqui, entre eu e ela, é só nosso? Não cabe outra pessoa, não haverá outra pessoa. — Emily está paralisada, olhando para ele com os olhos saltados e os lábios entreabertos. Eu estou da mesma forma em choque, pega de surpresa com a declaração explosiva dele. — Será que é tão burra que não pode ver quando um cara não te quer? Eu amo minha esposa, eu amo só ela. — Termina de dizer e segura meu braço. — Vamos, Malu, acabou essa palhaçada. — Eu viro com Enzo, pronta para ir, toda sensível e trêmula. Agora de emoção. Eu vi emoção nele enquanto se

PERIGOSAS NACIONAIS

declarava em alto e bom som. Vejo Jorge parado perto do carro dele, e bem perto da gente estão Davi e Max. Não damos dois passos quando ouço a voz atrás da gente:

— Você pode continuar amando-a. Mas no inferno.

Eu e Enzo nos viramos e quase tenho um treco ao ver Emily apontando uma arma para a gente. As pessoas que estavam perto entram em desespero correndo alvoroçadas e Enzo me aperta em seu braço.

— Emily, abaixe essa arma. — Ele pede com uma mão na frente, mantendo a calma.

— Deixou de ser uma paixão, Enzo. Agora eu quero que você se ferre. — Aperto firme o braço dele. Emily está sorrindo psicoticamente. — Eu poderia explodir sua cara, mas seria fácil demais, você não sofreria. — Ela vocifera para Enzo. — Eu quero que passe a vida se sentindo culpado pelo que vai acontecer ao seu amorzinho. — Ela deixa Enzo de lado e aponta a arma para mim.

— Saia de perto dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Emily! — Ele grita desnortado e ameaça um passo em direção a ela. Sem avisar, ela dá um tiro pro alto e quem ainda sobrava por perto, corre para os lados se escondendo.

— Fique longe. — Ela avisa Enzo. — Você, venha comigo. — Volta-se para mim.

— Me leve! — Enzo grita, me mantendo atrás dele. — Malu não tem nada a ver com isso.

— Está errado. Ela tem tudo a ver. Desde o início eu assisti vocês dois serem esse casal perfeito. Mas não existe perfeição! — Ela grita e enxuga uma lágrima. — Nós dois estivemos juntos, Enzo, foi ótimo, você não deveria ter olhado para trás. — Ela sacode a arma para ele. — Eu te amei, eu te daria o que quisesse, te daria mais filhos que essa oca não pode mais te dar. Não deveria ter voltado com ela.

— Minha vida já é completa com meus filhos. E não voltei pra Malu. — Apesar de estar sendo ameaçado, ele ainda retruca. Seguro forte na camisa dele. — Eu nunca fui a lugar algum. Ela sempre esteve comigo.

— Enzo... — murmuro já começando a

PERIGOSAS ACHERON

sentir minhas lágrimas. Não quero que ele fique na linha de fogo, não quero que aquele pesadelo se concretize. Quando eu sonhei com Emily atirando nele. Não sei o que será de mim se acontecer algo com ele por minha causa.

— Malu, saia daqui. — Ele murmura para mim. Olha de lado e vê Davi e Max atordoados, bem perto, querendo agir mas com receio de encostar. — Leve-a daqui, Davi — ordena ao irmão em uma voz rouca e muito aflita.

— Dê um passo e eu mato os dois aqui! — Emily grita para Davi e Max, que não se mexem. Ela olha além de mim e vê algo atrás. Uma fúria quase palpável invade o olhar de Emily e eu percebo que agora as coisas vão piorar.

— Veio com a polícia? — grita com a arma quase no nariz de Enzo. — Estava armando contra mim?

— Emily, não acabe com sua vida. Entregue-se e tudo vai ficar bem. — Ele pede, tentando parecer calmo.

Olho para trás e vejo dois homens se aproximando; estão armados e vindo em nossa

direção. Eles se escondem atrás de um carro.

— Afastem-se todos. — Um deles grita, não há mais ninguém por perto. A rua está praticamente vazia e, à frente do hotel, apenas nós três. — Vocês dois, pra cá — chama Max e Davi. — Atenção, fique calma largue a arma.. — Agora ele fala com Emily. Estou aterrorizada, segurando firme em Enzo.

— Saia. De. Perto. Dele. — Ela torna a exigir, agora compassadamente, os dentes trincados de ódio. E sem pensar duas vezes eu saio de trás dele e levanto minhas mãos. Não há tempo para ele agir, Emily coloca a arma na minha cabeça.

Tudo vem à minha mente quando sinto o cano na minha têmpora. Meus filhos, meu pai, minha irmã e tudo que eu ainda tinha pra viver, pra recuperar com Enzo.

Fechos os olhos, sinto as lágrimas deixando meus olhos e meu corpo balançando de terror. Sinto frio, o clima hoje é quente, mas estou quase batendo queixo. Ouço Emily gritar: “Afastem-se ou acabo com ela aqui”, abro os olhos e vejo Enzo completamente desesperado, gritando com ela, pedindo e implorando que ela o leve no meu

PERIGOSAS ACHERON

lugar. Eu não consigo discernir as palavras, eu não consigo entender o que ela fala.

— Enzo... — Eu o chamo, ele não me olha; continua falando sem parar, pedindo a Emily que me deixe ir, fazendo mil promessas a ela. — Enzo... — Torno a chamá-lo e ele enfim olha pra mim.

— Não fala nada. — Ele pede, acho que imaginando que eu possa querer dizer adeus.

— Eu sinto muito. Eu me lembrei. Eu me lembro de tudo. Eu ia te contar, eu juro que ia te contar.

— O quê? — Agora a atenção dele é toda pra mim, não está surpreso ou magoado, apenas me olha fascinado. — Malu...

Emily me empurra e grita para eu andar. Corto o contato visual com ele e vou andando em direção ao carro vermelho. “Anda, vaca!” — Ela grita com a arma atrás da minha cabeça. Olho e vejo todos quase tão desesperados quanto Enzo, que está já no meio da rua. Max e Davi e, ao longe, Jorge, mas ninguém faz nada. Ela me faz entrar no carro e eu olho uma última vez pra ele antes de ela

entrar atrás me obrigando a ficar no banco do motorista.

— Se eu descobrir que estamos sendo seguidas, eu acabo com ela! — Emily grita antes de entrar também no carro.

— Ligue e dirija! — Tudo parecia em câmera lenta, flashes confusos, agora minha ficha parece cair e eu me vejo no olho do furacão com Emily gritando no meu ouvido. Com as mãos trêmulas, não contesto. Ligo o carro e saio dali. Ainda tenho chance. Estou viva, ainda tenho chance. Repito isso várias vezes enquanto dirijo sem rumo.

— Vá para o lugar onde sofreu o acidente. Eu farei o trabalho bem feito dessa vez. — Ela ordena e eu apenas penso em planejar uma saída. Mas ela não me deixa pensar, ela quer torturar eu e Enzo antes de acabar comigo. Pega o celular no bolso da calça, digita e coloca o celular no painel. O suor cobre o rosto dela e os cabelos loiros grudam na testa. Ela está totalmente transtornada.

— Emily. — É a voz de Enzo. Está no viva-voz.

— Quero que escute tudo que vou falar. Nunca mais vai ouvir a voz dessa desgraçada! — Ela grita para o telefone.

— Emily, você precisa... — Ele começa a dizer, tentando acalmá-la.

— Cala a boca! — Ela grita interrompendo. A arma balança contra minha cabeça. Olho de relance, ela toma fôlego e começa a confessar. — Eu gostei do Davi. Era bonito, másculo, cheiroso. A vadia da Rebeca, aquela sonsa imbecil não merecia aquele homem. Mas ele me descartou como se eu fosse nada. Então eu vi alguém muito melhor que Davi. Eu te vi no casamento da Rebeca. — Ela confessa e eu apenas dirijo para a estrada que leva ao sítio de Enzo, onde tivemos nossa primeira vez, e Emily não sabe nada disso. Ela não sabe que era para lá que eu estava indo no dia do acidente.

— O dia que a oportunidade bateu, eu não planejei nada, apenas fiz o que tinha que fazer, fui para sua casa porque eu te queria, Enzo. E você não olhava pra mim. — Berra tão alto que as veias do pescoço estão saltadas. — Miserável!

— Emily, podemos nos encontrar e

PERIGOSAS ACHERON

conversar sobre isso. Me diga onde vocês estão. — Ele pede, noto que já está perdendo a paciência e posso ouvir buzinas, sei que ele está no carro tentando nos encontrar.

— Não. Agora só vai ouvir! — Emily grita para o telefone. — Minha sorte foi encontrar Lilian. Na verdade, ela me encontrou e propôs que eu tinha que fazer alguma coisa com essa estúpida que você diz amar. Lilian não queria apenas o fim do casamento, ela queria mais. Então planejamos o acidente. Eu enviei um e-mail falando a Malu que você a estava traindo. A tola da sua esposa é tão ridícula que estava planejando uma noite de amor com você e contava tudo pra mim. — Emily solta uma gargalhada cruel. Tenho certeza que Enzo está tremendo de ódio, como eu estou. Estou quase deixando esse carro de lado e pulando em cima dela. Mas continuo firme, já estou chegando na estrada.

— Lilian foi esperta. — Emily continua a confessar. — Ela pagou alguém para que quando Malu estacionasse o carro na porta do prédio, o cabo do freio fosse parcialmente cortado. E tudo aconteceu como planejamos. Ela flagrou você e eu,

PERIGOSAS NACIONAIS

saiu correndo sabendo que é uma incompetente e que está longe de ser uma mulher à sua altura.

— Você está ferrada! — Enzo grita perdendo a paciência. — Vou acabar com sua raça!

— Agora eu sou a culpada? — Ela grita de volta entre a loucura e o sarcasmo acho que já nem tem mais juízo certo. — Essa safada te perseguiu, ela teve a cara de pau de contar pra mim que te perseguiu e que no fim vocês acabaram juntos. Ela armou para você e ainda ficou com ela? Você não devia ter me rejeitado!

— Desgraçada. — Eu murmuro chorando. Lágrimas de ódio.

— Cala a boca! — Ela grita pra mim. — Sabe o que é melhor? Você não morreu. Mas eu achei que poderia te matar, eu te vi naquele hospital, tão vulnerável, e mais uma vez você sobreviveu. Será diferente agora, eu mesma farei o serviço. — Ela pega o celular e coloca perto de mim. — Diga adeus a ele. Fale! — grita com o celular quase batendo em minha boca. — Fale suas últimas palavras, quero ouvir você despedir do homem que deveria ser meu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não penso duas vezes. Respiro fundo, tomando fôlego.

— Lembra quando tudo começou? — falo com ele. Fico emocionada e um bolo começa a tampar minha garganta.

— Malu... — Ele começa a falar, mas eu não permito.

— Enzo... a dois passos do paraíso. — Emily dá uma gargalhada e desliga o celular. Arranca a bateria e o joga no banco de trás.

— Belo adeus, querida. Continue dirigindo.

PERIGOSAS ACHERON

|28|

ENZO

Assim que Emily desliga o celular, eu tenho um momento de pane. Dou uma freada brusca no carro, parando-o no meio da rua movimentada. Vários carros começam a buzinar atrás e eu fico com a cabeça baixa, tentando recobrar a respiração e o pensamento lógico.

Por que isso está acontecendo? Por que diabos tudo isso aconteceu comigo e com minha família? Um sentimento assassino tão forte me toma que me deixa rígido de ódio, acho que se eu pegar Emily ou Lilian na minha frente eu mato as duas. Eu acabarei numa prisão pegando pena de trinta anos, mas estarei satisfeito. É quase uma necessidade vital ver as duas se foderem por toda essa vingancinha de merda, de mulherzinha hipócrita. Lilian tem que se meter na minha vida por quê?

Assim que Emily enfiou Malu no carro e
PERIGOSAS ACHERON

saíram da frente do hotel, eu não esperei a polícia agir, não esperei nada. Estava no piloto automático, entrei no meu carro, Davi ainda tentou me impedir. Dei um empurrão muito forte nele que, se não fosse Max atrás, ele teria caído de costas no chão. Saí dali cantando pneus. Mas acabei perdendo-as de vista.

Os carros continuam buzinando e meu celular toca. Peg-o depressa achando que é Malu. Mas é Davi.

— Onde você está? — Ele grita.

— Ela ligou. — Eu respondo me sentindo meio tonto, enjoado.

— O que ela disse? Onde você está? — Davi berra afobado. Tínhamos tudo planejado e acabou dando errado. Eu acho que vi Jorge por lá, e se ele for culpado de ter colocado Malu nessa confusão, juro que ele também vai pro saco com Lilian e Emily.

Só então eu penso no que ela disse. Não Emily. No que Malu disse.

“Quando tudo começou.”

Ela me contou que se lembrou, que a
PERIGOSAS ACHERON

memória voltou e o que ela disse ao telefone não foi ao acaso. “A dois passos do paraíso.” Duas lágrimas seguidas saem do meu olho, limpo-as depressa.

— Davi, preste atenção. Chame a polícia, leve-os para a estrada que leva ao sítio do papai.

— Ela disse que está indo pra lá?

— Apenas faça isso. Malu acabou me contando onde elas estão, ou para onde estão indo.

— Ligo o carro e piso o pé sem dó no acelerador.

— Enzo, tome cuidado. — Ele fala antes de desligar.

Ela se lembrou, eu tenho Malu de volta. A Minha Maria Luiza de antes. E não pode terminar tudo assim, numa grande bagunça armada por uma louca. Limpo meu rosto, com lágrimas e suor.

“Para de ser uma bichinha agora. Vire homem!” Eu penso reclamando de mim mesmo. É hora de ter todo sangue frio possível. De agir com a mente, de pensar em cada detalhe.

Ninguém consegue nada na emoção. Os melhores assassinos da história trabalhavam com a razão e demoraram em ser pegos. Davi trabalha com a razão e quase nunca é pego. Tamborilo os dedos no volante, olho todo interior do carro e leio a minha frente no painel: “Airbag.” Estou em um carro grande, novo e potente. Passo o cinto de segurança e enfio o pé no acelerador.

Não quero pensar agora nas crianças, nem em Malu. Nada que me traga sentimentalismo. Para agir com a cabeça, devo apenas ter um foco. Um médico que precisa operar a mãe em estado crítico dificilmente conseguirá um resultado positivo. Mas se ele não souber que é a mãe que está na mesa, ele realizará a operação com sua competência rotineira.

Algo muito escroto está formando na minha mente; é meio fantasioso, mas é o que penso no momento. Se eu alcançá-las, ela pode muito bem fazer uma loucura. Não posso permitir que aquela sem noção pressinta perigo. Pego outra via na estrada, seguindo para outro lado. Já fui tantas vezes nesse sítio que conheço umas três formas de chegar lá.

Muitas coisas que passam na TV

funcionam na vida real. E nada do que ficamos assistindo pode ser repetido em casa. Mas em momentos assim não há muito o que raciocinar ou opção para escolher.

Faço mentalmente um balanço de onde elas estavam, e como eu sei que Malu está dirigindo e usaria só o caminho principal, uso isso como base para cortar caminho paralelamente. O celular toca mais uma vez. Coloco-o no viva-voz.

— Fala, Davi.

— Estamos na estrada. Encontrou elas?

— Ainda não — respondo sem querer imaginar em encontrar a cena do carro capotado na estrada. — Estou pegando um atalho.

— Enzo, pare e espere. Eu e Max estamos chegando, a polícia também está a caminho. Você não pode resolver nada assim, de sangue quente, ela está armada, cara.

Eu fico um tempo calado, apenas dirigindo. Não tenho o que responder. Eu tento agir com frieza, mas Davi tem razão. O que poderei fazer se eu conseguir alcançá-las? E se meu plano meio doido não funcionar? E se Malu sofrer as

consequências por minha causa? Isso tudo pesa em mim.

— Enzo? — Davi me chama.

Meu estômago revira e minha boca fica tão seca que parece feita de areia.

— Cuide de Anna e Johnny. Não deixe nada faltar a eles. — Eu peço, sentindo meu coração doer de raiva, de culpa e de aflição.

— Cara, para de falar isso.

— Eu só acho que se ela fizer algo com Malu, não terei como ficar impassível. Eu serei obrigado a acabar com a vida dela.

— Fique calmo, pare aí e espere a gente.

Olho para o ponteiro do velocímetro, quase chegando a cento e quarenta.

— Fique aí no telefone. — Eu peço parecendo um mela-cueca. Mas no momento não sou Jason Statham para passar por isso tudo e continuar com cara de briga.

— Tá legal. Estou aqui. — Davi responde.

Esse seria um momento para ele estar me acalmando, me falando para pensar no amanhã e

PERIGOSAS ACHERON

confiar no amor, confiar que Deus não vai deixar nada de ruim acontecer. Mas isso simplesmente não acontece. A realidade pegou todos desprevenidos e sei que Davi confia mesmo em mim e no que eu possa estar planejando.

As únicas coisas que conversamos é sobre o caminho que estou tomando. Consigo alcançar a pista que é por onde acho que Malu está indo. Peço a Deus em uma prece interna, que faça com que elas não tenham passado ainda. Paro o carro e fico de olho no retrovisor, olhando para a estrada atrás.

— Davi, parei o carro. — Olho em volta e explico a ele onde estou.

— Estou chegando.

Não espero muito, quase dois minutos depois que parei, vejo um carro vermelho vindo atrás. Ligo o meu e espero, seguro firme no volante e olho a placa para ter certeza que são elas. O pé pronto para a pisada brusca, fecho os olhos e conto até três, meu coração parece que salta a mil.

— Davi, é agora.

— Agora o quê? — Ele berra com uma voz urgente.

Não respondo, abro os olhos, o carro vem em toda velocidade, leio a placa e faço tudo muito rápido. Como planejei: como Jason Statham faria no cinema e daria certo.

Piso o pé, o carro avança, vejo pelo retrovisor o carro vermelho se aproximando e quando noto que ele não conseguirá frear, faço mais uma prece por Malu e puxo o freio de mão ao mesmo tempo em que rodo o volante. Gira violentamente meu carro na pista e o carro vermelho vem com toda velocidade e enfia na lateral da minha BMW. Caraca! Meu carro já era.

A batida foi tão forte que o meu carro foi empurrado para o outro lado, fui jogado pra frente com toda força e o *airbag* explode na minha cara, amortecendo meu rosto contra uma batida no painel.

O cinto aperta muito forte e, quando enfim o carro para um pouco à frente, fico alguns segundos imóvel, e solto um gemido involuntário ao perceber que algo em mim dói. Eu apalpo meu peito, sentindo meu braço dilacerar de dor. Estou zozzo e dolorido, mas ainda consciente. Olho pelo retrovisor e o carro vermelho está lá atrás,

atravessado na pista, a frente toda destruída.

— Malu... — sussurro e empurro a porta com força. Ela está emperrada por causa da batida. — Meu Deus! — exclamo pensando se foi boa ideia eu fazer isso. Mas foi a única coisa que me veio à mente. Em algum lugar ouço Davi me chamar pelo celular.

— Estou bem — digo, sentindo minha voz em um fio. — Maria Luiza precisa de ajuda. — Evito entrar em pânico. Consigo me livrar do cinto e olho para meu braço. Está preso na porta, mas consigo mexê-lo. Não quebrei. A clavícula dói, mas ignoro tudo isso e forço a porta, coloco toda a força e ela começa a ceder. Paro de forçar, respiro fundo e olho para a outra porta, do passageiro, que está intacta.

Meu fôlego vai acabando e então a porta se abre e noto que foi aberta por fora. Bem perto do carro, com sangue na testa e de um lado do cabelo, está Emily.

Ela segura em mim e me puxa para fora. Tento ficar de pé, mas noto que minha perna também machucou; tudo gira na minha cabeça e acabo caindo.

— Malu... — murmuro olhando ao longe o carro amassado. Lá dentro posso ver que o *airbag* do motorista funcionou e tenho um pouquinho de esperança que ela esteja bem. Emily me joga de costas no asfalto, o baque me causa um franzir involuntário do rosto. Tenho uma crise de tosse e tento me levantar. Tudo gira mais uma vez e Emily se joga em cima de mim.

— Enzo, me perdoe. Fique comigo. — Começa a apalpar meu braço machucado. — Estou aqui, meu amor. Fique comigo, olhe pra mim. — Pede e me beija várias vezes na boca e no rosto. Tento afastá-la e me levantar. Emily parece bem mais saudável e me empurra de novo. — Vai ficar tudo bem, eu vou te ajudar, só não me deixe, eu te...

Antes de ela falar, algo muito estranho acontece. Emily é arrancada de cima de mim.

— Vai pagar por tudo que fez, vadia! — Viro o pescoço e vejo Maria Luiza com sangue em seu rosto, de pé, arrastando Emily.

— Malu... — murmuro, mas ela nem me olha. Ouço barulho de carro vindo e peço aos céus que sejam Davi e Max. Tento me levantar, escoro uma mão no chão e posso ver Malu dando uma PERIGOSAS ACHERON

bofetada em Emily.

Emily conseguiu se levantar e as duas estão de pé. Malu parece desorientada e sem ritmo, nada de golpes ensaiados, é apenas fúria tão viva e maciça que posso ver daqui. Ela não espera Emily revidar ou se defender. Vai pra cima com toda a raiva, socando-a em sequência, dando tapas fazendo a cabeleira dourada de Emily dançar no ar.

Ela simplesmente não para, recebe também um ou dois tapas, mas continua batendo.

— Malu... — Eu chamo de novo e ela não responde. Com uma aparente força e berrando fora de si, Malu segura muito forte nos cabelos de Emily; as duas caem no asfalto e Maria Luiza sobe em cima da outra, dando muito tapa na cara dela e gritando coisas como “vagabunda”, “desgraçada”, “filha da puta”.

Emily segura muito forte na roupa de Malu e a consegue rasgar. Fico de pé e vou mancando para perto delas, vejo Davi e Max vindo correndo, o carro que parou é deles.

Maria Luiza simplesmente não para com os golpes e Emily não consegue mais se defender

dos tapas e socos.

— Maria Luiza! — Seguro no ombro dela e tento puxá-la de cima de Emily. Por mim ela ficaria batendo o dia todo, mas tenho medo de acontecer alguma coisa e a desgraçada acabar morta.

— Me deixe! — Ela grita com uma voz medonha. — Essa vadia vai aprender a nunca mais mexer comigo. — E dá-lhe tapa com as costas da mão, e soco com a mão fechada e puxão de cabelo; Emily já está chorando e gritando, tentando bater em Malu.

— Enzo. — Ouço atrás de mim, segurando meu braço dolorido. Viro e olho. É Davi.

— Estou bem. Tire Malu daí. — Eu peço e ele precisa da ajuda de Max para arrancar Malu de cima de Emily. Mesmo assim ela esperneia e grita ensandecida, sendo levada pelos dois.

— Cadela! Me largue que eu vou acabar com ela. — Davi tenta manter Malu perto do carro, mas ela está praticamente sem juízo, ela quer voltar e acabar com Emily. Mancando bem rápido, vou para perto dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei. — Dou um tapinha no rosto dela. — Olhe pra mim, acalme-se. Acabou. Está tudo bem. — Ela para de se debater e me encara; e só então parece que percebe a realidade e se solta das mãos de Max, pulando em meu pescoço.

— Tive tanto medo. — Ela começa a chorar copiosamente no meu ombro dolorido, enquanto eu a abraço com uma única mão. Malu tenta me falar alguma coisa, mas está emocionada demais, o choro a está engasgando.

— Tudo está bem agora. Eu estou aqui — sussurro no ouvido dela deixando-a se dissolver em lágrimas.

Ainda abraçado a Malu, vejo Emily se levantar e virar as costas pra gente. Ela começa a andar mancando e depois a correr, acho que querendo fugir. Como em filmes, a polícia só chega quando o bafafá acabou.

— Fique aí. Deixe ela comigo. — Davi fala e corre, alcançando Emily.

— Coitada! Entre um cachorro bravo e Davi correndo atrás, eu optaria por um cachorro bravo. — Max fala compenetrado, vendo a cena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me largue! — Emily grita histérica.
— Seu maldito, filho da pu... — Antes de ela terminar de proferir outro insulto, Davi segura no queixo dela.

— Escuta aqui, garota. Você não queira mexer com o Brant errado. Não sou Enzo e você sabe disso.

Ela para de se debater e fica de cara fechada, olhando para ele.

— Boa escolha. — Davi solta o braço dela, mas fica perto, como uma guarda-costas. E Emily sabe que ela não pode mais fugir. Ela fica de cabeça baixa até a polícia chegar, com as ambulâncias.

Ela é uma excelente atriz. Nesse instante voa em cima de Davi, arranhando-o como uma pantera. Seguro firme Malu para ela não se intrometer, Davi sozinho dá conta do recado. Ele tenta segurar Emily, Max corre para ajudar e mesmo com os dois a imobilizando, ela se debate gritando, berrando e falando coisas desconexas.

Acredita que precisou ser sedada pelos paramédicos quando a ambulância parou?

PERIGOSAS ACHERON

E Davi soube perfeitamente o que ela estava aprontando.

— Emily está criando o álibi dela. — Ele fala quando chega perto de mim. Todo mundo presenciou uma cena de louca, há policiais de prova, e agora, com esse show que ela deu, será difícil algum juiz aceitar penalizá-la como uma pessoa normal.

— O que quer dizer? — Malu dá um passo à frente, já vibrando de raiva. — Quer dizer que ela pode não ser presa? Todo mundo viu que ela tentou me matar, e me raptou.

— Com um bom advogado, ela pode conseguir um atestado de esquizofrenia. Vamos torcer para que a justiça seja feita. — Davi analisa. Os paramédicos chegam rápido e eu e Malu somos levados para ambulâncias para receber os primeiros socorros.

No momento não quero saber o que vai ser de Emily ou Lilian, estou mais preocupado em sair daqui, em poder ver meus filhos de novo, em ter minha vida de volta. Lembro que Malu me disse que recobrou a memória. Solto um sorriso aliviado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Há tantas perguntas que tenho para fazer e ainda bem que tenho a chance de poder conversar e ter todas as respostas, cada uma no seu tempo.

PERIGOSAS ACHERON

|29|

ENZO

Tudo já estava bem. Eu e Malu fomos levados na ambulância e ficamos no mesmo quarto no hospital. Malu está ótima, só teve leves arranhões. Eu achava que ela estava muito ferida, quando o carro se chocou no meu e eu não conseguia ver movimento no carro de Emily. Senti algo muito ruim, foi quase como o que senti quando vi o carro queimado do primeiro acidente.

Eles imobilizaram minha perna e prenderam meu braço em uma tipoia; tive uma pequena fratura no pulso; para completar, me colocaram uma coleira ortopédica. Quando eu tive esse plano mirabolante, nunca pensei que ficaria nesse estado. Meu carro é grande e tem um bom sistema de proteção. Mas ainda prefiro eu do que

Malu.

Ou seja, não vou poder trabalhar, nem andar e sexo nem pensar. Sem falar que vou precisar de Malu para pegar minhas cervejas e já estou vendo tudo que ela vai aproveitar para me colocar naquele tal regime que ela queria. Estou pensando numa forma de subornar Anna ou Johnny.

O médico pediu que eu ficasse vinte e quatro horas em observação e Malu insistiu que queria dormir no hospital comigo. Julia veio e convenceu-a a sair de perto da minha cama e ir embora.

Davi ficou comigo até o outro dia de manhã, quando recebi alta e fui para casa.

Agora já estou em casa. Foi uma briga épica porque eles queriam me colocar acampado no quarto para eu não me movimentar subindo e descendo as escadas, mas eu impus minha vontade, freei meus cem quilos de homem e eles tiveram que aceitar o que eu queria.

Nesse momento eu preciso de apoio

PERIGOSAS NACIONAIS

emocional e nada melhor que meu sofá, minha TV, o controle remoto na mão e uma cerveja em outra, para me deixar calmo e minha recuperação ser acelerada.

As crianças estão aqui perto de mim, me fazendo um milhão de perguntas sem esperar eu responder duas ao menos. São muito atenciosos os dois, tendo cuidado para não tocar em mim, estão com medo de me machucar. Eu disse que não precisavam se preocupar, mesmo assim ficaram retesados, me olhando perplexos.

Mesmo todo duro de dor, eu os abracei bem apertado quando pisei o pé dentro de casa. Por um instante eu achei que não os veria mais. O alívio de estar em casa e de enfim tudo estar bem, foi a melhor coisa que senti, e olhando para Maria Luiza, tenho certeza que compartilhava do mesmo sentimento que eu.

Desde o início as crianças ficaram apreensivas quando me viram chegar como uma múmia, apoiado por Davi, mas expliquei a eles que o papai acabou topando o carro; e ainda aproveitei e dei um pequeno sermão sobre usar cinto de segurança.

PERIGOSAS ACHERON

— Vão brincar, deixem o papai descansar. — Malu fala com eles e senta ao meu lado. Os dois não contestam e pulam para o chão, se esbaldando na pilha de blocos de montar.

— Como está? — Ela pergunta, olhando para minha perna estirada em cima de uma almofada.

— Nada que vá me impedir de jogar uma pelada com os rapazes daqui uns dias.

Ela levanta os olhos para cravar o olhar no meu. Nós dois viramos e encaramos Johnny e Anna brincando no tapete. Lágrimas descem dos olhos de Malu.

— Eu não acredito que quase perdemos tudo isso. Por causa de uma nada, por causa de uma infeliz.

— Venha cá. — Puxo-a com meu braço saudável para perto de mim. — Não vamos mais pensar nisso. — Malu se ajeita recostada em mim e puxa o ar profundamente.

— Eu nunca vou ter paz. Lilian está por aí e...

— Shhh. Não. Ela não vai fazer nada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contra a gente. — Eu garanto, certo do que falo. Já estou com algumas coisas em mente e acho que Davi pode cuidar disso pra mim.

— Como sabe? — Malu me olha curiosa e ainda aflita. É minha obrigação manter minha família protegida e sem preocupação. Eu não estou preocupado. Penso, mas abro a boca e dou uma explicação mais concisa.

— Lilian está em um bom casamento e Emily está presa. Lilian fará de tudo para não se envolver nessa confusão, ela não vai querer ser foco de revistas e jornais. Se formos atrás dela para tentar fazer ela pagar, isso pode nunca acabar, um sempre se vingando do outro. Escolho por ficar em paz, o que acha?

Só que nunca. Nem fodendo vou deixar essas duas saírem ilesas.

— Eu também. Chega de confusão, estamos recomeçando nossa vida juntos, as crianças precisam da gente.

Trago o rosto dela para perto e dou um beijo nos lábios. Limpo os resquícios de lágrimas dos olhos dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostei daquela surra no asfalto — sussurro, fazendo Malu rir.

— Eu estava fora de mim. A raiva me dominou. Eu acho que se tivesse deixado eu acabaria matando a desgraçada. — Volto a beijá-la; lembro de algo e me afasto do beijo.

— Então recuperou a memória? Quando foi isso?

Ela se mexe aparentemente desconfortável e desvia o olhar. O semblante fica carregado e ela fala de uma vez:

— Eu fui uma imbecil. Escondi de você para tentar saber se estava mentindo.

Um arrepio corre na minha pele ao ouvir isso. Ela se lembrou, mas continuou fingindo? Que porra é essa?

— Quando foi, Malu? — Agora não sorrio mais, olho-a com sobrancelhas baixas. Necessito de explicação.

Malu me encara um tanto receosa.

— Por favor, não fique bravo comigo. — Ela pede em um sussurro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me conte — peço, ainda sem demonstrar nenhuma emoção.

— Lá no sítio. Quando caí na piscina. — Ela responde sem desviar os olhos dos meus. Solto o ar pela boca e viro para o outro lado, completamente surpreso. Desde o sítio? Que merda!

— Por favor, me entenda... não fique bravo. — Ela torna a pedir e eu volto a olhá-la. — Eu estou muito arrependida, devia ter contado naquele dia.

— Quem mais sabe?

— Ninguém. — Ela responde depressa.

— Nem Julia?

— Nem Julia. — Malu afirma depressa. — Ela poderia descuidar e deixar escapar algo pra Max.

— Qual foi o sentido dessa enganação toda?

Indago bem concentrado nesse assunto. É uma coisa humana: as pessoas mentem e omitem, como eu fiz, mas não suportam que façam isso

PERIGOSAS ACHERON

contra a gente. Malu ainda se mostra um pouco aflita e preocupada. Ela engole seco e fica com os ombros baixos, olhando para as unhas com cara de culpada. Cara de quem fez besteira e agora está arrependida, precisando de perdão.

— Eu me lembrei de tudo. Consequentemente, sabia que você estava mentindo sobre o sítio. E como eu sabia do flagra que dei em você e Emily lá no apartamento, eu queria ter certeza do que tinha acontecido aquele dia.

— E teve essa certeza?

— Sim. Você disse que o porteiro falou que ligou para mim, denunciando você e Emily. Mas isso foi mentira, eu recebi um e-mail e não uma ligação, me lembrava disso muito bem. Então soube que era tudo um plano dela.

— Quando pretendia me contar sobre isso?

— Logo, eu juro. Eu consegui umas informações sobre Emily e estava indo atrás dela. Foi quando tudo aconteceu.

Eu assinto ainda sem demonstrar nada.

— E então? Você pode me perdoar sobre

PERIGOSAS ACHERON

isso?

— Malu, você não vai se safar tão fácil. O que Jorge estava fazendo lá?

Ela respira fundo e abana a cabeça em um gesto de “ferrou”.

— Eu precisava de alguém nulo nessa história, para fazer um serviço pra mim. Eu pedi a Jorge que investigasse Emily e então ele trouxe as respostas, daí fomos atrás dela.

— Sabe que eu não quero você andando por aí de amiguinha dele, não é?

— Não sou amiguinha dele. Ele queria se redimir pelo que fez e resolveu me ajudar.

— Eu quero que você se mantenha afastada dele. Isso é o que importa.

— Jorge vai voltar para Brasília.

— É o melhor que ele faz.

— Então está tudo certo? — Malu tira os cabelos dos olhos e me olha atentamente, quase sem piscar.

Eu teria ficado realmente muito bravo em outro momento, mas depois de tudo que aconteceu,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não quero sonhar em ficar com raiva dela. Nada é mais gostoso que uma segunda chance. Puxo-a para me abraçar.

Malu se agarra a mim em um forte abraço.

— Não vai falar nada? — Ela pergunta em um sussurro temeroso.

— Não acho necessário.

Malu se afasta e me olha atentamente.

— Mas eu preciso que fale alguma coisa.

Dou de ombros.

— Digamos que eu não fui um marido muito verdadeiro. Te obriguei a assinar um contrato, menti pra você, te levando de novo para o sítio, omiti algumas coisas no início.

— Eu acho que você tem todo direito de cobrar de mim, como eu cobre de você. — Ela comenta, acho que ainda se sentindo culpada. Malu quer que eu fique chateado com ela? Quem no mundo consegue entender a mente de uma mulher?

— Mas não sobre isso. Estou muito feliz que tenha recobrado a memória, que seja de novo a Malu de antes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que bom, amor! — Ela começa a me dar muitos beijinhos no rosto e na boca. — Te amo muito.

— Também te amo — afirmo entre mais um beijo.

— Estou muito feliz que tudo enfim se ajeitou. Foi como tirar um peso de cima de mim. Todas as minhas questões foram respondidas. Lembrei do que vivemos, dos nossos filhos, foi como estar recebendo um presente.

— Nada me deixa mais feliz que isso. Não estava suportando a ideia de você não se lembrar. Já vou ter que suportar sua falta de memória quando você caducar daqui a uns cinquenta anos. — Malu começa a rir. — Será mais ou menos assim. — Pigarreio e começo a imitar vozes de velhinhos. Eu vou perguntar: — “Querida, lembra do George?” Você gritará de volta: “quem é George?”. “George, o filho da puta.” Eu respondo e você, já surda, vai me bater com a bengala: “me chamou de puta?”.

— Olha quem fala. Você vai caducar primeiro, meu bem. É dez anos mais velho que eu, esqueceu?

PERIGOSAS ACHERON

— Pois é, tá comendo a carne, vai ter que roer os ossos e sem falar que vai ter que gritar no meu ouvido que rato é diferente de gato.

Malu dá uma risada e se afasta um pouco, recostando nas almofadas. Adquiro um olhar sério quando lembro de outra coisa.

— Falando em se lembrar, me conte sobre o que lembra do acidente. O corpo que foi enterrado como sendo o seu será exumado em breve. Se lembra quem é essa pessoa?

— Sim, me lembro, não era alguém que eu conhecia.

— Quer falar sobre isso?

Malu ajeita o cabelo e fica olhando fixamente para Johnny e Anna. Acho que está revivendo os fatos para começar a contar. Prefiro que seja cronologicamente, desde quando ela deixou o apartamento; mas não pressiono, deixarei tudo com ela.

— Eu saí enlouquecida aquele dia. Não queria vir para casa porque sua mãe estava aqui com as crianças, não queria ir para casa de ninguém, queria digerir tudo sozinha. Então me

dirigi para o sítio, foi o único lugar que pensei naquele momento. — Ela olha para mim com olhos brilhantes e vejo que faz força para não chorar; eu a compreendo, está revivendo tudo de novo, ela acabou de ser vítima de uma louca, passou muito medo de tudo dar errado. Pego a mão dela e apertooa na minha. Ela olha para nossas mãos e continua a falar: — Me lembro de ser parada em uma blitz policial. Eu estava falando com Julia naquele momento, contei tudo pra ela. Os policiais me pararam, eles perceberam que eu estava muito nervosa, pediram para me acalmar e depois segui viagem; estava mais calma, pensando com mais racionalidade. Vinha tudo em mente: acabar com você, pedir o divórcio, fazer meu pai te expulsar da empresa, mesmo que isso fosse impossível; fui mais além e tive pensamentos mesquinhos, pensei muito em usar as crianças, jogar nossos filhos contra o pai, eu queria que de alguma forma você sofresse o que eu estava sofrendo.

— Eu sinto tanto por isso. Eu sofri cada segundo desde que você saiu daquele maldito apartamento e compreendo o que você estava passando. — Malu assente, se mantendo firme, piscando e suspirando para não derramar lágrimas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então eu a vi. Ela estava à frente, mancando. Era uma jovem, ela parou, olhou e acenou para o carro. Eu parei e ela se apresentou como Yvonne, era morena, bonita, estava vestindo um moletom e tênis de corrida. Disse que estava correndo e torceu o tornozelo, falou que a casa dela estava perto dali e eu dei carona.

— E então tudo aconteceu?

— Sim. Foi horrível, Enzo, tanta coisa me veio à mente naquele momento, eu não sentia mais raiva de você, só pensei que morreria e não veria mais você e as crianças mais. Pouco depois que dei partida novamente, em uma decida, eu tentei frear, mas estava sem freios. Um caminhão veio, eu perdi o controle, joguei o carro para o lado e mesmo assim bateu no caminhão e foi jogado; lembro do carro capotar duas vezes e, quando parou, estava em chamas; eu sentia muita dor, a cabeça parecia que ia explodir e comecei a tossir por causa da fumaça. Daí em diante tudo foi um borrão. Eu consegui sair, estava sem os sapatos, pois tirei para dirigir. Acho que acabei me distanciando da pista, por isso as pessoas que pararam não me viram. Eu caminhei muito, e não lembro de mais nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando acordei já estava no hospital com Clarisse do lado.

— E sobre o anel? Por que ele estava com o corpo?

— Ah! O anel da minha mãe. — Malu exclama, arregalando os olhos. — Você o recuperou?

— Sim, Camila reconheceu o anel, pois o corpo estava muito carbonizado.

— Ela viu o anel no meu dedo. — Malu fica com os olhos parados no nada enquanto fala — disse que era muito lindo. Eu agradei, disse que era da minha mãe. E ela pediu para ver. Foi nesse momento que eu estava distraída demais e tudo aconteceu.

Com certeza a batida do caminhão foi atrás, no tanque de gasolina, para fazer o carro pegar fogo, reflito sobre as possibilidades. O carro não teve uma explosão, ele queimou até os bombeiros chegarem. E enquanto ninguém chegava, ele queimava e Malu se afastava da cena do acidente. Pelo que penso, só o motorista do caminhão estava na pista num primeiro momento e

PERIGOSAS ACHERON

com certeza ele chamou a emergência. E por que ele não tentou salvar a vítima ou usar o extintor de incêndio do próprio caminhão?

É melhor esquecer isso. Já se passou tanto tempo que nem sei mais por onde anda o tal homem e não creio que ele tenha algo a ver com toda essa armação de Emily. Não tinha simplesmente como alguém saber para onde Malu estava indo, para esperá-la em uma emboscada. Acho que o choque o deixou sem reação.

Malu já está calada, com a cabeça no meu ombro, e eu abraçando-a.

— Tudo está bem agora. — Ela murmura, se confortando.

Ficamos calados vendo as crianças brincando distraídas, até Malu quebrar o silêncio com uma pergunta.

— Como será que Emily e Lilian se conheceram?

— É algo que também me deixou intrigado. Mas você ouviu a doida falando no telefone, que foi Lilian que a encontrou.

— É. No início era apenas Emily, apenas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um plano para ficar com o cara que ela gostou. — fala e em seguida ruge como uma leoa: — Que ódio!

— Sou um cara que não se esquecem fácil. Tenho essa coisa de gostosura inata — falo presunçosamente e Malu se ergue me olhando rígida e de olhos semicerrados.

— Está contando vantagem por que a doida te viu anos atrás e não esqueceu mais?

Ao invés de negar, endosso mais ainda o que eu disse:

— Como eu disse, sou inesquecível.

Ela bate no meu ombro e se levanta do sofá.

— Desisto de você, Enzo. — Olha para as crianças: — Acho que está na hora de ir escovar os dentes para dormir.

— Não estou com sono! — Johnny grita.

— Mesmo assim vamos escovar os dentes. Vamos, em fila. — Ela leva os dois e eu pego o controle da TV. Vida boa, é disso que eu estava precisando.

PERIGOSAS ACHERON

Eu tinha minha vida e minha família de volta e isso era quase um sonho — que durante os meses em que ela ficou desaparecida — eu pedia, imaginava como era ter tudo de volta mesmo acreditando que nada mais pudesse acontecer. Havia noites que eu simplesmente desacreditava em muita coisa por que a dor que eu sentia era demais para poder ter fé.

Hoje, eu agradeço até mesmo em momentos como no almoço, quando Maria Luiza toma conta da situação a gente tem que fazer o que ela quer.

Minha bela esposa, dona de casa por esses dias, conversa numa boa enquanto tem a cara de pau de colocar arroz com ervas e frango grelhado na mesa. Quem foi o cacete que inventou essa porcaria de frango grelhado? Com certeza foi uma mulher que queria foder a vida do marido, ou um fresco de mal com a vida.

Mais surpreso ainda foi quando ela disse que eu não teria direito a cerveja. Na minha frente, colocou uma jarra de suco vermelho. Só para pontuar: vinte e quatro horas sem cerveja. Será que alguém pode ficar do meu lado e me dar razão? — O que é isso? — pergunto apontando para o líquido

vermelho; juro que se for sangue eu me sentirei mais satisfeito.

— Suco de beterraba com limão. — Ela responde com pose de super chefe. — Você vai beber para dar exemplo para as crianças.

Você vai me agradecer daqui há vinte anos. Ninguém vive só de picanha assada, bisteca de porco e lasanha.

— Como assim? Eu e Davi comemos essas coisas a vida toda e nem por isso estamos morrendo. E duvido que ele permita Rebeca ou nossa mãe de fazer essa farra no almoço dele.

— Você não é Davi ou Max. É casado comigo e não com Rebeca. — Malu me dá um olhar superior.

— Malu, eu não vou...

Ela nem me ouve, vira as costas e sai da cozinha, gritando às crianças para almoçarem. Volta pouco depois com os dois. Johnny sobe numa cadeira e olha para a mesa.

— Não quero comer. — Ele grita quando se certifica que só tem salada, frango grelhado, o tal arroz com ervas e batatas cozidas cortadas em

PERIGOSAS ACHERON

quadradinhos.

— Vai comer sim. Olha como você está magro. — Malu implica.

— Você só vai conseguir emagrecê-lo mais com essa comida — comento e recebo um olhar duro da mãe leoa.

— Quero carne e macarrão. — Ele começa a choramingar.

— O garoto conhece as coisas boas da vida. — Eu dou mais força para Johnny me ajudar na rebelião.

— Não tem carne e macarrão. — Ela fala pegando os pratos. — Hoje a mamãe fez uma comida saudável.

— Vamos comer na casa da vovó então... Para o Johnny ficar satisfeito. — Anna opina, se portando como uma diplomata mirim, sem querer tomar partido entre a mãe e o pai; com certeza querendo dar linha na pipa e vazar também. Ela ainda foi delicada em enganar, como se estivesse encontrando uma solução para a birra de Johnny.

Malu coloca arroz nos dois pratos coloridos e depois um pedaço de frango para cada

PERIGOSAS ACHERON

um.

— Vamos provar a comida maravilhosa que a mamãe fez. O papai vai comer tudinho também.

Já que ela me colocou na enrascada...

— Quem quer molho barbecue? — Eu grito e os dois respondem ao mesmo tempo:

— Eu!!

— Está vendo como eles sabem o que é bom? — Eu levanto as sobrancelhas para ela. — Vai lá, amor, pegue o molho pra gente traçar esse franguinho.

— O que é traçar, papai? — Johnny questiona em um grito. Olho para a cara de poucos amigos de Malu.

É o que sua mãe não me deixará fazer com ela por um bom tempo se continuar provocando-a. — Eu penso.

— É o mesmo que comer — explico.

— Pessoas educadas não falam essa palavra, querido. — Malu fala com Johnny.

— O papai não é educado? — Ele

pergunta, de pé na cadeira.

— Ela quis dizer que pessoas frescas não falam, e o papai não é fresco, é macho. — Eu respondo e Malu atira em mim com o olhar.

Eu resolvo me calar e começar a comer. Minhas cervejas e minhas horas de sexo podem estar em perigo se Malu se enfurecer muito.

Três dias mais tarde, no sábado de manhã, eu já consigo caminhar. Clarisse veio visitar as crianças e foi bem recebida. Contamos o que aconteceu e ela disse que estamos errados em não fazer nada quanto a Lilian e Emily. Que elas precisam pagar pelo que fizeram. Malu concordou em ir à polícia na segunda-feira para ver como andam as coisas.

Max e Davi vieram me buscar, dizendo que tínhamos uma reunião muito importante agora. Malu queria enxotá-los, disse que eu só voltaria a trabalhar na segunda, mas dessa vez ela não ganhou. Eu consegui sair.

E não estávamos indo a porra de reunião nenhuma. Matheus já nos esperava em frente à mansão do marido de Lilian quando chegamos. Foi impagável a cara que ela fez quando me viu na porta. Ela demonstrou nos olhos arregalados e na cara pálida que era culpada.

— Enzo? — Consegue falar. Seus olhos saem da minha cara e noto que ela engole em seco quando vê Davi.

— Nos receba agora, ou prefere que fiquemos esperando seu marido chegar? — Eu comando com uma cara bem feia, a mais feia que consigo fazer.

Ela já sabe do que se trata. Achou que iria se safar, achou que ninguém viria atrás dela.

Lilian não fala nada, abre a porta e nos deixa entrar.

Ela fica de braços cruzados olhando para a gente. Matheus pega um papel e estende pra ela.

— Assine. — Ele fala somente. — Sou advogado de Enzo e, para seu bem, precisa assinar isso.

— Do... do que se trata? — indaga.

— Sabemos de tudo, Lilian. — Eu falo.
— Sobre Emily, sobre a quase morte de Malu.

— Eu não sei do que... — ela começa a falar e Davi dá um passo à frente.

— Querida ex-cunhada, sabe muito bem quem somos e sabe que precisa ter muito tutano para me enganar. Assine essa merda de uma vez antes que eu tenha que partir para o plano B.

— Eu não escolheria o plano B do Davi. Envolve caminhoneiros corruptos. — Max fala como em um segredo para Lilian, curvando pra frente e aconselhando como um bom amigo.

— Precisa de três capangas para vir me oprimir, Enzo? — Ela ironiza. — Desde quando se tornou tão covarde?

— Eu vim porque não queria perder a treta. — Max explica rápido sua presença.

— Oh, Lilian, eu não vim aqui para bater boca. Esse papel é um documento que você promete nem pensar mais em minha família ou na minha existência.

— Só isso? Sem polícia? — Ela olha para Davi. — Sem armações?

— acredite. Davi queria usar o plano B, ele não está satisfeito. — Max cochicha e Lilian o ignora com um olhar de desdém.

Ela pega rápido o papel e se afasta para ler. Davi olha pra gente e dá uma piscada matreira. Lilian demora uns dez minutos para terminar; quando se volta para nós, Max está com uma caneta estendida e um sorriso na cara. Ela toma a caneta, assina e nos devolve uma das vias.

— Você está certa que assinou um documento que proíbe você de ter qualquer ligação com a família do senhor Brant? — Matheus pergunta com essa pose de advogado.

— Sim. Isso é tudo?

— Sim. — Eu digo.

— Até nunca mais, vadia. — Davi murmura e todos saímos rindo.

Daqui dirigimos para a delegacia e o detetive, a principal testemunha contra Emily, nos concede uma cópia do depoimento de Emily. Depois nos leva até a clínica psiquiátrica onde ela está internada. Sim, o advogado dela conseguiu um atestado de esquizofrenia. Isso é revoltante, mas

parece que ela sabe muito bem o que tem que fazer para se manter longe da cadeia tradicional.

Quando chegamos, o detetive se apresentou, fomos enviados a uma sala de visitas e, assim que dois enfermeiros entram com Emily e ela nos vê, a máscara de doida que ela usa cai por terra. Fez uma cara pior que a de Lilian. Ficou quase em desespero. Ir pra cadeia faz qualquer um cortar prego.

— Sente-se, senhorita. — O detetive fala.
— Vamos conversar com você.

— Enzo... — Ela murmura olhando para mim. Seus olhos descem e ela encara meu braço na tipoia. Eu me mantenho com a boca fechada. Se traçar é uma palavra de pessoas mal-educadas, Malu ficaria horrorizada com o que falaria para Emily se abrisse a boca.

— O que vocês... o que querem comigo? Eu não... sei quem são vocês. Quero voltar pra minha sala. — Começa a encenar, olha desesperada e os enfermeiros voltam para pegar ela.

— Deixe. — O detetive pede. Os dois param.

Matheus se levanta e coloca um papel na mesa, à frente dela. O mesmo que demos para Lilian assinar.

— Assine. Sabemos que não está louca coisa nenhuma.

— O que é isso? — Ela pergunta olhando o papel.

— Algo que impeça você de ao menos pensar em mim e na minha família. — Agora eu consigo falar sem precisar usar palavras como filha da puta e desgraçada.

— Assine antes que eu perca minha paciência e faça com você o que eu deveria ter feito lá em Angra. — Davi se levanta e ameaça. De uma coisa todos nós aqui temos certeza: Emily tem medo de Davi.

Ela olha para a folha e começa a ler. Damos a ela esse tempo e, quando levanta o rosto, Max estende a caneta para ela.

— Você deu tanta sorte de se meter com Enzo e Malu. Eu não queria estar na sua pele se tivesse se metido a besta com uma mulher que tenho em casa, que meus filhos chamam de mãe. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Max usa muito sarcasmo em suas palavras. Emily, ainda assustada, não responde. Pega a caneta e, trêmula, assina a folha.

— Isso vai me levar pra cadeia? — Ela pergunta ao detetive.

— Qual a diferença disso pra uma cadeia? — Ele responde com uma pergunta cheia de ironia. Matheus pega o papel e guarda num envelope.

— Podem levá-la. — O detetive fala para os enfermeiros.

Emily olha para as câmeras na parede, para os enfermeiros e vira-se para mim. Fico espantado com a expressão repentina que ela faz.

— As vozes disseram que você viria, eu me preparei para te esperar. — Vem em minha direção, dou um passo para trás e os enfermeiros a seguram.

— Me solte! — Ela começa a gritar descontrolada. — Ele veio me buscar, vamos ficar juntos, Malu está morta! Ele me ama. — Ela se debate frenética, outro enfermeiro entra e aplica um sedativo. Emily começa a ficar mole e por fim é levada pra fora.

PERIGOSAS ACHERON

O detetive aponta para as câmeras e fala:

— Encenação.

— Pode deixar, temos tudo que precisamos aqui. — Matheus tranquiliza. — Ela está com medo, ela não fará mais nada com Enzo. Está louca para se livrar de tudo e sumir no mundo.

Saímos da clínica e nos juntamos numa agência dos correios.

Foi muito legal ver Matheus e Davi mexendo nos papéis para manipular os resultados.

Emily está nas mãos da Justiça, temos testemunhas de peso que viram o que ela fez, como Clarisse, que pode depor contra ela no hospício ou no presídio. Ela não vai escapar tão fácil.

Mas e Lilian? Vai ficar por isso mesmo? Vamos tirar o bem que ela mais ama: o dinheiro. Davi fez no computador uma confissão muito detalhada, como se fosse Emily confessando a participação de Lilian em tudo. Depois anexou isso a uma cópia do contrato de aluguel do apartamento em que Emily morava, e que está no nome de Lilian, e uma prova que Lilian assinou para ela conseguir um emprego no hospital. Por fim, o carro

de Emily que Lilian presenteou. Arrumamos tudo com a cópia do depoimento que Emily deu na delegacia e no final anexamos o papel que ela acabou de assinar.

O envelope foi enviado para o escritório do marido de Lilian. E lá estava explícito: “Mande-a embora, ou tudo vai parar na mídia.” — Fica com ele o encargo de punir Lilian. Colocamos como se Emily tivesse enviado o envelope para ele, assim a briga fica entre as duas a partir de agora.

— Eu só espero que tudo dê certo. — Eu falo, entrando no carro com Davi.

— E eu espero que não. — Max opina. — Queria ver um plano mais dramático do Davi.

Lanço um olhar e acabo rindo da tolice dele.

— Que foi, cara? Gosto de treta. — Ele explica, abano a cabeça e coloco o cinto.

— O que vamos ter pra comer hoje à noite na tua casa? — Davi pergunta a Max, mudando de assunto.

— Não sei. Mas a bebida fica por nossa conta. O que acham de irmos comprar agora?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porra, cara, você não poderia me propor algo melhor. Toca pra loja de bebidas, Davi.
— Todo animado, eu pulo eufórico no banco.

— Será que vamos conseguir encher a cara hoje? — Davi questiona virando uma rua, quebrando o rumo que tomávamos.

— É o que espero. Já que Malu tá regrando minha cerveja e a boceta dela.

— Está sem trepar? — Max pergunta quase horrorizado do banco de trás.

— Ela acha que eu ainda não estou bem. Sem falar que andei provocando-a.

— Tomou no cu, filho da puta! — Davi grita azucrinando.

Eu e Max gargalhamos. O cara acaba de xingar a própria mãe. E eu ainda bato com meu punho no dele, como se concordasse com o que disse.

PERIGOSAS ACHERON

|30|

MARIA LUIZA

Desde que tudo acabou, há uns três ou quatro dias, eu me sinto uma nova mulher, forte, revigorada, amada acima de tudo. Enzo tem me dado mais que apoio e carinho, ele está afirmando o fato que somos uma família e que vamos passar por cima de qualquer coisa.

Eu fui à empresa. Não para trabalhar, apenas para ver o pessoal, e acabei me debulhando em lágrimas vendo cada detalhe, cada rosto e cada coisa do jeito que me lembrava. Minha mãe veio visitar as crianças e contei a meu pai e a Camila que ela me protegeu e apoiou quando mais precisei. Eles não contestaram, e nem poderiam. Meu pai só disse que está feliz demais por eu estar bem.

PERIGOSAS ACHERON

Estamos no shopping, é sábado de manhã, Enzo foi para a empresa e, por coincidência, Max, Davi e Matheus também. Dia de trabalho no sábado ou estão planejando mais uma travessura? Não vou me importar. Não mesmo.

Eu tomei a iniciativa e convidei as meninas para um passeio, uma manhã das meninas. Estou morrendo de saudades de passar o tempo com elas, falar de livros, de roupas, dos filhos e fofocas em geral. Foi difícil, porque não somos mais aquelas garotas do Rio, solteiras e cheias de energia para liberar na noite.

Nossa energia está toda concentrada em oito crianças que tivemos que trazer com a gente; são dois meus, três de Julia, uma de Dani e dois de Rebeca. Soltamos todos na área de recreação e, depois de esperar Rebeca dar mil avisos para Bernardo, e ele gritar várias vezes: “Tá, mãe, eu não vou aprontar!”, fomos ser felizes olhando sapatos e roupas. Queria que Camila viesse, mas ela tem plantão no hospital agora e não pôde vir.

— Nossa, Malu, tudo isso parece um sonho, amiga, estou muito feliz por você. — Dani vibra, pega um sapato e me entrega. — Toma,

experimente esse. É sua cara.

O sapato que Dani me entrega é lindo. Salto quinze e vermelho.

— Eu também nem acredito, Dani. — Levanto e olho o sapato no espelho. — Tudo está bem, recobrei a memória...

— O senhor Marido Safado saiu impune. — Julia completa sussurrando, fazendo Rebeca e Dani rirem.

— Falou a mulher que caiu numa emboscada e acabou grávida de trigêmeos e não fez nada com o senhor Marido Safado.

— Prefiro nem comentar. — Rebeca murmura, demonstrando que ela também é suspeita para falar de maridos que esquematizam; vai dar uma olhada em outra prateleira de calçados. Tiro o que estou experimentando e olho a etiqueta embaixo.

— É, o seu é o mais safado de todos. — Dani concorda com Rebeca. — Tá corrompendo meu Matheus.

— O pobre Matt já virou indecente, Dani. Pode esquecer. — Julia interfere nos fazendo rir da
PERIGOSAS ACHERON

cara dela..

— Indecente é esse preço! — Falo alto e a atendente me olha feio. — Enzo pode pegar no meu pé por eu gastar tanto em um sapato. — falo baixinho perto de Julia. — Mas vou levar.

— Amiga, você trabalha e seu marido é rico. — Julia toma o sapato da minha mão e olha. Me devolve rápido. — Tem razão, caríssimo. Max diria que eu teria que tirar o Nescau dos meus amores para pagar esse sapato. Vou levar um também, o preto. — A atendente nos sorri feliz da vida.

— Falando em amores, olha só que mimo! — Dani grita quase descontrolada do outro lado. Nós três vamos ver e nos deparamos com a ala infantil.

— Awnn! — Eu e Julia exclamamos encantadas ao mesmo tempo, vendo-a mostrar uma sapatilha lilás.

— Melissa precisa de uma dessa. — Julia olha os calçados de meninas com os olhinhos brilhantes. Não posso falar nada, esqueci totalmente sapatos para mim e estou apaixonada

vendo tudo que poderia levar para Anna.

— Olha só esse! — Dani grita alvoroçada, apontando para outro calçado na vitrine. — É a cara da Sarah.

— Dani, você precisa levar esse. — Eu apoio e Julia olha quase delirando, com um sorriso enorme esticando as bochechas.

— Que droga, eu só passo vontade. Não tenho uma menina. — Rebeca olha os sapatos de meninos, sem muito interesse.

— Encomende uma, boba. — Eu e Dani viramos para Julia quando ela incentiva Rebeca, como se meninas fossem disponíveis no Mercado Livre e Rebeca pudesse escolher uma.

— Não. Os meninos já estão me deixando de cabelos brancos. Bernardo principalmente.

— Ah tá. Pensei que Davi era o causador dos seus cabelos brancos. — Eu comento e olho para Julia. — Vou buscar Anna. Ela é chata quando o assunto é sapato. Precisa estar aqui para escolher. Entrego meu cartão a atendente, espero ela trazer o sapato que escolhi e dou um até logo agradecida. — Automaticamente as três me seguem sem

contestar.

— Enzo também não te dá trabalho? — Interessada, Rebeca indaga.

— Lógico. E muito — afirmo convicta. — Você sabe o que acabamos de passar recentemente por causa da cabeça de vento dele.

— Ai credo, Malu! — Dani se benze antes de falar. — Nem gosto de pensar no que aconteceu. Desculpe, mas Enzo é muito sem noção.

— É, eu sei. Eu poderia ter acabado com a raça dele, mas fazer o que, né? Eu poderia hoje estar casada com um homem sério, elegante, apreciador de vinhos e de cinema clássico, um homem que nunca teria a coragem de insultar uma obra prima da Jane Austen.

— Entretanto... — Julia emenda, me incitando a continuar com o raciocínio; nós três rimos.

— É, entretanto meu coração se interessou por um cretino, cheio de gracinhas, que adora ficar só de bermuda em casa e é viciado em cerveja, sem falar nos campeonatos de vídeo games, nas comidas gordurosas e na presunção sem

limites. — Elas ficam me olhando com cumplicidade, dou de ombros e finalizo: — Mas não deixa de ser um refinado executivo, se vestindo muito bem em belos ternos e fazendo cara séria e tudo mais quando está na empresa.

— Te entendemos. — As três falam ao mesmo tempo dando a entender que os respectivos maridos são exatamente assim; e nós rimos paradas em frente a uma loja.

— Meninas, mas eles têm suas vantagens, né? — reconsidero e elas concordam:

— Sim, têm. Ogros têm suas vantagens.

— Enzo, por exemplo, é um pedaço de mal caminho. E quando eu digo mal caminho, é mal caminho mesmo. — Saímos de perto da vitrine e voltamos a andar. — Apesar das loucuras, ele me faz feliz, ele é carinhoso da maneira dele, tem um fogo ilimitado, e olha que já está praticamente completando quarenta. Há momentos que preciso enxotá-lo de perto de mim. Senão fica grudado o tempo todo. Ainda mais agora, depois de tudo que aconteceu.

— Max é assim também. — Julia admite.

— Já até planejou expulsar nossos filhos de casa com a mãe dele para poder ficar a sós comigo.

— Credo! — Dani exclama e para, paramos com ela. — Ficar um dia sem seus bebês?

— Um dia? Max quer mandá-los passear durante um final de semana inteiro. E os três têm apenas seis anos.

— Davi faz diferente. — Rebeca se prepara para narrar sua história. — Ele simplesmente passa em casa, me pega e me leva para um hotel, disse que não dá para fazer do jeito que ele gosta, na casa com a mãe dele e os meninos. Eu fico louca, preocupada com as crianças, mas ele acaba me convencendo com champanhe, banho de banheira e muitas safadezas na cama. — Ela faz uma pausa e depois me puxa. — Ai meu Deus! Olha essa blusa. Precisamos entrar nessa loja. — Beca completa com uma coisa nada a ver com o assunto anterior.

Entramos na loja. Uma garota com aparência e porte de aeromoça vem nos receber.

— Olá, sou Mariana, posso ajudá-las?

— Olá. — Rebeca responde ao

cumprimento. — Eu queria experimentar uma daquelas no manequim. — Aponta para a vitrine e a jovem passa os olhos pelo busto de Rebeca e fala:

— Trinta e oito?

Beca fica rosa de vergonha.

— Lógico que não. Trinta e seis.

— Desculpe. — A atendente esbanja um sorriso cortês. — Volto já, fiquem a vontade. — A jovem sai e Dani cochicha:

— Que indelicada. Te chamou de gorda e peituda, Beca.

— Eu não sou peituda. — Ela se olha num espelho. Julia já está enroscada em uma arara de vestidos, colocando um em frente ao corpo.

— Gente, aquela ali fora não é a Paula Fagundes? A mulher do jogador? — Rebeca aponta e nós três olhamos para fora da loja. A mulher passa conversando com um homem, indiferente de nós quatro dentro da loja observando-os.

— Sim. É ela. Fiquei sabendo que é fera em plantar chifres. — Dani cochicha. Deixamos a mulher de lado e voltamos a atenção para a loja.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É um pecado ela fazer uma coisa dessas com aquele homem. O cara é adorável, sem falar que é um gostoso. — Olhamos para Julia assim que ela comenta, estamos com uma interrogação pairando em conjunto.

— O filho deles era meu aluno ano passado. — Ela explica quando vê nossa cara de curiosidade. — Ele que ia às reuniões de pais, ela nunca apareceu.

— Ela devia dar graças a Deus. — Rebeca opina, ainda de olho na mulher lá fora. — Dizem que ralava dia a noite vendendo *Tupperware* de casa em casa; depois que arrumou um homem rico e bonito ela fica de sacanagem.

— É uma coisa que não tenho coragem de fazer nunca: trair. — Meio indignada, Dani não deixa de comentar. — E já falei com Matheus que se ele se interessar por outra pessoa, chega pra mim e fale. Vou sofrer, mas será melhor que descobrir safadezas.

— Nem me fale. — Eu resmungo tentando deixar todas as malditas lembranças ruins em um lado isolado da minha mente.

PERIGOSAS ACHERON

Mesmo que não tenha sido real, a imagem de Enzo com Emily nunca sairá da minha mente. Sem falar que ainda me flagro imaginando eles na cama. Me sobe uma raiva quando imagino isso. Aí me dá aquela vontade de voltar atrás e punir Enzo. Mas se eu o punir, vai desfazer o que ele fez com a cachorra? Não, né? Eu vou me sentir vingada, mas continuarei remoendo. O melhor é simplesmente esquecer.

Abano a cabeça tentando desviar desse assunto.

— Dani, nos conte sobre seu marido. — Eu me sento olhando elas analisarem a loja.

— Contar o quê? — Julia intervém, risonha. — Ela e Matheus estão há tanto tempo juntos que a relação deles deve ser o mesmo que assistir A Lagoa Azul. — Termina de zombar e dá uma gargalhada da própria piada.

— Há! Há! Vai achando. — Nós três olhamos para Dani quando ela resmunga e vem dar voz em sua defesa. Ela olha para os lados e confidencia: — Sexo anal. Alguém aí já tentou com um de seus ogros?

PERIGOSAS NACIONAIS

Não respondemos. Rebeca despista ficando corada e Julia cruza os braços, olhando interessada para Dani.

Dani se aproxima e dá um toque no queixo de Julia como se estivesse fechando a boca dela.

— A Lagoa Azul? Parece que o jogo virou, não é mesmo, amiga? — zomba com um ar prepotente.

— O quê? — Julia grita, quase jogando um vestido no chão. — Não vai me dizer que você já estreou... — Ela começa a falar e, com uma cara bem deslavada, Dani só balança o pescoço confirmando.

— Danada, quando fez isso?

Dani desfila, se achando poderosa.

— Querida, há coisas naquele meu quarto que até os anjos duvidam, e que Deus me perdoe por estar colocando os anjos nesse assunto. — Em frente a um espelho com nós três atrás, ela tira uma blusa da frente dos seios e coloca outra.

— Dói? — Eu pergunto, chocada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sente prazer lá? — Curiosa, Rebeca pergunta mais horrorizada.

— Cinco anos de casadas e aqueles três nunca propuseram isso? — Dani devolve toda moderna, se fazendo de pasma por nós ainda não termos experimentado tudo.

— Claro que sim. — Nós três respondemos.

— Volta e meia Enzo dá umas indiretas. — Eu sou a primeira a me pronunciar.

— É. Davi também. Eu acho muito pornográfico. — Rebeca se encoraja e também fala.

— Pornográfico? Isso porque não ouve as maneiras que Max tem de me pedir isso.

— Aqui está a blusa. — A jovem vem e entrega a blusa para Rebeca. Ela vai para o provador, Julia entra em outro com um vestido e eu e Dani ficamos do lado de fora.

— Conte mais, Dani! — Julia berra lá de dentro. — Eu tô achando nojento e impossível.

— Não é nojento quando sabe o que fazer. E a sensação é indescritível. — Não falamos nada,

PERIGOSAS ACHERON

dando a ela a oportunidade de continuar. E ela manda ver nos detalhes: — Antes de tudo precisa fazer um breve treinamento, com dedos ou plug anal, se tiver. O pau de um homem é muito maior que a entrada, e você precisa relaxar e só curtir. Pra ficar mais gostoso tem que deixar ele entrar e sair delicadamente, é muito delicioso.

Ela termina de falar e eu estou até com palpitação.

— Cretina sem vergonha. — Julia coloca a cabeça para fora do provador. — Dani, você é mãe! Para de putaria!

— E daí? Ele é meu marido, estamos juntos há mais de quinze anos, é como se fosse fazer coisas com meu próprio corpo. O nosso segredo é nunca enjoarmos um do outro, estamos sempre nos renovando, segurando a peteca com força. — Agora Rebeca também coloca a cabeça para fora do provador e ficamos escutando o sermão de Dani. — Não estou dizendo que o segredo de manter um casamento sólido é o sexo. Em parte, é sim, mas precisa da grande intimidade, quebrar todas as barreiras, engolir alguns sapos quando necessário e cuspir algumas fagulhas nas

horas certas. Não é uma questão de entreter o marido para ele não procurar fora. É uma questão de você mesma, como mulher, descobrir os prazeres escondidos no seu corpo e no corpo dele, lógico. Ter sinal verde e falta de vergonha para propor ou aceitar qualquer coisa. Sou apaixonada *forever* pelo meu advogado gostoso pauzudo.

— Dani, você falou coisas bonitas, mas é uma pecadora. — Rebeca volta para o provador. — Estou em cólicas imaginando esse tipo de coisa. Soa tão 50 tons.

— Vocês três têm a felicidade em casa e não sabem desfrutar. Façam de tudo, gente, boquete, anal, sessenta e nove, espanhola, a rola é propriedade de vocês, passada para seus nomes no cartório, deem asas à imaginação.

Nós três gargalhamos. Nunca tinha pensado nisso.

— É, podem rir. Eu sou mulher, mas tenho pau, ele fica bem guardado nas calças do meu amor.

Gargalhamos mais ainda.

— Está sugerindo que temos que fazer

PERIGOSAS NACIONAIS

experiências sexuais com nossos maridos? Tratá-los como objetos? — indago, olhando Dani desfilar por entre as araras de roupas.

— Claro que sim, né, Malu! — Ela bate as mãos na cintura. — Ou você é daquelas que prefere virar para o lado e simular uma dor de cabeça? Peça para Enzo ser seu objeto para ver o que ele responde.

Voo longe imaginando aquele pervertido arregalando os olhos e dando um sorriso largo se eu propor uma safadeza desse tipo. Meu sorriso se abre automático.

— O que mais vocês fazem, Dani? Quero dicas! — Julia pede, saindo do provador de calcinha e sutiã e o vestido na mão. — Ei moça! — Ela chama a jovem. — Vê se tem um número maior. — Sorridente, a mulher leva o vestido e Julia nos olha. — O que foi? Meus peitos estão levemente maiores; eu dei de mamar pra três esfomeados e eles nasceram juntos.

— Isso foi há seis anos, Julia.

— Deixe meus peitos de lado e vamos falar das safadezas de Dani.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora minha vida íntima não é mais tediosa, não é, senhora Ferraz? — Dani ironiza.

— A Lagoa Azul teve os momentos de sacanagem. Bote tudo pra fora.

— Vocês precisam comprar um vibrador. — Sucinta e cheia de autoridade, Dani dá a dica.

— O quê? — Nós três quase berramos, mas estamos na verdade só sussurrando.

— Pra que isso? — indago. — Não acabou de dizer que temos uma rola que nos pertence?

— É. Mas você tem que sentir o que é seu homem na porta dos fundos enquanto o vibrador está na xoxota. Ou vice-versa.

Ficamos sem fala, olhando para ela sem piscar.

Eu sei, não somos santas, conhecemos demais todas essas safadezas, adoramos livros eróticos, sempre compramos e trocamos umas com as outras, mas não achamos que logo Dani pudesse ser a safada do grupo. Eu juro que apostava todas as minhas fichas na Julia. Ou em mim mesma, já que Enzo parece ser o mais pervertido.

PERIGOSAS ACHERON

Dani se aproxima mais. E estamos bem próximas, Julia de calcinha e sutiã perto do provador.

— É uma sensação enlouquecedora. Me sinto triplamente excitada e bem apertada com o pau dele lá atrás e o vibrador na frente. Eu fodo de ficar pirada.

— Quero um desse! — Rebeca afirma categoricamente.

— Onde você adquiriu essas coisas? — Eu questiono olhando para os lados. — Internet?

— Tem uma sex shop aqui perto, eu sempre frequento. Vamos lá?

— Vamos — falamos mais uma vez, quase juntas. Olho no meu relógio de pulso.

— Droga, faltam só dez minutos para ir buscar as crianças.

— Vamos passar lá e pedir que eles fiquem mais meia hora.

Foi fácil deixar as crianças mais uma hora. A mulher disse que eles estavam bem e nem perceberam nossa ausência. Estavam felizes

brincando nos vários brinquedos.

A loja em que Dani nos levou é maravilhosa. Parece uma loja de brinquedos, milhares de coisas nas prateleiras e pendurados nas paredes em embalagens chamativas.

— Olá, sejam bem-vindas. — Uma mulher de cabelos vermelhos artificiais e uniforme preto e rosa vem em nossa direção. Está na faixa dos quarenta anos e tem uma aliança na mão esquerda. Ok, não será tão constrangedor.

Dani toma a frente, já que tem mais costumes nessas práticas.

— Oi, eu vim aqui umas duas vezes e contei para minhas amigas sobre segredinhos entre quatro paredes.

— Ah! Que legal. Temos iniciantes. — A mulher, supercarismática, bate palmas. — Sou Esmeralda. — Se apresenta.

— Pois é. Elas têm marido, mas não conhecem muitas coisas ainda.

— São casadas? — A mulher olha para nós três. Levantamos as mãos, exibindo as alianças.

— Que delícia! — Esmeralda se curva para a frente e sussurra como um segredo: — Vou ajudá-las a deixar seus machos pirados aos seus pés. — Ela começa a andar e, caladas, nós a seguimos. — Tem algo em mente? Temos anéis penianos, grampos para seios e clitóris...

Ela vai passando pelas prateleiras e apontando os produtos.

— Eu contei a elas que experimentei anal com meu marido e... — Antes de Dani terminar, a mulher se vira e arregala os olhos.

— É uma boa escolha. Um anal mal feito deixa a mulher traumatizada. Vocês precisam dos acessórios certos e boas dicas.

Ela se afasta e passamos a olhar as coisas nas prateleiras.

— Olha isso, meninas! — Julia segura um pênis enorme, mostrando para a gente.

Corremos para perto e lá onde ela encontrou esse, há muitos outros de todos os tamanhos.

A mulher volta com uma maleta vermelha, estilo valise de executivo, e faz um gesto para a gente; encostamos no balcão onde ela está.

Ela abre a maleta e dentro, em um estojo de veludo, há vários objetos.

— Essa é a maleta Supreme Anal, para iniciantes. Aqui tem os três tamanhos de plugs. — Ela aponta para três objetos metálicos, pontudos e de tamanhos diferentes. Engulo seco. — Géis. — Ela pega um vidrinho na maleta e nos entrega. Eu abro e encosto meu nariz. Tem cheiro de cereja. — São comestíveis, pode usar no pênis, na vagina ou no ânus. Esse aqui é gel lubrificante próprio para sexo anal. — Ela pega outro vidrinho.

Ela vai nos mostrando cada item da maleta, inclusive um guia de posições ideais para a primeira vez, o modo como deve higienizar e outras dicas. Ela nos aconselhou a apenas nós lermos, e deixar o homem agir por conta própria, com certeza eles sabem como usar o próprio pau. Acho que Enzo já deve ter feito com alguma mulher, do jeito que era rodado antes de começarmos a namorar. E mesmo se ainda não fez, convenhamos que o cara sabe por experiência de vida.

— Não tente controlá-lo nesse momento. — A mulher nos aconselha. — Essa é a dica que dou. Isso é algo que a maioria dos homens espera

fazer, vocês podem deixar tudo mais íntimo e relaxado, criem um ambiente agradável, vocês são casados, e já têm a química necessária, a confiança um no outro. E garanto que se deixarem eles conduzirem a situação, tudo será muito gostoso, acreditem. Depois da primeira vez, aí podem usar e abusar com vontade, sem importar quem comanda.

Cada uma de nós levamos uma maleta. Nem estou acreditando que vamos fazer isso. Esmeralda disse para voltarmos para conhecer a Supreme Sado-Maso depois de nos divertirmos bastante com a maleta.

Pegamos as crianças e fomos embora. Guardei a maleta e fui seguir a vida. Hoje teríamos um encontro divertido na casa de Max e Julia e, às seis da tarde, iríamos todos pra lá. Enzo chega cedo da empresa, disse que foi apenas uma reunião.

Está bem feliz e super gato com um de seus impecáveis ternos; corre, tira a roupa, veste uma bermuda e fica querendo dar uns amassos no sofá, e isso com um braço só. Ele vai à clínica na segunda-feira tirar a tipoia e fazer umas quatro sessões de fisioterapia.

Somos os primeiros a chegar na casa de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Max. Os pais de Julia estão lá, mas já de saída.

— Os coroaas estão indo viajar essa madrugada e vieram lamber minhas crias. — Max avisa assim que entramos.

Cumprimentamos todos, passo os olhos pela sala. Daniel e Amélia estão sentados no sofá com os netos perto.

— Oh Malu querida. — Amélia se levanta rápido. Vem até mim e me abraça. — Nossa, fiquei sabendo do enorme engano que aconteceu. Estou feliz que tudo esteja bem.

— Obrigada, Amélia — agradeço sorrindo.

— Oi, Enzo. — Ela cumprimenta. Depois Daniel vem, também nos cumprimenta, e logo se despedem de todos para ir embora. Julia abraça os pais e os trigêmeos ficam pulando perto deles, pedindo que tragam presentes de viagem.

— Vovô, por favor, eu preciso de uma massinha *play doh*, das princesas da Disney. — Melissa grita implorando. — O papai não sabe comprar, ele trouxe massinha de modelar. — Ela explica em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— No meu tempo nem era massinha de modelar, era barro. — Max contesta.

— Nós também queremos! — Os dois meninos gritam mais alto que a irmã. — Mas não das princesas, né, Freddy? — Francisco questiona o irmão.

— É. Princesas não.

— Esses meninos não sabem o que querem. Eu comprei um cubo mágico para eles, mas ficaram enfurecidos e não quiseram mais. — Max comenta. — Francisco tentou colocar o dele no micro-ondas.

— Max! Que perigo! — Amélia exclama aterrorizada.

— É. Por sorte eu cheguei a tempo e desliguei o aparelho.

Daniel e Amélia vão embora logo depois, prometendo aos netos que vão trazer os presentes. Os outros chegam mais tarde. Rebeca traz uma caixa de bolinhos de mandioca que ela fez. Matheus, um litro de vodca; eu e as meninas ficamos trocando olhares cúmplices enquanto eles quatro, indiferentes aos nossos planos, conversam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

besteiras como sempre fazem.

Esperamos todas as crianças dormirem e depois ajeitamos a sala; Max coloca o primeiro filme, e Davi pega as bebidas, que só agora vimos. Olho feio para Enzo e ele dá de ombros, já com uma cerveja na mão. Me sento ao lado dele e acabamos compartilhando a latinha de cerveja, dando um motivo para ele ir pegar mais.

Enzo vira para mim e me dá um beijo.

— Estou muito feliz. Nunca achei que estaríamos assim, todos juntos de novo.

— Também estou feliz — sussurro de volta. — Estou pensando se poderemos fazer umas sacanagens aqui na casa da Julia.

Ele ri e eu continuo:

— Estou planejando uma coisa. Precisamos deixar as crianças com alguém algum dia desses...

Enzo olha para a TV. O filme já começou.

— Pessoal, Malu precisa dar uma olhada no meu braço. Voltamos já. — Ele levanta e me puxa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada de sacanagem na minha casa. —
Max grita alertando. Ignoramos ele e corremos para a cozinha.

Enzo me segura forte, com aquela pegada que amo, abraço de imediato a cintura dele e esfrego meu nariz em seu peito, subindo para o pescoço. Ele me empurra contra a mesa e me prende com o quadril. A pele dele está quente e muito cheirosa.

— Me conte, o que está planejando? — A voz rouca é quase um fio.

— É segredo, amor. — Abraço o pescoço dele, puxando-o para mais perto. — Estou querendo passar mais tempo com você, fazendo aquelas loucuras que fazíamos...

— Envolve dança? — Ele roça a barba no meu rosto; já está excitado, sinto o volume crescer entre as pernas dele. Lembro-me de Dani dizendo sobre sermos donas do pau. Desço minha mão e enfio na calça dele. Enzo arfa sorrindo com cara de safado, se deliciando.

— Por que dança?

— Porque eu fico me lembrando de você

PERIGOSAS ACHERON

dançando lá na boate.

Empurro o rosto dele e o encaro.

— Como assim? Você ficou com raiva aquele dia.

— Sim, mas agora estou louco pra ver você fazendo aquilo em um quarto, só para mim. Vou gozar sem tocar no pau.

Dou uma risada e ele prende meus lábios com os dele. Mesmo assim ainda continuamos rindo contra o beijo.

— Você é muito sacana.

— Diga que vai dançar pra mim, por favor. — A mão dele já está entrando debaixo da minha blusa e segurando um dos meus seios. Não fico pra trás, enfio minha mão de volta na bermuda dele e começamos a nos beijar, fogosos, com as línguas entrelaçando nas bocas. O pau dele já está enorme dentro da cueca, na minha mão, e eu queria muito abaixar e colocá-lo na boca, mas me lembro onde estou e me contenho.

— Vamos parar — sussurro.

— Vai dançar pra mim? — Ele torna a

PERIGOSAS NACIONAIS

pedir. Arranco minha mão da bermuda dele.

— Acho que você vai esquecer da dança quando descobrir.

Me afasto com um último beijo.

— Malu. — Ele tenta me segurar de volta.

— O filme está em andamento, Enzo. Teremos tempo para discutir sobre isso. — Puxo a mão dele e voltamos para a sala.

— Espero não encontrar marca de bunda na mesa da cozinha. — Max rosna assim que voltamos a nos empoleirar no sofá.

— De bunda não, mas de porra, quem sabe... — Enzo zomba, fazendo Matheus e Davi darem gargalhadas.

O grupo está cada vez mais indecente. Fico pensando o que serão dessas inocentes crianças crescendo com adultos tão desbocados e cheios de safadezas. O que esses caras não vão ensinar para as crianças?

Me aconcheço contra o corpo de Enzo e volto a atenção para o filme. Respiro fundo, feliz com minha nova chance de viver e ver tudo que vai

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecer de agora em diante.

PERIGOSAS ACHERON

|31|

ENZO

— Eu não vou nessa porcaria de festa a fantasia. — Eu falo e jogo o convite para Matheus, que o apara no ar.

— Como não vai? — Max me olha como se eu tivesse falado uma blasfêmia. — Minha fantasia já está preparada. — Ele afirma orgulhoso.

Nós quatro paramos em frente ao elevador. Olho para Davi, que digita algo no celular. Depois guarda o aparelho e tira o terno.

Estamos terminando o expediente de uma segunda-feira cheia de trabalho. Acabamos de sair de uma reunião em que ganhamos mais um cliente de peso.

Hoje eu fui com Malu na clínica e tirei a

tipoia, meu braço está legal, dei início às quatro seções de fisioterapia e agora há pouco recebemos de Mariza um convite para uma festa dos irmãos Roriz. Eles estão comemorando cinco anos da reabertura da empresa da família, que acabou se transformando em uma megacorporação de aquisições e transações de ações. Foi um ótimo negócio para a AMB e isso nos deu exclusividade total; somos os analistas e consultores oficiais da ORFEU.

— Eu estou querendo ir. — Matheus fala sobre a tal festa e Davi arranca o convite da mão dele.

— Qual o tema? — pergunta enquanto lê o papel negro.

— Tema livre. — Max responde. — Vou de dominador, aqueles caras do BDSM.

— Quem? — Eu questiono e nós três viramos para Max. Vindo dele, tudo é inesperado.

— Pois é. — Ele ergue os ombros como se fosse o foda das fantasias. — Vou comprar calça de látex e pegar as luvas de motoqueiro de Enzo, tudo preto. Calçar bota militar e vestir uma

camiseta preta apertada para mostrar meus belos bíceps tatuados. No final estarei como aqueles caras dos vídeos pornôns BDSM.

— Cara, tu é louco. Julia vai deixar você sair de casa assim? — Matheus mantém o olhar pasmo. Ele conhece Max há poucos anos, ainda precisa se acostumar muito com o que essa mente nerd é capaz de formular.

— Julia não sabe. Ela acha que vou de Peter Pan.

Não aguentamos. Nós três rimos e cubro Max de leves socos. Só quero ver ele chegar na festa parecendo um maníaco prestes a assassinar todo mundo.

— Talvez eu vá — falo me recompondo, animado com a ideia de ver Max de dominador. — Posso ir de bombeiro, talvez — pondero, pensando em uma fantasia.

— Você tem uma roupa de bombeiro? — Davi me olha de cima a baixo.

— Não precisa de muito para fazer a roupa. É só comprar uma capa de chuva amarela, calçar botas pretas, colocar um capacete de

pedreiro e usar uma cueca boxer vermelha.

O elevador abre, mas ninguém entra. Os três ficam olhando pra mim.

— Teria coragem de ir de cueca e bota?
— Um deles pergunta e eu dou as costas. Entro no elevador e eles me seguem.

— Eu iria ser o centro das atenções. Acredite — considero.

— Você sempre é o centro das atenções. E isso não foi um elogio. — Davi critica com aquele tom superior que ele sabe fazer muito bem.

— Tá com inveja, irmãozinho?

— Bom, não fui eu que levei um fora da assistente do fisioterapeuta. — Davi alfineta e foi bem no meu ego. Não foi legal. Os outros dois, como hienas, riem da minha cara.

Sabe o que aconteceu? Como eu disse, fui com Malu ao fisioterapeuta e, chegando lá, uma gatinha nos atendeu. Malu estava sossegada, sem aquela paranoia que muitas mulheres ficam quando veem uma mulher bonita lidar com seus homens.

Eu e a novinha ficamos sozinhos por um

instante; ela retirou minha tipoia e pediu para eu tirar a camisa. Então dei uma de garotão:

— Já pedindo para tirar a camisa sem nem um vinhozinho antes? — Não foi uma cantada, foi mais uma gracinha.

Ela olhou sorrindo para mim e disse:

— Nem com um vinhozinho inteiro, senhor Brant. — Sacudiu a mão, me descartando e aproveitando para mostrar a aliança. Ela saiu e eu contei para Malu, que quase se acaba de tanto rir. Se não bastasse, Malu chegou comigo na empresa e contou para os rapazes.

— Cara, a garota só pode ser lésbica, quem esnoba um cara como eu?

— Qualquer uma com juízo. — Matheus zomba.

— Eu sou um quarentão que dá de dez a zero em qualquer garotão de vinte — falo e foi como uma piada para os três.

Aperto o botão vermelho no elevador e ele trava; os três param de rir.

— Você. — Aponto pra Davi. — Quem

PERIGOSAS NACIONAIS

acha que é para rir de mim? Acha que pode conseguir alguma coisa com essa sua cara de psicopata?

— Tá de brincadeira, né? — Ele indaga, mas eu o ignoro e olho para Max.

— E você? Não passa de um nerd com pensamentos de adolescente. Tem que rastejar dia e noite agradecendo aos céus por ter conseguido uma mulher como Julia.

— Eu posso conseguir quem eu quiser. — Max me enfrenta, mas eu o deixo de lado e olho para Matheus.

— E você, está com a mesma mulher há tanto tempo que se mandar soletrar a palavra mulher, você fala: D - A - N - I.

— Vá te ferrar, Enzo. — Davi vocifera e aperta o botão, fazendo o elevador voltar a andar.

— Falei a pura verdade. — Dou de ombros e me viro de costas para eles, olhando para as portas.

— As garotas amam meu humor. — Max fala atrás de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que cinco anos depois de sair do mercado ainda consegue o número de apenas uma? — desafio ele, olhando-o de relance. É difícil ver Max bravo. Estou vendo agora. — Isso vale para vocês dois também. — Aponto para Davi e Matheus.

— E você? Acha que pode...

— Sim — antecipo sem esperar Max terminar. — Tenho certeza que consigo o número de quantas eu quiser.

Matheus olha no relógio de pulso. Depois me encara.

— Seis e meia, hora do *rush*. Sei de um lugar que está lotado agora. Tirem as alianças e vamos tirar a prova.

— Tá é doido! — resmungo já com uma batida falha no peito. — Acabei de sair de uma crise no casamento, não vou trair minha mulher.

— Não é trair. É só tirar a prova. Nós quatro temos o mesmo tempo de casados. — Ele analisa e prossegue: — Vamos ver quem de nós consegue mais números de telefone de mulheres. Perdedor paga a próxima conta.

PERIGOSAS ACHERON

— Fechado. — Max é o primeiro a falar, motivado pelo seu orgulho ferido.

— Tô dentro. — Davi concorda. Eu não falo nada, apenas viro de costas novamente.

— Enzo. — Matheus me cutuca. — Tá com medo de não conseguir nenhum número? Titio!

Os três riem, eu arranco minha aliança e a coloco no bolso.

— Vamos lá, seus merdas.

Eu estou sem carro. O meu ainda está no conserto. Malu sempre vem me trazer e na volta um dos caras me leva. Hoje decidimos nos juntar tudo no carro de Matheus, que tem uma Hilux SW4. Não é aquele tipo pick-up. É o modelo fechado.

— Estou admirado como é espaçoso aqui dentro — falo após conseguir o lugar na frente, em uma disputa com Max.

— É. Sem falar que é um bebê potente. —

Matheus acaricia o painel e depois dá a partida.

Chegamos ao tal lugar. É um bar que pela cara é coisa fina. Já vim aqui algumas vezes, uma delas com Malu. Ela não gostou muito do lugar por ter excesso de mulheres.

Já tirei o terno, arregacei as mangas da camisa e passei os dedos nos cabelos. Os outros três fazem a mesma coisa e saímos do carro, tentando parecer jovens solteiros.

Me sinto nos nossos dias de glória, quando saíamos à noite para caçar, que ninguém era de ninguém; nós três tínhamos o poder de escolha, as garotas se sentiam privilegiadas a sair com a gente, e não tínhamos que dar explicações a ninguém. Foi boa aquela época, mas não gosto de pensar em minha vida hoje sem a ruiva e meus filhotes.

— Vai acontecer assim. — Davi nos para assim que entramos. — Vamos dividir em dupla. Eu e Enzo vamos pra cá e vocês dois vão pra lá. Enquanto um xaveca a mina, o outro fica na espreita vendo, servindo como testemunha para ver se ele consegue ou não o número. Beleza?

Nós assentimos e nos separamos, tomando

rumos diferentes.

— Ali. — Aponto para o balcão onde três jovens conversam entre si. Eu e Davi vamos e ele pede as bebidas pra gente.

— Boa noite, meninas. — Eu cumprimento e me foco na morena.

— Boa noite. — Elas sorriem para mim e Davi chega mais perto.

— Olá.

— Oi. — Elas respondem a ele.

— Um lugar bem frequentado. Era o que eu precisava após um dia árduo de trabalho em minha empresa — digo jogando meu charme e ainda declarando que sou o chefe.

— Tem uma empresa? — Uma delas pergunta e as três olham atentamente para e Davi e eu.

— Sim. Somos irmãos. — Davi se intromete. — Somos executivos, donos de um banco de investimento.

— Nossa! Em tempos de crise, seria genial ter um banqueiro por perto. — Uma mais atirada

PERIGOSAS NACIONAIS

fala, mexendo nos cabelos e mordendo os lábios. Davi vai para o outro lado falar com as outras e a morena levanta a mão e passa no meu antebraço.

— Isso é uma tatuagem?

— Sim. É.

— Executivo tatuado. Nossa, adorei. Gostei da sua barba.

Sem sentir eu agradeço, entregando o ouro.

— Obrigado. Minha esposa também gostava... mui... to. — Termino de falar gaguejando; Davi coloca a mão nos olhos, vendo que me ferrei.

A outra mulher pega a mão de Davi e olha bem de perto. Acho que viu a marca da aliança.

— Eu tenho pena das mulheres de vocês. — As três nos ignoram e saem, nos deixando encostados no balcão.

— Vacilão. — Davi resmunga. Olho para o outro lado e vejo Max e Matheus sentados em uma mesa e duas mulheres falando bravas com eles, apontando o dedo para Max. Depois elas se afastam deixando os dois com cara de trouxa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Max fez uma cagada também. — Eu prevejo, cutuco Davi e nós dois seguimos para a mesa deles.

— Nada? — Davi indaga assim que se senta.

— Max acabou jogando merda no ventilador ao tentar explicar que não era casado comigo e que não é gay. — Matheus Diz.

— É. Foi mal. — Max balança a cabeça e toma um gole do uísque.

— Eu estou mal — confesso. — Falei sem sentir que tenho esposa. É tão natural que nem consegui negar — falo olhando para meu copo de chope.

— Quer saber? — Matheus dá um tapa na mesa. — Nós não precisamos provar que ainda temos fibra pra conseguir cantar novas mulheres. Temos que mostrar que somos fodas em conseguir conquistar a mesma mulher todos os dias.

Nós três ficamos calados, como vaquinhas de presépio, acenando para o que ele disse.

— É uma frase feita.. Mas você tem razão. — Davi pondera.

PERIGOSAS ACHERON

— Cara, tô me sentindo tão culpado. —
Max murmura. — Vou comprar flores para minha loira.

— Quer acabar de cagar com tudo? Pirou?
— Dou um soco no braço de Max. — Comprar flores sem nenhum motivo? Julia vai ficar com a pulga atrás da orelha e vai acabar sobrando pra mim. — Pego minha aliança e coloco de volta no dedo. — Tô na boa com Malu, não quero nem pensar em brigar com ela.

— Vocês três são culpados por terem me colocado nessa. — Revoltado, Davi enfim fala. — Rebeca disse hoje que está preparando uma surpresa gostosa para mim e agora eu fico aqui...

— Só não vá chorar. — Eu o alerto, ironizando, e ele dá um olhar matador. Davi pega a aliança no bolso e a coloca. Matheus e Max fazem o mesmo.

— Eu gosto mesmo de estar com ela, a cada momento e dia, gosto de chegar em casa e tê-la me esperando, amo minha família. Dá até vontade de dar a menina que Rebeca tanto quer. — Davi confessa olhando para a aliança. Isso é muito estranho, a gente nunca abre o coração para os
PERIGOSAS ACHERON

outros dessa forma.

Max bravo, Matheus tomando atitudes, Davi de defesas baixas, hoje é um dia de novidades.

— Enzo, só para constar, eu agradeço todos os dias por ter Julia comigo. — Max fala comigo, em tom baixo e sério. — Não por ser bonita, mas por ser o que eu preciso. Aquela balela toda de um completar o outro. Sem falar nos três... — Ele para de falar e bebe um gole do uísque.

— Já que todos estão dando uma de frescos... — Matheus fala, bebe um gole e torce o pescoço — ... eu não conto todos os dias que passei com Dani. Eu só penso que ainda tenho muito mais tempo para passar com ela. E por isso que se mandar eu soletrar mulher eu falo o nome dela.

— Cacete! Vocês são um bando de cu doce. — Eu falo com eles, que não se zangam. — Mas quer saber? O casamento não acabou com minha vida como muitos bunda-moles falam por aí. O casamento me deu nova vida. E depois do que passei, foda-se tudo, gosto muito de estar com ela.

Matheus acena para o garçom. Ele se aproxima da nossa mesa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma rodada de cerveja, bem gelada, pra galera aqui. — O garçom sai. E ele volta a atenção pra gente. — Chega de melação.

— É como eu sempre digo pra Malu, já cumpri minha cota de fofura, afinal quem precisa de fofura é pelúcia. — Levanto meu copo e eles me seguem em um brinde. — Aos casamentos? — indago.

— Não. A elas. Às nossas mulheres. — Davi fala.

— A elas. — Nós repetimos e entornamos.

— Oi. — Ouço uma voz melosa e olho para duas jovens com sorrisos brilhantes ao lado da mesa.

— Os meninos estão sozinhos?

Nos entreolhamos e Davi fala:

— Estamos, mas somos casados. — Ele mostra a aliança.

— Casados entre nós. — Max completa e passa o braço sugestivamente no ombro de Davi. Eu seguro a mão de Matheus em cima da mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É — concordo e elas nos fitam com olhar de tristeza. — Bye. — Aceno para elas.

— Que desperdício. — Uma fala e ambas se afastam.

— Homem bonito quando não é gay é casado. — A outra comenta.

PERIGOSAS ACHERON

|32|

ENZO

No sábado seguinte aconteceram duas coisas extraordinárias. Uma foi a festa e a outra foi a pós-festa, que Malu resolveu que queria fazer uma surpresa para mim.

A festa foi um espetáculo. O tema era circo e foi feito no salão de festas do prédio dos caras. Os homens são da pesada. Em cinco anos juntaram um império quase bilionário. E a parte que cabe à AMB cresce cada dia mais, o lucro não para de entrar.

Davi estava lá com sua fantasia de Cowboy. Vestiu calça jeans surrada, cinto com fivelão, camisa jeans, botas e chapéu.

Matheus foi de Zorro, a fantasia mais manjada.

PERIGOSAS ACHERON

E o centro das atenções foi mesmo Max com sua inovação de aviador BDSM. Todo mundo ficava olhando para ele enquanto desfilava de boa com as calças apertadas e a máscara estranha. Vi Julia, vestida de freira, cochichar que Max a mata de vergonha. Uma freira e um aviador BDSM. Queria ver o que vai acontecer depois da festa.

Entretanto, Max foi o centro das atenções até eu chegar. Sim, sou um show ambulante, preciso dos rostos virados para mim; disse para Malu que poderia ir com Julia e Max, que eu iria atrás logo em seguida com Davi. Deixamos as crianças com a mamãe e uma babá. Precisava de ajuda, afinal eram os nossos e os de Davi. O mesmo que Max fez com os filhos, deixando com a mãe dele e uma babá.

Quando eu cheguei, notei pescoços se virando em minha direção e, quando Malu me viu, notei como os olhos verdes se arregalaram enquanto ela passava o olhar pelo meu corpo. Eu estava simplesmente vestido de guerreiro escocês. Com kilt, botas e espada.

— Falou tanto de mim que acabou vindo de saia. — Max ironizou. O segundo a criticar. O

primeiro foi Bernardo. Ele gritou apontando pra mim e rindo: “Tio Enzo está de saia.” E Anna veio em minha defesa: “Não é uma saia, é um kilt.” — Minha garota, meu orgulho.

— Enzo, onde está sua fantasia de bombeiro? — Malu indaga de olho no meu kilt.

— Era uma mentira. — Dou um beijo nela. — Eu comprei essa, pode confessar que ficou com água na boca quando me viu.

— Só espero que esteja de cueca, vai que você fica bêbado e temos que te pegar do chão. — Max fala antes de se afastar e ir para perto de Julia.

Malu apenas sorri ainda me contemplando.

— Você está ótimo. Muito ótimo. — Ela comenta passando os dedos de leve pelos meus braços. Está fabulosa, vestida de bailarina clássica. Ela se ergue nos pés e fala no meu ouvido. — Estou muito excitada com meu guerreiro.

— O guerreiro vai acabar com a bailarina na espada. Tenho até pena dela — devolvo sussurrando.

— Tem, é? — Ela arranha meu peito feito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma gata safada. — Isso porque não sabe o que o espera. — Dá uma piscada, vira as costas e começa a andar; antes fala: — É melhor a espada estar bem afiada.

Caraca. Já estou de pau duro. Será que pode ficar visível nessa porra de saia? Não quero andar por aí com um tufo na frente. Ando para a mesa onde encontro vários tipos de ponche. Sirvo um pouco para mim e vou até Malu.

Essa noite ninguém dorme naquele hotel. Cada um de nós fez uma reserva. Ou melhor, elas ajeitaram tudo. Elas insistiram, claro que nenhum de nós três contestamos. Vai ter foda, cerveja e serviço de quarto. Que homem pode ir contra isso? Malu me olha quando chego perto dela.

— Que bom que chegou. Vamos pra pista de dança. — Ela me puxa.

— Malu. Não tenho afinidade com pistas de dança. — Tento me frear. Julia nem precisou convencer Max, ele já está indo empolgado pular com o povo. Nunca vou me acostumar com uma freira dançando música eletrônica e um aviador pornográfico enconchando-a por trás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enzo, essa noite pular numa pista de dança será só o começo. Aguenta firme, amor! — Ela grita indo correndo e eu não tenho escolha a não ser segui-la.

Deixo de lado todo receio e vou dançar com ela. Dançamos, suamos, beijamos muito. Quem disse que só solteiro pode se divertir? No fim, saímos sem nos despedir ou avisar, apenas soubemos que era a hora de ir. Vi que Julia já tinha levado Max, e Davi também estava vindo com Rebeca.

Eu não sei eles, mas a minha noite está apenas começando.

PERIGOSAS ACHERON

“Se o nosso amor é tragédia, por que você é meu remédio?
Se o nosso amor é insano, por que você é minha lucidez?”
Clarity – Zeed.

|33|

MARIA LUIZA

Quando concordamos com as ideias de safadezas de Dani, não sabia que seria algo tão satisfatório. Na verdade, mais que satisfatório, foi maravilhosamente delicioso. Se a mulher decide experimentar esse tipo de prazer, acho que se for com a pessoa amada tudo fica melhor.

Sabe como me senti? Como se fosse minha primeira vez no sexo, foi como eu planejei quando tinha dezoito anos e Enzo era meu primeiro homem nos pensamentos. Que perderia minha

PERIGOSAS ACHERON

virgindade com ele; acabou não acontecendo, mas essa noite, com cinco anos de casados, nossa experiência foi perfeita. Com letras maiúsculas gritantes.

Na festa, eu não permiti que Enzo bebesse demais. Ele ficou me perguntando o que eu estava aprontando, e por que não dormiríamos em casa. Eu apenas disse que a recompensa seria gratificante. Ele conversou com os outros dois, vítimas também dos planos de Julia e Rebeca; ambos, Max e Davi, também estavam curiosos sem saber o que elas estavam planejando, e Enzo ficou bem mais animado ao saber que era uma coisa que nós mulheres tínhamos pensado juntas e com certeza tinha a ver com sexo.

Acho que grande parte da mente de um homem é reservada ao sexo. Eles não pensam em outra coisa quando se deparam com ocasiões assim, como a possibilidade de serem alvos de planos femininos.

Posso tudo, menos impedir Enzo de beber em uma festa. Só não deixei ele exagerar. Entramos no táxi e fomos ao hotel onde fiz as reservas. E ele não ficou nem um pouco constrangido por estar

vestido de kilt quando entramos no hotel. Acho que queria mesmo era se mostrar.

Entramos no elevador e Enzo vira-se para o espelho cantarolando a música *Clarity*, a última que dançamos; flexiona os braços fazendo os bíceps saltarem, continuando a cantar baixinho a canção, dá uma olhada no abdômen definido e passa os dedos pelos cabelos. Após escolher o andar e apertar o botão, eu me aproximo dele e apalpo sua bunda. Enzo olha para mim e depois para minha mão acariciando o traseiro dele.

— O que é isso? Estou me sentindo uma garota de saia sendo apalpada no elevador — fala e já me puxa para seus braços.

— Acho sua bunda tão excitante. — Contorço dentro dos braços dele e olho para as costas dele; levanto o kilt dando uma olhadinha na cueca preta boxer dele. — Nossa, as pernas do meu marido são um arraso. — Eu falo e Enzo me ergue nos braços para que eu fique cara a cara com ele.

— Essas palavras deveriam ser minhas. — Enzo tem uma prática muito gostosa de ficar puxando meu lábio, sem beijar, só dando uns puxõezinhos ou chupando-o de leve.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então faço minhas as suas palavras. Tenho uma coisinha especial para você — digo, beijo os lábios dele e me viro para a porta sem sair de seus braços.

Quando chegamos ao quarto, Enzo tenta me pegar, mas eu o paro.

— Não. Quero que tome um banho rápido. Depois será minha vez.

— Pra quê? E por que tomar banho separados?

— Confie em mim e faça o que digo. — Me sento na cama e ele continua de pé. — Agora comece a tirar essa coisa porque eu quero saborear a visão.

Enzo dá um sorriso puxado para cima, bem malicioso, arranca o cinturão de couro e começa a remexer sem música. E eu vou rindo enquanto ele faz umas expressões de tesão.

— Nossa, você é um gostoso. — Eu falo e ele se anima mais, joga o kilt longe e fica de cueca preta e botas, segura no pacote à mostra na cueca e, de verdade, eu fico bem altinha, com vontade de jogar meu plano pro alto e voar em

PERIGOSAS ACHERON

cima dele. Nunca me canso desse homem. Levanto e o empurro.

— Vai para o banheiro. Tome um banho rápido e fique bem cheiroso para mim.

Assim que ele vai, olho a maleta debaixo da cama. Minha lingerie nova e super sensual está no banheiro, na gaveta do armário. Sei que Enzo mal vai olhar a pia, quanto mais inspecionar gavetas. Tiro minha fantasia, solto os cabelos do coque e a porta do banheiro se abre. Acho que foi um banho de cinco minutos. Ele emerge de lá com a toalha em volta da cintura e um sorriso na cara.

— Peça bebidas. — Eu falo e corro para o banheiro, para não dar chance de ele fazer qualquer gracinha.

Eu e as meninas aprendemos o que deve ser feito antes do ato. No chuveiro, faço tudo o que é necessário; a expectativa está a mil e bombeia rápido meu sangue.

Depois de me preparar, vestir a lingerie e soltar os cabelos em cascatas pelo ombro, passo um batom rápido, um rímel em tempo recorde e saio do banheiro. Enzo ainda está de toalha de pé em frente

à TV.

Eu faço uma pose sensual na porta e ele nem olha.

— Acredita que se eu quiser assistir um filme lançamento ou um pornozinho, tenho que pagar?

— Acho que não vai pensar em filmes nas próximas horas — falo com a voz mais sexy que consigo. Ele vira-se e quando me olha o controle remoto cai de sua mão.

— Cacete! — Enzo murmura sem piscar. Ver esse olhar de um homem, mesmo ele sendo meu marido, me deixa com o ego lá no alto. Eu ando sensualmente sentindo a renda da calcinha acariciar meu bumbum. Abaixo, pego a maleta e coloco em cima da cama.

— Sabe o que é isso? — Abro a maleta e Enzo se aproxima.

— Com certeza não é uma coleção de peso de papel. — Ele fala, passa os olhos pelos itens e depois me olha como se tivesse visto os números premiados da loteria.

— Caralho! Malu, por favor, deixe eu
PERIGOSAS ACHERON

apenas me iludir que é o que estou pensando.

Eu abraço a cintura dele.

— E o que está pensando?

— Na sua bunda gostosa e acesso liberado em todas as entradas.

Enzo me abraça de volta.

— Sabe, eu quase morri recentemente, e agora que a vida nos deu uma segunda chance, por que não tentar algumas novidades? Quero poder descobrir juntos novos prazeres e tenho certeza que você é o único capaz de fazer isso e o que eu confio cegamente.

Enzo sorri. Algo como paixão cintila nos seus olhos. Ele curva-se e me beija. Se afasta e acaricia meus cabelos.

— Meu amor, se tiver fazendo isso só pra me...

— Não. — Coloco a mão na boca dele.
— Não é só para você. É para nós dois. Eu quero, quero descobrir cada ponto secreto do meu corpo e do seu. Quero intimidade cem por cento.

Então partimos para o ataque. Foi tudo

calmo, começamos sem pressa. Experimentamos os géis comestíveis de vários sabores. Eu passo um pouco no peito dele e lambo, ele passa um pouco no meu pescoço e chupa.

Estávamos concentrados, entregues ao momento. Eu tinha algumas dicas em mente que Esmeralda explicou para mim e as meninas. Ela pediu para deixar ele conduzir, que seria mais sexy, mas que ficasse de olho. Se ele viesse com sede ao pote, que eu tomasse a dianteira.

Mas Enzo está sendo mais que carinhoso; depois dos géis ele me deita de costas para a cama, fica em cima de mim, me beijando por um bom tempo, e nossas mãos passeando devagar pelo corpo um do outro. A pele dele está quente, percorro as pontas dos dedos pelos braços e sinto cada nervo e músculo saltado.

Ele está antes de tudo me relaxando para começar. Faz tudo com muita paciência. Tira meu sutiã, adora cada seio, lambendo, cheirando e chupando, tragando para seus lábios cada um dos meus mamilos duros de prazer. Eu mordo o lábio e seguro firme os cabelos dele.

Enzo para, sobe para minha boca, me

PERIGOSAS ACHERON

beija e volta a provocar meu corpo, me deixando em chamas. E quando enfim ele abre minhas pernas e cola os lábios contra minha boceta melada de excitação, eu estou quase gozando. Gemo abertamente, me contorço sorrindo de tesão e então ele para.

Eu respiro fundo e sinto quando ele pousa o dedo no meu ânus. Contraio no mesmo momento, ele tira o dedo, joga um pingo de lubrificante e volta a tocar, agora fazendo pressão. O dedo desliza um pouco, contrai, ele não tira e assim que relaxo ele enfia mais. É estranho, mas a sensação é muito boa. Ele fica fazendo essas carícias por um bom tempo, até que o dedo entra e sai facilmente e o ritmo vai aumentando. Um fogo arde lá de trás até o meio das pernas.

Depois Enzo tira o dedo, pega o plug médio e lambuza todo de lubrificante.

— Relaxe. — Ele pede. Calça meu quadril com uma almofada, com calma, e começa a inserir o plug em mim. Não sinto minha atenção ali porque rapidamente ele abaixa e começa a chupar minha boceta enquanto força a entrada do plug.

Uma pequena dor se forma, mas é algo

PERIGOSAS ACHERON

breve, e quando dou por mim estou quase gozando de tanto prazer. Enzo começa a tirar o plug com cuidado e enfiá-lo novamente, indo e voltando e, para minha surpresa, ele desliza com facilidade e eu adoro cada movimento. Depois ele deixa o plug todo inserido e deita por cima de mim.

— Tudo bem?

Eu estou latejando em todas as partes do corpo, meus seios, minha vagina, tudo. Louca, querendo ser saciada.

— Está muito bom — murmuro em um fôlego.

— Agora vem o melhor. — Ele garante já me beijando, agarro rápido os braços dele, sentindo meu ânus latejar em volta do plug de metal; e o pau dele, bem grande e duro, esfregando contra minha boceta. Mordo um lábio, não sei se foi o meu ou o dele, está tão bom que quando o pau enfia a cabeça e ele se aprofunda em uma fácil investida, eu já estou com as pernas trêmulas, o ventre em brasa e a boceta enlouquecida puxando-o para dentro. Me sinto mais apertada por causa do plug e muito estremecida porque ele não para de me beijar enquanto mete doce, fácil, em um ritmo muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agonizante, lento, me saboreando aos poucos, me deixando senti-lo aos poucos. E eu queria forte, senti-lo rápido, me dominando.

— Céus! Adoro seu pau.

— Ele é todo seu. — Enzo fala sorrindo e eu o agarro com força.

— Vai mais fundo, Enzo, mais forte.

— Calma, amor (Beijo), quero que sinta cada sensação (Beijo), sinta meu pau indo até o fundo. (Beijo)

Cravo minhas unhas no pescoço dele e o puxo para mais perto.

— Que delícia! Está muito bom, me faça gozar...!

— Quer que eu meta forte? Está com o cuzinho piscando? — pergunta enfiando os dedos nos meus cabelos, segurando-os forte na mão e deixando minha cabeça bem presa na cama.

— Quero...! Forte, por isso que te amo, seu boca suja.

Enzo ri, puxa o pau para fora, dá umas batidinhas contra meu clitóris e mete de novo com

PERIGOSAS ACHERON

cuidado; sinto toda a espessura se afundando aos poucos, até ele tocar bem no fundo, me fazendo tremer toda, deliciosamente, e então eu gozo e me derreto; achei que tinha me explodido toda pela intensidade do orgasmo. Aquela coisa atrás foi muito mais do que eu podia imaginar. Triplicou meu prazer.

Enzo não gozou. Ele espera me acalmar, continua em cima de mim e depois se levanta. Anda pelado com o pau bem duro pelo quarto, pega o champanhe no balde e serve em duas taças. Me dá uma e senta ao meu lado.

Me sinto meio estranha porque ainda tem algo dentro de mim; mesmo assim relaxo, curto o champanhe junto com os beijos dele. Minha mão subindo e descendo na coxa grossa, indo quase perto do saco e voltando. Enzo suspirando com um sorriso meio depravado. Termina o champanhe e me faz deitar de novo.

— Agora vem o principal. Diga se incomodar muito. — Ele fala sussurrando, me deixando à vontade. E foi mesmo o principal. A dica básica é que se for a primeira vez, deve ser escolhida a posição ideal. A de ladinho é a melhor

para iniciantes. E ele sabia disso, fiquei muito feliz por não ter que alertá-lo, eu já estava confiando nele desde o primeiro momento.

Depois de vários beijos, de me recolocar no auge chupando meus seios e minha boceta, ele olha para mim, sustentando o corpo nos braços.

— Vai ser um pouco estranho no início, mas se você relaxar vai ficar gostoso. — Ele avisa e eu o puxo para beijar; e assim ele começa. Abre minhas pernas, mexe no plug mais algumas vezes, depois me faz suspirar quando pega o preservativo, rasga e começa a desenrolar no pau que está feito rocha. Até parece que cresceu ainda mais.

Ele me ajeita de lado, deita atrás e começa a me pincelar com o pau. Uma mão acariciando meu clitóris e a outra no meu seio, o corpo grande e quente dele me abraçando é algo que me eleva a um nível superior, o cheio dele me acalma e o toque me deixa relaxada; uma pressão começa de leve e vai aumentando, me sinto abrindo aos poucos, recebendo-o e queimando de ansiedade.

— Empurre pra fora. — Ele pede pertinho do meu ouvido. E eu fiz e foi uma surpresa quando

PERIGOSAS ACHERON

eu forcei para fora e ele foi entrando mais e mais, estava me queimando, algo como se me rasgasse, a dor começou, eu mordi meus lábios, contraí e ele parou. Esperou eu relaxar para continuar. Enzo sempre me acariciando para me manter excitada, seus braços fortes em torno do meu corpo; quando dou por mim ele está dentro, encostado quase até o fundo.

— Está tudo bem?

— Dói um pouco...

— Vai passar. — Ele promete, puxa meu pescoço para trás, me dá um beijo de arrepiar os cabelos. E como ele disse, a dor vai dando lugar ao prazer, eu vou relaxando, seguro no braço dele, minha outra mão vai para trás, agarra a coxa musculosa, enquanto Enzo me embala macio e suave em socadas firmes, centímetro por centímetro, sem parar com os dedos na minha boceta.

Durante toda a noite gozamos várias vezes. Tomamos banho juntos, voltamos para o quarto, secamos a garrafa de champanhe e pedimos mais, fizemos sexo normal, pulando em cima do outro, agarrando, mordendo, chupando, como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gostamos, loucos um pelo outro, na poltrona, na cama, sentados.

Ele me fez cavalgá-lo sentado na banquetta enquanto devorava e gemia contra meus seios. Ficamos suados, caídos no chão, as costas e os braços e o peito dele levemente arranhados, e não pense que não fizemos mais uma vez a nossa novidade secreta, tentamos outras posições e foi delirante, uma voracidade nos consumia e mais uma vez me acabei de gozar.

Fomos dormir às cinco da manhã. Eu estava esgotada, toda mole de tanto que gozei. Enzo também estava igualmente acabado, foi uma cansaça mútua. E apesar de todo o prazer que compartilhamos a noite toda, me senti nas nuvens, quando nos abraçamos debaixo do lençol e caímos no sono no primeiro minuto.

Dormi por quase cinco horas. Acordei às nove e meia e não me levantei. Enzo estava todo esparramado na cama, dormindo profundamente. Tirei meus cabelos do rosto, viro de lado e me apoio no cotovelo, olhando-o dormir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passo os olhos pelo corpo bem grande, os músculos relaxados, as marcas de unhas mais visíveis; acho que dos três executivos, Enzo é o mais alto e mais encorpado.

Olho admirada as pernas dele, o quadril e o ralo pelos seguindo uma linha até a virilha. O pau está meio duro, descansando de lado. Ele é todo lindo. Não é à toa que foi paixão à primeira vista, ou melhor, obsessão à primeira vista. Me arrasto para bem perto, deito a cabeça no peito dele e o abraço, com minha perna sobre a dele. E Enzo se mexe. Ele me aperta contra seu corpo, mas continua dormindo.

Eu durmo de novo e acordo mais ou menos uma hora depois, às onze. Enzo ainda dorme. Mas dessa vez não fico deitada. Levanto, vou ao banheiro, depois peço um café da manhã e vou para a cama acordá-lo.

Subo rastejando na cama, esfregando meus dedos nas panturrilhas grossas, subindo para as coxas e passando de leve as unhas ali. Onde ele gosta.

PERIGOSAS ACHERON

Abaixo o rosto, beijo a perna dele, vou subindo os lábios e mordo de leve uma parte perto do saco. Enzo se mexe e dá um breve gemido. Beijo a pontinha do pau, a virilha e chupo uma área perto do umbigo.

— Malu... — Ele ronrona. — Chupa meu pau. — Pede em seguida com uma voz rouca e sonolenta.

— Safado. Levanta. — Bato na perna dele. — As crianças devem estar querendo nos ver.

— Maluuuu! — Enzo fala meu nome como se uivasse preguiçosamente. — Volte aqui. Faça seu marido feliz.

Pulo da cama rindo e ele não levanta correndo atrás de mim. Olho para trás e vejo Enzo recostado, com as mãos cruzadas atrás da cabeça.

— As meninas também fizeram isso com Max e Davi. — Eu falo enquanto ajeito os cabelos na frente do espelho.

— Max fazendo anal? Essa eu tinha que ver. — Enzo tripudia.

— Max deve ser o mais safado. Aquela cara de bom moço não me engana. — Eu comento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e Enzo ri.

— E eu? Não tenho cara de bom moço?
— Quando eu percebo, ele já se levantou e está atrás de mim. Pelado.

— Bom moço é algo que não consigo ver quando olho para você.

Ele se abaixa e me pega da cadeira.

— Enzo, me bote no chão.

Ele me leva para a cama, me joga e deita em cima de mim.

— Então você gosta do bem bom, não é, safada? Poderia escolher o lindo Max com cara de bom moço, mas ficou com o papai aqui, com cara de puto gostoso.

— Enzo, eu sou sua esposa, olha como fala comigo.

— Minha esposa dengosa que adora gemer no meu pau.

Tento empurrar ele de cima de mim, mas é o mesmo que empurrar um muro.

— Tem algo a dizer em sua defesa? —
Ele pergunta me segurando contra a cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ridículo. — Tento fechar a cara, mas acabo sorrindo.

Enzo ri e me beija. Eu sorrio mais e ele levanta o rosto para me olhar.

— Caralho, gosto muito quando você sorri. — Ele fala, olhando fixamente para meus lábios. Levanto a mão e acaricio o rosto dele. — Também gosto do seu cheiro e do seu cabelo, minha ruiva linda. Sou doido por você, Malu — diz abaixando e cheirando meu pescoço.

— Somos dois, querido. — Eu declaro.

— Eu acho que estou apaixonado pela minha esposa. — Ele confessa e sinto meu coração pulsar. — Apaixonado de novo. E acho que amanhã estarei de novo apaixonado, e depois de novo. Resumindo, tô ferrado.

Eu dou uma gargalhada, ele ri também, sem desviar os olhos da minha boca. Enzo me beija e voltamos mais uma vez a nos entregar ao prazer. Fazer o que, né? Eu sempre vou cair nos braços dele, eu sempre serei fraca por ele, eu sempre o amarei muito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

|34|

ENZO

— Cara, quando saí do banheiro e vi Julia com aquela porra de maleta, eu pensei: tô ferrado.

Max acaba de pegar um pouco de uísque no bar do meu escritório. Entrega um copo a Davi e senta ao lado. Eu estou de pé, recostado na minha mesa.

— E deu conta, Maximiliano? — Davi ironiza.

— Cara, aqui é pau pra toda obra. — Max chega a inchar de orgulho.

— Ei, essa fala é minha. — Intervenho protestando. Max me mostra o dedo.

— Agora eu gostaria de saber se o nosso
PERIGOSAS ACHERON

intelligentíssimo Davi conseguiu dar no couro sem ter que planejar e calcular antes.

— Calculei até a probabilidade de engravidar Rebeca e de o bebê ser menina.

— Engravidou ela? Mais um filho? Quer competir comigo? — Max questiona, meio sarcástico.

— Porra, cerveja e água não se nega a ninguém. — Davi explica e toma um gole de uísque. — Rebeca queria meu esperma... — Ele não completa a frase, dá de ombros.

— Não podemos dar tudo que mulher quer — reflito. — Ficou louco?

— Vou negar rola pra minha mulher?

A porta se abre e Matheus olha dentro da sala. Franze o cenho pra gente.

— Não é rola, é filho. — Eu falo com ele e olho para Matheus. — Chega aí. — Depois viro de novo para Max e Davi. — Vocês dois querem parar de ficar fazendo herdeiros para a empresa? Vai ter briga de tiro no futuro.

— Beni ganha a briga. — Davi se

PERIGOSAS NACIONAIS

vangloria. Matheus fica parado ao meu lado com as mãos nos bolsos, olhando pra gente.

— Não teve surpresinha da esposa ontem?
— questiono e ele faz uma careta de quem não entendeu.

— Ah! Ah! Só você que passou batido. —
Max faz hora com a cara de Matheus. Ele continua nos olhando sem entender. Davi percebe e explica:

— As garotas armaram pra gente. Elas planejaram uma noite num hotel depois da festa e...

— Ah! — Ele exclama, aliviando o semblante. — Dani me contou. — Ele sorri. — E aí? Os três patetas ficaram de pernas bambas?

— Dani te contou sobre... — Eu começo, muito descrente.

— Sim. — Matheus fala e vai pegar bebida pra ele. — Nós já experimentamos isso há algum tempo, fazemos com frequência. Então minha mulher deu a ideia para as mulheres de vocês.

Ele se vira e fica olhando com uma cara de vitória pra gente. Estamos calados encarando Matheus.

PERIGOSAS ACHERON

— Cara, sua garota é meio safada. Desvirtuou as amigas. — Max contesta. — Entretanto devo parabenizá-la, foi a melhor ideia que mulheres juntas poderiam pensar.

— Um brinde à patroa do Matheus! — Eu grito, os outros dois levantam seus copos e repetem: “à patroa do Matheus”.

— Vocês são comédias demais. — Matheus ri e senta ao lado de Davi. Pega um jornal embaixo do braço e me entrega.

— Lilian se ferrou. — Pego o jornal e vejo a notícia de primeira página falando do fim do casamento.

— Vixe, e agora? — pergunto preocupado.

— Agora nada, acabou. — Matheus rosna. — Temos um documento que podemos foder ela mais do que já está. Ela não vai fazer nada contra a sua família. Fez antes porque tinha o dinheiro do marido para protegê-la.

— E a outra doida pelo pau do Enzo? — Max vira-se para Matheus. — Notícias dela?

— Sim, liguei para o delegado e Emily

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vai ser levada para São Paulo, a família dela entrou com um pedido.

— Graças a Deus. Vou poder fazer minha cirurgia em paz — digo, me sentindo bem aliviado.

— Vai fazer cirurgia? Do quê? Aumento peniano? — Davi não deixa passar, zoa comigo e os outros dois gargalham.

— Não. Ainda não sou tão altruísta para pagar essa cirurgia para você. — Exalo profundamente e falo sério para eles: — É para o ronco. Malu ameaçou sair da cama.

— Sério? Dani ameaçou parar de tomar pílula e ganhar um filho por ano se eu não fizer vasectomia.

— Você tá é louco. — Davi exclama. — Nem fodendo, eu não deixaria um médico com um bisturi tocar no meu saco.

— Eu tremo só de pensar. — Max completa.

A porta se abre e Mariza coloca a cabeça pra dentro.

— Malu ou Jonas precisam voltar logo. Já

PERIGOSAS ACHERON

são oito e meia e vocês aí coçando saco?

— Olha como ela fala com os chefes. —
Davi se levanta e coloca o copo na bandeja.

— Matheus, você não pertence a esse andar. Sai fora. — Mariza comanda. Depois olha pra mim. — Já que é o mais velho, faça alguma coisa. Você tem quinze ligações nos próximos vinte minutos. — Ela olha feio para Max, que já está de pé, vira-se para sair e fala: — Espero não estar aqui quando aqueles anjinhos que vocês chamam de filhos virem comandar a empresa. Isso se ainda tiver empresa até lá.

— Tomamos um esporro de Mariza. —
Max fala e nós quatro rimos.

Cada um vai para seu serviço e eu afundo em trabalho até a hora de ir embora. Estou com uns pensamentos maneiros aqui, fiz cinco anos atrás com Malu, mas agora não é só eu e ela. Nossa família tem mais dois membros. E conhecendo eles, acho que Johnny e Anna vão curtir muito.

Chego em casa às seis. Não deu para eu almoçar com eles. Como Mariza disse, tinha muito serviço. Encontrei Malu na sala, atrás de Anna,

penteando os cabelos dela. Johnny estava sentado no chão, de olho na TV.

Não me movo, fico ali vendo-os. Malu me viu, mas os dois não. Por longos seis meses, eu entrei nessa casa e vi apenas o vazio à minha frente. Por longos seis meses essa era a única coisa que eu gostaria de tornar a ver. Minha mulher e meus filhos.

— Olha quem chegou! — Malu fala, Johnny e Anna olham para a entrada da sala.

— Papai! — Eles gritam. Johnny vem primeiro. Vem correndo e eu abaixo para pegá-lo. Deixo a bolsa no chão e caminho com ele no colo, indo em direção à Anna, que também corre em minha direção. Pego os dois, me aproximo de Malu e dou um beijo nela.

— Quem quer comer pizza? — Eu grito e os dois respondem bem alto: “Eu!”.

Malu fica de braços cruzados, olhando para a gente, sorrindo.

— Também quero levar vocês a um lugar muito bonito. — Eu digo, meus olhos nos dela. — A mamãe adora o lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS

O sorriso dela aumenta e eu fico bem bobo. Um tolo de quarenta anos. Mas quer saber? Caguei para o que vão pensar de mim. Aposto que nesse momento Max está sentindo o mesmo que eu, cercado pela gangue dele o abraçando, pulando em cima e Julia perto, olhando com o mesmo sorriso que Malu me olha. Também sei que o mesmo está acontecendo com Davi e Matheus.

Do mesmo modo que éramos apaixonados pela nossa vida de solteiros e não queríamos acabar com ela nunca, agora sentimos o mesmo pela vida de casados. Não quero mais regredir um estágio.

Passamos uma noite ótima em família. Saímos para comer e tudo seria perfeito se não fosse algo: alguém apareceu na nossa mesa. Jorge, bunda mole.

— Oi. — Ele cumprimenta. Eu não digo nada, Malu arregalou os olhos. — Olha como eles estão grandes! — diz fazendo um cafuné em Johnny e Anna.

Ele sabia que eu não podia insultá-lo como queria, na frente das crianças.

PERIGOSAS ACHERON

— Minha passagem aqui é rápida. — Ele comenta olhando para nós dois. — Quero só dizer obrigado a você, Malu, por ter conversado com Lea. Estou voltando para Brasília. Já conversei com tio Jonas e com Clarisse.

— Que bom, Jorge. — Malu fala no modo carismática. — Te desejo muita sorte.

— Obrigado. Também quero me desculpar por tudo lá no início. Por ter te enganado, Malu.

Ela se levanta.

— Tudo bem, sem ressentimentos, você me ajudou. — Malu fala sorrindo; se estiver mentindo, está sendo convincente.

Noto que Jorge, o merda, olha para mim meio desconfortável.

— Enzo, eu... fiquei bem feliz pelo que fez... por ter salvo a...

— Era minha obrigação — Digo cortando-o no ato.

— Eu sei. Desejo sorte pra vocês.

— Obrigado. Agora pode ir —

resmunguei.

— Enzo. — Malu cutuca.

— Tudo bem. — Jorge fala com a voz fraca de merda, me fazendo de gente ruim e ele o pobrezinho mal compreendido. Vá te *fuder*, miserável.

Ele abraça Malu, faz cafuné nas crianças e tem a ousadia de dar um tapinha no meu ombro. A quem ele quer enganar? Todo mundo sabe que nos odiamos.

Depois que chegamos em casa, eu xinguei Jorge, Malu não o protegeu e acabamos fazendo amor no modo silencioso.

E às quatro e meia da manhã eu a acordo, pegamos as crianças, vestimos agasalhos neles, pegamos a cesta de piquenique que ela preparou, colocamos no carro de Malu e partimos.

Maria Luiza estava meio amedrontada, dizendo que era perigoso sair uma hora daquelas, mas eu a tranquilizei dizendo que agora a área é particular e que não há perigo. Na verdade, o perigo sempre existe, mas se fôssemos pensar nisso nunca sairíamos de casa. Sem falar que eu tenho

treinamento de tiro, fiz há alguns anos com os rapazes; e depois do que houve com Emily, Davi trouxe para mim uma nove milímetros. É papa fina, coisa de primeira e o melhor é que está registrada. Inclusive ela está aqui, comigo, sem que Malu saiba. Nem fodendo vou sair de casa uma hora dessa, com meus filhos, sem ter uma proteção.

Pouco depois estávamos chegando ao terreno onde eu ensinei Malu a andar de moto anos atrás. Johnny e Anna já estavam acordados, o dia amanhecia e encontramos o mesmo lugar que eu e ela sentamos anos atrás.

— O que é aqui, papai? — Anna pergunta, sonolenta.

— Venha, sentem aqui com o papai e a mamãe. — Faço ela sentar na minha perna e Johnny no colo de Malu. — Fiquem olhando ali na frente. É onde o sol vai nascer. — Olho no relógio me certificando que já são quase seis e os primeiros raios tomam o horizonte à nossa frente.

E pouco a pouco, o show vai acontecendo. Os dois não conseguem ficar sentados, Johnny e Anna se levantam e ficam de pé no terreno, olhando o sol subindo. Isso pra eles é PERIGOSAS ACHERON

novidade.

Malu deita a cabeça no meu ombro, como anos atrás.

— Lembra o que dissemos aquele dia? — Ela sussurra a pergunta pra mim.

— Sim. Que estávamos indo em um caminho sem volta. — Eu falo relembrando.

— E que estávamos eternamente ferrados. — Ela completa.

— Sim. — Olho para ela. — Foi tão bom ter nos ferrado, não é?

— Ah, Enzo... por isso te perdoei tão rápido. É melhor gastar meu tempo me ferrando ao seu lado do que sozinha.

Dou um master sorriso.

— Não me canso de agradecer a cada segundo por ter você de volta meu amor. Sou um idiota as vezes e não merecia toda a dádiva divina que alcancei. Jamais te deixarei ir novamente.

Emocionada, ela apenas sorri e eu finalizo: — Agora temos eles, vale a pena em dobro — digo apontando Johnny e Anna à nossa frente,

PERIGOSAS NACIONAIS

conhecendo o terreno. Malu vira para mim e me puxa para beijá-la. Depois voltamos para ver o sol nascendo e as crianças brincando ali.

PERIGOSAS ACHERON

HERDEIROS INDECENTES

EPÍLOGO 01

20 ANOS DEPOIS

Jonathan Assumpção Brant

— Johnny! — A voz grossa me chama de novo e as batidas na porta ficam mais altas.

Merda!

Bocejo e abro os olhos. Estou no meu quarto, na minha bela e grande cama, enrolado no meu cobertor, curtindo um sono delicioso e meu pai não dá trégua. Com Geovanna ninguém faz isso. Também, ela costuma levantar antes deles.

De uma maneira torta, viro a cabeça e olho no relógio digital e me certifico que são sete e meia da manhã. Acho que não vou trabalhar hoje.

— Tô doente, pai. Me deixe.

— Se eu fosse seu pai, com certeza você estaria no bom caminho. — A voz fala do outro lado da porta.

Eita porra!

Pulo da cama, o cobertor enrolado no meu pé, vou trotando pelo quarto procurando minha calça, acho uma no chão, visto e abro a porta.

— Chefinho! — cumprimento Bernardo com um sorriso carismático; ele não retribui o sorriso. — A que devo a honra da visita?

— Cara, tu não tem jeito, né? — Ele me olha ameaçadoramente, impecável, já arrumado, dentro de um belo terno esportivo. O jeito Beni de ser. Dá uma rápida olhada em seu relógio e vira as costas pra mim. — Estou lá embaixo te esperando. Cinco minutos, Jonathan.

A palavra do chefe é uma ordem. Corro para o banheiro, tomo uma chuveirada breve, escovo os

PERIGOSAS ACHERON

dentes enquanto tiro o sabão do corpo, saio correndo passando desodorante nas axilas, abro meu armário e vejo uma cena de guerra.

— Mãe! — grito. Sei que ela deve estar por perto. Procuro uma roupa decente para vestir. Essa é minha primeira semana de trabalho. Visto a cueca e o último jeans limpo que achei.

Acabei de me formar em Economia e estou entrando numa pós-graduação. O melhor de tudo é que, diferente dos meus colegas, eu já saí com um estágio de padrão altíssimo. Hoje o Banco de Finanças e Investimentos que está na minha família há décadas é um dos mais populares do Brasil.

Meu pai e os companheiros dele conseguiram aumentar a infraestrutura e o lucro. Eles conseguiram entrar na casa dos milionários e hoje temos várias filiais espalhadas pelo país. Meus pais viajam juntos fazendo auditorias, e ainda são responsáveis pelo banco matriz, junto com tio Davi e Max. Nos seus oitenta e cinco anos, vovô aposentou e está curtindo o fim de vida.

O segundo banco é o de Bernardo. Ele se porta como um CEO, é o chefe master. Como é o

PERIGOSAS ACHERON

herdeiro mais velho, foi confiado a ele esse cargo. No mesmo banco trabalham Freddy, como diretor financeiro, e eu, que acabei de chegar sendo assistente de Beni.

A porta se abre e minha mãe já entra com uma camisa num cabide pra mim. Pego a camisa, visto e minha mãe me vira de frente para ela para abotoar.

— Viu o atrevimento de Bernardo? — Eu indago e ela faz uma cara engraçada.

— Ele está no direito dele. Primeira semana e você já se portando dessa maneira.

Ela termina de abotoar minha camisa, passa as mãos alisando e vai para o armário.

— Johnny, pelo amor de Cristo! Por que tem que fazer isso com as roupas?

Olho para ela. Está arrumada, de cabelo impecável e salto alto. Minha mãe é uma coroa gatona ainda. Tem quarenta e nove anos e odeia pensar que já está entrando nos cinquenta. Já o papai nem liga de estar quase sendo considerado idoso, com seus sessenta anos.

— Vai trabalhar hoje? — Me sento na

PERIGOSAS ACHERON

cama, calçando os sapatos.

— Eu e seu pai vamos dar um pulinho em Niterói. Voltamos hoje ainda.

— Visitar a vovó?

— Também. Termine de se vestir e desça. Depressa. — Ela bate palma pra mim antes de sair.

Corro para o banheiro, dou uma olhada nos cabelos e saio do quarto. Da escada já ouço as gargalhadas de Bernardo.

Chego à cozinha e meu pai está contando alguma coisa que está fazendo Beni rir e minha mãe revirar os olhos. Papai é um velho bacana e não se importa de eu o chamar de velho. Apesar dos sessenta anos e dos cabelos grisalhos, está mantendo a forma, sem engordar ou emagrecer demais; o velho ainda consegue levantar uns ferros e correr no calçadão; ele sofre de hipertensão e minha mãe fica regulando-o.

— Que coisa feia. — Meu pai reclama quando entro. — Você é meu representante naquela pinoia, precisa ser competente. — Sirvo café pra mim e me recosto do outro lado da mesa.

— Pai, ninguém mais fala pinoia. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Pesco um pedaço do misto quente dele.

— Eu só não quero Max e Davi zoando comigo, que os filhos deles dão conta do recado e o meu prefere ficar no Playstation.

Olho pra Bernardo, ele está com aquela porra de sorriso cínico. Se não fosse meu chefe e meu primo, juro que sabotaria o carro dele.

— Tio, não vamos comparar, né? — Bernardo se prepara para opinar. — Johnny está indo ainda com os limões. E eu estou voltando com a limonada. — Ele sacaneia e se levanta e nesse momento minha irmã entra correndo na cozinha.

— Droga, estou atrasada. Mamãe, peguei seu sapato, aquele que... — Anna freia e se cala bruscamente quando vê Bernardo.

— Beni! — Dá um passo, ficando de frente para ele. — O que faz aqui tão cedo?

— Vim tirar meu estagiário da cama. — Ele aponta, ela olha pra mim e revira os olhos.

— Johnny ainda tem salvação, prefiro acreditar. — Ela comenta.

Geovanna decidiu desde muito cedo

PERIGOSAS ACHERON

seguir carreira no balé. Meus pais são uns baba-ovo, não perdem uma apresentação dela.

Bebendo calmamente meu café, vejo mamãe entretida contando algo para o papai, que já começa a rir sem ela nem ter terminado ainda. Finjo que estou distraído, mas vejo Bernardo cochichando com Anna, ela assente e os dois saem para a sala. Aí tem coisa. Não é de hoje que estou percebendo essa interação dos dois.

Espio da porta e Anna parece estar dando um sermão nele. E incrivelmente o esperto e poderoso Bernardo não está revidando. Ele ouve calado, às vezes anuindo com um gesto.

Antes dela se afastar, pude ouvir claramente o aviso de Geovanna: “Olha lá o que vai fazer”.

Quando saímos de casa, Bernardo não deixa eu ir na minha moto, faz eu entrar no carro com ele.

— Qual é a treta com minha irmã? — pergunto na lata quando estamos no carro parado no trânsito.

Beni me olha sem querer demonstrar

PERIGOSAS NACIONAIS

nada na cara, mas eu percebo surpresa nos seus olhos.

— Nem vem inventar coisa. — Eu o aviso e Bernardo finge prestar atenção à sua frente. — Eu tô ligado no que está acontecendo.

— Não tenho nada com sua irmã.

Eu não contesto. Se tem uma coisa que dá pra perceber é quando o Beni fala a verdade. Mesmo que seja um escroto quase sempre.

— Sabe que por um instante eu até ficaria menos bolado se fosse você? — Olho para ele e Beni franze a testa sem entender. — Acho que Anna ainda está se encontrando com o tatuado — revelo.

— O lutador?

— Esse. O papai já deu uma prensa nele, mas o cara é danado. Porém não tenho evidências que eles continuam se encontrando.

— Anna é legal pra caramba pra ficar na cola daquele merdinha. — Bernardo fala. Ficamos algum tempo calados até ele confessar:

— Meu rolo é com a Liz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? Tu tá ligado que os caras vão te castrar, não é? — Me refiro aos gêmeos, irmãos de Melissa, e Beni soube do que estou falando.

— Primeiro que eu não peguei ela. Estamos numa porra de pega-pega e segundo que eles não têm nada que se intrometer na vida dela. Ela é maior de idade.

— Sua irmã também é maior de idade e você deixaria eu comer ela?

— Vai tomar no rabo, Johnny. — Mesmo no volante, Bernardo tenta me bater. Eu desvio rindo dele.

Ele se recompõe no banco do carro.

— O caso é que ela não parece querer dar pra mim nos próximos meses ou anos.

— Liz tá te dando um gelo? — Já indago com uma risada preparada.

— Eu vou forçar a barra, estou querendo que Anna me ajude. Melissa pode estar com medo do que a família e os irmãos vão achar.

— Não pode aceitar que uma garota não te quer, não é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vá te *fuder*, Johnny. Não sei por que ainda conto as coisas pra você.

— Porque não pode contar para seus melhores amigos. — Pigarreio e faço uma voz mais grossa, meio grotesca. — Escute, Freddy, tô querendo comer a Liz, aquela que você chama de irmã, mas ela não está disposta a cooperar — imito Bernardo e ele acaba rindo a contragosto. Ele para o carro em frente a um prédio.

— Vaza! Traga os documentos pra mim às dez, senão sua jugular já era.

— Minha jugular? — Pego a bolsa no banco de trás.

— Ou o emprego. O que prefere?

— Se eu perder o emprego, perco minha jugular de qualquer forma — falo, toco no punho dele e desço do carro com minha bolsa.

Aqui é um banco parceiro nosso, meu pai já ajeitou tudo e eles estão me esperando às oito e meia. Olho no relógio, faltam apenas cinco minutos. Se eu não estiver lá no momento exato, outra pessoa pode passar na minha frente, e Bernardo precisa dos papeis às dez. Desisto do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elevador e bato perna por dez andares até chegar quase morto na sala ampla onde várias pessoas estão sentadas esperando atendimento. A secretária está conduzindo uma mulher para a porta, mas eu corro e entro na frente.

— Oi, sou o cara das oito e meia. Preciso entrar. Obrigado — falo e abro a porta, mas não entro. Alguém me segura, é a mulher que ia entrar. Ela é bem nova. Muito nova. Acho que deve ter a minha idade, não sei. É morena e muito gata. Até engoli seco quando a vi.

— Sai fora, cara. Estou aqui desde às seis e meia.

— Desculpa, gata. Marque comigo depois. — Dou uma piscadinha pra ela e entro na sala.

Resolvo o que tenho que fazer, saio da sala e ela me olha de cara feia. Eu nem tenho tempo de dar uma cantada nela. Saio na maior velocidade para chegar logo à empresa e jogar esses papéis na cara de Bernardo.

Às nove e meia jogo a papelada na mesa dele. Francisco está na sala sentado na quina da

PERIGOSAS ACHERON

mesa.

— Aí está, patrãozinho — digo a Bernardo e olho para Francisco.

— E aí, Franz?

— Tá mesmo dando conta do tranco? — Ele pergunta. Deixo minha bolsa na cadeira e me jogo no sofá preto.

— Desconfiou algum dia que eu não fosse conseguir?

Nenhum dos dois responde, já lanço a rede:

— Ah! Franz, fiquei sabendo de umas paradas sobre Melissa. — O cara quase teve um sobressalto quando ouviu o que eu disse. Só pra zoar e ver a cara de merda que Bernardo fez.

— Sobre o quê? — Ele já está de pé me olhando sério. Muito sério.

— Um cara que está doido pra dar uma acochada nela. — Bernardo tamborila os dedos na mesa, com cara de cachorro bravo que quer me estraçalhar. Me levanto, bato nas costas de Francisco. — Fique de olho. O cara não é dos

pequenos não.

— Quem é, Johnny? — Ele pergunta como se quisesse apenas saber.

Não respondo, pego minha bolsa, vou até a mesa de Bernardo.

— Chefinho, acho que está na hora de preparar aquela sala que me prometeu, não é?

— Três meses de experiência, Johnny.

— Cara, eu sou herdeiro dessa birosca, mando como vocês dois.

— Seu pai que pediu que fizesse você fazer por merecer.

Dou de ombros. Tento não me revoltar.

— Tô indo nessa. — Olho para Francisco. — Fique de olho. — Olho para Bernardo. — Fique de olho também. — Saio batendo a porta e vou para minha mesa, que fica em uma ampla sala de espera.

— Você? — Ouço assim que me sento. Quando levanto os olhos tenho uma rápida contração no pau. É a gata que vi hoje mais cedo.

— Olá. Em que posso ajudá-la? — Ela se aproxima um pouco sem graça. Só agora percebo o
PERIGOSAS ACHERON

corpo coberto por uma roupa composta, com calça e terninho.

— Oi, sou Michele. Me candidatei à vaga de advogada, enviei o currículo e fui convidada para uma entrevista com o senhor Bernardo Brant.

— Oi, Michele. Venha comigo, sou assistente dele e um dos sócios da empresa.

— Sério?

— Sim. Vou te dar uma força.

— Jonathan, tem clientes agendados para agora. — A secretária que fica na sala comigo alerta. Eu nem ligo, levo a gata comigo. Dou dois toques na porta de Bernardo, ele manda entrar e eu apareço com Michele.

— Beni, quero apresentar a você a nova advogada da empresa.

— Como assim? — Bernardo olha incrédulo de mim para ela.

— Ah... desculpe. — Michele fala mais sem graça ainda. — Eu entreguei um currículo e fui chamada para a entrevista...

— Johnny, eu... desculpe, eu não posso

PERIGOSAS NACIONAIS

entrevistá-la agora, estou...

— E quem disse que precisa de entrevista? Coloque-a em experiência comigo.

— O quê? — Ele pergunta com um meio sorriso.

— Senhor Brant, eu...

— Não, Michele. — Faço-a calar. — Eu resolvo — digo e volto para Bernardo. — Primo, você sabe que tenho um pequeno crédito com você. Ou quer que eu vá chamar Franz para participar da nossa reuniãozinha? Poderíamos ter a presença de Liz também, quem sabe?

— Tá me ameaçando? — Ele rosna em um sussurro.

— Não, tô negociando. Como me ensinou a fazer.

Ele aperta as pálpebras e sopra o ar dos pulmões. Sei que o venci nessa batalha, mas ele vai revidar.

— Tudo bem. Tem uma cópia do currículo? — Ele pergunta a Michele, que se apressa em dar o papel a ele. — Sente-se, Michele.

PERIGOSAS ACHERON

Vamos ver o que podemos fazer por você.

Quando o fim de tarde chegou, eu peguei o metrô e fui embora morto do tanto que Bernardo me fez trabalhar. Mas ao menos feliz. E de novo meio intrigado.

Nem sobrou espaço para a raiva que estava sentindo por ser filho de um executivo cheio da grana e ter que pegar metrô porque o playboy do meu chefe não deixou eu ir na minha moto.

Chego em casa, arranco minha roupa e vou para o chuveiro. Caraca, meu pai vai surtar quando eu contar o que descobri. Saio do chuveiro, visto uma bermuda e desço para ver o que os coroas estão aprontando na cozinha.

— Oi mãe, oi pai. — Abro a geladeira.

— Como foi o dia hoje? — Meu pai me olha desconfiado.

— Foi muito bem. Beni tá me fazendo de burro de carga.

— Quando eu fui trabalhar lá eu tinha sua idade, meu pai fez pior. É necessário para aprender.

— Amor, não gosto de saber que meu

bebê está sofrendo. — Minha mãe me abraça enquanto tomo um suco.

— Oh mãe, faz um sanduba pra mim? Tô varado. — Quase imploro com cara de cachorrinho ferido.

— Pra mim também! — Meu pai grita e eu sento ao lado dele.

— Tô morta. — Anna também acaba de chegar e recosta no batente da porta com a bolsa do balé meio caída. Mamãe vai até ela.

— Oi minha querida! Como foi hoje?

— Nossa, o ensaio tá acabando com a gente, mãe, o Vicente é um escroto. Vou tomar um banho.

— Quer um sanduíche também?

— Deixe só o peito de peru e a salada. Tenho que manter o corpo.

— Seu pai que deveria falar isso. — Ela volta para a geladeira e começa a pegar os ingredientes.

— Nem fodendo. — Papai resmunga.

— Oh, Anna, nos conte sobre o Mike

Tyson que você tá pegando — falo casualmente.

A ruiva quase cai dura no chão. Papai a encara imediatamente.

— Johnny, vê se cresce. — Anna vocifera e vira-se para sair. Bebo meu suco tranquilamente.

— Geovanna. — Papai chama.

— Pai, é conversa, não vi mais o Arthur desde aquele dia. — Ela revira os olhos, mostra o dedo pra mim e sai, resmungando: “isso que dá morar na casa dos pais aos vinte e cinco anos de idade”.

— Lembrando que você foi um canalha comigo e eu tinha menos idade que a Anna. — Mamãe relembra.

— É diferente, Malu. Será que não vê que aquele cara é um filho da puta? — Meu pai está verdadeiramente bravo. — Isso eu não permito.

— Enzo, todo mundo que se envolve com ela é filho da puta. Deixe Anna em paz.

— Falando em filho da puta... — Começo a dizer e deixo os dois me olharem. Minha mãe continua fazendo os sanduíches, mas sei que está

PERIGOSAS NACIONAIS

prestando atenção.

— Conheci uma garota — revelo.

— E qual a novidade? — Meu pai indaga.
— É sua obrigação conhecer garotas.

— O machismo impera aqui. — Minha mãe resmunga mas é ignorada.

— Estou falando de uma garota especial, pai. — Suspiro. — Uma garota que me fez querer namorar.

— Aos vinte e três anos? — Ele exclama, incrédulo. — Sai fora, você tem a vida toda pela frente.

— Enzo! — Mamãe grita.

— Tô falando alguma mentira?

— Matheus e Dani se conhecem desde o ensino fundamental e estão juntos até hoje. — Ela justifica.

— Amor, Matheus é caso a ser estudado..
— Rio dele e vejo a hora de mamãe dar um soco nele, mas isso não acontece.

— De qualquer forma acho que não vai dar certo — digo.

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê? — Os dois perguntam quase ao mesmo tempo.

— Ela foi contratada para ser advogada da empresa.

— Quer dizer que não pode namorar colega de trabalho? — Minha mãe indaga.

— Pode pegar fora da empresa. — Meu pai aconselha.

— Isso é o de menos. Lembra do Jorge?

Vejo a cara do meu pai mudar completamente. Mamãe sempre disse que esse nome é como um dos feitiços do Harry Potter contra meu pai. É só dizer e algo acontecer.

— Jorge, o filho da puta? — Ele pergunta.

— Esse — confirmo.

— O que tem ele? — Minha mãe se aproxima, interessada.

— A garota é Michele, filha dele.

Pela cara dos dois se entreolhando eu sei que eles estão revivendo tudo que aconteceu anos atrás. A história antiga da obsessão que ligou meus pais. Dos planos que se desencadearam e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resultaram nesse casamento. Sei do que ele, tio Davi e Max faziam, sei da verdadeira mãe de Bernardo e de como minha mãe quase foi dessa para a melhor por causa de uma babá que se apaixonou pelo meu velho. E sei, acima de tudo, sobre Jorge, o merda.

Mas agora a história é diferente, eu não vou nem ligar para qualquer empecilho na minha frente. Se não der, não deu; como meu pai disse, ainda tenho vinte e três anos, tenho muito a viver. Se Jorge criar problemas, que brigue sozinho, tá muito cedo para eu querer lutar por mulher.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO 02

Francisco Bittencourt Ferraz

— Dona Maria Eugenia, vou analisar o caixa da sua empresa, criarei as planilhas e logo entrarei em contato. — Eu digo estendendo a mão para a mulher à minha frente. Freddy acaba de me apresentar para um de seus clientes, no caso, uma cliente; uma bela mulher de longas pernas e peitos pontudos. Foi inevitável não perceber. Muito elegante, bem impecável, muita cobertura para esconder sua idade. Segundo Franz ela tem cinquenta anos. Idade da mamãe.

— Ainda estou fascinada com a semelhança de vocês dois. — Ela olha de mim para Freddy e nós nos entreolhamos com a mesma cara

PERIGOSAS ACHERON

que já sabemos fazer desde pequenos quando ouvimos a mesma coisa. — São idênticos. — Ela exclama.

— É, somos. — Freddy concorda.

— Então vocês... trabalham juntos?

— Não. — Eu nego rápido. — Sou algo como um bancário e Freddy é engenheiro civil — explico pela décima vez.

Para ser mais específico, eu sou *Controller*, especializado em planejamento financeiro. Responsável pela viabilidade das empresas, e supervisiono os custos do nosso banco e dos nossos clientes.

— Eu digo de outra forma. — Ela dá um sorriso sugestivo e toca na minha gravata, desce e sobe o dedo e vejo a aliança brilhar. — Estou perguntando se vocês podem fazer serviços extras, juntos.

Mais uma vez eu e Freddy nos entreolhamos. Essa é uma proposta que sempre ouvimos, fazer o quê? Chamamos a atenção, eu sou um gato, alto e bem malhado, e ando por aí com uma cópia do lado; é delirante para as gatinhas ou

lobas, como essa.

Entretanto nunca cogitamos essa hipótese. É bem estranho estar dividindo uma mulher com o próprio irmão. Um vendo o outro pelado e em ação, cacete, creio que é como ver eu mesmo trepando; broxante, com certeza.

— Não. Não fazemos esse trabalho juntos. — Eu respondo ainda mantendo o sorriso polido.

— É uma pena. Gostaria de ter o Freddy em dose dupla. — Ela fala e pisca para meu irmão. Desgraçado tarado. Comeu a velha.

— Cara, tu é muito sem noção! — Arranco a gravata e jogo com o terno no banco de trás. — Comendo uma cliente casada? — reclamo com Freddy já dentro do carro; acabamos de nos despedir da empresária. Freddy está dirigindo e me olha de relance.

— Primeiro que ela é uma doida. Nem relei a mão nela; e segundo que o negócio é meu, como quem eu quiser. — Ele tripudia.

Sim, a empresa de construção e reforma
PERIGOSAS ACHERON

civil é dele. Na verdade são três sócios. Freddy e Heitor, filho de Davi, são dois deles e dividem espaço com Germano, um amigo de faculdade deles.

Hoje eu fui convidado por Freddy para fazer uma consultoria, pois a tarada cliente dele está reabrindo a fábrica automotiva. Freddy está à frente do projeto e agora ela precisava de alguém para cuidar dos assuntos financeiros.

— Não se sente mal por Sarah? —
questiono sobre o rolo dele e de Sarah, filha de Matheus. Coisa que ainda está por debaixo dos panos. Sarah acabou de voltar do Canadá, onde estava num programa de estágio; ela é médica. Ouvi outro dia Matheus falar lá em casa que está atento, querendo descobrir quem está rondando a filha dele. Freddy, o safado, ficou de boa só ouvindo.

Assim como meu pai, Davi e Enzo, Matheus não está proibindo a filha de namorar, apenas quer saber de perto com que tipo ela está se envolvendo. Henrique, irmão de Sarah, está investigando o caso a mando do pai.

— Sarah é uma mimada. — Ele responde
PERIGOSAS ACHERON

revoltado.

— Treta no paraíso?

Freddy me olha e vejo que está chateado. Ele olha para frente balançando a cabeça como se não aceitasse.

— Primeiro que ela permite que os pais e o irmão metam o bedelho na vida dela.

— Eles já sabem de você? — A pergunta sai automática.

— Não. Está muito recente ainda. Pedi a ela que por enquanto mantenha isso em segredo. Não quero mamãe e a mãe dela tomando a frente do nosso caso e escolhendo vestidos de noiva e nomes para os netinhos.

— É a cara delas. E o que mais? Qual a segunda coisa?

— Ah tá. Segundo que ela não se decide, fica com aquele olhar pidão, louca pelo meu pau e depois arrega.

— A Sarah não olha assim para ninguém.
— Franzo a testa olhando-o e vendo o rosto de Sarah em minha mente. É uma garota delicada e

bem carismática.

— É, talvez seja como eu gostaria que ela olhasse. — Freddy explica. — Mas não gosto desse joguinho. Prefiro seguir minha vida em outras bocetas e...

— Xiu, mamãe ligando. — Levanto um dedo pedindo silêncio e mostro o celular. — Fala, mãe.

— Francisco, já saiu da empresa?

— Já.

— Venha jantar com a gente, seu pai decidiu lutar contra a churrasqueira. — Ela convida. Na verdade, se fosse por ela nós dois iríamos fazer todas as refeições lá.

Há mais ou menos um ano, eu e Freddy saímos de casa, para o desespero dela. Papai nos apoiou dizendo que lá em casa não poderíamos ficar à vontade para fazer coisas de homens adultos. Escolhemos um apartamento bem grande num prédio perto de casa e nos mudamos. Eu e Freddy nos damos muito bem, cada um com seu quarto, um bem distante do outro, não havia por que morar cada um em um apartamento. Melissa não quis

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda voar com as próprias asas. Ela é muito apegada a nossos pais e está fazendo faculdade, acha mais cômodo ter a mordomia da casa dos pais.

— Papai está fazendo churrasco. — Viro brevemente de lado e comunico a Freddy.

— Comprar umas cervejas? — Freddy pergunta e eu aceno que sim.

— Quem está com você? — Mamãe pergunta do outro lado.

— Um amigo que não foi convidado para o jantar. — Freddy inclina para falar no celular. Resolvo colocar no viva voz. — Agora está explícita a preferência, não é, dona Julia?

— Freddy! Oh meu filho, eu tentei te ligar.

— Seeei. — Freddy ironiza.

— Para de bancar a vítima. — Minha mãe alerta, ao fundo ouvimos: “diga que só pode bancar a vítima se trazer cerveja”.

Mamãe deixa de conversar com a gente, mas continua na chamada.

— Freddy dizendo que eu tenho

PERIGOSAS ACHERON

preferência pelo Francisco. — Ela está contando o caso para o papai.

— Nossa, ele descobriu. O que faremos agora? — Papai resmunga, eu rio e Freddy fecha a cara. Até mamãe gargalha deixando meu irmão mais irritado.

— Meus amores, estou esperando vocês dois aqui, muito ansiosa. A mamãe ama vocês.

— Nós também, mãe. — Eu e Freddy falamos juntos e em seguida falo: — Também nos amamos. Beijos. — Ela ri e eu desligo.

— Ligue para Heitor. — Freddy comanda e eu digito o número. A chamada é atendida no segundo toque.

— E aí, Beni? Já está em casa?

— Eu disse Heitor. — Freddy vocifera baixinho e me dá um peteleco na cabeça. Ignoro-o.

— Já. — Bernardo responde.

— Vai rolar uma carne assada lá na casa dos velhos. Aparece por lá, você e Heitor.

Ele faz uma pausa, acho que se decidindo. O que tem para decidir quando se convida para

jantar?

— Quem vai estar?

— Só nós. Não convidamos o Johnny, afinal ele aparece de qualquer forma.

— Falou. Vê se compra cerveja boa.

— Cara, você está sendo convidado, para de exigir. Não se esqueça de avisar seu irmão — desligo e vejo que Freddy já mudou a rota, indo para o supermercado.

— E o aniversário de Bernardo? Ele já decidiu onde será? — Freddy questiona e eu relembro que falamos nisso hoje lá na empresa. Johnny está mais eufórico que o aniversariante.

Bernardo vai completar 28 anos e quer fazer uma comemoração que fuja das festas familiares que nossos pais sempre dão um jeito de comandar. No aniversário meu, de Freddy e de Melissa, meu pai cismou de fazer uma festa, ele e os amigos se divertiram mais que a gente.

Beni está pensando em vetar a entrada de mulheres, as que a gente conheça, como Anna, Liz, Sarah e Dafne, irmã dele, e nossas mães, claro. Ele disse que tem uns contatos de umas gatas e que elas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

topam tudo. Nós teríamos bebidas e mulheres de sobra sem ter que ficar prestando atenção em irmãs.

— Ele está cogitando em nos levar ao Le Push.

— Que doideira. O cara é pica mesmo.
— Freddy se manifesta, muito feliz.

— Estamos falando de Bernardo, né? Ele gosta de se exhibir para a sociedade.

— Mulheres contratadas?

— Algumas sim. Outras ele vai convidar. Está pensando na hipótese de vetar a entrada de irmãs.

— Que coisa boa. — Ele bate no volante.
— Tô pressentindo uma revolta feminista.

— Desde que elas não vão para a rua mostrar os seios em protesto... — Ergo os ombros.
— Liz vai ficar uma fera.

— Eu gostaria de ver os seios da Anna, você não? — Freddy me olha com um sorriso safado.

— Claro que sim. Estacione ali. — Aponto para um lugar vago perto da loja. — Os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peitos e muito mais.

Freddy para o carro e desabotoa o cinto.

— Por que você não dá uns sacodes nela?

Coço a cabeça pensando no assunto. Não é algo a descartar.

— Já pensei no caso. Vou dar uma analisada na área antes de tomar alguma atitude.

Saímos do carro e entramos no supermercado. Como disse antes, chamamos atenção. E saber disso, querendo ou não, nos deixa de ego inflado. Pegamos um carrinho e nos dirigimos para um dos corredores.

— Vou aproveitar e comprar umas coisas que estão faltando — aviso.

Mamãe sempre nos mantém abastecidos. Ela vai ao nosso apartamento, olha o que está faltando e faz as compras. Só temos o trabalho de comprar roupas. As cuecas ela também compra.

Temos nossas coisas separadas, que ela mesma separa. Cada um tem seu banheiro e um armário com roupas, mas um sempre acaba roubando calça ou camisa ou cueca do outro. Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

temos regra de nada na casa. Ele leva lá quem quer e eu também, mesmo que isso seja quase nunca. Preferimos motéis, bancos de trás de carros e banheiros de restaurantes.

— O que está faltando? — Ele pergunta e eu paro na prateleira de produtos masculinos. Escolho um antitranspirante e uma espuma de barbear. Freddy pega uma cartelinha de barbeador e três pacotinhos de preservativos. Sigo-o e pego três pra mim também; penso um pouco e pego mais três.

— Como se fodesse horrores. — Ele zoa e empurra o carrinho.

— Convenhamos que eu sou o gêmeo mais requisitado.

— Seu rabo. — Ele resmunga de costas para mim. Entramos em outro corredor e ele pega vários pacotes de macarrão instantâneo, depois para no congelador, escolhe quatro pizzas e duas lasanhas.

— Deixe que mamãe compre essas paradas. — Eu falo, mas não antes de capturar duas bandejas de iogurte; Freddy me acompanha e

PERIGOSAS ACHERON

chegamos ao melhor lugar do supermercado: o corredor de bebidas.

Comparamos muita coisa, mais pra gente do que pra levar para o churrasco.

Quando enfim chegamos em casa, com os pacotes de cerveja, nos deparamos com a casa cheia. Papai já tinha ido para o telefone convidar os velhos amigos dele. As vozes vinham de longe, no fundo. Na sala as meninas estão aos cochichos. Anna escuta o que Melissa fala com os olhos arregalados e a mão na boca.

— Oi garotas. — Eu cumprimento e posso sentir a tensão no ar entre Freddy e Sarah, que se olham como se quisessem foder e se esfaquear um ao outro depois.

— Olha, os gatos chegaram. — Liz comenta com um toque de sarcasmo.

Anna é a primeira a se levantar. Na verdade, a única. Dafne e Sarah nos cumprimentam brevemente.

— Oi Franz. — Ela vem e me cumprimenta, dando um beijinho no meu rosto. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Está sumido. — Ela olha para Freddy, que está carrancudo. — Ou melhor, vocês dois estão sumidos.

— Estamos por aí — falo quase gaguejando. Liz franze a testa para mim, me olhando intrigada.

— Bom, vou colocar essas coisas na cozinha e tomar um banho — digo e saio rápido com Freddy, pois fiquei meio estranho, pensando na nossa conversa mais cedo no carro e nos peitos de Anna. Não é bom ficar pensando essas coisas com ela perto.

Já posso ouvir a voz de Johnny na área dos fundos, deve estar sendo o centro das atenções. Chego na cozinha e mamãe já está enchendo Freddy de beijinhos. Ela é uma cinquentona que dá de dez a zero em muita garota por aí. Papai também é bem conservado, mas fica querendo competir comigo e com Freddy, achando que ainda tem trinta.

Ele é uma figura. Enche o saco com suas piadas em qualquer momento e faz da vida um

PERIGOSAS ACHERON

drama às vezes. Ainda lembro quando ele quase teve um ataque de tanto nervoso quando eu, Freddy e Liz fomos tentar nosso primeiro vestibular.

Na cozinha também está Malu.

Coloco as sacolas na mesa, cumprimento Malu e recebo vários beijos da minha mãe.

— Não gosto de ver minha mulher beijando outros caras. — Papai entra na cozinha nos olhando de relance.

— Qual é a boa, coroa? — pergunto batendo nas costas dele. Freddy já pega uma cerveja na geladeira e senta.

— A boa se chama Julia. Não é, amor? — Ele abraça minha mãe por trás. Eu e Freddy rimos e mamãe o empurra. — Trouxe cerveja? — Ele pergunta olhando a sacola. — Enzo já está acabando com as minhas — explica.

— Enzo está bebendo? — Malu grita, se levanta e corre para fora.

— Então eu conto a boa — digo e pego um pedaço de palmito da salada. — Freddy me arranjou uma cliente e ela queria fazer sacanagem com nós dois.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que safada! — Minha mãe vira bruscamente e nos olha horrorizada.

— Ela é uma gatona, tem cinquenta anos e ainda dá um caldo. — Freddy comenta.

— E como foi? Ela aguentou o ménage?
— Papai se anima.

— Max! — Mamãe grita, mas ele não liga.

— Quero detalhes. — Ele pede.

— Não aceitamos. — Freddy responde recostado na cadeira, olha pra mim de modo zombeteiro. — Franz teve medo de descobrir que meu pau é maior que o dele.

Papai dá uma gargalhada.

— Ué, mas eu achava que vocês dois eram idênticos. — Ele comenta de sobrancelhas baixas depois de rir.

— E eles são, Max.

Ficamos olhando papai pensar, encarando eu e Freddy.

— Isso é bem estranho. Quer dizer que existem dois pintos iguaizinhos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dai-me paciência, senhor. — Mamãe resmunga.

— Já tentaram verificar se suas digitais são iguais também? — Como assim? Só agora o papai percebeu a gente? — Não quero um de vocês cometendo um crime e culpando o outro.

— Isso não é necessário, pai. O único crime que Franz é capaz de cometer é recusar comer uma gostosa de cinquenta anos.

Papai ri, mamãe dá um tapa em Freddy e ele não ri da própria piada, está apático olhando para trás de mim. Quando viro para ver o que ele olha, vejo as meninas. Sarah está meio rosada, olhando sem piscar para ele.

Meu irmão se levanta com a desculpa de ir tomar banho; Dafne vai para a área do fundo junto com Anna; Freddy sai da cozinha, passa por Sarah, toca de leve nela. Eu fico observando.

— Ouvi dizer que está conhecendo um cara por aí — falo com Liz quando ela se aproxima e fica ao meu lado.

— Eu conheço vários caras por aí. — Ela responde, se fazendo de superior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espero que esteja se referindo aos pacientes da emergência. — Papai fala, pega as cervejas e começa a ajeitar dentro de um isopor cheio de gelo.

— Max, deixa de ser pré-histórico. — Mamãe o fulmina com olhar. — Com a idade dela eu já estava com a barriga cheia de crianças.

— Mas não existem dois Maximilianos no mundo, né amor? Você teve sorte de capturar o único.

Minha mãe coloca as mãos na cintura e olha muito irritada.

— Eu te capturei, Max? Você sabe como esses três foram parar na minha barriga e como essa aliança foi parar no meu dedo. Eu me senti na Idade Média.

— Eu estou me sentindo na Idade Média.
— Liz fala com tédio.

Meu pai está falando alguma coisa e minha mãe fica mais revoltada.

— Está insinuando que alguém bom para

PERIGOSAS ACHERON

ela...

— Só alguém como eu. — Papai completa cheio de arrogância. Liz revira os olhos.

— Olha aqui, eu tenho poder de escolher e de mandar na minha vida. — Ela se revolta.

— Claro que tem, anjo. Pode escolher se quer beber Coca ou Fanta agora no jantar. — Meu pai azucrina mais, com o deboche inato.

— Vocês nem imaginam o que rola no hospital. — Ela fala rindo e dando um toque na mão de mamãe, as duas sendo cúmplices. E nesse instante:

— Oi. Boa noite. — Beni e Heitor acabam de chegar. E foi então que percebi.

Peguei no ar. A atenção de Bernardo foi direto para minha irmã; papai está falando alguma coisa, mas ele está sem piscar. Quando viro para Liz, ela está também retribuindo o olhar e mordendo o lábio, depois simplesmente se vira e sai quase correndo. Outra que desapareceu foi Sarah, foi bater boca com meu irmão, ou bater outra coisa na boca, quem sabe.

Cara, isso é muito sinistro. Se eu tivesse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chapado, iria dizer que é delírio, mas só eu aqui que acho que Beni tá com cara de quem quer comer minha irmã?

— A galera está no fundo. Seu pai já está ali dando show. — Meu pai fala para Beni.

Eu levo os dois para o fundo e a galera está alvoroçada. Todos estão aqui.

O churrasco foi como sempre, uma grande reunião de amigos. Mais uma vez vimos Malu tentando tomar a cerveja de Enzo. Mais uma vez Davi e Bernardo discutindo a melhor forma de assar a carne por igual. Mais uma vez papai falando besteira e todo mundo rindo. Eles sempre acabam tomando o foco de tudo. A pérola de hoje foi quando Davi disse que o filho dele vai para os Estados Unidos representar o Banco. E o papai disse:

— Mas eu fui o único capaz de fazer dois filhos com os paus iguaizinhos. — Mamãe quase caiu de vergonha, eu e Freddy nem ligamos, estávamos meio chapados já, rimos com os outros.

Mamãe e vovó até gostam quando vamos pra lá e bebemos pra cacete, porque temos que

PERIGOSAS ACHERON

dormir nos nossos antigos quartos e de manhã estamos todos juntos.

Hoje, enquanto o pessoal caía na folia, eu fiquei reparando várias coisas, como uma interação estranha entre Beni e Liz. Não se tocaram ou trocaram palavras, mas se olharam muito. Também teve Freddy e Sarah, que tentavam se ignorar mas estavam dando muito na cara. E por último, eu pela primeira vez notando Anna como mulher.

Eu fui criado praticamente com ela e, apesar de ser gostosa, não temos uma ligação significativa, e eu não vou me empenhar para comer ela só por comer, Anna é muito mais que isso, não posso acabar com nossa relação tão legal só para eu me provar algo.

Com certeza os seios dela devem ser uma ótima vista. Algo que eu gostaria de ver. Pena que para mim ou qualquer outro conseguir tocar neles, precisa passar por várias barreiras. Uma chamada Liz, a melhor amiga, depois uma chamada Enzo e, por último, a mais difícil: Johnny. Aquele cara é capaz de ferrar a vida de qualquer um se ele quiser.

Vou apenas ficar de observador por enquanto e ver quem será o primeiro a se foder. Eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voto no Freddy, pois se Bernardo tocar na minha irmã, fazendo dela como ele faz com todas as outras, ele vai ter dois punhos idênticos amassando a cara dele.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO 03

Bernardo Santiago Brant

Quando entro no restaurante, olho em volta e avisto ao longe a bela mulher sentada na mesa, olhando atentamente o cardápio. Está na casa dos cinquenta anos, magra e esbelta, cabelos escuros, pintados, escondendo os primeiros prateados do tempo. Ela se veste muito bem, e o rosto sempre liso e maquiado não revela a idade que tem.

Não sei se podem ver, mas até o modo como ela folheia o cardápio é suave e único. E quer saber? Eu sinto algo quando nos encaramos, como uma ligação. Ela é como eu: pensa as mesmas coisas e às vezes há uma malícia oportuna no coração, agimos de maneira fria e racional quando

o momento pede; e a única coisa que nos difere é que ela consegue passar por cima de sentimentos para conseguir o que quer. Ela me vê aproximando e abre um enorme sorriso.

— Beni querido. — Ela se levanta e me abraça, me dando um beijo no rosto. Afasta um pouco, acaricia meus cabelos e desce as mãos pelo meu rosto. — Olha só para você — diz pasma, encantada —, a cada dia mais bonito. É um homem lindo. Estou muito feliz que tenha vindo.

— Eu não negaria um convite seu, Sophia. Como está?

— Estou ótima. — Ela volta a sentar e me sento à sua frente. — Estou de passagem pelo Brasil e vim ao Rio só para te ver.

Eu suponho que ela tenha vindo por causa do meu aniversário. Eu e ela temos uma relação próxima; é quase de mãe e filho. Claro que com Rebeca a coisa é outro patamar bem mais alto e eu sei separar isso.

Tudo começou quando eu tinha doze anos e meus pais me contaram sobre minha verdadeira mãe. Eu fiquei triste inicialmente, pois não entendia

o que poderia acontecer, eu tinha medo de alguém tentar me tirar dos meus pais.

Aos quatorze anos eu disse a eles que queria conhecê-la. Papai foi rígido ao dizer que eu não teria contato nenhum com Sophia. Eu compreendia que ela tinha feito algo ruim com ele, mas eu tinha que conhecer minha mãe biológica. Então mamãe ligou para ela e perguntou se Sophia estaria interessada em me encontrar. E a resposta foi sim.

O primeiro encontro foi muito estranho, eu sabia que elas eram gêmeas, mas fiquei pasmo ao ver o quanto eram idênticas, como Freddy e Franz. Meu pai não quis ir, mas minha mãe me levou e ela foi seca com Sophia. Foi um encontro rápido e meio desconfortável, mas desse dia em diante as coisas foram amenizando. Ela me dava presente em cada aniversário e ligava para mim, e isso aproximou minha mãe com ela novamente. Até meu pai conversou com ela um dia.

— Como está, Sophia? — Ele perguntou daquele jeito fechado. Ela não pareceu amedrontada, sustentou o olhar dele e respondeu:

— Estou bem, Davi.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda aqui no Brasil? — Ele quis saber.

— Sim. — E depois olhou para os dois e deu até logo, me levando ao meu primeiro encontro sozinho com ela. Minha mãe estava paranoica com medo de Sophia me roubar. E eu já tinha dezoito anos.

Um garçom vem e eu peço uma bebida para mim.

— Me conte, como você está? — Ela me pergunta.

— Estou bem. Consegui a confiança do papai e ele me deu o cargo de diretor na empresa.

— Demorou para ele perceber isso. Você tem muito potencial.

— Isso é a pura verdade. Modéstia à parte. — Eu concordo me inflando de orgulho.

— Mas é mesmo a verdade. Você tem que ser o primeiro a se achar o máximo e não ser daqueles que esperam as pessoas lhe dizerem, ou daqueles que duvidam que podem alcançar o que quiserem.

PERIGOSAS ACHERON

Algumas pessoas dizem que sou mimado e às vezes prepotente. Na empresa eu acho que sou prepotente, mas se eu tivesse sido criado por Sophia, com certeza seria insuportável. Mimado, egoísta e narcisista. Por isso, diante dela, eu posso ser todas essas coisas que ela não liga. Ao contrário, me apoia.

— Mas eu me acho porque eu posso. Eu batalhei para estar onde estou. Já tenho meu primeiro milhão antes dos trinta.

— Isso é fabuloso, Beni. Eu sabia que Davi e Rebeca fariam de você um homem de sucesso.

— Mas bem que no começo, lá atrás, você foi uma bandida — aponto e ela dá uma risada.

— É, eu fui. Mas águas passadas não movem moinhos. Vamos pedir?

— Cara de pau. — Eu resmungo e ela ri mais enquanto chama o garçom.

Foi um almoço descontraído. Eu falei na maior parte do tempo, Sophia gosta de ouvir as
PERIGOSAS ACHERON

coisas que tenho para contar, sobre a empresa, ou sobre meu cotidiano. Ela não tem um apego maternal comigo, mas às vezes acho que ela sente por ter feito tudo que fez no passado.

— Eu não tenho nada sério. Tenho rolos — explico para ela sobre meus relacionamentos amorosos; estamos andando pelo Leblon após termos saído do restaurante.

Ela me olha de sobrelance levantada.

— Sem uma paixão?

Dou de ombros.

— Nada fixo? — indaga incrédula — Bernardo!

— Não enche. Não estou disposto a tolerar um relacionamento fechado.

— Você é um homem promissor, não acha que precisa mostrar estabilidade?

— Me dando sermão? Tá parecendo sua irmã.

— Você é o primeiro a dizer que me pareço com ela.

— Ah, sei lá. — Olho para ela

PERIGOSAS ACHERON

momentaneamente e torno a virar para frente. — Tem uma garota.

— Sabia que tinha. Quem é? Me diga que vou investigar para saber se te merece.

— Cara, você é uma comédia. Eu que não a mereço — pondero pensando em como Melissa é linda, carismática, humilde e tudo mais. Tão diferente do que eu sou. — Lembra do Max? — pergunto.

— Sim. — Sophia responde, me olhando interessada.

— É a filha dele.

— Hum. Pode dar certo, pelo menos a família já é do seu meio. — Chegamos novamente em frente ao restaurante e há um carro preto luxuoso com um homem perto.

Sophia abre a bolsa, tira um embrulho de dentro e me entrega.

— Não repare, comprei de última hora. Feliz aniversário.

— Obrigado, mas não precisava. — Recebo mesmo assim o presente. Abro e vejo que é

PERIGOSAS NACIONAIS

uma caixa de relógio; quando abro a caixinha preta, me deparo com um exuberante relógio masculino, um Rolex.

— É meio difícil dar um presente a alguém que já tem tudo, mas guarde apenas por guardar.

— Cara, é um Rolex. — Tiro o que estou usando e coloco o novo. Olho e fico admirando. Como eu disse: eu sou como ela, temos bom gosto para coisas caras. — É lógico que vou usar, é muito da hora.

— Bom, acho que ficamos por aqui. — Ela fala sem sair da pose austera. — Mande um abraço para sua mãe e um olá para o Davi.

— Claro. — Recebo o abraço dela, depois Sophia se afasta e sorri para mim.

— Até um dia desses. — Ela se vira e caminha para o carro.

— Ainda está vendo aquele fracassado? — indago me referindo ao outro Bernardo. Hoje Sophia é casada com um cara americano e ainda continua mantendo o traste como amante. Ela se volta para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Beni, há coisas na vida que nunca mudam.

— Vê se toma jeito, Sophia — aconselho, ela ri, acena para mim e vai para o carro. Fico ali de pé até o carro sair.

Volto para a empresa e termino o dia com uma reunião na minha sala, para minha festa. Freddy foi à empresa para comunicar que conseguiu marcar DJ e Buffet. E mais uma vez Johnny salientou que não deveria deixar a irmã dele ter acesso ao local ou a noite dele passaria de “Curtindo a vida adoidado” para “O Massacre da serra elétrica”.

Os gêmeos comentaram que Melissa já tinha dito de cara que não iria e isso de certa forma me deixou aliviado e chateado. Pelo menos vou poder cair na farra sem piedade.

Quando a hora de ir embora chega, preciso fazer uma manobra radical.

Sabe qual a vantagem de ser um bonitão foda como eu? Conseguir quase todas as mulheres que quiser. Sabe qual a desvantagem? Conseguir

me livrar delas.

Há uma específica que venho tentando me livrar há tempos. Mas sempre acabo vencido e pelado, ofegante com ela num motel. Eu já disse a ela que acabou, que encontrei outra e até já fui mal-educado. Mas não tem jeito. Ela tem armas que sempre me derrubam. Ela sabe como usar os peitos contra mim. Sabe onde apalpar, a mulher é uma máquina, entretanto acho que já deu, outro dia ela veio me dizer que tem vontade de conhecer pessoalmente meu pai. Já está querendo subir de nível.

Assim que vejo as ligações dela, prevejo que ela está me esperando no prédio onde moro. Ligo para o porteiro e peço para dizer que ficarei fora uns cinco dias caso ela me procure.

Chego à casa dos meus pais e não tem ninguém. Dafne deve ter saído com eles e Heitor deve estar se prostituindo em algum lugar. Não literalmente, claro.

Tomo um banho, visto uma calça de pijama do meu pai e vou para a cozinha. Vejo um recado na cozinha. Meus pais saíram com Dafne e vovó, foram jantar no tio Enzo, com certeza devem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estar planejando uma festa pra mim. Eles ficam procurando desculpas para se reunirem e beber perto da churrasqueira, por isso nem vou lá. Pego o recado e leio, é para Heitor, dizendo que há parmegiana de cedo na geladeira.

Esquento um pedaço pra mim, como com cerveja e vou para meu quarto. Dormir em plena sexta-feira antes das onze? Isso foi há uns 28 anos. E acabou acontecendo. Tento ligar para Liz, mas ela não atende, então coloco um filme e acabo dormindo.

E se dormir cedo é raro pra mim, dormir bastante é mais raro ainda. Acordo com o sol na cara. Mudaram de novo minha cama de lugar. Tomo um banho rápido, visto a calça do pijama novamente e desço penteando os cabelos molhados, apenas passando a mão.

Antes de chegar à cozinha já ouço cochichos.

“Amor, aqui não.” (Gemidos e barulhos estalados de beijos). “Davi...! Tira a mão.” (som de tapa)

“O que tem? O pessoal está dormindo.”

PERIGOSAS ACHERON

(Barulho de cadeira sendo arrastada)

“Sua mãe já acordou... ui...oh...”

“Mamãe está lá fora cuidando das plantas.” (beijo) “Venha aqui.” (beijo) “Essa mesa está chamativa” (beijo) “você está muito...”

— Ah qual é! — exclamo entrando na cozinha e vendo meus pais se agarrando. Mamãe dá um grito assustado, virando-se e ajeitando a roupa desesperadamente, e papai quase cai ajeitando as calças e olhando para mim surpreso. Assim que vê que sou eu, o velho se acalma.

— Deveria ter uma regra que vocês podem sair do quarto só depois de acertarem as pendências — resmungo sem querer olhar para eles. Alguns filhos supõem que os pais fazem sexo, eu passei a vida tendo certeza; esses dois não cansam. Encaro a mesa vendo que já tem coisa para comer.

— Cara, você não cansa de ser empatafoda a vida toda? — Papai fala puxando uma cadeira e sentando.

— Beni... querido... que surpresa. — Minha mãe me olha ajeitando rápido os cabelos,

rosada de vergonha. Já ele nem liga.

— É, eu dormi aqui. — Aliso a faca de lá para cá, cheia de manteiga, em uma banda de pão. — Cheguei ontem e não tinha ninguém.

— Fugindo de mulher? Não foi isso que te ensinei. — Papai comenta, servindo café para ele. Ele já sabe que quando venho dormir em casa é porque estou foragido de alguma grudenta.

— Não era você que dizia que tudo demais sobra?

— Quer leite, filho? — Mamãe estende a jarra de leite.

— Não. Só o café mesmo.

— Nossa, que lindo. — Ela segura minha mão, olhando o relógio. Sim, eu coloquei o relógio antes de descer. Eu sou desses que gosta de colocar lenha na fogueira.

— Pois é. Recebi meu primeiro presente de aniversário — falo com a intenção de provocar.

— Oh Davi! — Mamãe dá um gritinho. — É hoje! — Já me puxa e eu preciso ficar de pé enquanto ela me abraça e me enche de beijos.

Parabéns, muito mais sucesso e anos de vida cheios de felicidade! — Ela deseja os votos sem parar de me abraçar. — Na verdade eu não tinha esquecido, meu pequeno. — Se afasta e segura meu rosto nas mãos, precisa ficar quase na ponta dos pés. — Passei a noite lembrando. Meu bebê tem vinte e oito aninhos.

— Mãe...! — Isso é tão constrangedor para um executivo de sucesso que tem a fama de implacabilidade nos negócios.

Ela se afasta me olhando já com um brilho de olhos lacrimejantes.

Papai se levanta também.

— Parabéns, rapaz. — Ele me abraça, não tão eufórico como ela. Dá uns tapinhas nas minhas costas. — Até agora está indo bem. Espero que não se ferre muito quando encontrar a primeira encrenca feminina. — Ele volta a se sentar e eu também.

— Falando em encrenca feminina, sabe quem me deu? — Balanço o relógio para os dois.

Nenhum responde e eu já emendo:

— Sophia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mamãe deixa a xícara bater na mesa e papai para de mastigar, me olhando incrédulo.

— Almocei com ela ontem. Veio ao Rio me parabenizar.

— Perguntou onde ela roubou? — Papai chega a ser grosseiro nas suas ironias.

— Pelo menos roubou com uma boa intenção — pondero abaixando os ombros e admirando o relógio.

— E como ela está? — Mamãe pergunta como se não importasse.

— Está bem. Morando nos “States” e mantendo ainda o fracassado do meu homônimo como amante.

— Bando de bandidos. Eu devia proibir você de ter intimidade com esse tipo de gente. — Papai murmura quase revoltado. Acho que ele fica mais revoltado por causa do Bernardo, e não pela Sophia.

— Desde que mamãe faleceu, Sophia vem tentando se regenerar. Eu ainda acredito nisso. — Minha mãe comenta, pensativa.

PERIGOSAS ACHERON

Papai se levanta e sai da cozinha. Ficamos calados achando que ele está bem bravo. Já estava indo atrás perguntar qual é a do velho quando ele volta e empurra uma caixinha preta em cima da mesa, em minha direção.

— Isso é pra você, e não é roubado. — Antes de eu abrir a caixinha, olho para mamãe e para ele. Nesse instante Heitor aparece e me olha de testa franzida. Dafne vem logo atrás. Mas eu nem ligo para eles, estou muito concentrado na chave de carro dentro da caixinha.

— Beni ganhou outro carro? — Heitor grita no meu ouvido, vendo a caixinha. — Mas que injustiça é essa?

— Injustiça eu que digo. — Dafne resmunga, enche um copo de leite puro e coloca farinha láctea. — Vocês dois têm carro, só eu que não.

Heitor é meu melhor amigo, nos damos muito bem, mas é um ciumento de primeira. Até hoje não aceita que eu saí de casa e ele não.

— É o aniversário dele. — Mamãe explica.

— Oh, é verdade! — Dafne pula e vem me abraçar. — Parabéns, maninho.

— Obrigado, pequena. — Abraço-a e a beijo, e ela volta a se sentar. Olho para Heitor, que está de braços cruzados esperando respostas.

— Ele tem razão, pai. Já tenho carro.

— Mas não é um Corvette 69.

— O quê? — Eu e Heitor gritamos pasmos.

— Pois é. Uma relíquia. — Papai esnoba todo pomposo, cheio de orgulho. — É ou não é melhor que o relógio?

— Pai! Poxa, não precisava, mas... porra cara, é tudo que eu queria.

— Ficamos felizes que tenha gostado. — Mamãe fala, dando um tapinha na minha mão.

— Eu estou quase gozando de felicidade. Um Corvette. Heitor, um Corvette!

— Não fode, Beni.

— Olha o palavreado! Respeite sua mãe e sua irmã. — Papai esbraveja. — Mas devo adiantar que o carro é foda pra caralho. — Ele mesmo acaba

PERIGOSAS ACHERON

falando palavrão.

— Tá, pega essa droga e vamos dar umas voltas. — Heitor propõe zangado, mas já dando o braço a torcer.

— Só se for agora, moleque. — Dou um pulo e corro para me vestir.

Na festa à noite, o assunto foi o meu novo carro da hora, que fez os gêmeos babarem, Johnny querer dirigir e Henrique desdenhar de inveja. Estávamos com mais alguns amigos, mandando ver legal numa noite foda demais. Franz não economizou com as bebidas, como eu pedi. O cara arranjou de tudo, desde cerveja a uísque e vodca. Eu tinha certeza que mais tarde a ambulância ia parar na porta para pegar alguns em coma alcoólico.

— Papai está lamentando até agora de não poder vir. — Johnny grita para o grupo. — O velho é doido numa cachaça.

— Já o nosso acha que, por ter tatuagens e gostar de heróis, tem direito a vir na festa. — Freddy comenta sobre o pai dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cara, eles não poderiam nem passar perto daqui. — Eu grito acima da música. — Essa farra é contraindicada para os cinquentões.

Estamos reunidos numa mesa, já tontos de tanto que pulamos e bebemos na pista com as convidadas, e agora estamos mesmo só beliscando uns aperitivos para não cair desmaiados.

Todos estamos acompanhados, escolhemos as mais gatas quando elas chegaram; foram escolhidas a dedo, mandei os convites só para as que mereciam. Eu reservei um quarto para cada um de nós em um hotel. Depois daqui vamos terminar a noite em grande estilo, como magnatas, cada um com uma garota em um quarto com hidromassagem.

— Apesar de devermos tudo a eles, os caras não são bem-vindos hoje. — Freddy concorda.

— Por que não querem seus pais aqui? — A garota que está com Heitor pergunta.

— Porque eles têm mania de querer tomar o foco para eles. — Eu explico e ela assente, entendendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A música para nesse momento e o DJ fala:

— Pessoal, quero convidar o aniversariante para vir até a pista. Há uma surpresa para você, Bernardo Brant.

— Oh Johnny, eu já estou com ela. — Aponto para a garota comigo. — Não pode ser uma mulher no bolo.

— Não estou sabendo que surpresa é essa. — Johnny olha curioso para o meio da pista.

— Qual é, Beni? Tá arregando, cara? — Franz grita, chacoalhando meus cabelos.

— Se for outra, acho que posso dividir você com ela. — A loira que está comigo fala melosamente e os caras riem e urram. Nós nos levantamos e vamos todos para a pista e nesse momento um feixe de luz bate numa porta, uma cortina se abre e o que vejo faz o copo cair da minha mão. É um bolo.

Mas não do tamanho que caiba uma pessoa. É pequeno e está numa mesa de rodas, e o que me deixa perplexo é ver quem vem empurrando. Uma multidão de gente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estão todos ali: meus pais, minha irmã, Tio Enzo, Tia Malu e Anna, Dani, Matheus, Sarah, Max, Julia e, para meu quase desespero, Melissa. Que está meio constrangida, mal canta e bate palmas, ao lado de Anna, que grita a plenos pulmões.

Sabe o que é cortar prego? É o que estou sentindo agora, morrendo de medo de cantarem “com quem será que Bernardo vai casar...” e o amigável Johnny puxar o coro: “É com Melissa”.

Fico no mesmo lugar, parado, com um falso sorriso nos lábios e uma bela loira pendurada no meu ombro. Melissa não desvia os olhos. Se antes eu estava tendo problemas para conquistá-la, agora ferrou de vez. Eu jurei a ela, de dedinhos beijados, que não estava ficando com ninguém, que ela podia confiar em mim.

Será que Melissa vai querer me dividir com Clara, a garota que está comigo?

O “parabéns a você” termina, e eu corro e peço o microfone para não dar lugar a um intrometido de cantar porra nenhuma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Faço um rápido agradecimento, sou ovacionado e um de cada vez vem me dar os parabéns. Grito que a bebida está liberada e que a festa tem que continuar.

O pessoal se espalha. De longe, ao lado dos rapazes, passo o olhar ao redor; as mães sentam numa mesa e dão gargalhadas juntas. Os pais estão no bar pegando as bebidas. Vejo que meu pai fala alguma coisa e aponta para a aliança e os outros riem. Na pista as irmãs dançam junto com os outros convidados.

Eu não sei quando começou essa atração por Melissa. Eu não fui estudar fora para dizer que a reencontrei mais tarde, sempre estivemos por perto, eu poderia ter tido a mesma atração por Anna ou por Sarah, mas um dia eu estava lá, olhando-a sorrir, vendo como ela morde os lábios e abaixa a cabeça quando está envergonhada. Até o simples fato de ela amarrar os cabelos, deixando a nuca exposta, faz com que minha calça fique apertada. Melissa tem uma capacidade desconcertante de fazer meu pau reagir. Eu tenho vontade de beijá-la, de tocar na pele alva, de morder a nuca dela. E Melissa continua resistindo.

PERIGOSAS ACHERON

Ela já inventou mil e uma desculpas. Disse que era por causa das nossas famílias, disse que poderia trazer inimizade entre eu e os irmãos dela, disse que trabalha demais e não tem tempo para namorar e que ela não quer me magoar.

Por que só ela não me quer? Todas me querem!

Sem pensar, olho para os lados, vejo que os rapazes estão distraídos, digo a Clara que preciso ir ao banheiro e passo rápido pela pista. Capturo Melissa, ela nem tem tempo de reagir. Eu a pego pelo braço e a levo, sem ninguém perceber, para outro lado. Subo uma escada na lateral, puxando-a, e chegamos à parte de cima, que está escura.

— Bernardo! Ficou louco? — Melissa se debate e eu a solto.

— Quero falar com você.

— Precisava ser aqui? — Ela parece controlada, mas é só a aparência. Está em pânico. E eu fico achando que exerço algum poder sobre ela também.

— Sim. Precisa. Por que você nem olha pra mim direito? O que eu fiz para você?

— Só estou tentando não alimentar ilusões. — Ela se afasta um pouco e se protege, cruzando os braços na frente dos seios.

— Me diz o que é, poxa! — Perco o controle, na moral, é difícil manter a calma. — Por que não quer sair comigo, ou ficar ou só transar? Não gosta de homens?

— Eu gosto de homens. Mas você está me pressionando, Bernardo. Pelo amor de Deus, somos... amigos.

— Amigos saem juntos, amigos namoram. — Eu me aproximo dela.

— Espera. — Ela coloca as mãos no meu peito e tenta me empurrar. — Eu posso enumerar mais de vinte coisas que não fazem de você o melhor cara para mim, a começar pela linda namoradinha lá embaixo.

— Está com ciúmes? — Viro o pescoço de lado, encarando-a com um irônico ar incrédulo.

— Não seja tolo. Isso quer dizer que você é mulherengo e que...

Antes dela terminar, parto para cima decidido. Melissa bate as costas na parede, prendo-

PERIGOSAS ACHERON

a com meu corpo e aprisiono depressa suas mãos, sem dar tempo de ela gritar. Já estou com minha boca colada na dela; consigo morder o lábio, minha língua passa provocando-a. Os lábios são como eu pressentia: tão macios e quentes que me deixam alucinado. Abro mais minha boca e logo eu consigo fazer com que ela reaja.

Melissa começa a me beijar de volta, mas eu paro. Estou ofegante e ela também. Tiro do bolso um pequeno chaveiro, retiro uma chave e coloco na mão dela.

— Eu reservei um quarto de hotel para mim hoje, mas essa é a chave do meu apartamento. Estarei te esperando, um teste apenas, uma vez, lá eu posso ouvir todos os outros dezenove motivos que fazem de mim um cara ruim para você. — Dou mais um beijo nela, rápido, mas molhado, com minha língua, aprofundando depressa na boca dela, e logo me afasto, desço a escada, deixando-a para decidir.

Hoje é meu aniversário, nunca tive medo, por que agora vou ter? Vou para o bar beber alguma coisa e daqui posso ver Melissa voltando meio desconfiada, olhando para todo mundo. A

PERIGOSAS NACIONAIS

sorte está lançada, está nas mãos dela.

.

FIM?

HERDEIROS INDECENTES VEM AÍ...

PERIGOSAS ACHERON

PROXIMOS LANÇAMENTOS

- *Amante Secreto – livro 03 Anônimos
Obscenos*

Leia Admirador Secreto e Chefe Secreto – Já disponíveis.

- *Herdeiros Indecentes*
- *Vossa Alteza*

CONTATO

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Twitter](#) | [Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON